A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA PAISAGEM DO PARQUE IBIRAPUERA

FAUUSP TFG2 1601102 | MAURO OLIVIERI DE LIMA | 2021

PARA AURORA, NUNO, TETÊ E OTTO

São Paulo, 2021, em plena pandemia de COVID-19

professores da banca

Ana Cláudia Castilho Barone
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

Eugenio Fernandes Queiroga (orientador)
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

Matheus de Vasconcelos Casimiro
Universidade Presbiteriana Mackenzie

"O HOMEM VENERA DEUSES INVISÍVEIS MAS DESTRÓI A NATUREZA VISÍVEL, SEM PERCEBER QUE ELA É O DEUS QUE ELE ADORA." (HUBERT REEVES)

agradecidamente a

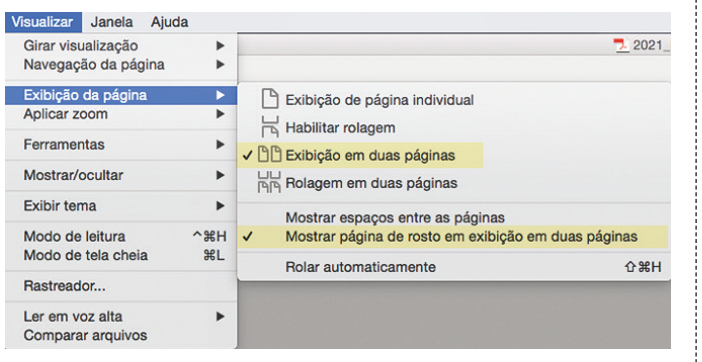
Denise Delfim
Diego Amorim Grola
Emerson dos Santos Lima
Geane Sinésio
Jennifer Liu
Karla Maestrini
Magali Baroni Cangussu
Marcia Regina Bernardes
Márcia M. Rebouças
Maria Aparecida Gabriel
Marly Rodrigues
Ricardo Nader
Silvia Santos Vieira

e aos professores

Nilce Aravecchia Botas
Ricardo Marques de Azevedo
Vladimir Bartalini

especialmente a meu orientador Eugenio Fernandes Queiroga,
que com serenidade e podas cirúrgicas me indicou os caminhos.

Para melhor leitura desta monografia no Acrobat Reader, sugiro ativar o modo "Duas Páginas" no menu "Visualizar":



DESENHO CAPA A. USTERI.

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA PAISAGEM DO PARQUE IBIRAPUERA

RESUMO: Nesta monografia reconstituo a formação da paisagem do Parque Ibirapuera, expondo contradições e generalizações encontradas na história oficial. Apresento personagens esquecidos começando pelo botânico suíço Alfred Usteri que, em 1911, descreve em livro, a paisagem e a vegetação da Vila Mariana, como de Campo Cerrado. Descrevo as ações de Antônio e Arthur Etzel, a frente da Administração dos Jardins Públicos e Arborização. Depois, analiso o trabalho de Manequinho Lopes, a partir de 1934, como diretor da recém-criada Divisão de Parques, Jardins e Cemitérios, na reforma do Viveiro Municipal, sob a supervisão do agrônomo Navarro de Andrade, pesquisador do eucalipto. Após a morte de Maneco, Arthur Etzel assume a direção da Divisão e planta os eucaliptos na Invernada dos Bombeiros, que estarão crescidos nos festejos do IV Centenário, quando ocorre a inauguração formal do parque, em 1954. Avalio a atuação do agrônomo Teixeira Mendes na implantação do seu paisagismo "possível". Através da análise de fotos, além das matérias do Jornal "O Estado de S. Paulo" estabeleço a cronologia do plantio arbóreo no parque, principalmente dos eucaliptos. Por fim, descrevo o trabalho invisível de Arthur Etzel, esquecido pela literatura acadêmica, mas lembrado pelo seu irmão, Eduardo, que descreve os 66 anos de sua atuação na prefeitura. Através das análises técnicas modernas dos indivíduos arbóreos do parque, feitas pelo professor Silva Filho, apresento propostas de adequação dessa população exótica e de Mata Atlântica, ao Bioma Campo Cerrado, além de reconhecer outros usos possíveis para o parque, em função do seu fluxo biótico.

PALAVRAS CHAVE: Paisagem; História; Parque Urbano; Jardineiros; Fluxo Biótico..

THE COLLECTIVE CONSTRUCTION OF THE LANDSCAPE OF IBIRAPUERA PARK

ABSTRACT: In this study I reconstitute the formation of Park Ibirapuera's landscape, exposing contradictions e generalizations found in official history. I introduce forgotten characters, starting with the swiss botanist Alfred Usteri that, in 1911, describes in a book, the landscape and the vegetation of Vila Mariana, as of "Campo Cerrado" (Savanna). I describe the work of Antônio and Arthur Etzel, in the command of the Administration of Public Gardens of São Paulo. Than I analyze the work of Manequinho Lopes, from 1934 on, as head of the newly created Division of Parks, Gardens and Cemeteries, in the remodeling of the Municipal Vivarium, under the supervision of the agronomist and eucalyptus researcher, Navarro de Andrade. After the death of Manequinho, Arthur Etzel takes over the head of the Division and plants the eucalyptus in the "Invernada dos Bombeiros", that will be fully grown in the IV Centenary festivities, when the formal inauguration of the park takes place, in 1954. I assess the performance of the agronomist Teixeira Mendes in the implementation of his "feasible" landscape. Through photo analisys and "O Estado de S. Paulo" newspaper articles, I establish the chronology of the arboreal planting in the park, mainly the eucalyptus. Lastly, I describe the invisible labor of Arthur Etzel, forgotten by academic literature, but remembered by his brother, Eduardo, who describes the 66 years in charge of city gardening. Through modern technical analysis of the arboreal individuals of the park, made by professor Silva Filho, I present proposals for the adequacy of the exotic and Atlantic Rainforest populations, to the "Cerrado" Biome, in addition to recognizing other possible uses for the park, linked to its biotic flow.

KEY WORDS: Landscape; History; Urban Park; Gardeners; Biotic Flow.

FAUUSP TFG2 1601102 | MAURO OLIVIERI DE LIMA | 2021

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA PAISAGEM DO PARQUE IBIRAPUERA

Parte 1 | O VAZIO DO VIRAPOEIRA

9 **Introdução**
11 **O rio Jeribatiba e o Caminho do Ibirapuera**
19 **O Matadouro e a invenção da Vila Mariana**
23 **O botânico suíço e o Campo Cerrado paulistano**
41 **A herança na várzea e a cartografia do parque**

Parte 2 | "HABEMUS" PARQUE

49 **Introdução**
51 **O vazio e os dois parques urbanos**
59 **Manequinho e o Novo Viveiro Municipal**
75 **Ciccillo e o "arraiá" do IV Centenário**
78 **Teixeira Mendes e o paisagismo sem projeto**

Parte 3 | PODA E LIMPEZA

95 **Introdução**
97 **As mãos que embelezam a paisagem**
101 **Precisamos falar dos eucaliptos**
110 **Anistia aos Campos Cerrados paulistanos**
112 **Um Ibirapuera biótica e culturalmente potente**

117 **Anexos**
137 **Referências**
141 **Linhatempo Parque Ibirapuera**

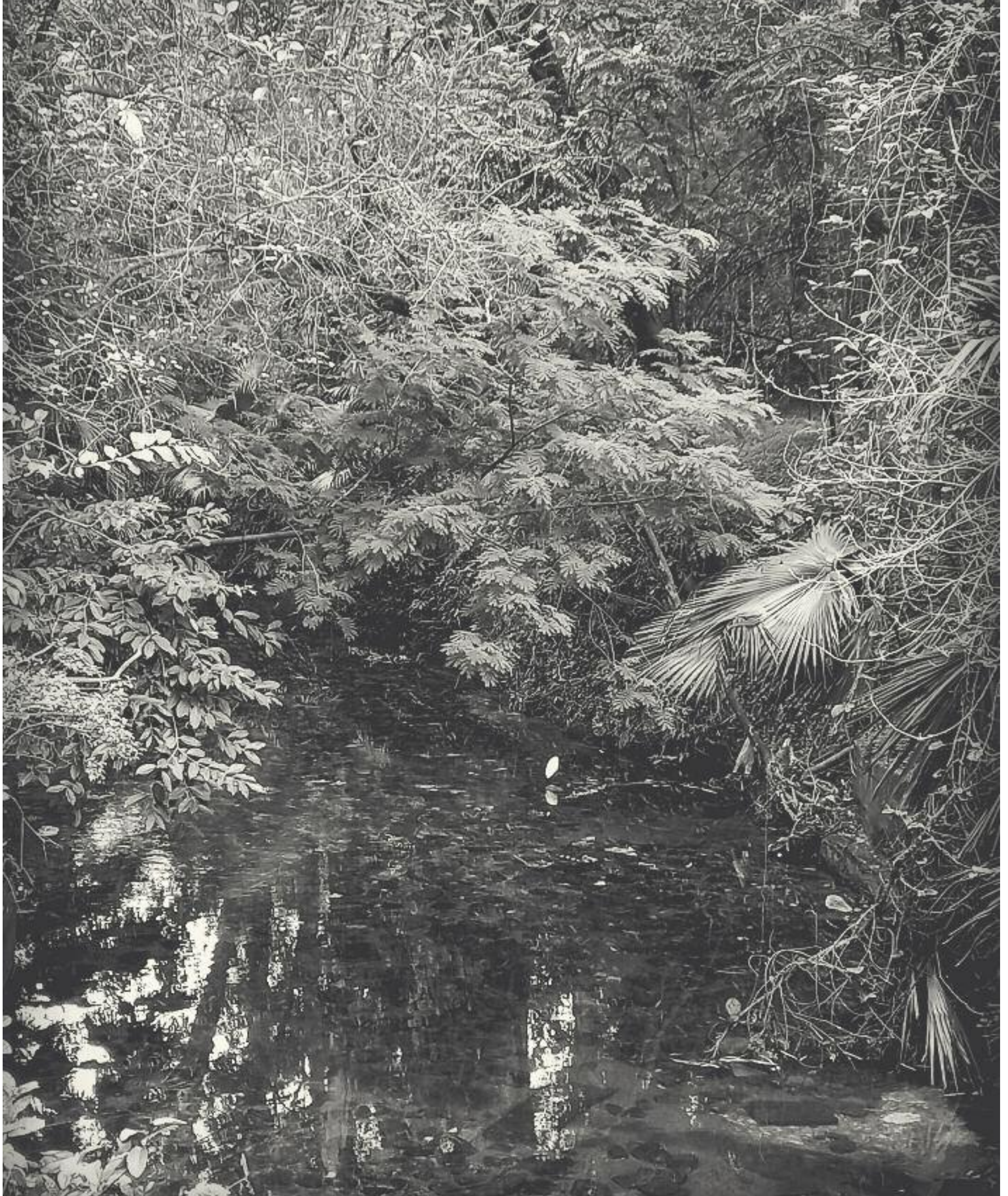
FAUUSP TFG2 1601102 | 2021

ORIENTADOR **PROF. DR. EUGENIO FERNANDES QUEIROGA**
ALUNO **MAURO OLIVIERI DE LIMA | 1617584**

↑LAGO MAIOR DO SAPATEIRO, 2021. FOTO DO AUTOR.

GOOGLE MAPS, 2021.

ORTOFOTO GEOSAMPA, 2017.



PARTE 1

O VAZIO DO VIRAPOEIRA

INTRODUÇÃO

O objetivo principal da primeira parte desta monografia é investigar as pistas e os fragmentos narrativos que possibilitem vislumbrar uma paisagem original para o sítio do Parque Ibirapuera. Começarei poupando-os da história geológica e da formação mineral do solo, ou do tempo em que os Titãs andavam pela Terra. Irei diretamente às primeiras narrativas europeias, dos jesuítas, sobre o futuro Campo de Santo Amaro.

Usarei como fonte principal o livro "Ibirapuera, História dos Bairros de São Paulo", de 1977, premiado pelo Arquivo Histórico do Município, da historiadora Maria Celestina Teixeira Mendes Torres (MTM), que, coincidentemente, era irmã de Otávio Augusto Teixeira Mendes, do qual falarei na segunda parte. Ela descreve com precisão acadêmica o desenvolvimento do bairro do Ibirapuera, até 1975, usando todas as fontes primárias disponíveis, como as atas da Câmara, cartas de datas de terras, jornais, inventários e testamentos, leis e decretos, relatórios da Prefeitura, além das “Cartas Jesuíticas”.

Outra fonte de informação serão as crônicas e as ilustrações dos viajantes europeus – soldados, cientistas e artistas –, que visitaram São Paulo no decorrer do período. Isso tudo para tentar recompor a vegetação natural do vale do rio Pinheiros e entender como se deu a antropização dessa área. Quais forças sociais e econômicas conformaram a paisagem desse caminho rural? Como era a paisagem do sítio do Parque Ibirapuera?

“Cartas Avulsas 1550-1568”. “Cartas Jesuíticas II”, Officina Industrial Graphica, Rio de Janeiro, 1931.

←**Córrego do Sapateiro, entrando no Parque Ibirapuera, 2021.** Foto do autor.

uwatibi

O RIO JERIBATIBA E O CAMINHO DO IBIRAPUERA

Minha história começa nos Campos de Piratininga, nos arredores da Vila de São Paulo de Piratininga, na segunda metade do século 16. Os primeiros registros da região conhecida como Ibirapuera aparecem numa carta de 1556, onde o padre Luis da Grã, sucessor de Manoel da Nóbrega, descreve a Inácio de Loyola as três **“casas”** da Capitania de São Vicente: São Paulo, Jeribatiba e São Vicente.

As Serras de Jeribatiba, que compreendem a macrorregião do rio Jeribatiba ou Jurubatuba, ou o rio Pinheiros, abrigavam dezenas de aldeias, cujas localizações exatas sempre foram motivo de discussão entre os historiadores. Pouco se sabe sobre o povo Guaianáz que vivia aqui. Gente de origem tupiniquim, chefiada na nossa área de estudo pelo velho Caiuby, senhor das terras que, depois de cristianizado, virou João.

Meu olhar se concentra na várzea do Jeribatiba, com suas muitas variações gráficas e fonéticas (Jaraibatiba, Gerebaitiba, Geraubatiba, Iarabatiba, Jeraibativia, Jurubatiba...), e no importante Caminho do Ibirapuera. Ao contrário de São Paulo e São Vicente, que cresceram ao redor das suas igrejas matrizes e do ímpeto catequizante da Companhia de Jesus, o Ibirapurera era um conjunto de povoados, vilas, bairros e propriedades de poucas braças, com poucos habitantes, dispersos ao longo desse eixo que unia São Paulo ao mar. O caminho novo, alternativo à outra trilha tupiniquim, o Peabiru.

←**Xilogravura da primeira edição de Hans Staden, 1557.** Funeral das vítimas da epidemia que assolou os tupinambás. Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

Em 1560, o jesuítas tomam posse da sesmaria de Jeribatiba, com duas léguas de terras, indo de Piratininga em direção ao mar, **"...passando o Campo por donde se suya a ir ho caminho da borda do Campo para Geraubatiba, quoais dus leguoas começarão lloguo passado o Campo, emtrando o mato, caminho do Rio, que se chama Geraibatiba"** (“Cartas III”, 1931).

Chama a atenção em toda a correspondência jesuítica que consultei, produzida em São Paulo, a quase inexistência de descrições da paisagem. Falam dos Campos, dos Pynheiros e distinguem Terras e Matos, sempre como referências aos caminhos e às propriedades. Como se toda a exuberância desse cenário tropical não importasse ou não fosse visível. Nunca mencionam a vegetação ou a fauna. Todo o olhar dos jesuítas é dirigido à efetividade das suas operações de dominação, defesa e reconstrução do “mundo dos homens”, sempre obcecados pela catequização das crianças e dos pretos da terra.

Busco então os relatos de viagens dos primeiros aventureiros europeus no Brasil. Os pioneiros, coincidentemente ambos alemães e militares, foram Hans Staden e Ulrico Schmidl. Este último expedicionou pela região do Rio da Prata por 17 anos. Na sua volta, depois de seis semanas caminhando pelo sertão, vindo do Paraguai, chegou, em 1553, à aldeia de João Ramalho, atual Santo André, na Serra de Jeribatiba. Depois de três dias, seguiu para São Vicente, de onde embarcou para a Europa para lançar seu livro "best-seller". Mas Ulrico também quase não faz menção às paisagens. Fala do deserto de matas, da fome que passou, do medo dos tigres e do medo de ser canibalizado pelos índios, é claro. Fala da aventura do “turista”.

“História Verdadeira de Uma Viagem Curiosa Feita por U. Schmidl”, 1567. Edição em latim, de 1599. Fonte: Wikimedia Commons.

Hans Staden, "Duas Viagens ao Brasil", 1557. Fac-símile da edição holandesa, 1595.

Já Hans Staden, que naufragou na ilha de Santa Catarina, ficou aqui por seis anos, sendo que nove meses como prisioneiro dos tupinambás. Viveu pelo litoral até conseguir fugir a bordo de um navio português, saindo do Rio de Janeiro, em 1555, sem nunca ter subido aos Campos de Piratininga. Também escreveu seu livro "best-seller", onde descreve e ilustra, com uma certa sensibilidade, a fauna, os costumes e os ritos dos bárbaros que, por causa dos seus frequentes choros covardes e das suas previsões metereológicas, nunca o canibalizaram.

Já nas Atas da Câmara Municipal de São Paulo, pouco se fala em Jeribatiba, mas muito em Ibirapuera, também grafado de muitas maneiras (Ibirapoera, Birapoeira, Burapuera, Ebirapuera, Ebirapoera, Prapuera, Ubirapoera, Urubiapira...). Numa Ata de 1575, aparece pela primeira vez o nome Virapoeira, a versão fonética portuguesa da palavra Ibirapuera. Gradativamente o Caminho do Virapoeira vai substituindo o Caminho do Ibirapuera.

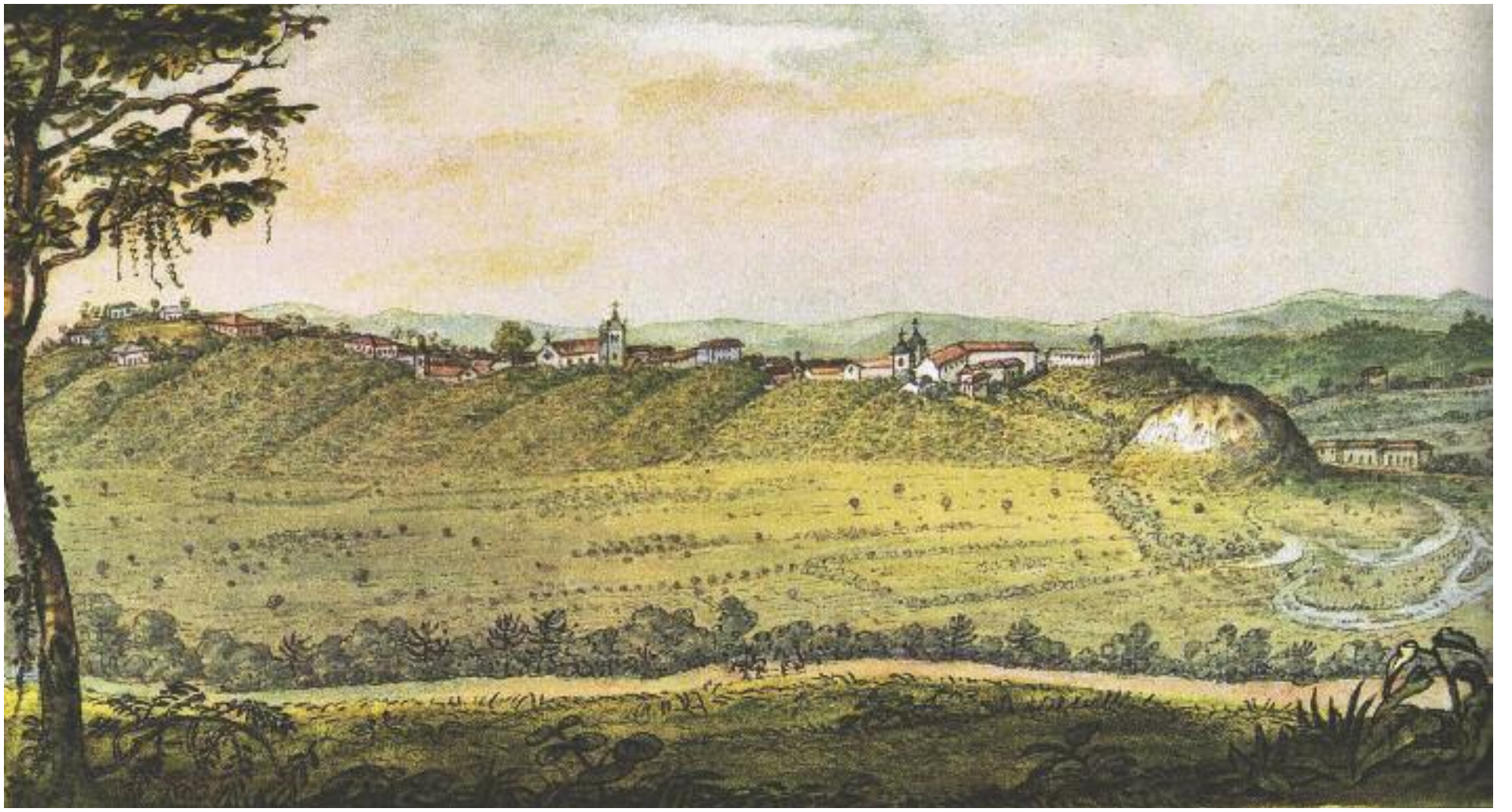
Porém, graças à fundação de uma capela, dedicada a Santo Amaro, o Caminho do Ibirapuera, que virou Virapoeira, aos poucos passa a se chamar Caminho de Santo Amaro. Agora sim, sabe-se ao certo onde ficava a maior das vilas do Caminho do Ibirapuera, entre as várzeas dos rios Pinheiros e Ipiranga, no caminho para o mar e para o sertão.

Mas só a partir do século 17, de novo nas atas da Câmara, aparecem as primeiras descrições da paisagem dessas terras: **"Ibirapuera era coberta de mato, cheia de alagadiços, mal frequentada e sem policiamento – várzea de Santo Amaro, mata de Caaguaçu"**. Em 1620, a Câmara arregimenta **"quadrilheiros para prender delinquentes"** na região. Em 1624, outra ata descreve a Vila de Santo Amaro, distante 13,6 km do centro, com **"seus matos e capoeiras, caminhos mal cuidados atravessados por ribeirões sobre os quais as rústicas pontes estão sempre a cair, estrada de poeira ou alagada, conforme a época"** (MTM, 1977).

Aqui faço um aparte ao uso da expressão "matos e capoeiras". Sempre e somente matos e capoeiras! Uma descrição imprecisa, usada sem parcimônia na literatura da época, para descrever o que deveria ser óbvio para os habitantes locais. Como os viajantes naturalistas, das grandes expedições, não visitaram os Campos de Santo Amaro, nem criaram aqui suas paisagens-colagens de um mundo natural onírico e higienizado, resta-nos imaginar, inventar ou reconstruir essa paisagem.

Minha área de estudo mantém-se distante e pouco povoada durante os dois séculos seguintes, preservando seu aspecto rural, sendo lugar de passagem de lentos e barulhentos carros de bois, que transportavam mercadorias em estradas esburacadas, com seus **"negociantes de madeira, vindos de Santo Amaro e Itapecerica para as feiras semanais no Bexiga"** (MTM, 1977).

Segundo Maria Luiza Marcilio, na sua tese de doutorado "A Cidade de São Paulo, Povoamento e População", defendida na Université Paris-Sorbonne, em 1967, onde estabelece as bases da demografia histórica no Brasil, trabalhando com os registros paroquiais e recenseamentos, **"Santo Amaro, Caucaia e Caaguaçu eram redutos de pequenos lavradores e criadores marginais. Bairros de ocupação recente, com maiores oportunidades para a acumulação de riqueza."** Uma região de perfil agrário, de criação de gado, que permaneceu pouco habitada até o início do século 20.



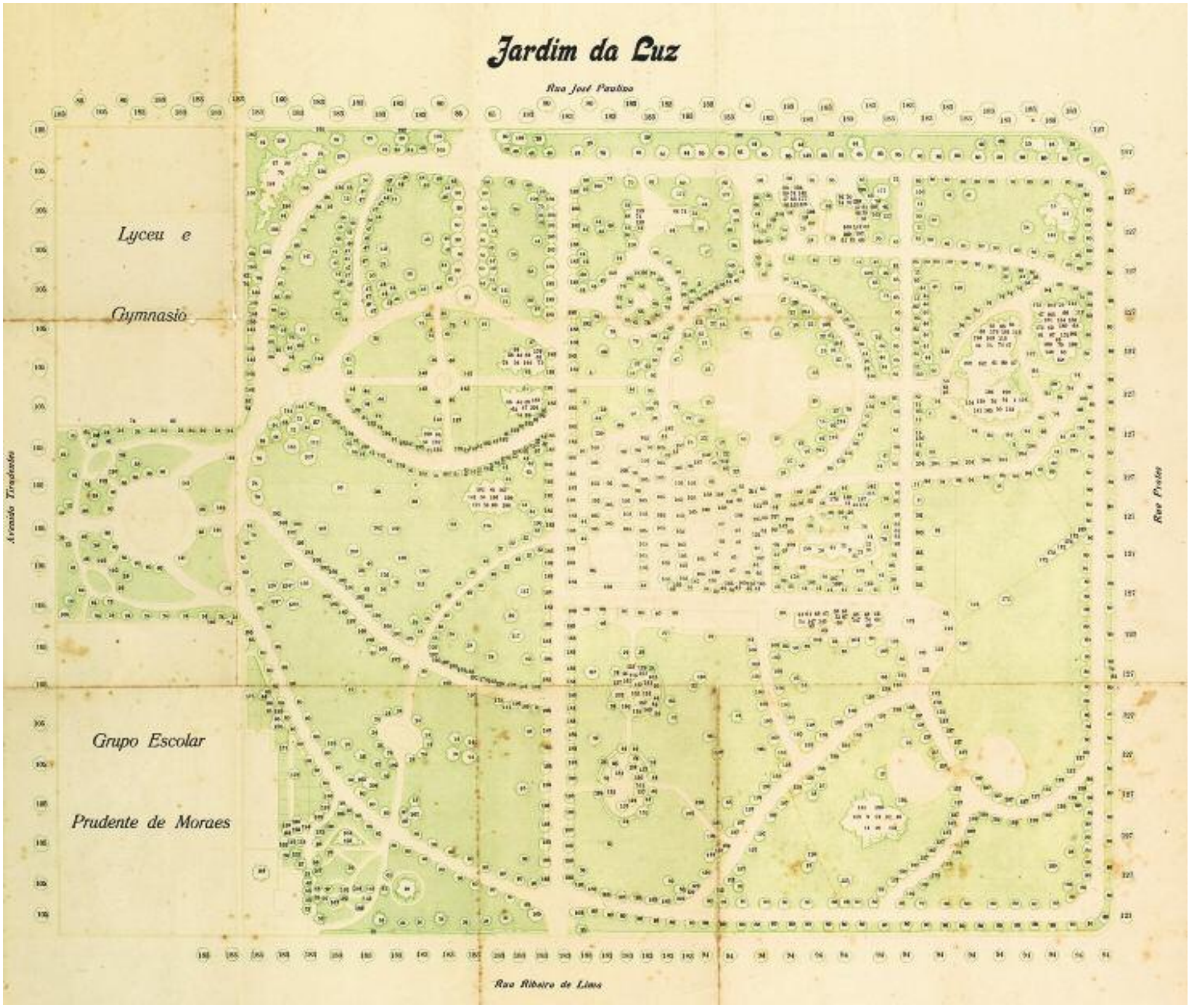
Segundo o recenseamento dos lavradores da Capitania de São Paulo, na freguesia de Santo Amaro, em 1817, havia 446 lavradores, distribuídos em nove bairros: Primeira Companhia, Bouguassu, Boimirim, Boturussu, Capelinha, Itapecerica, Pirajussara, Potuverá e Tuparoquera. Curioso observar que, durante todo esse século 19, o nome Ibirapuera desaparece dos documentos oficiais.

Em 1832, Santo Amaro é elevada à categoria de vila. Nessa mesma época, em 1834, Jean-Baptiste Debret publica em Paris o livro "Voyage Pittoresque et Historique au Brésil", em três volumes ilustrados, com 153 litogravuras feitas a partir das aquarelas realizadas em suas viagens, nos 15 anos em que viveu no Brasil. Infelizmente, na sua vinda a São Paulo, Debret também não retratou os Campos de Santo Amaro, mas desenhou algumas vistas da cidade, onde podemos ver as pistas que faltam para construir a paisagem dos arredores de São Paulo.

Jean-Baptiste Debret, 1827. "Vista geral da cidade de São Paulo" a partir da várzea do Carmo. A paisagem parece ser um campo, mas também poderia ser o resultado da erradicação da vegetação de mata original. Acervo Fundação Maria Luisa e Oscar Americano.

Selva primitiva na Serra dos Órgãos, Rio de Janeiro, c.1840. A Mata Atlântica, *in* "Flora Brasiliensis", 1906. Fonte: florabrasiliensis.cria.org.br.

Os Campos Gerais, Mogi das Cruzes, província de São Paulo, c.1840. O Cerrado, *in* "Flora Brasiliensis", 1906. Fonte: florabrasiliensis.cria.org.br.


Jardim da Luz
Rua José Paulino
Lyceu e
Gymnasio
Grupo Escolar
Prudente de Moraes
Avenida Tiradentes
Rua Ribeiro de Lima
Rua Prates

Também na Europa, na segunda metade do século 19, acontecem as primeiras experiências das “cidades verdes”. Em Paris, Jean-Charles Adolphe Alphand assume o Service des Promenades et Plantations de la Ville de Paris, em 1860, sob o comando do Barão de Haussmann, para implantar os parques urbanos Bois de Boulogne e Bois de Vincennes, além dos vários pequenos jardins, chamados ‘squares’. Nos EUA, Olmsted e Vaux criam uma série de parques urbanos, começando pelo Central Park de Nova York, em 1858, o Prospect Park do Brooklin, em 1869, e o gigantesco Emerald Necklace de Boston, em 1879, uma série de cinco parques unidos pela Commonwealth Avenue.

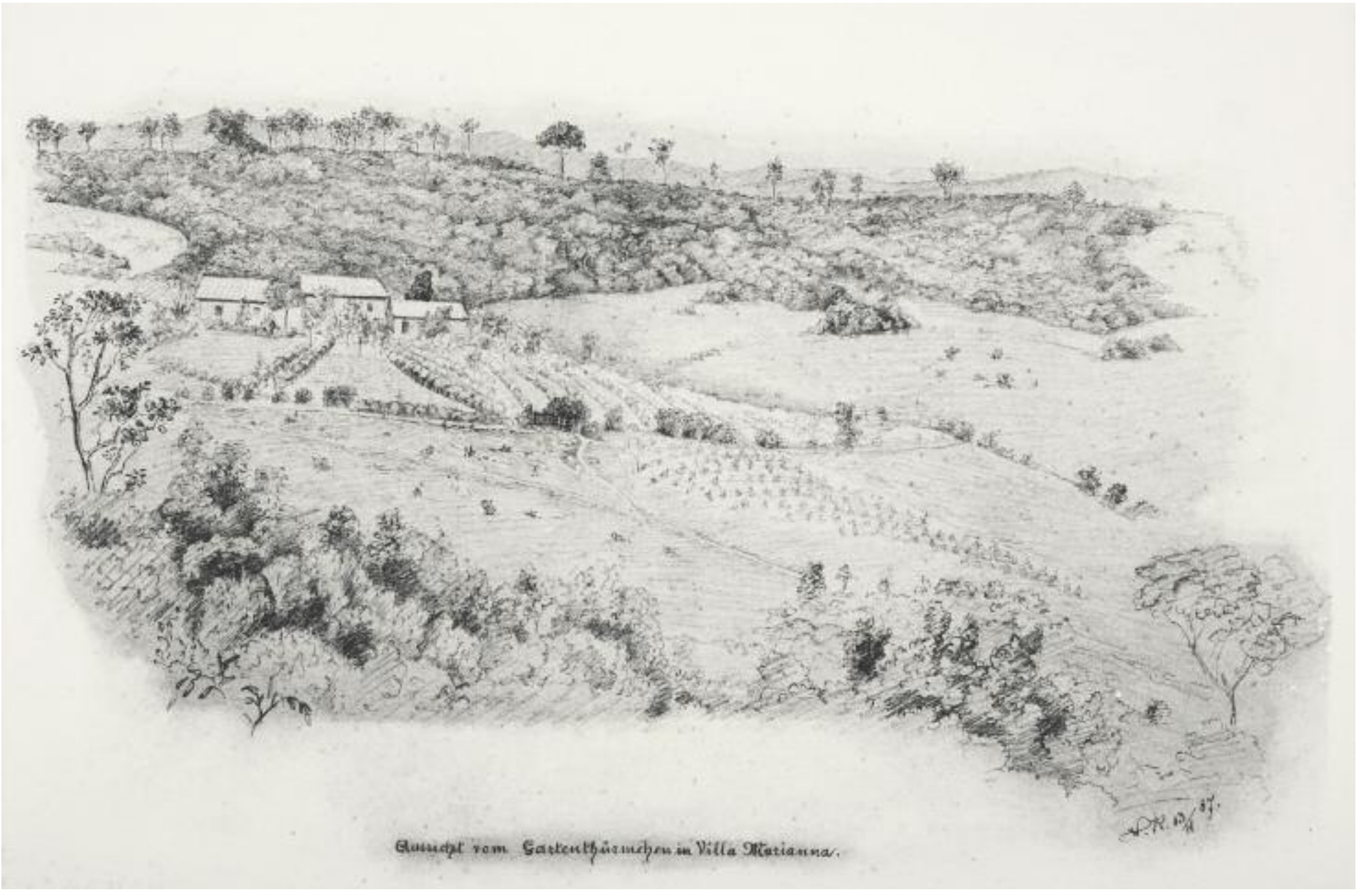
Os jardins públicos, ainda remanescentes da cidade de São Paulo, surgem na virada do séc. 19 para o 20. O mais antigo parque paulistano, o Jardim da Luz, foi criado em 1798, como um pequeno horto botânico e rebatizado, em 1839, como Jardim Público da Luz. A República, tecnicamente uma praça, foi criada sobre o Largo dos Curros, em 1889, e ‘retrofitada’, em 1905, nos padrões que conhecemos hoje. Depois vieram os três parques municipais, todos de gênese privada, que precederam o Ibirapuera: o Trianon, de 1892, chamado inicialmente de Parque Villon (atual Siqueira Campos), projetado como um jardim inglês pelo paisagista Paul Villon e comprado pelo poder público em 1911, que abriga as árvores centenárias dos remanescentes florestais do ‘Mato Grosso do Caaguaçu’; o Parque Buenos Aires, em 1913, do arquiteto paisagista Joseph-Antoine Bouvard; e o Parque da Aclimação ou “Jardin d’Acclimatation”, em 1939, que nasce como um zoológico.

←**Planta do Jardim da Luz, sem data.** Projeto executivo com a numeração dos indivíduos vegetais, provavelmente do início do séc. 20, infelizmente sem legenda. Acervo Museu Paulista da USP.

↑**Praça da República, sem data.** A nova praça, com projeto de Tommaso Bezzi (GUARALDO, 2020), onde Antônio Etzel plantou pela primeira vez os *Platanus acerifolia* (ETZEL, 1982). Postal de O. Achtschin. Museu Paulista da USP.

←**Jardim da Luz, São Paulo, déc. 1910.** Postal de Guilherme Gaensly. Acervo Museu Paulista da USP.

←**Panorama do Trianon, São Paulo, déc. 1940.** Com o parque ao fundo. Postal Colombo. Acervo Wikimedia Foundation.



Esboço da Vila Mariana, 1887. Gravura de Wilhelm Kuntzemüller. Acervo Museu Paulista da USP.

O MATADOURO E A INVENÇÃO DA VILA MARIANA

O surto urbanístico que atinge São Paulo, no final do século 19, período que se convencionou chamar de "segunda fundação de São Paulo", atinge mais o norte e leste da cidade, o chamado "Caminho de Campinas, interior desbravado pela lavoura cafeeira". O oeste e o sul da cidade são menos impactados. O caminho do Mar, via Santo Amaro, é pouco importante, principalmente depois da reforma da Estrada do Vergueiro, em 1863, que acentua os três séculos de estagnação que mantêm o aspecto rural dos Campos de Santo Amaro.

A grande mudança na região ocorre em 1887, com a inauguração do Matadouro Municipal no “Rincão dos Sapateiros”, em substituição ao velho Matadouro de Humaitá, no Largo da Pólvora, que ficou pequeno para atender à duplicação da população paulistana. Num concurso realizado pela Câmara Municipal, venceu o projeto de Alberto Kuhlmann. Um belo conjunto de edifícios em tijolo aparente, implantado em terreno alto de 17.000 m², destinado à "matança e ao esquartejamento de animais de grande e pequeno portes". Um vizinho que poucos paulistanos queriam ter por perto.

Com a chegada do Matadouro e do Curtume, a tradição rural e pecuária do Caminho de Santo Amaro só se aprimora. Os Terrenos Devolutos e a futura Invernada dos Bombeiros são usados como pastos coletivos de engorda e descanso para o gado, que sempre chegava magro, mesmo vindo de trem. As boiadas trafegavam pelas ruas do bairro, que se urbanizava a passos rápidos. Segundo o testemunho do memorialista Pedro Domingos Massarolo:

"As boiadas vinham do Ipiranga e da Lapa. [...] O povo, ao grito 'a boiada', corria e se escondia atrás do primeiro cercado que encontrasse à frente ou entrava na primeira porta que achasse aberta. No meio da boiada eram comuns bois bravos e muitos casos houve de acidentes com populares. [...] Ao lado do Matadouro, pouco tempo depois foi construído também o Curtume, de onde saía um córrego de água sempre tinto de sangue. Nas imediações e sobre o prédio do Matadouro havia sempre muitos urubus. Como se pode imaginar, em toda aquela área sentia-se o mau cheiro proveniente do Matadouro e do Curtume".

Várias leis municipais foram criadas para restringir o tráfefo das boiadas pelas ruas do bairro. Mas o melhor exemplo é a Lei 100, de 1894, promulgada pela Câmara Municipal de São Paulo, que proibia as boiadas de percorrerem a recém-inaugurada Avenida Paulista: **"Art. I, Fica prohibido o trânsito de gado pela Avenida Paulista. Os infractores incorrerão na multa de cincoenta mil réis".**

Um Ato de 1905 dará o nome de Estrada do Caaguaçu ao prolongamento da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, depois da Paulista. Nesse trecho, havia uma variante chamada Estrada da Boiada, que conduzia a Pinheiros e depois, à Lapa.

Vale aqui citar a curiosidade sobre o nome Ibirapuera, que havia desaparecido dos documentos oficiais, e que volta a aparecer em 1890, batizando uma das paradas do Tramway de Santo Amaro, um bonde que, saindo do Matadouro, ligava a Vila Mariana ao município vizinho. Depois disso, ao longo da primeira metade do séc. 20, surgem a Avenida Ibirapuera (1933), o Distrito do Ibirapuera (1934) e o subdistrito Parque de Ibirapuera (1935), todos em locais diferentes, reafirmando a tradição da imprecisão geográfica do nome Ibirapuera.

Largo do Matadouro, atual Cinemateca Brasileira, 2021.
Foto: Mauro O. Lima.

Matadouro Municipal, sem data. “O largo em frente era bem grande. No meio, uma paineira e em um dos lados um bambual. Botequins e ambulantes faziam seu comércio. Ali se reuniam operários do Matadouro e do Curtume com suas roupas com marcas de sangue, facas de trabalho na cintura." Fonte: Pedro Massarolo, site da ALESP.

O Matadouro, no Rincão dos Sapateiros, 1889. Chama a atenção a mata em primeiro plano, talvez ladeando o córrego do Sapateiro. Postal Casa Vanorden & Co.

O BOTÂNICO SUÍÇO E O CAMPO CERRADO PAULISTANO

A ausência de descrições sobre as paisagens dos Campos do Ibirapuera me desanimou... De novo, eu teria que inventar uma paisagem. Misturá-la com cenografias imaginadas; transplantar espécies distantes; desenhar uma cartografia fantástica e promover fluxos bióticos improváveis. Mas aí apareceu um livro em alemão...

No início do século 20, com os levantamentos feitos nos arredores de São Paulo, o professor Alfred Usteri publicou na Alemanha, em 1911, o livro "Flora Der Umgebung Der Stadt São Paulo, in Brasilien" (Flora dos Arredores da Cidade de São Paulo, no Brasil). Usteri, um botânico suíço que fixou morada em São Paulo para lecionar no curso de Engenharia Agronômica da Escola Politécnica, percorreu os campos periféricos da cidade, como as várzeas dos rios Pinheiros e Tietê, e o Pico do Jaraguá, coletando espécies e descrevendo paisagens.

Usteri fez um precioso panorama da vegetação paulistana, fotografando, desenhando e descrevendo mais de 800 espécies de plantas, dando nomes e formas às coberturas vegetais remanescentes dos Campos de Santo Amaro, onde descreve com detalhes as formações vegetais dos rios, brejos e capoeiras. Tudo isso ilustrado por um mapa, feito a partir das cartas da Comissão Geográfica e Geológica (CGG), onde localiza essa vegetação e registra os percursos das suas caminhadas.

←**Mata com *Araucaria brasiliana* perto da Avenida Paulista** (*A. angustifolia*)**. Em primeiro plano, *Panicum numidianum*** (introduzida) **e *Imperata brasiliensis*.**

No "Flora Der Umgebung", Usteri também descreve inclusive as espécies exóticas cultivadas por aqui como o *Coffea arabica, Canna indica, Eucalyptus amygdalina, Nicotiana tabacum, Platanus orientalis, Ricinus communis, Yucca filamentosa* e alguns *Agave*.

Vale dizer que em 1906, foi lançada, também na Alemanha, a coleção "Flora Brasiliensis", com a descrição de quase 23 mil espécies encontradas no Brasil, que influenciou e auxiliou o professor Usteri e todos os botânicos do mundo. Falarei e mostrarei um pouco desse marco editorial, mais adiante, nos Anexos.

Nesse mesmo ano, Usteri publicou dois artigos na revista anual da Escola Politécnica. Num deles, eminentemente técnico, escrito em francês, descreve a *Struthanthus concinnus*, ou erva-de-passarinho, uma trepadeira sobre a qual só encontrou uma literatura “rudimentar”. Usteri descreve em detalhes o hábito da espécie, coletada na Moóca, especialmente sobre os “sugadores” (em francês, "plante suçoirs"), além de apresentar lindíssimos desenhos, em escala celular.

No artigo principal, ele lista as famílias já coletadas nas suas andanças pelos "Umgebung Der São Paulo", além de agradecer aos botânicos – todos europeus – que o ajudaram a descrever as espécies. Ele cita a recente publicação do "Flora Brasiliensis", que possibilitou-lhe fazer os **"estudos especiaes da flora das differentes partes do Brazil"**.

O Dr. Usteri também faz menção à falta de literatura e de herbários para **"fazer comparações"**, e elogia o herbário da Comissão Geográfica e Geológica (CGG), criado pelo diretor do Horto Botânico da Cantareira, o sueco, radicado no Brasil, Dr. Albert Löfgren.

Alfred Usteri, 1869-1948, sem data. Lecionou botânica na Escola Politécnica, em São Paulo, de 1905 a 1910. Autor de importante panorama da vegetação paulistana. Volta à Suíça em 1920, para se dedicar à antroposofia. Foto www.kulturimpuls.org.

***Struthanthus concinnus*, 1905.** Trepadeira descrita por Usteri no artigo do Anuário da Escola Politécnica, 1906. Fonte: “Flora Brasiliensis”.

Estudiosos como Usteri e Löfgren seriam os pilares de uma "nova 'inteligentzia' botânica nacional", que pela primeira vez produziria conhecimento botânico de qualidade e em quantidade, difundindo suas pesquisas e publicando seus trabalhos acadêmicos. Não é à toa que o "Inventário da Biodiversidade do Município de São Paulo" cita 1911 como o ano inicial das suas consultas de levantamentos florísticos na cidade.

Encontrei no site "jstor.org" três cartas de Alfred Usteri ao Royal Botanic Gardens, de Kew, na Inglaterra. Numa delas, de 1907, escrita em francês, ele agradece a descrição de uma *Bignoniaceae* e combina o envio de outros indivíduos para a classificação. Ele especifica que só precisa da descrição (“determination”) e os respectivos números das espécies, e que **"o recebedor pode ficar com as amostras"**. Essas consultas ao Jardim Botânico de Kew e aos outros cientistas europeus indicam o rigor com que Usteri fez o seu trabalho de descrição dessa flora e a precisão do seu método botânico.

Alfred Usteri tem 22 nomes botânicos registrados, ou seja, foi o primeiro a descrever e publicar 22 espécies que ocorriam na cidade de São Paulo. Treze delas citadas no "Flora dos Arredores", sendo cinco na Vila Mariana.
As outras nove espécies foram publicadas no "Guia Botânico da Praça da República e Jardim da Luz", outro livro seu, de 1919. Ou seja, Usteri encontrou espécies nunca antes descritas nas duas mais antigas praças de São Paulo, indicando que ele foi o primeiro a lançar um olhar criterioso sobre a paisagem paulistana e seus habitantes originais.

Usteri voltou para a Europa em 1910, mas regressou ao Brasil em 1914, permanecendo aqui por mais seis anos, agora como palestrante e pesquisador. Em 1920 volta à Suíça e se dedica integralmente à filosofia antroposófica, tornando-se amigo e influenciador de Rudolf Steiner, publicando quatro livros sobre o tema, incluindo "Mensch und Pflanze" (Homem e Planta), em 1937.

Espécies publicadas por A. Usteri no livro “Flora Der Umgebung”, 1911

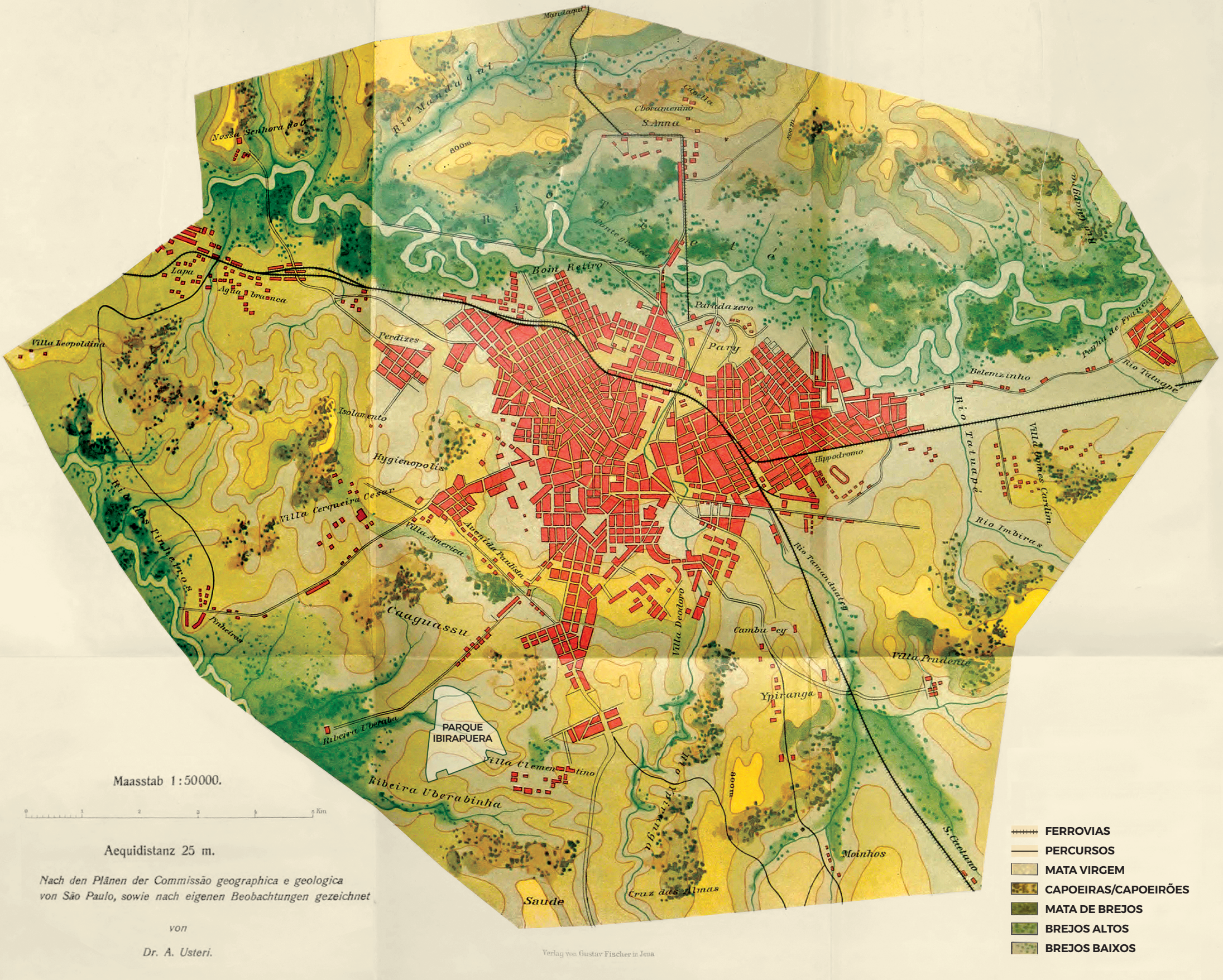
*Baccharis pluridentata**
Baccharis regnellii var. subalata
Baccharis usterii
Eleocharis usterii
*Julocroton paulensis**
Lomaria usteriana
*Myrciaria macrocarpa**
Ophioglossum usterianum
Panicum numidianum var. piliferum
*Piper subcinereum**
Polygonum meissnerianum
Solanum variabile var. angustifolia
*Vernonia heeringii**

*COLETADAS NA VILA MARIANA

Espécies publicadas por A. Usteri no “Guia Botânico da Pç. República e Jd. Luz”, 1919

Astrapaea bornea
Bambusa virginalis
Cocos virgata
Kentia rubra
Maranta perennis
Opuntia carnosa
Phoenix butia
Phoenix weddeliana
Zamia religiosa

→**Desenhado de acordo com as cartas da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, bem como com base em observações próprias.** Com a inserção do atual Parque Ibirapuera. As áreas de cores lisas, que não constam da legenda, são Campos.


Nossa Senhora do O
Rio Mandaqui
Mandaqui
Capella
Cabecinha
Cabuçu
S. Anna
800m
Rio Cabuçu
Lapa
Agua branca
Boiteté
Boiteté gigante
Boiteté
Boiteté
Boiteté

Eichhornia azurea
flutuando no rio Pinheiros.
O aguapé-de-cordão, atual *Pontederia azurea*, é uma erva aquática flutuante fixa, e alimento de capivaras e porcos. Fotos: A. Usteri.

Para poder compreender o texto do livro "Flora Der Umgebung Der Stadt São Paulo, in Brasilien", editado em alemão e nunca traduzido para o português, recorri a valiosos trechos traduzidos, na excelente tese de doutorado de Carlos Alberto da Silva Filho, "Proteção e Fomento da Vegetação no Município de São Paulo: possibilidades, alcance e conflitos", de 2005, orientado pela professora Miranda Magnoli. Importante dizer que o texto de Usteri foi traduzido pelos sogros germanófonos de Silva Filho.

No livro, Usteri descreve a flora dos Campos Paulistanos como sendo adaptada a situações extremas, com características como: **"formação de tubérculos, folhas grossas, baixo crescimento e sementes resistentes que germinam rapidamente".** Ele aponta que as condições em São Paulo eram favoráveis à dispersão e germinação em todas as épocas do ano, mas que **"também há períodos não favoráveis em todas as épocas do ano"**. Eu, como um paulistano adotado, posso citar as geadas, chuvas torrenciais, ondas de calor e frentes frias repentinas e intensas, tão comuns na cidade. Esse clima do "planalto paulistano" gerou adaptações dessa flora campestre, em que muitas espécies florescem e frutificam durante o ano todo. **"As plantas têm que estar prontas para, a qualquer momento, aproveitar a situação favorável"** (janela).

A tipificação de Usteri divide as formações vegetais em dois tipos básicos: de solo seco (campos, capoeiras, capoeirões e matas virgens) e de solo brejoso (brejos baixos ou brejos altos, matas secas e matas úmidas). A seguir, com a ajuda da tese de Silva Filho e do Google tradutor, apresento um glossário resumido com as definições da vegetação apresentadas por Usteri e as respectivas fotografias. No final do trabalho, produzi um Anexo com a lista das 247 espécies vegetais descritas no livro, encontradas na Vila Mariana.

↑**"Flora dos Arredores da Cidade de São Paulo no Brasil", 1911.** Capa da edição alemã, ainda não editada em português.

←***Eichhornia azurea*, em solo firme na Lapa.** Atual *Pontederia azurea*.

↑**Fac-símile, p. 29.**

→***Bromelia fastuosa*, planta de campo seco, em flor**. Atual *Bromelia binotii*.

↓***Bromelia fastuosa* em fruto.** Fotos: A. Usteri.

FORMAÇÕES DE SOLO SECO

CAMPOS

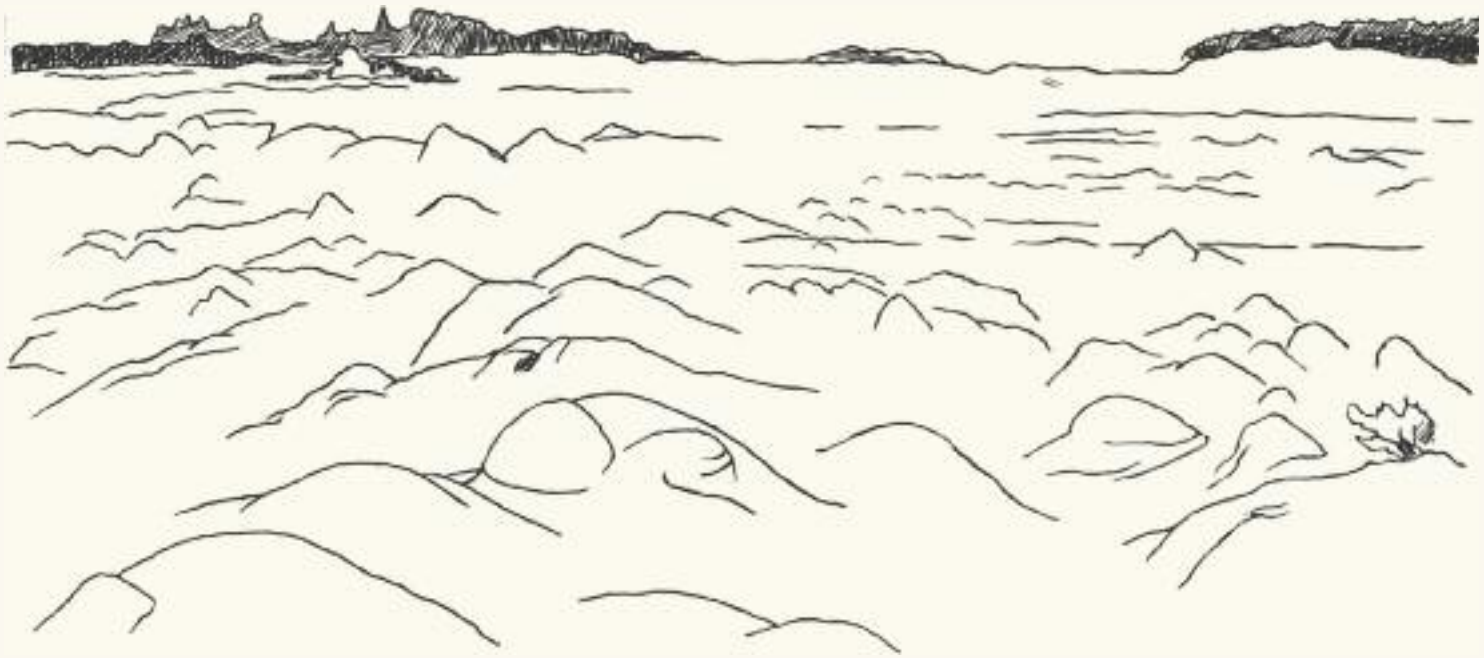
Vegetação baixa, estépica, com as plantas apresentando adaptação fortemente xerófita. Usteri classifica como Campos apenas a vegetação sobre solo seco, não incluindo as matas e brejos, associados. Embora esses Campos não estejam presentes na legenda do mapa do livro (p.25), são representados pelas áreas claras, segundo Silva Filho. Os Campos também aparecem claramente nas fotos, onde o autor os descreve como ocorrendo em **"áreas onduladas, baixas, com morros, principalmente no sul de São Paulo, especificamente nos arredores da Vila Mariana"**.

CAPOEIRAS E CAPOEIRÕES

Onde havia umidade, como nos fundos de vale, as sementes trazidas pelos ventos e pela água, ou que restaram no próprio local, se desenvolviam. Surgia assim a capoeira, uma mata de menor porte que, quando cresce e atinge as dimensões da mata original, passa a ser chamada de capoeirão. A composição florística nas duas situações é a mesma, e sempre sem a ocorrência de árvores grandes.

MATAS VIRGENS

As florestas originais ou Matas Virgens, já haviam praticamente desaparecido, nesse início de século 20 na cidade de São Paulo. Apenas um fragmento nos dois lados da Avenida Paulista (Vila Cerqueira César e Bela Vista), conservava um último remanescente original da Mata do Caaguaçu, atualmente "confinada" no Parque Trianon. **"Todas as demais matas da região são secundárias, que rebrotaram quando a floresta original foi queimada e o terreno usado para a agricultura e depois abandonado"**.



←**Campo com cupinzeiros na área da Vila Mariana (Matadouro).** Usteri afirma que os Campos Paulistas não parecem ser decorrentes da eliminação das matas originais.

↓**Campo seco em Vila Mariana.** Ao fundo, o que parece ser o casario no entorno do Matadouro. Desenho e foto: A. Usteri.

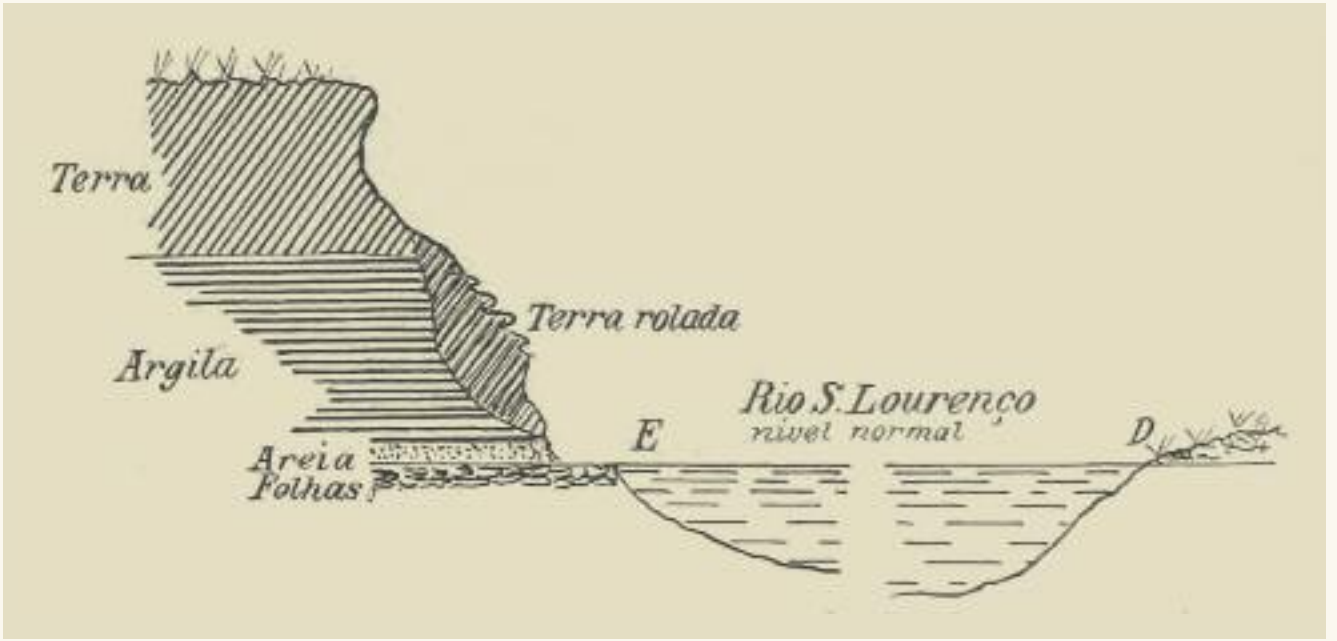
***Aristida pallens* em flor. Os toldos pendem como cavanhaque. Daí o nome.** Capim barba-de-bode.

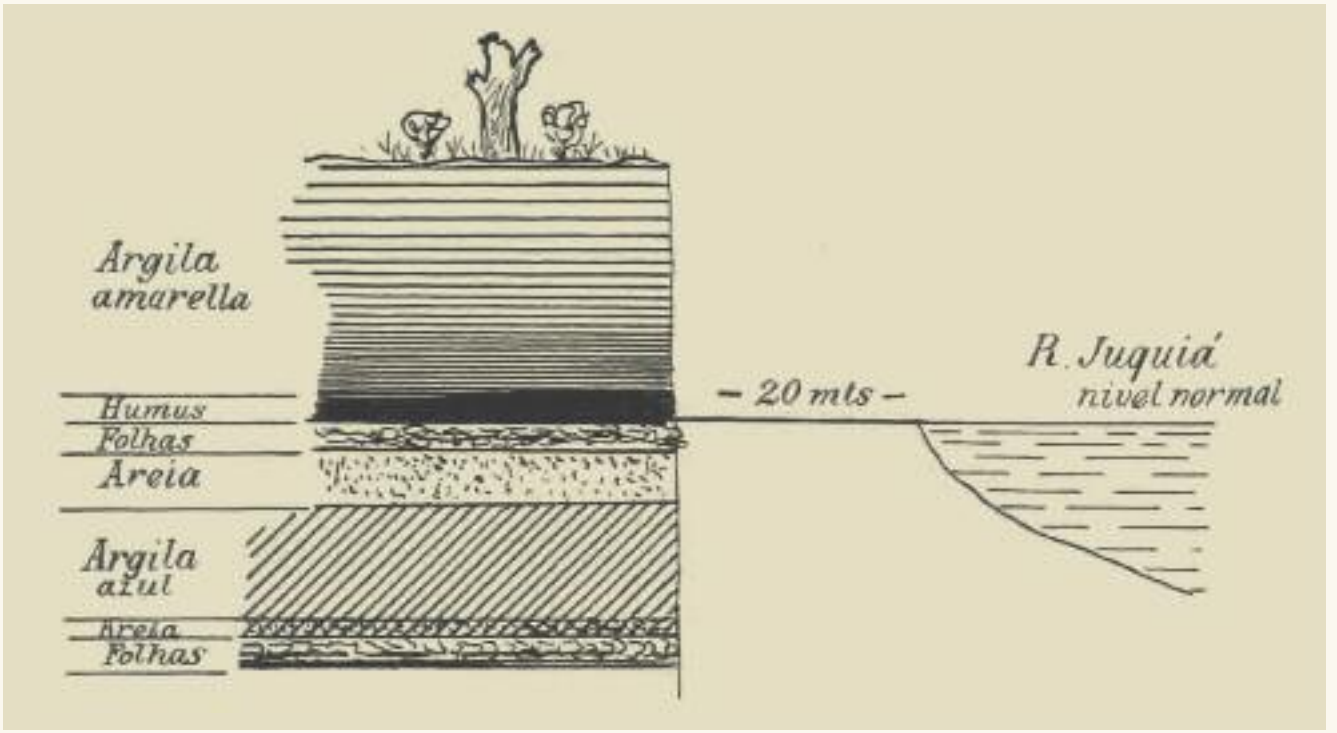
***Aristida pallens* em fruto.** Os ramos horizontais espalhados servem como pára-quedas às sementes. Fotos: A. Usteri.

***Philodendron Simsii* em flor, em campo brejoso perto de Santana.** Filodendro ou imbé, atualmente *Philodendron hastatum*.

***Eriocaulaceae* em brejo alto, perto de Vila Mariana.** Atual gênero *Paepalanthus*. Fotos: A. Usteri.

Formas de sedimentação do solo. Desenhos: A. Usteri.





FORMAÇÕES DE SOLO BREJOSO

VEGETAÇÃO PANTANOSA

Usteri divide essas vegetações pantanosas em brejos baixos e brejos altos, uma forma encontrada na literatura alemã, mas não em língua portuguesa.

BREJOS BAIXOS

Formados com materiais alóctones (folhas e gravetos trazidos pelas enchentes). Os solos dos brejos baixos, turfosos, são formados por camadas de folhas e galhos, depositados horizontalmente. Essas camadas se alternam com outras, de argila, areia ou terra. A incidência de brejos baixos se dá, principalmente, no norte da cidade, na várzea do rio Tietê, sendo a flora dos dois tipos de brejos totalmente diferente.

BREJOS ALTOS

Os brejos altos são encontrados principalmente no sul da cidade, onde as terras são mal drenadas e ficam submersas nos períodos chuvosos, dificultando a respiração das plantas, por meses. E além disso, depois do recuo das águas, elas ficam cobertas de lama. As espécies mais bem adaptadas a esse regime hídrico são as que flutuam na água, mas que podem enraizar no solo, na época seca. Bons exemplos dessa estratégia são a *Limnanthemum humboldtianum* (atual *Nymphoides humboldtiana*) e duas espécies do gênero *Eichornea*.

1 ***Andropogon bicornis*. Construído em camadas.** (capim rabo-de-burro).

2 ***Andropogon spaftiflonis*. Grama do brejo.** *Poaceaea*.

3 ***Panicum decipiens*, muito comum em brejos planos.** Segundo o Kew, a *Setaria verticillata* foi introduzida.

1

2

3

***Utricularia* em brejo próximo ao Butantã.**

***Huberia semiserrata*, em mata de brejo, perto de N. Sra. do Ó**. Jacatirão ou quaresmeira-do-brejo.

MATAS ARBUSTIVAS

Com *Melastomaceas, Sapotaceas, Ochnaceas,* divididas em matas de locais secos ou úmidos.

MATAS SECAS

Encontradas nos campos e fundos de vale, onde a umidade recua, permitindo a coexistência da flora do campo.

MATAS ÚMIDAS

Geralmente ocorrem no fundo dos vales e requerem uma maior umidade no solo. **"Quando os habitantes locais avistam tais matas, à distância, nem tentam atravessá-las"**.

Com base nas descrições e fotos de Alfred Usteri, e com a ajuda da inserção do perímetro do Parque Ibirapuera no mapa, posso descrever a área de pouca declividade e mal drenada do Vazio do Ibirapuera como de Campo de Solo Seco, com trechos de Solo de Brejo Alto, junto às calhas do Sapateiro, Caaguaçu e Uberaba. Acredito também que a flora adaptada aos períodos de altíssima umidade pudesse coexistir com uma flora de campo, na área do parque.

No Mapa Sara Brasil (p. 46), vê-se ao sul do parque, na várzea do ribeirão Uberaba, uma grande área de brejo, indicando a transição dessa paisagem.

Especificamente na foto da Villa Marianna (p. 29), vê-se uma típica área de campo, com sua **"vegetação estépica"**. E o mais interessante dessa foto é imaginar que, se o agrupamento de casas na elevação for o entorno do Matadouro – que pode ser confirmado no mapa –, Usteri estava pisando no Vazio do Ibirapuera.

***Huberia semiserrata* vista mais de perto**. Fotos: A. Usteri.

Brejo alto, perto de Santana. Transição de primeiro plano para o campo (*Eryngium paniculatum*). Caraguatá.

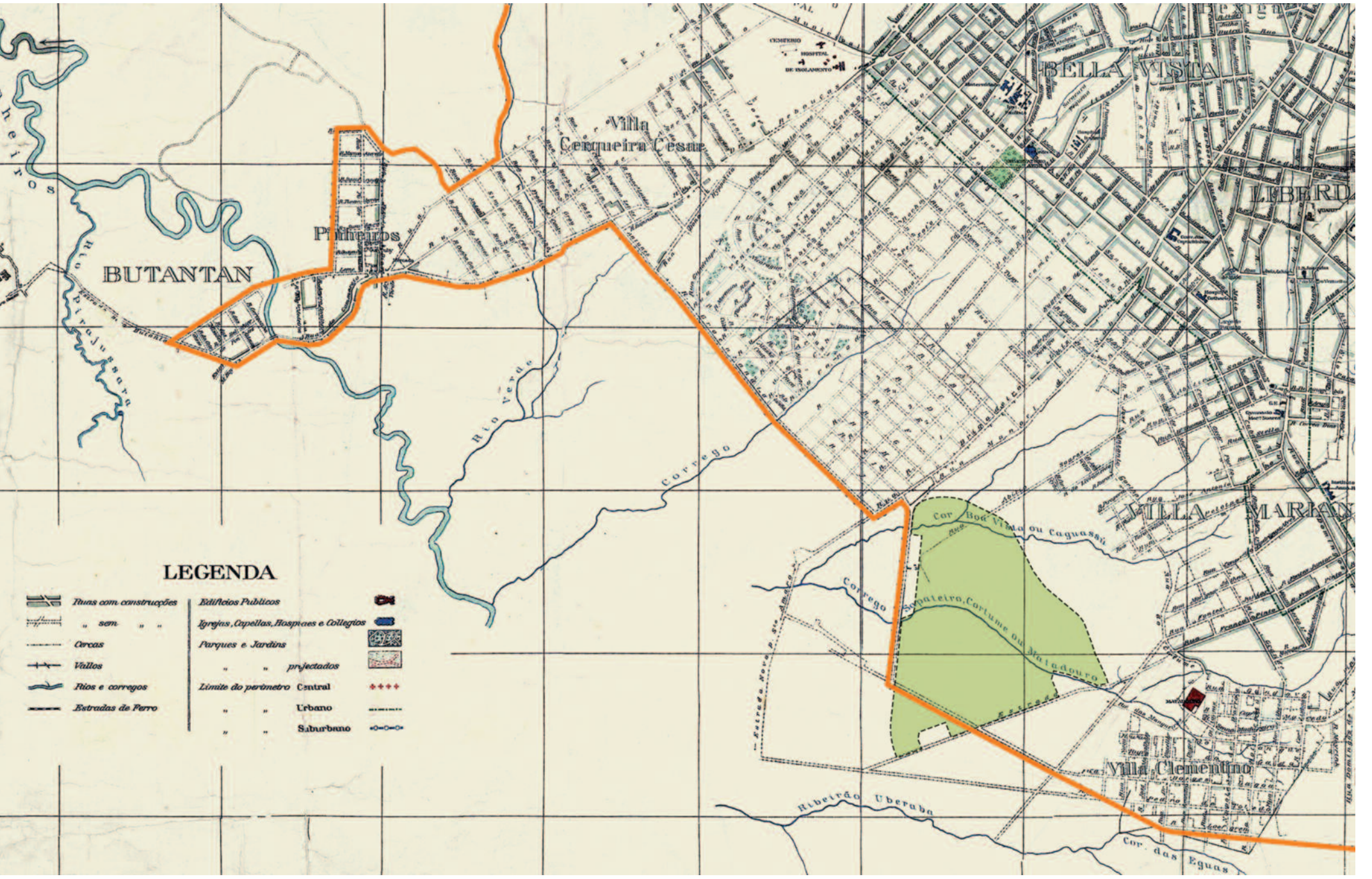
***Eichornia azurea*, flutuando solta em Nossa Senhora do Ó.** Erva aquática com nome aceito de *Pontederia azurea*.

***Pontederia cordata* e *Eichornia azurea*, em Nossa Senhora do Ó.** Ervas aquáticas na bacia do rio Tietê. Fotos: A. Usteri.

PICO DO JARAGUÁ

O Jaraguá visto da estação Taipas. Fotos: A. Usteri.

A parte arborizada do Jaraguá. Vista do cume com a madeira retirada.



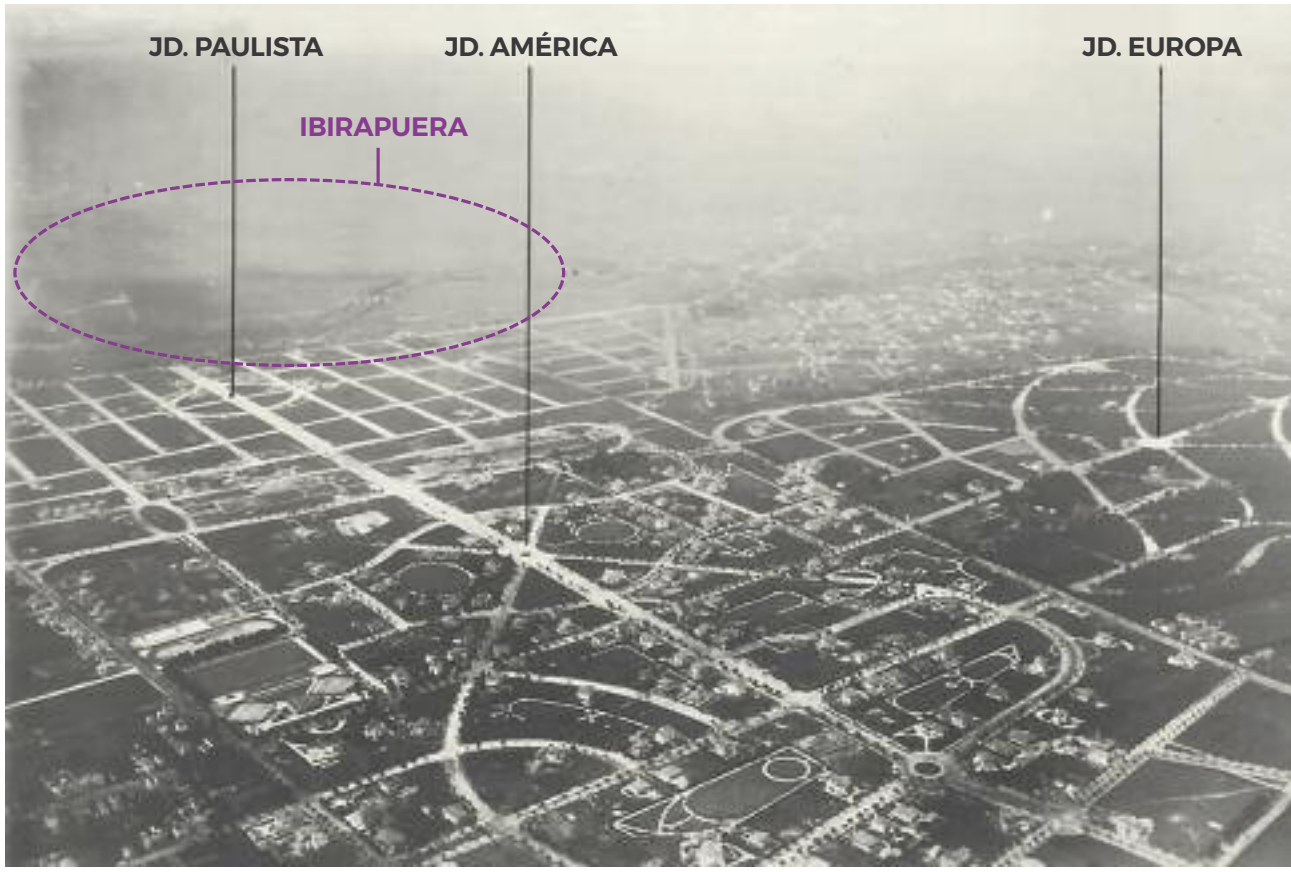
Carta Geral da Prefeitura, 1916. Com o limite suburbano, em laranja, e a marcação do Trianon e do perímetro atual do Parque Ibirapuera. Acervo Museu Geológico do IG/SIMA.

A HERANÇA NA VÁRZEA E A CARTOGRAFIA DO PARQUE

O século 20 apresenta uma São Paulo em crescimento pleno com a economia cafeeira. Mas os Campos do Ibirapuera ainda continuam incrivelmente vazios, abrigando pastos e chácaras, mesmo com a proximidade dos loteamentos nobres da "City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited", ou simplesmente Cia. City, com seus famosos bairros-jardins, que já chegavam à Rua Groenlândia e, logo depois, à Av. Brigadeiro Luís Antônio.

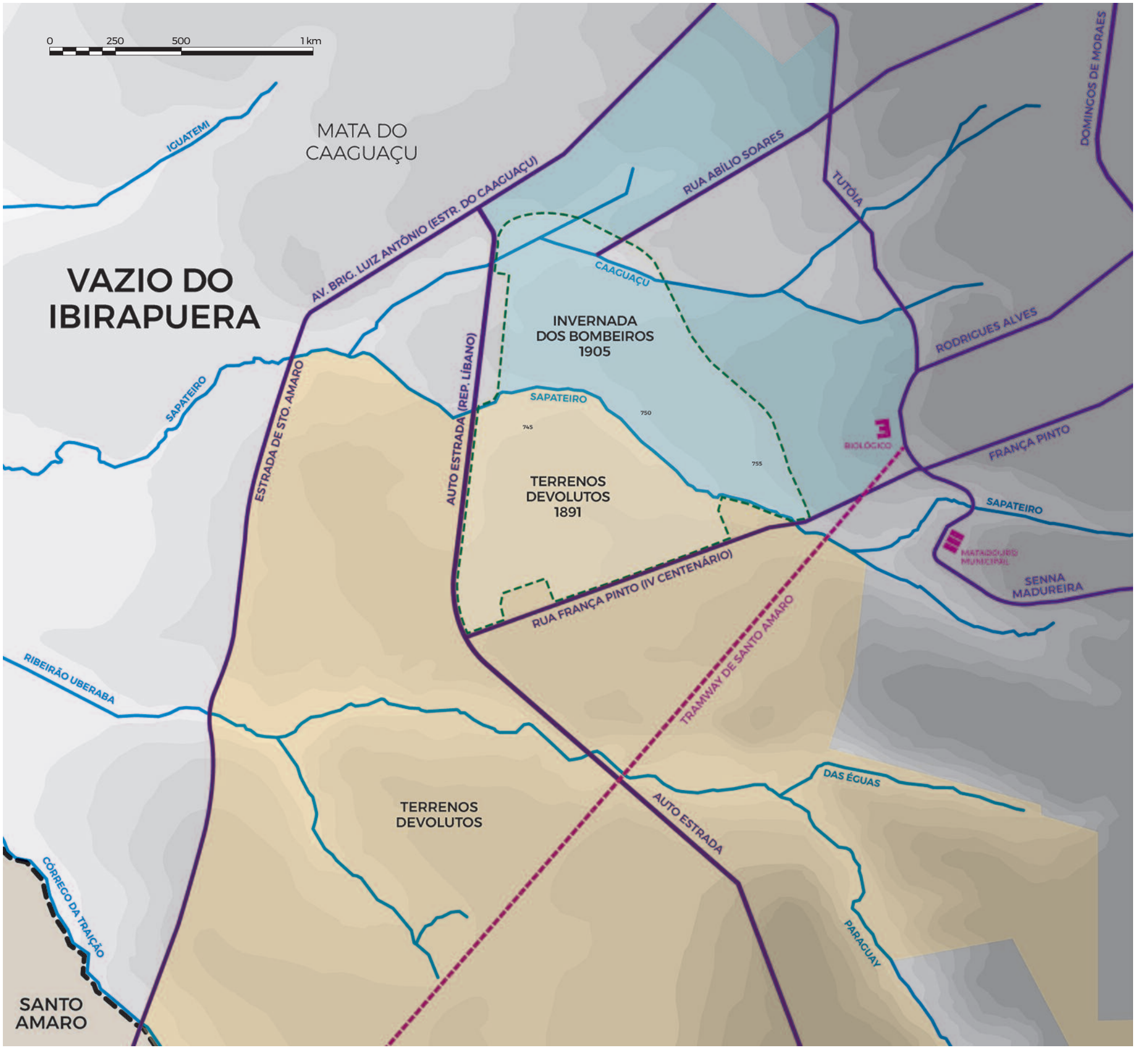
A razão desse vazio se deve a uma "herança" recebida pela Prefeitura de São Paulo. Os famosos Terrenos Devolutos, doados à municipalidade, em 1891, pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas da União, que autorizou o Governo do Estado a conceder essas terras de Vila Mariana (vide mapa p. 43) ao Conselho da Intendência Municipal da Capital.

O Governo do Estado, por sua vez, entra com a Invernada dos Bombeiros, que abrigava fragmentos da Mata do Caaguaçu, entre os córregos Caaguaçu e Sapateiro. Pouco se fala da origem cartorial da Invernada dos Bombeiros. Segundo uma linha do tempo do Parque Ibirapuera publicada no “Boletim do Arquivo Histórico do Município” (AHM), o terreno da Invernada foi vendido ao Estado pelo Banco de Crédito Real, em 1905. Já o site da Polícia Militar do Estado de São Paulo, ao qual está subordinado o Corpo de Bombeiros hoje, cita no ano de 1932 **"a entrega da sua Invernada ao Regimento de Cavalaria por não possuir mais cavalos ou muares."** Portanto, era historicamente uma área de pastagens, pertencente ao Estado, usada para manutenção e treinamento da tropa equina, que tracionava os equipamentos anti-incêncio, não mais necessária depois da popularização do motor a explosão.



Jardins da Cia. City, 1920. Atrás do Jardim Paulista, no encontro da Av. Brasil com a Brig. Luís Antônio, o futuro sítio do Parque Ibirapuera. Foto: acervo Cia. City.

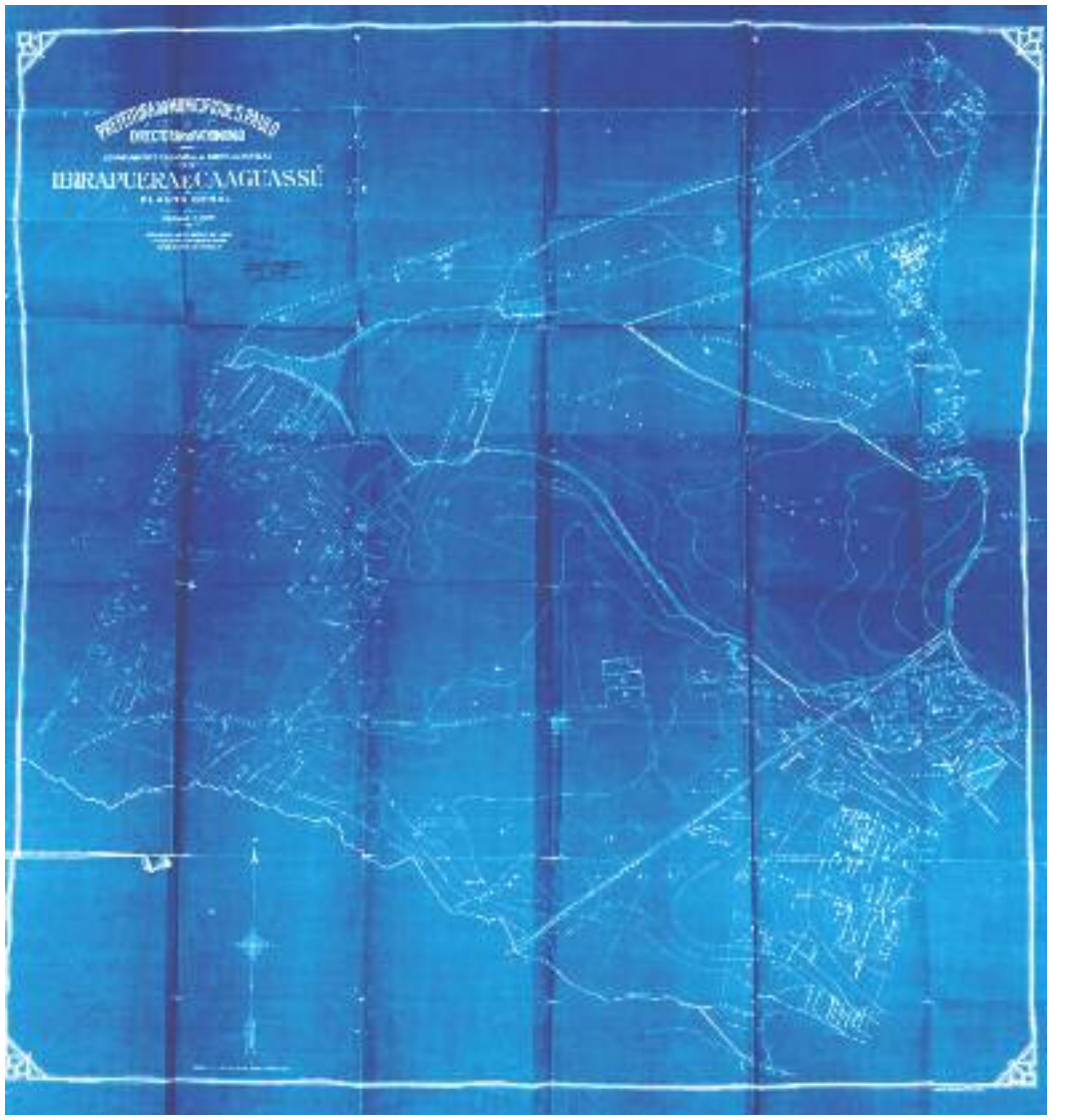
Marca da Cia. City em tampa de bueiro, sem data. Foto: www.engenhariae.com.br.


0
250
500
1 km
MATA DO
CAAGUAÇU
VAZIO DO
IBIRAPUERA
IGUATEMI
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO (ESTR. DO CAAGUAÇU)
RUA ABÍLIO SOARES
TUTÓIA
DOMINGOS DE MORAES
CAAGUAÇU
INVERNADA
DOS BOMBEIROS
1905
RODRIGUES ALVES
SAPATEIRO
ESTRADA DE STO. AMARO
AUTO ESTRADA (REP. LÍBANO)
SAPATEIRO
750
745
755
3
BIOLÓGICO
FRANÇA PINTO
TERRENOS
DEVOLUTOS
1891
SAPATEIRO
MATADOURO
MUNICIPAL
SENNA
MADUREIRA
RUA FRANÇA PINTO (IV CENTENÁRIO)
TRAMWAY DE SANTO AMARO
RIBEIRÃO UBERABA
DAS ÉGUAS
AUTO ESTRADA
TERRENOS
DEVOLUTOS
PARAGUAY
CÓRREGO DA TRAIÇÃO
SANTO
AMARO

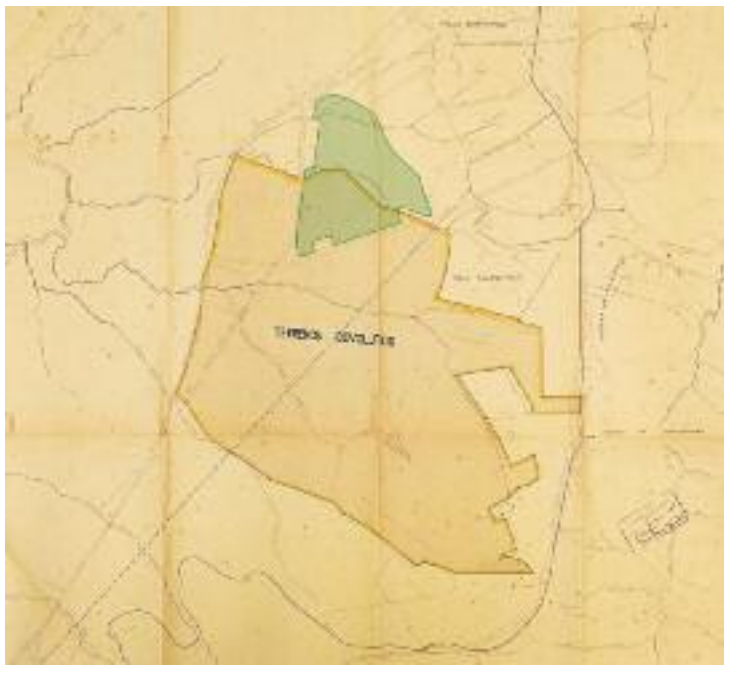
Essa informação confere com a doação de outro pedaço da Invernada, feita pelo governo do Estado ao Exército, em 1934, durante o período Vargas, para instalação do CPOR (Centro Preparatório de Oficiais da Reserva).

Os Terrenos Devolutos, que iam do córrego do Sapateiro até o córrego da Traição, na divisa com o município de Santo Amaro, foram motivo de disputa judicial por muitos anos entre a municipalidade e particulares. A Lei Estadual 1.038, de 1906, certificou que o município era proprietário de 1.500.000 m² na Várzea de Santo Amaro. E em 1916, o Decreto Estadual 2.669, incorporou a Várzea do Ibirapuera ao patrimônio municipal. Mas, tecnicamente, essas disputas jurídicas nunca acabaram e persistem até os dias de hoje.

Segundo a professora Ana Claudia Castilho Barone, **"Terrenos Devolutos são glebas desocupadas e transferidas ao domínio público em caso de morte do proprietário e ausência de herdeiros. A gênese do fenômeno remonta ao período colonial, quando as terras eram originalmente de propriedade da Coroa e a ela voltavam, por devolução, nas referidas condições"**. Também segundo Barone, o parque poderia ocupar uma área maior, considerando o tamanho dos Terrenos Devolutos originais. Mas, concluo que o que ocorreu de fato foi a disputa entre o público e o privado, arbitrada por agentes públicos que ora favorecem os proprietários particulares, ora o bem público e a população, a quem servem... Sendo assim, dependendo do prefeito, as terras eram loteadas, doadas ou eram benfeitoradas.

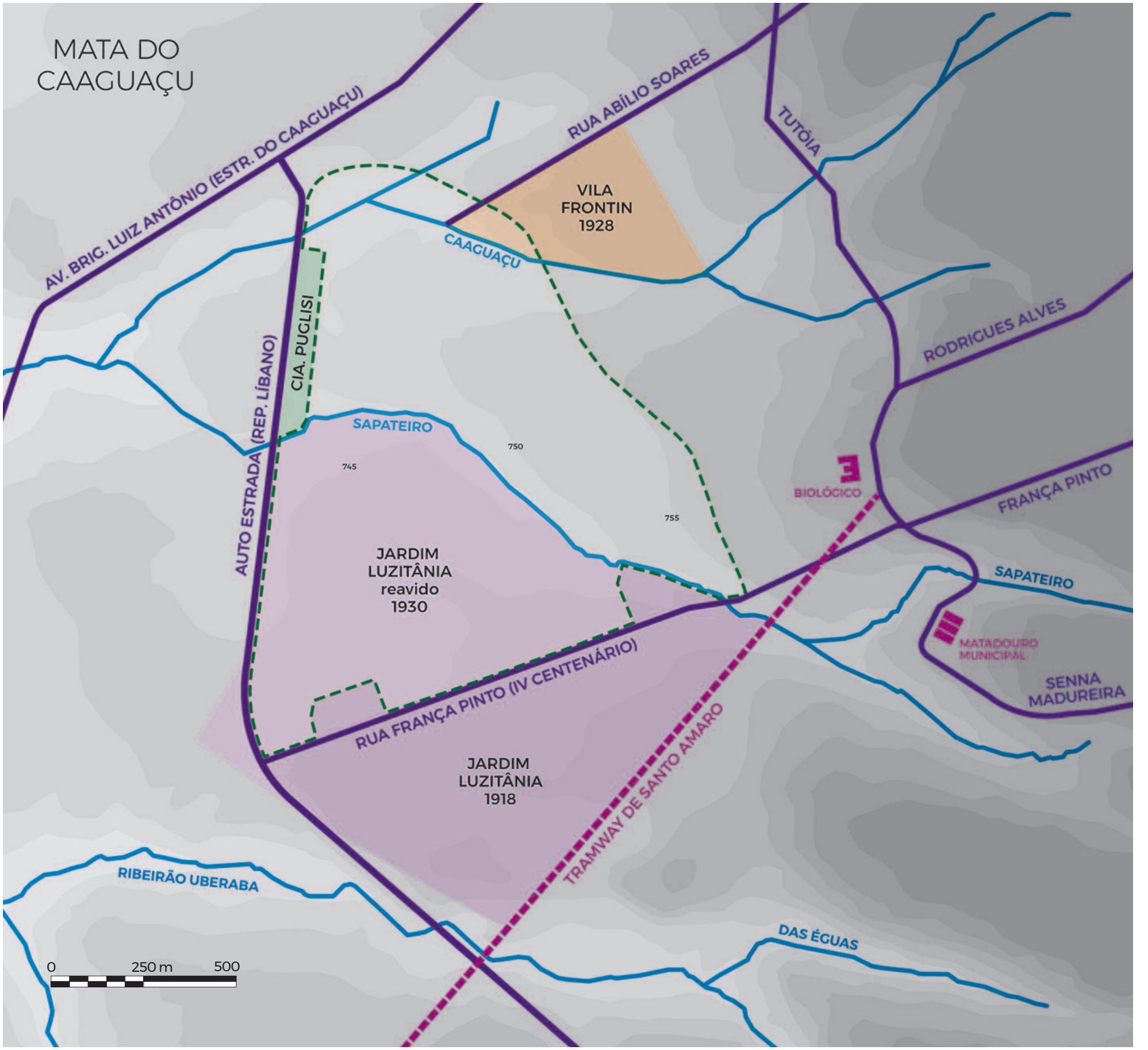


↑**Planta Geral do Ibirapuera e Caaguaçu, 1926.** Levantamento cadastral da Prefeitura, discriminando o terreno da Invernada dos Bombeiros, comprado pelo Governo do Estado em 1905. Fonte: AHM.



←**Terrenos Devolutos transferidos ao município em 1891, em levantamento judicial de 1941.** Divisa acima, o córrego Sapateiro; à esquerda, a Avenida Santo Amaro; e abaixo, o córrego da Traição, na divisa com o Município de Santo Amaro. Em verde, a inserção do perímetro do parque atual. Fonte: AHM.

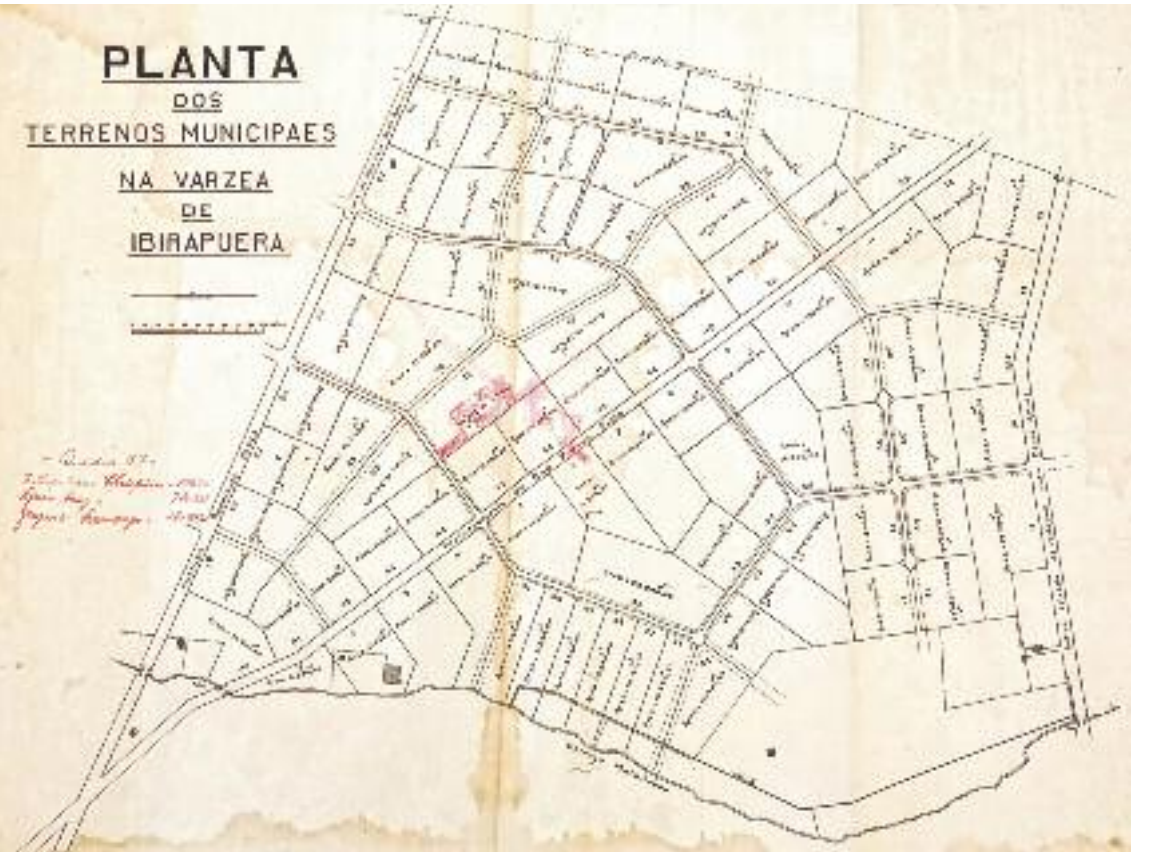
←**Invernada dos Bombeiros e Terrenos Devolutos.** Inserção da "Invernada dos Bombeiros em Levantamento Cadastral das várzeas do Ibirapuera e Caaguaçu, de 1926"; dos "Terrenos Devolutos transferidos ao município em 1891" (em levantamento de 1941); e perímetro do parque hoje (linha tracejada). Fontes: AHM e Sara, 1930.

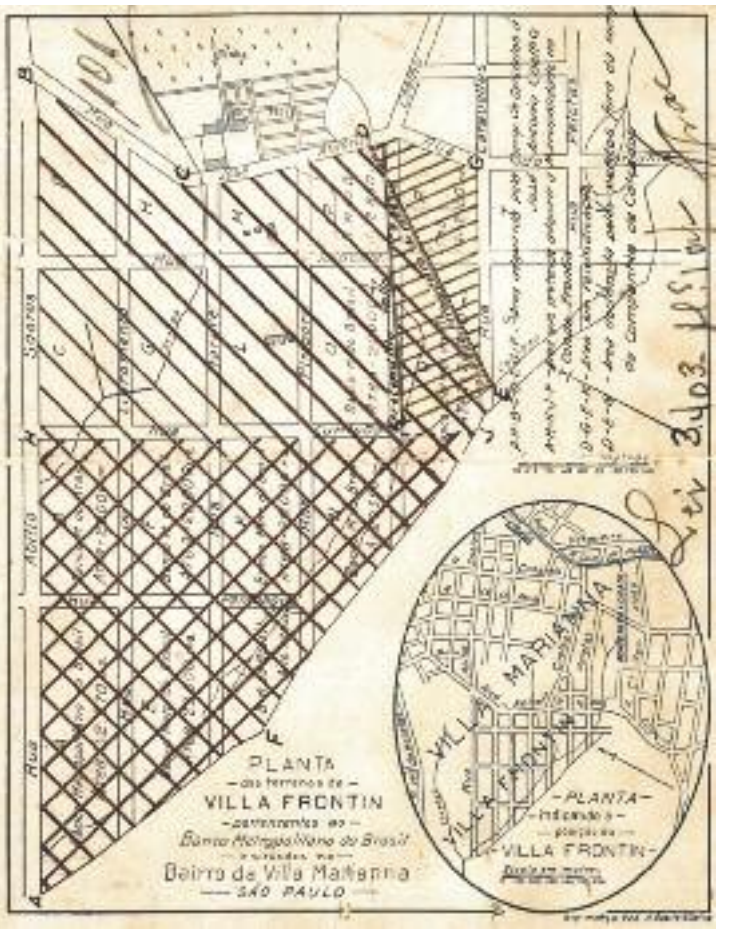

MATA DO
CAAGUAÇU
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO (ESTR. DO CAAGUAÇU)
RUA ABÍLIO SOARES
TUTÓIA
VILA
FRONTIN
1928
CAAGUAÇU
CIA. PUGLISI
AUTO ESTRADA (REP. LÍBANO)
RODRIGUES ALVES
SAPATEIRO
750
745
755
BIOLÓGICO
FRANÇA PINTO
JARDIM
LUZITÂNIA
reavido
1930
SAPATEIRO
MATADOURO
MUNICIPAL
SENNA
MADUREIRA
RUA FRANÇA PINTO (IV CENTENÁRIO)
JARDIM
LUZITÂNIA
1918
TRAMWAY DE SANTO AMARO
RIBEIRÃO UBERABA
DAS ÉGUAS
0
250 m
500

Em 1917, assume a Prefeitura de São Paulo o senhor Washington Luís Pereira de Sousa, natural de Macaé, RJ, que antes havia sido prefeito de Batatais, secretário da Justiça do Estado e deputado estadual. E depois da Prefeitura, foi governador de São Paulo, senador e o presidente da República deposto por Getúlio Vargas, em 1930.

Washington Luís foi um desses prefeitos que favoreceram a propriedade privada, tão recorrente na história das prefeituras de São Paulo. No primeiro ano de sua gestão, pede autorização à Câmara Municipal para vender, em concorrência pública, alguns lotes da Várzea do Ibirapuera, para **"neles serem estabelecidas pequenas granjas, com o intuito de auxiliar o desenvolvimento dos arredores na pequena cultura para abastecimento da vida"**.

Assim, com esse "papo furado", foram oferecidos os terrenos, em lotes de cerca de 2 mil metros quadrados, que foram rapidamente vendidos aos bancos. Uma segunda concorrência pública deveria ter sido feita imediatamente depois, mas foi adiada por causa da epidemia de gripe que atingiu São Paulo (e o mundo) com extrema violência, em 1918. Ironicamente, pode-se dizer que o Parque Ibirapuera que conhecemos hoje só existe por causa da gripe espanhola. Sem essa tragédia humanitária mundial, a gleba teria sido mais fracionada ainda, pela dedicação urbanizadora e privatista do prefeito Washington Luís.





↑**Planta do Jd. Luzitânia, sem data.** Com norte invertido. Fonte: AHM.

←**Planta do loteamento da Vila Frontin, 1925.** Com a inserção da discriminação das áreas negociadas com o prefeito Pires do Rio (sem data). Fonte: AHM.

←**Glebas vendidas por Washington Luís, em 1918.** A Vila Frontin, atual ALESP, parcialmente recomprada pela Prefeitura, em 1928; o lote da Cia. Puglisi, cuja troca foi negociada por Pires do Rio, mas nunca concluída; e o Jd. Luzitânia, parcialmente reavido em 1930, e garantido definitivamente só em 1941.

Resolução 407, de 1926. Autorização da Câmara Municipal para as despesas com as primeiras obras do parque municipal, em resposta ao "Offício 38", enviado por Pires do Rio, em 5 de junho **"solicitando a reserva de 300 ha na várzea de Santo Amaro"**. Considero a Resolução 407 a certidão de nascimento do Parque Ibirapuera.

Lei 3.123, de 1927. Autorizando mais obras no parque municipal e a permuta do **"próprio municipal de Pomologia"**, ou o viveiro da Água Branca. Fonte: saopaulo.sp.leg.br/.

RESOLUÇÃO N. 407

Autoriza a despesa até 200:000$000 com as primeiras obras de um parque municipal, na varzea de Santo Amaro, e encosta sudéste da avenida Paulista.

J. Pires do Rio, Prefeito do Municipio de São Paulo:

Faço saber que a Camara, em sessão de 26 de junho findo, decretou e eu promulgo a seguinte resolução:

Art. 1.º — Fica aberto no Thesouro, um credito de rs. 200:000$000, para as primeiras obras de um parque municipal na varzea de Santo Amaro e encosta sudéste da avenida Paulista.

Art. 2.º — O Prefeito utilizará, para construcção desse logradouro publico, a totalidade das terras municipaes a que se refere o seu officio n. 38, de 5 de junho, deste anno.

Paragrapho unico — As terras, outróra municipaes, mas destacadas por alienação, das glebas referidas neste artigo, poderão ser readquiridas pela Prefeitura, mediante compra ou permuta, *ad-referendum* da Camara; e, na hypothese de se realizarem estas transacções, serão accrescidas á área do parque projectado.

Art. 3.º — Fica o Prefeito autorizado a realizar, na occasião, e por todas as fórmas que lhe pareçam opportunas, um accôrdo com o governo do Estado, no sentido de ser incorporada ao patrimonio municipal e accrescida ao parque publico mencionado nos artigos anteriores, a propriedade estadual denominada "Invernada dos Bombeiros".

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrario.

O Director Geral da Prefeitura a faça publicar.

Prefeitura do Municipio de São Paulo, 3 de julho de 1926, 373.º da fundação de São Paulo.

O Prefeito,
J. Pires do Rio.

O Director Geral,
Luiz Tavares.

LEI N. 3.123, DE 23 DE DEZEMBRO DE 1927

Autoriza a Prefeitura a abrir no Thesouro Municipal, por conta do ultimo emprestimo, um credito de 200:000$000 para continuação das obras do Parque Municipal, e dá outras providencias.

J. Pires do Rio, Prefeito do Municipio de São Paulo:

Faço saber que a Camara, em sessão de 17 do corrente mez, decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica o prefeito autorizado a abrir no Thesouro Municipal, por conta do ultimo emprestimo externo, um credito de 200:000$000 para continuação das obras do Parque Municipal na varzea de Santo Amaro e encosta sudéste da avenida Carlos de Campos.

Art. 2.º — Fica o prefeito autorizado a permutar, mediante avaliação prévia, o proprio municipal de Pomologia, sito á avenida Agua Branca, com frente para as ruas Ministro Godoy e Turiassú, com área total de 126,^{m2} 556 por uma parte da Invernada dos Bombeiros de propriedade do Estado e necessaria á formação do parque a que se refere o art. 1.º.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

O Director Geral da Prefeitura a faça publicar.

Prefeitura do Municipio de São Paulo, 23 de dezembro de 1927, 374.º da fundação de São Paulo.

O Prefeito,
J. Pires do Rio.

O Director Geral,
Luiz Tavares.

O que também não aparece nesse quadro político-urbano-social são os interesses da Cia. City e dos seus loteamentos de alta classe, próximos ao Ibirapuera. A City foi um "player" importante na consolidação do parque. Se, por um lado, teria interesses em ocupar a área, valorizando seus ativos, por outro, tinha também interesse em que a região possuísse um parque urbano moderno, que valorizasse o entorno já urbanizado e em fase de venda.

Entre o final do mandato de Washington Luís, em 1918, e a posse do prefeito Pires do Rio, em 1926, pouca coisa digna de nota acontece na região do Ibirapuera. Talvez pelo trauma da epidemia de gripe que, assim como hoje, tinha escancarado a urgência necessária das áreas verdes nas grandes cidades; talvez pela crise econômica que se seguiu. Nesse período, rebatizo os Campos do Ibirapuera para **"Vazio do Ibirapuera"**, nome que emprestei da professora Ana Barone, pois é o que melhor descreve essa área.

José Pires do Rio, natural de Guaratinguetá, havia sido antes ministro da Viação e Obras Públicas e ministro da Agricultura, Indústria e Comércio. No primeiro ano da sua gestão ele já "chega chegando"! Em seu primeiro relatório à Câmara Municipal, em 1926, já fala do parque: **"Impunha-se a iniciativa de um vasto parque, útil à higiene da população urbana."**

Nesse primeiro ano de mandato, Pires do Rio encaminha à Câmara Municipal o "Officio 38" solicitando a reserva de 300 ha na Invernada dos Bombeiros e Chácara do Ibirapuera para a implantação do parque público! Recebe, um mês depois, a autorização e o dinheiro da Camâra Municipal para efetuar a limpeza dos terrenos do futuro parque.

Ainda naquele ano, começa a negociação para a transferência do Viveiro Municipal, que **"garantiria a posse do terreno e a destinação do uso"**. Também autoriza a construção de uma nova estrada particular, unindo São Paulo a Santo Amaro, a atual Avenida República do Líbano.

Concluo aqui a primeira parte da minha monografia, considerando que a paisagem original na região do Vazio do Ibirapuera e mais especificamente, do atual Parque Ibirapuera, vizinha da Mata do Caaguaçu e da várzea do rio Pinheiros, ou rio dos Jerivás (*Syagrus romanzoffiana*), cortada pelos córregos da bacia do Sapateiro-Caaguaçu e Uberaba, era coberta por vegetação de Cerrado. Posso dizer que, depois de um longo processo de antropização, nos 372 anos de ocupação europeia, sem mencionar a antropização promovida pelos habitantes anteriores, a cobertura vegetal original foi totalmente substituída por pastos e pequenas roças, com poucos ou nenhum agrupamentos arbóreos, descaracterizando o bioma original e comprometendo a eficiência dos fluxos bióticos anteriores.

O termo **"Vazio do Ibirapuera"** é, sem dúvida, a melhor definição que se poderia dar a essa área de pastagens, que virou uma terra arrasada, até a inauguração dos festejos do IV Centenário, comprovada por fotografias de várias épocas, apresentadas ao longo deste trabalho. E nesse sítio úmido, tornado árido, foi criado o mais importante dos parques urbanos paulistanos, com sua paisagem única, construída com a colaboração de diversos agentes, individuais e públicos, ao longo dos quase trinta anos seguintes. O Parque Ibirapuera é decorrência de um processo coletivo, não articulado e cumulativo. Um jardim urbano que começa na administração Pires do Rio, o primeiro autêntico "guardião do Parque Ibirapuera", e seguirá no seu processo de transformação até o ano de 1971, ao final do meu recorte.

O jovem José Pires do Rio (1880-1950), sem data. O sexto prefeito de São Paulo foi o primeiro a imaginar uma paisagem para o Parque Ibirapuera. Foto: saopauloinfoco.com.br.

Jardim Paulista

Villa Primavera

Villa Paulista

INVERNADA DOS BOMBEIROS

Corrego Rio Vista ou Cagussá

PARQUE

corrego do Matadouro ou Fortuna

IBIRAPUERA

Villa Nova Conceição

Villa Clemen

Villa Uberabinha

Hospital Zoophilo

Instituto Biologico

Largo do Matadouro

0 250 m 500

PARTE 2

“HABEMUS” PARQUE

INTRODUÇÃO

Nesta segunda parte do estudo vou analisar o período da profícua administração Pires do Rio e da gestão Fábio Prado, quando ocorreu o trabalho transformador de Manequinho Lopes e Navarro de Andrade, passando pela inauguração oficial e os trabalhos pouco documentados de Teixeira Mendes, e chegando até o final da era Etzel, com a morte de Arthur Etzel, em 1971, o “jardineiro-mor” de São Paulo e o primeiro administrador do Parque Ibirapuera.

Sempre tendo como base o conceito de que o Ibirapuera, na verdade, são dois parques: um ao sul do Sapateiro, nos Terrenos Devolutos restantes, garantidos pelas batalhas judiciais de Pires do Rio, já ocupado precariamente pelo Hospital Zoófilo da União Internacional de Proteção Animal (UIPA); e ao norte, o parque da Invernada dos Bombeiros, pertencente ao Estado, que receberá o Instituto Biológico e a estação elevatória da Repartição de Águas e Esgotos (RAE).

Mas só a Prefeitura investe nestes “dois parques”, transformando aos poucos a nova paisagem, nos dois lados do córrego do Sapateiro.

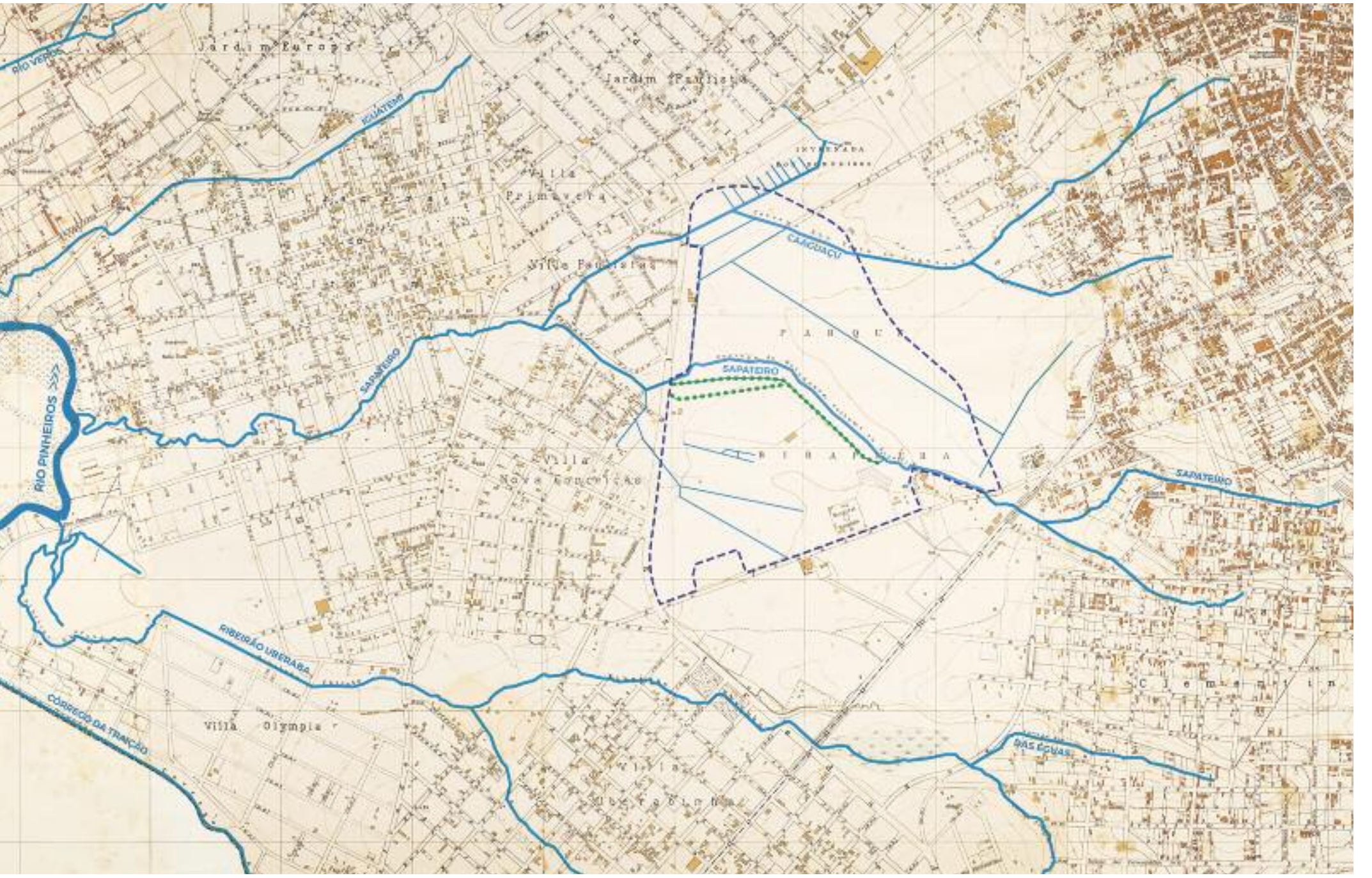
O Estado passa a atuar na formação do parque somente a partir de 1951, quando é formada a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo e surge o personagem mais importante para a existência concreta (literalmente) do Ibirapuera, Ciccillo Matarazzo. Ele assume a direção da Comissão e, de pronto, toma a decisão que ninguém conseguia tomar: os festejos serão no Ibirapuera! Entra em cena Teixeira Mendes, o engenheiro agrônomo que levou todo o crédito pela paisagem do Parque Ibirapuera que conhecemos hoje.

Mostrarei que a "história oficial" do parque, repetida em tantos textos acadêmicos, não é tão clara como pode parecer. Pela análise das aerofotos, provarei que os primeiros eucaliptos – que chamarei de "cerca viva" – foram plantados durante a administração Pires do Rio. Depois disso, um grande número de espécies nativas, além de novos eucaliptos, foram plantados por Manequinho e Navarro, de 1934 a 1938, sempre ao sul do Sapateiro. E, por último, todos os eucaliptos existentes na Invernada dos Bombeiros foram plantados depois de 1940, muito provavelmente por Arthur Etzel.

Acredito que a complexidade das ações coletivas que construíram essa paisagem é maior do que se pensa e tem suas atribuições confusas e pouco documentadas. Concordo com Rosa Kliass quando afirma que **"a intenção paisagística não está claramente expressa na implantação do parque"**. O Ibirapuera nunca teve um projeto executivo de paisagismo, sempre foi pensado como duas metades; e foi construído de forma orgânica, coletiva e espontânea. É uma paisagem autoconstruída.

Timbre Sara, *Societá Anônima de Rilevamenti Aerofotogrammetrici*.
Fonte: AHM.

←**Levantamento Aerofotogramétrico Sara Brasil, 1930, fls. 63 e 64.**
Contratada pelo prefeito Pires do Rio, em 1928, para substituir as antigas cartas gerais, produziu 82 folhas em escala 1:5000 e 51 folhas 1:1000, entregues em 1933 (NUNES, M.B., 2016). Acervo Museu Paulista da USP.



Bacia do rio Pinheiros, Sara Brasil, 1930, fls. 63 a 65. Com a marcação dos tributários e drenos (ciano); da "cerca viva" de eucaliptos (verde); e do perímetro atual do parque. Acervo Museu Paulista da USP.

O VAZIO E OS DOIS PARQUES URBANOS

Em 1926, José Pires do Rio é eleito o sexto prefeito da cidade de São Paulo. Não me estenderei nas realizações extra-Ibirapuera, que foram muitas e impressionantemente modernas, produtivas e longevas. Esse prefeito merece um reconhecimento maior, por toda a sua gestão, além de merecidas homenagens do parque que criou e da cidade que modificou. Aqui falamos de um agente público que zela pela coisa pública, com criatividade e eficiência, demonstrando um compromisso com a cidade.

Como já adiantei, no seu primeiro ano de trabalho começam as tratativas com a Câmara para a transferência do Matadouro Municipal, que há 40 anos poluía a bacia do Sapateiro. Apesar de toda a prosperidade que trouxe à região, o bairro tornou-se residencial e as instalações do Matadouro, **"impróprias e precárias"**. No relatório à Câmara, de 1927, a Prefeitura cita: **"O bairro da Vila Mariana cercava pelo norte, o local dos currais a que chegavam diariamente perto de 200 reses."** Essa descrição é a que melhor explica o estado rural desse lugar. Segundo Maria Teixeira Mendes, **"o fechamento** (do Matadouro) **foi aplaudido pelos bairros prejudicados pela passagem das boiadas e pelos que tinham como vizinho um tanto incômodo o córrego mal-cheiroso"**.

Com cerca de 6.600 metros de extensão, o córrego do Sapateiro nasce na confluência da Rua Rio Grande com a Dr. Mário Cardim, e hoje percorre tamponado as avenidas 23 de Maio e Ibirapuera, até alcançar o parque, onde segue a céu aberto, até alimentar seus dois lagos, para depois voltar a ser tamponado, sob a Avenida Juscelino Kubitschek, até desaguar no rio Pinheiros. Já o córrego do Caaguaçu ou Boa Vista nasce sob a Rua Maestro Callia, cruza a Amâncio de Carvalho, segue pela Rua Astolfo Araújo, alimenta o lago maior, próximo à Avenida Pedro Álvares Cabral, para depois confluir com as águas do Sapateiro.

Em 1928, junto com a transferência do Matadouro, a Câmara Municipal aprova o Projeto 90, que autoriza a criação do viveiro de plantas, pertencentes à Administração dos Jardins Públicos e Arborização, que irá se tornar o embrião do **"futuro e magnífico Parque Ibirapuera"**. Sabe-se que a transferência do Viveiro Municipal do Parque da Água Branca para o Ibirapuera, em 1928, também foi uma forma de ocupar o vazio, evitando os “grilos”.

Através do relato de Eduardo Etzel, filho de Antônio Etzel e irmão de Arthur Etzel, feito à “Revista do Arquivo Histórico Municipal” 195, de 1982, os viveiros da Água Branca e do Jardim da Luz foram desativados e transferidos para o Ibirapuera. **"Em 1928 um viveiro foi instalado e lá se plantaram 100.000 mudas de essências para o embelezamento futuro da cidade. [...] para lá se removeu a antiga estufa quente do miniviveiro do Jardim da Luz."**

A confirmação vem com Eliane Guaraldo, no seu livro "A Formação da Paisagem e dos Espaços Públicos Brasileiros: Um Estudo em São Paulo": **"O tratamento paisagístico dessa primeira fase** (do viveiro) **é relacionado com a transferência dos viveiros da Luz e da Água Branca, e baseou-se nesse mesmo conjunto de novas espécies introduzidas nesses parques, no período. Foi plantada uma grande quantidade de espécies nativas: pau-ferro, sibipiruna, ipês, pau-brasil, jacaré e canela, que existem ainda hoje e orientaram as demais fases de implantação do parque".**

Nessa época ocorre o plantio de duas fileiras de eucaliptos ou a "cerca viva", que delimitava o parque ao sul do Sapateiro (p. 50). Posso comprovar esse primeiro plantio comparando a carta Sara Brasil, 1930 (p. 48) – cuja legenda especifica que a linha dupla de cima é um "vallo" – com a aerofoto de 1940 (p. 67) e as fotos das obras de 1935 (pp. 64 e 65).

Canalização do córrego do Sapateiro, 1950. Retratado por um dos engenheiros da obra, na região do Ibirapuera. Foto sem autoria. Fonte: rmgouvealeiloes.com.br.

A família Etzel, na Luz, 1911. Antônio Etzel e Arthur Etzel (à direita), seu primogênito e herdeiro na administração das áreas verdes municipais de São Paulo. Foto na Casa do Administrador, no Jardim da Luz, onde moraram de 1900 até a morte de Arthur, em 1971. Fonte: "A Casa do Administrador", PMSP, 2008.

Segundo Vladimir Bartalini, no excelente artigo publicado na revista "Pós", da FAU-USP, em 2017, Antônio Etzel esteve à frente da Administração dos Jardins Públicos e Arborização de 1900 até sua morte, em 1930, quando passou o cargo para seu filho Arthur Etzel. **"[...] foi sob a coordenação dos Etzel que se executaram e se mantiveram a arborização e os jardins públicos da capital até a reforma administrativa do prefeito Fábio Prado, em 1935, com a criação da Divisão de Parques, Jardins e Cemitérios."**

O texto já mencionado de Eduardo Etzel é bastante claro ao explicar o funcionamento desse importante serviço municipal, pouco documentado: **"Sabemos a modéstia da administração dos jardins nas primeiras décadas deste século. Uma empresa por assim dizer doméstica, na qual dois homens, o administrador e seu ajudante, formavam o quadro dirigente (técnica, contabilidade e secretaria), suficiente para um grupo de operários pequeno, mas adequado. Havia a turma de jardinagem, a dos cortadores de grama, a dos podadores, os carroceiros, a turma de limpeza, os guardas presentes em todas as praças ajardinadas, e finalmente os operários que reforçavam esta ou aquela falha de pessoal, permitindo que o serviço fluísse normalmente".**

É importante salientar que a mudança do Viveiro Municipal para o Vazio do Ibirapuera, com a instalação de equipamentos e replantio de mudas, era uma "aposta", pois a área sobre a qual se instalou seria destinada ao novo Jóquei, a partir de 1929, assunto só resolvido em 1933, do qual falarei mais adiante. Esse início incerto do viveiro, sempre com "alguém" pressionando por sua saída do parque, foi uma constante ao longo dos anos e só terminou em 1992, com o tombamento do Parque Ibirapuera.

Nesse primeiro ano da gestão Pires do Rio, foi feita a drenagem do terreno alagadiço, que a prefeitura chamava de Várzea do Ibirapuera. Vários canais de drenagem são vistos nas folhas 64 e 65 do Sara Brasil 1930 (p. 50), feitos a partir de fotos aéreas tiradas no final dos anos 20. Esses drenos encontram-se tanto ao sul do Sapateiro como também na Invernada dos Bombeiros, principalmente entre as ruas Abílio Soares e Manoel da Nóbrega.

Segundo o Relatório da Prefeitura do triênio 1926-28, publicado em janeiro de 1929 no jornal "O Estado de S. Paulo", que apresentarei adiante, a Prefeitura informa ter feito o plantio de árvores no parque, porém não especifica as espécies plantadas nem os locais de plantio. Posso agora afirmar que esse primeiro plantio das "bombas australianas" acompanhou a margem sul do Sapateiro, formando a "cerca viva", ao norte do futuro Viveiro Municipal.

Fabiano Lemes de Oliveira, na sua dissertação de mestrado "Projetos para o Parque Ibirapuera: de Manequinho Lopes a Niemeyer (1926-1954)", 2003, cita: **"A plantação dos eucaliptos, em grande número sob a lógica da eficiência botânica, ao olhar mais cuidadoso, demonstra respeitar linhas diretoras, desenhos que permitissem o aproveitamento mais racional das mudas e a melhor ocupação da área. [...] Há um número maciço de árvores, próximas e relacionadas por linhas geométricas claras. A plantação não se deu a esmo ou de modo aleatório, teve uma preocupação racionalista de resolver um problema da melhor forma possível para o momento, além de contribuir para a construção da paisagem com a marcação de grandes massas de vegetação, balizando o local, construindo os seus primeiros referenciais verticais".**

Há uma especulação recorrente que o autor desse plantio foi Manequinho Lopes, que apresentarei também mais adiante, a quem também é creditada a transferência do Viveiro do Jardim da Luz para o Ibirapuera, em 1928. Explicarei por que é pouco provável que ele tenha comandado ou mesmo participado de qualquer acão no parque, antes de 1934. Até hoje, nenhum documento, depoimento ou foto que corroborem esses fatos foram encontrados.

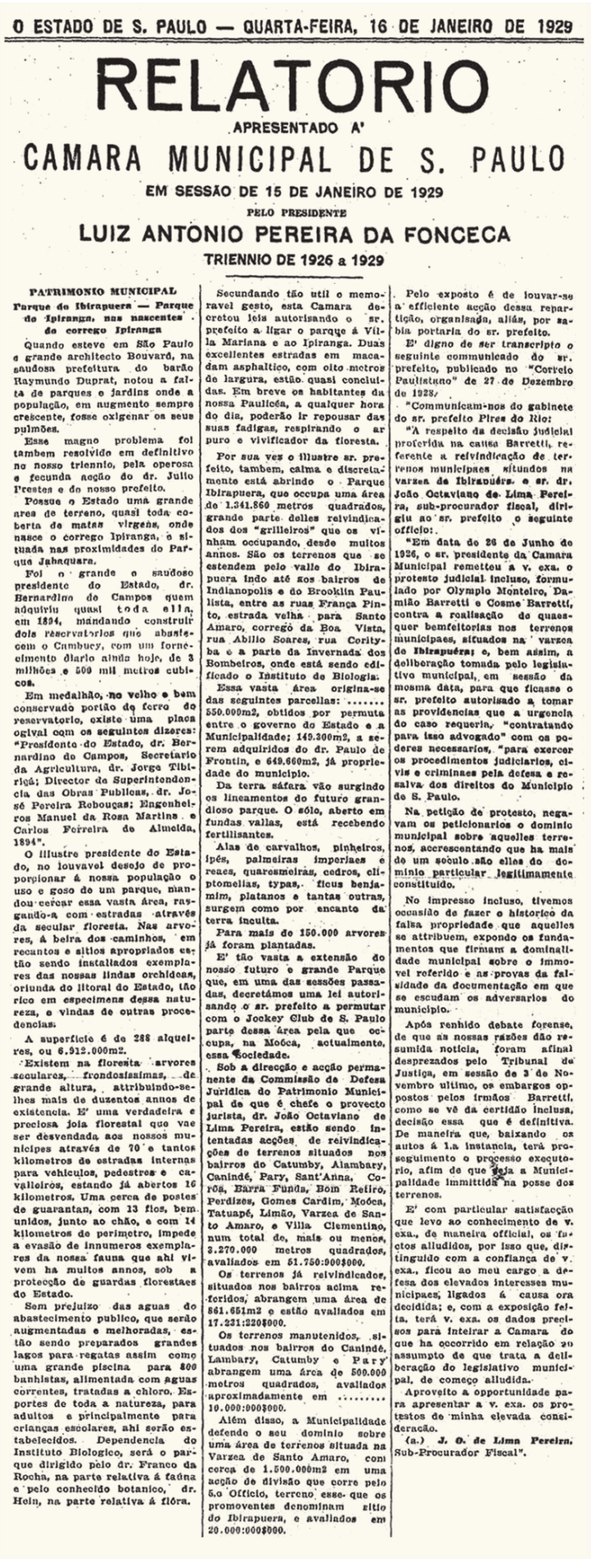
Concluindo a polêmica dos eucaliptos, posso presumir que esse primeiro plantio, feito pela Prefeitura entre 1926 e 1928, foi executado pela Inspetoria dos Jardins Públicos, sob a direção de Antônio Etzel, acompanhado por seu filho, Arthur Etzel, seu ajudante desde 1909 e operário da Prefeitura desde 1906, aos 16 anos!

Abro aqui um parêntese para falar do primeiro inquilino do Ibirapuera, nunca citado na literatura acadêmica mas que teve um papel importante na criação da paisagem do parque. Em 1927, a União Internacional de Proteção Animal (UIPA), criada em 1895, toma posse do seu terreno, de 13.200 m^2, no Jardim Luzitânia, na Rua França Pinto (atual IV Centenário), inicialmente com a implantação de um Hospital Zoófilo provisório. Em 1929, inaugura um complexo que agrupa todos os setores da UIPA: hospital, asilo e cemitério de animais.

O Hospital Zoófilo da UIPA deixou para o parque, além da lápide do cachorro Pinguim e da cruz de pedra do pastor alemão, uma bela mata, dentro e ao redor do seu terreno. Pela aerofoto de 1940 e pelas fotos antigas da instituição (ao lado), pode-se ver que toda a área foi bastante arborizada, especialmente a necrópole. Esse local (atual pista de cooper) abriga hoje o maior agrupamento arbóreo do parque, com os indivíduos de maior "valoração biométrica", conceito que desenvolverei na Terceira Parte desta monografia. Muitas árvores antigas, nativas e exóticas, inclusive eucaliptos, foram a herança do complexo UIPA, que mudou-se para o Pari em 1972.

Hospital, Asilo e Cemitério Zoófilo da UIPA, déc.1950. Inaugurado em 1929, onde hoje é a pista de cooper, o complexo da UIPA foi o primeiro inquilino do Ibirapuera, ocupando esse terreno desde 1927. As últimas lápides da necrópole foram transferidas para o Pari, em 1972. Fotos sem autoria. Fonte: uipa.org.br.

“Estadão”, 16.JAN.1929, p. 4. Relatório da gestão Pires do Rio, apresentado à Câmara Municipal, referente ao triênio 1926-28. Acervo OESP.



O ESTADO DE S. PAULO — QUARTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1929

RELATORIO

APRESENTADO A'

CAMARA MUNICIPAL DE S. PAULO

EM SESSÃO DE 15 DE JANEIRO DE 1929

PELO PRESIDENTE

LUIZ ANTONIO PEREIRA DA FONCECA

TRIENNIO DE 1926 a 1929

PATRIMONIO MUNICIPAL

Parque do Ibirapuera — Parque do Ipiranga, nas nascentes do corrego Ipiranga

Quando esteve em São Paulo o grande architecto Bouvard, na saudosa prefeitura do barão Raymundo Duprat, notou a falta de parques e jardins onde a população, em augmento sempre crescente, fosse oxigenar os seus pulmões.

Esse magno problema foi tambem resolvido em definitivo no nosso triennio, pela operosa e fecunda acção do dr. Julio Prestes e do nosso prefeito.

Possue o Estado uma grande area de terreno, quasi toda coberta de matas virgens, onde nasce o corrego Ipiranga, o situada nas proximidades do Parque Jabaquara.

Foi o grande e saudoso presidente do Estado, dr. Bernardino de Campos quem adquiriu quasi toda ella, em 1894, mandando construir dois reservatorios que abastecem o Cambucy, com um fornecimento diario ainda hoje, de 3 milhões e 500 mil metros cubicos.

Em medalhão, no velho e bem conservado portão de ferro do reservatorio, existe uma placa ogival com os seguintes dizeres: "Presidente do Estado, dr. Bernardino de Campos, Secretario da Agricultura, dr. Jorge Tibiriçá; Director de Superintendencia das Obras Publicas, dr. José Pereira Rebouças; Engenheiros Manuel da Rosa Martins e Carlos Ferreira de Almeida, 1894".

O illustre presidente do Estado, no louvavel desejo de proporcionar á nossa população o uso e goso de um parque, mandou cercar essa vasta área, rasgando-a com estradas através da secular floresta. Nas arvores, á beira dos caminhos, em recantos e sitios apropriados estão sendo installados exemplares das nossas lindas orchideas, oriunda do litoral do Estado, tão rico em especimens dessa natureza, e vindas de outras procedencias.

A superficie é de 288 alqueires, ou 6.912.000m2.

Existem na floresta arvores seculares, frondosissimas, de grande altura, attribuindo-selhes mais de duzentos annos de existencia. E' uma verdadeira e preciosa joia florestal que vae ser desvendada aos nossos municipes através de 70 e tantos kilometros de estradas internas para vehiculos, pedestres e cavalleiros, estando já abertos 16 kilometros. Uma cerca de postes de guarantan, com 13 fios, bem unidos, junto ao chão, e com 14 kilometros de perimetro, impede a evasão de innumeros exemplares da nossa fauna que ahi vivem ha muitos annos, sob a protecção de guardas florestaes do Estado.

Sem prejuizo das aguas do abastecimento publico, que serão augmentadas e melhoradas, estão sendo preparados grandes lagos para regatas assim como uma grande piscina para 800 banhistas, alimentada com aguas correntes, tratadas a chloro. Esportes de toda a natureza, para adultos e principalmente para crianças escolares, ahi serão estabelecidos. Dependencia do Instituto Biologico, será o parque dirigido pelo dr. Franco da Rocha, na parte relativa á fauna e pelo conhecido botanico, dr. Hein, na parte relativa á flóra.

Secundando tão util o memoravel gesto, esta Camara decretou leis autorisando o sr. prefeito a ligar o parque á Villa Mariana e ao Ipiranga. Duas excellentes estradas em macadam asphaltico, com oito metros de largura, estão quasi concluidas. Em breve os habitantes da nossa Paulicéa, a qualquer hora do dia, poderão ir repousar das suas fadigas, respirando o ar puro e vivificador da floresta.

Por sua vez o illustre sr. prefeito, tambem, calma e discretamente está abrindo o Parque Ibirapuera, que occupa uma área de 1.341.860 metros quadrados, grande parte delles reivindicados dos "grileiros" que os vinham occupando, desde muitos annos. São os terrenos que se estendem pelo valle do Ibirapuera indo até aos bairros de Indianopolis e do Brooklin Paulista, entre as ruas França Pinto, estrada velha para Santo Amaro, corrego da Boa Vista, rua Abilio Soares, rua Corityba e a parte da Invernada dos Bombeiros, onde está sendo edificado o Instituto de Biologia.

Essa vasta área origina-se das seguintes parcellas: ..... 550.000m2, obtidos por permuta entre o governo do Estado e a Municipalidade; 149.300m2, a serem adquiridos do dr. Paulo de Frontin, e 649.660m2, já propriedade do municipio.

Da terra sáfara vão surgindo os lineamentos do futuro grandioso parque. O sólo, aberto em fundas vallas, está recebendo fertilisantes.

Alas de carvalhos, pinheiros, ipés, palmeiras imperiaes e reaes, quaresmeiras, cedros, cliptomelias, typas, ficus benjamim, platanos e tantas outras, surgem como por encanto da terra inculta.

Para mais de 150.000 arvores já foram plantadas.

E' tão vasta a extensão do nosso futuro e grande Parque que, em uma das sessões passadas, decretámos uma lei autorisando o sr. prefeito a permutar com o Jockey Club de S. Paulo parte dessa área pela que occupa, na Moóca, actualmente, essa Sociedade.

Sob a direcção e acção permanente da Commissão de Defesa Juridica do Patrimonio Municipal de que é chefe o proyecto jurista, dr. João Octaviano de Lima Pereira, estão sendo intentadas acções de reivindicações de terrenos situados nos bairros do Catumby, Alambary, Canindé, Pary, Sant'Anna, Corôa, Barra Funda, Bom Retiro, Perdizes, Gomes Cardim, Moóca, Tatuapé, Limão, Varzea de Santo Amaro, e Villa Clementino, num total de, mais ou menos, 3.270.000 metros quadrados, avaliados em 51.750:900$000.

Os terrenos já reivindicados, situados nos bairros acima referidos, abrangem uma área de 861.651m2 e estão avaliados em 17.231:220$000.

Os terrenos manutenidos, situados nos bairros do Canindé, Lambary, Catumby e Pary abrangem uma área de 500.000 metros quadrados, avaliados aproximadamente em ..... 10.000:000$000.

Além disso, a Municipalidade defende o seu dominio sobre uma área de terrenos situada na Varzea de Santo Amaro, com cerca de 1.500.000m2 em uma acção de divisão que corre pelo 5.o Officio, terreno esse que os promoventes denominam sitio do Ibirapuera, e avaliados em 20.000:000$000.

Pelo exposto é de louvar-se a efficiente acção dessa repartição, organisada, aliás, por sabia portaria do sr. prefeito.

E' digno de ser transcripto o seguinte communicado do sr. prefeito, publicado no "Correio Paulistano" de 27 de Dezembro de 1928:

"Communicam-nos do gabinete do sr. prefeito Pires do Rio:

"A respeito da decisão judicial proferida na causa Barretti, referente a reivindicação de terrenos municipaes situados na varzea de Ibirapuéra, o sr. dr. João Octaviano de Lima Pereira, sub-procurador fiscal, dirigiu ao sr. prefeito o seguinte officio:

"Em data de 26 de Junho de 1926, o sr. presidente da Camara Municipal remetteu a v. exa. o protesto judicial incluso, formulado por Olympio Monteiro, Damião Barretti e Cosme Barretti, contra a realisação de quaesquer bemfeitorias nos terrenos municipaes, situados na varzea de Ibirapuéra; e, bem assim, a deliberação tomada pelo legislativo municipal, em sessão da mesma data, para que ficasse o sr. prefeito autorisado a tomar as providencias que a urgencia do caso requeria, "contratando para isso advogado" com os poderes necessarios, "para exercer os procedimentos judiciarios, civis e criminaes pela defesa e ressalva dos direitos do Municipio de S. Paulo.

Na petição de protesto, negavam os peticionarios o dominio municipal sobre aquelles terrenos, accrescentando que ha mais de um seculo são elles do dominio particular legitimamente constituido.

No impresso incluso, tivemos occasião de fazer o historico da falsa propriedade que aquelles se attribuem, expondo os fundamentos que firmam a dominalidade municipal sobre o immovel referido e as provas da falsidade da documentação em que se escudam os adversarios do municipio.

Após renhido debate forense, de que as nossas razões dão resumida noticia, foram afinal desprezados pelo Tribunal de Justiça, em sessão de 3 de Novembro ultimo, os embargos oppostos pelos irmãos Barretti, como se vê da certidão inclusa, decisão essa que é definitiva. De maneira que, baixando os autos á 1.a instancia, terá proseguimento o processo executorio, afim de que seja a Municipalidade immittida na posse dos terrenos.

E' com particular satisfacção que levo ao conhecimento de v. exa., de maneira official, os factos alludidos, por isso que, distinguido com a confiança de v. exa., ficou ao meu cargo a defesa dos elevados interesses municipaes, ligados á causa ora decidida; e, com a exposição feita, terá v. exa. os dados precisos para inteirar a Camara do que ha occorrido em relação ao assumpto de que trata a deliberação do legislativo municipal, de começo alludida.

Aproveito a opportunidade para apresentar a v. exa. os protestos de minha elevada consideração.

(a.) **J. O. de Lima Pereira**, Sub-Procurador Fiscal".

Minha maior fonte de pesquisa nesse período de formação do parque, de 1927 a 1938, foi o acervo do jornal "O Estado de S. Paulo" (Estadão) que, apesar das informações pouco referenciadas e de um texto narrativo pouco específico, consegue fornecer dados conclusivos, especialmente quando cruzados com outras fontes, para formar um quadro suficientemente preciso do momento histórico.

No já referido relatório da Prefeitura publicado em janeiro de 1929, o subprocurador-fiscal, José Otaviano de Lima Ferreira, anuncia: **"O ilustre sr. prefeito está calma e discretamente abrindo o Parque Ibirapuera, que ocupa uma área de 1.341.860 m², grande parte deles, reivindicados dos grileiros, que os vinham ocupando desde muitos annos"**.

Ele também especifica a origem das terras que formam o parque: **"550.000m² obtidos por permuta entre o Governo do Estado e a Municipalidade, 149.300m² a serem adquiridos do dr. Paulo de Frontin, e 649.660m² já propriedade da prefeitura"**.

Em seguida faz uma descrição das obras feitas pela administração, além de se gabar de terem vencido os **"renhidos embates forenses"** e conseguido a posse dos terrenos do parque: **"Da terra sáfara vão surgindo os lineamentos do futuro grandioso parque. O solo, aberto em fundas valas, está recebendo fertilizantes. Alas de carvalhos, pinheiros, ipês, palmeiras imperiaes e reais, quaresmeiras, cedros, cliptomelias, typas, ficus benjamina, platanos e tantas outras, surgem como por encanto da terra inculta."** Mas, em seguida, faz uma declaração fantasiosa de que **“para mais de 150.000 árvores já foram plantadas.”** Mas não deixa claro se são no Parque Ibirapuera ou na cidade toda. Sabe-se que o Parque Ibirapuera hoje abriga 15.066 indivíduos arbóreos, dos quais 2.431 são eucaliptos!

Na prestação de contas deste mesmo relatório, de 1929, a Prefeitura discrimina os valores gastos com **"Desapropriações e Despesas no Parque Ibirapuera"**. Em outro relatório, de julho do mesmo ano (ao lado), volta a discriminar gastos com **"Obras no Parque Ibirapuera"**.

João Ferreira e sua mulher, em que pretendem offerecer quesitos supplementares, quando os seus primeiros quesitos' somente foram apresentados no acto da victoria;

segundo a prisão administrativa dos fallidos Amad Issa & Irmãos, por autos de impugnação de credito de Nader Abrahão Nork e mandando designar dia e hora para que os fallidos prestem declarações na mesma impugnação,

mantendo, em recurso de aggravo o despacho que negou seguimento á appellação interposta por Arthur A. Mariano Fagundes e sua mulher, na acção de manutenção de posse que moveu a Oscar Rodrigues e outro, porquanto a appellação já fôra declarada deserta quando provido o aggravo pelos mesmos interposto do despacho que recebeu a appellação num só effeito;

despregando seguimento ao aggravo interposto por José Pinto da Silva e sua mulher, na acção de manutenção de posse em que bontendem com Domingos Panarello e sua mulher;

Julgando por sentença a justificação requerida por Gastão Grassi Saraiva para o effeito de rectificação de registo.

*

Havendo vicio occulto da coisa comprada, o comprador pode deixar de pagar o preço, não obstante a entrega.

Para isso, é preciso que haja reclamação dentro de 10 dias.

Não extinndo essa reclamação, os riscos são do comprador.

O dr. Laudo Ferreira de Camargo, juiz de direito da 1.a vara civel e commercial, proferiu a seguinte decisão:

"A hypothese é a seguinte:

Um commerciante desta cidade vendeu a outro da mesma praça, em cinco partidas, 90 latas de manteiga, sendo que as vendas tiveram logar discriminadamente nos dias 3, 7, 11, 14 e 18 de Junho de 1928 e pelo preço de $1632.

A 30 de Julho seguinte, enviaram os compradores um "memorandum" ao vendedor, dizendo que não podiam acceitar as duplicatas recebidas e que as devolviam, porque, parte da mercadoria tinha sido apprehendida pelo Serviço Sanitario, e parte ficára á sua disposição, com os freguezes a quem haviam revendido.

Não se conformando com essa attitude, o vendedor veiu a juizo com esta ordinaria, para compellir os compradores ao cumprimento do contratado.

Disse, então, que só foram apprehendidas 14 latas das 90 vendidas e isso mesmo a 21 de Julho, depois do "memorandum" de 30, collocado no Correio a 31.

2.º que os vendedores, não querendo pagar o preço, adulteraram a manteiga e chamaram o Serviço Sanitario, para a apprehensão, que teve logar sobre latas já abertas.

Sempre vendeu, e continua vendendo, o producto, com analyses favoraveis dos poderes publicos.

Não póde, pois, ser prejudicado pelo proceder irregular dos compradores, que nenhuma reclamação offereceram no prazo legal de 10 dias.

Disseram antes, em defesa, que a compra foi feita e pelo preço pedido.

Mas a operação não podia subsistir.

3.º que houve apprehensão de parte da mercadoria e parte recebida por freguezes, devido á condemnação, por nociva á saude.

E o que é nocivo não póde ser objecto do commercio.

Facil resolver esta contenda.

Trata-se de compra e venda mercantil, contrato sujeito a certas e determinadas regras, a que (se não é feito transgredir.

Por certo que, quem compra, não póde ficar sujeito aos vicios occultos da coisa, de modo a torna-la improria ao uso a que é destinada ou a diminuir-lhe o valor.

E o facto da entrega não prejudica o direito advindo do acto irregular constatado.

Dahi este preceito do Cod. Com.:

"O vendedor, ainda depois da entrega, fica responsavel pelos vicios e defeitos occultos da coisa vendida, que o comprador não podia descobrir antes de a receber (art. 210)".

Em correspondencia com esse preceito ha um outro, que o fiscar com a mercadoria, pondo-a á disposição dos revendedores.

Nenhuma prova, no entretanto, se addusiu nesta particular.

O representante dos rus o que depoz foi o seguinte: "que não póde se lembrar o nem dizer quem são esses compradores que devolveram a manteiga".

Vê-se de todo o exposto que não houve observancia das regras que pudessem resguardar quaesquer direitos feridos.

Por certo que a lei pune a fraude e a justiça não n'a pode legitimar.

Urge, porém, venha com a prova devida e segundo o prescripto nos textos legaes.

Vale dizer que, sobre falta constatada, se reclame em tempo habil.

E isso não fizeram os compradores.

O que resta, para o julgador se pronunciar, se reduz a isto: — compra e venda perfeita e preço, certo e confessado, por ser pago.

Nestas condições, julgo procedente a acção, para condemnar os reus no pedido e custas.

P. R. I.

São Paulo, 10 de Julho de 1929.

— Laudo Ferreira de Camargo".

Forum Criminal

PRONUNCIAS — O dr. Hercuiano de Carvalho, juiz da 4.a vara, na exposição-crime contra o dr. Josephina Ribeiro, viuva da victima, pronunciou Joaquim Marques da Silva, Alcibiades Barreto, por ter assassinado José Julio Ribeiro, a tiros de revolver, no dia 6 de Junho ultimo, cerca das 18 horas, no largo dos Correios.

— O dr. Mamede da Silva, juiz da 1.a vara, pronunciou Eduardo Gloriano Martins, como autor de crime de estellionato, na importancia de 2?$000, praticado contra Victor Nunes Faxinga, no dia 19 de Novembro de 1925, casa n. 9 da rua Capitão Rabello.

"HABEAS CORPUS" — Perante os juizos da 3.a e 4.a varas, foram hontem impetradas ordens de "habeas corpus" a favor de João Marino, Eduardo Oliveira e José Augusto Proença, allegando achar-se illegalmente presos, os dois primeiros no Gabinete de Investigações e o ultimo na 2.a delegacia de policia.

Foram solicitadas á autoridade competente as necessarias informações e a apresentação dos pacientes para amanhan, ás 14 horas, no Forum Criminal.

DENUNCIAS — O dr. Vicente de Azevedo, promotor adjunto em exercicio na 1.a vara, denunciou Avelino Pedroso de Toledo, que, no dia 24 de Abril deste anno, cerca das 20 horas, aggrediu e feriu levemente a Antonio Benedicto da Cruz, com um tiro de espingarda.

— O mesmo promotor apresentou denuncia contra José Pinto Ferreira, pelo facto de ter aggredido a sua cunhada Christalina Larsen Ferreira, produzindo-lhe offensas physicas leves, no dia 1 de Junho do corrente anno, na rua Oriente.

Tribunal do Jury

O julgamento, perante o Tribunal do Jury, do reu preso Manuel José Custodio, autor dos assassinios de Arrdo Guedes de Mello e Manuel dos Santos Valdijos, mais conhecido por Manuel Caipora, tuliendo ante-hontem, prolongou-se até ás 4 1/2 da hontem.

Sustentada a justificativa da legitima defesa propria a favor do reu, o Jury acceitou-a quanto ao crime praticado contra Valdijos, absolvendo-o por unanimidade de votos, e negou-a, em relação ao outro homicidio, condemnando-o, por 5 votos, á pena minima de 6 annos de prisão cellular.

Não se conformando com a decisão condemnatoria, o reu appellou da mesma para o Tribunal de Justiça.

Por se ter prolongado até alta hora da madrugada a sessão do Jury, não houve hontem, á hora do costume, chamada de jurados.

PALCOS E CIRCOS

Noticias theatraes

Em São Paulo

COMPANHIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO NO SANT'ANNA — Já hoje sem novidade, peça da temporada que vem fazendo o Sant'Anna a excellente companhia de comedia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Será representada a comedia "Diemonio", de Fernanda Curto, original de grande exito na recente temporada do Rio de Janeiro, cabendo aos nossos patricios distribuidos:

Martha Mendonça, Amelia Rey Colaço; Manuel de Castro, Robles Monteiro; João Maia, Luiz de Campos; major Taveira, Vital dos Santos; Nuno Silveira, José de Almeida; Florindo Mendonça, Delmiro Rego; Valdez, Assis Fachecco; Jenny Valdez, Maria Giraldez; Constança, Maria Fomentina; Maria Manuela, Maria Christina; Nathalia, Emilia de Oliveira.

Amanhan, segunda, "Tropas" — COMPANHIA KATHE COSTA NO APOLLO — SUA ESTREIA HOJE — Com a peça "Travessuras de Bertha", inicia hoje uma pequena temporada no Theatro Apollo a Companhia de Comedia Jayme Costa, que confiou os papeis principaes deste trabalho ao actor Jayme Costa e ás artistas Zygia Sarmento e Dulcina de Moraes. Apresentam-se-ão, tambem, em varios papeis, os artistas Aristeides Penna, Telxeira Pinto e Abel Rosado e a sra. Lolita de Oliveira.

— REVISTAS E RAINETES NO BOA VISTA — "Ko-ko-ro-kó" e "Mimosa" são as peças que esta noite a Companhia Lyon Gaster vae representar no Theatro Boa Vista.

Amanhan, "O rei da velocidade" e "Como é que pode" — COMPANHIA ALDA GARRIDO NO CASINO — Mantem-se as cartas do Casino Antarctica, onde tem sido bastante apreciada, a burleta-revista "Seu Julinho vem...", que hoje a Companhia Alda Garrido porá em scena, em ambas as sessões.

COMPANHIA DE OPERETAS NO APOLLO — Vae estrear sabbado proximo, no Theatro Apollo, a Companhia Italiana de Operetas "Reichel", da qual faz parte a sra. Anita Orizona.

A estréa será com a peça "Scugnizza", de Costa e Lombardo, a cuidado dos artistas Campilli, Borié, Marangoni, Venusta Carlotti e Gina Bianchi.

Os espectaculos terão preços populares.

No exterior

NORTE DE GARIBALDA NICOLI — Florença, 10 (A.) — Falleceu, nesta cidade, a popularissima, intelligente e dedicada actual toscano e veneziano sra. Garibalda Nicoli.

Espectaculos de hoje

Sant'Anna — Companhia de Comedia Rey Colaço-Robles Monteiro — "Demonio", ás 20 horas e 45 minutos.

Apollo — Companhia de Comedia Jayme Costa — "Travessuras de Bertha", ás 20 e ás 22 horas.

Boa Vista — Companhia de Revistas e Salnetes — "Mimosa roceira" e "Ko-ko-ro-kó", ás 20 e ás 22 horas.

Casino — Companhia de Revistas Alda Garrido — "Seu Julinho vem...", ás 20 e ás 22 horas.

Circo Piolin e Alcibiades — Avenida São João, 192. — Attracções e variedades, ás 21 horas.

Circo Queirolo — Rua Formosa, 20 — Attracções e variedades, ás 21 horas.

CINEMATOGRAPHOS

"Sonho Doirado", no "Alhambra"

Mocinha de theatro... "Show Girl"...

Não conheço, nunca li o livro de J. P. Mc Evoy, de que a First National fez esta fita — "Sonho Doirado" —, que o "Alhambra" está exhibindo. Mas tenho certeza de que é um livro muito divertido: pelo menos, vi divertido quanto o film (o que já não é pouco).

O verdadeiro titulo desta comedia devia ser esta: "Como se faz uma estrella". Ella expõe, com grande espirito e fina observação, todo o complicado, embutino processo que uma criatura tem que seguir se quizer, algum dia, "ser alguma coisa" neste mundo: grande mundo encantil, muito parecido com um desses tapumes de arranha-céo que o domo constantemente aluga para ser cobrir de cartazes, lata, to é, para "render" alguma coisa.

Comprehende-se bem que um thema destes só poderia ser tratado como foi: com constante ironia.

O sr. e sra. Dugan (James Finlayson e Kate Price), paes da futura "estrella", caricaturam com muito "humour" a vidinha intima de certos casaes cuja unica infelicidade consiste em acreditar nestas tres coisas: no radio, no fo-linismo e no casamento das filhas. Denny (Lee Moran) é um tyro relativamente positivo: faz versos um dia sim, uma noite não — e é esse o facto com que pretendo pescar uma das filhas do casal. Jimmy (Charles Delaney) é o "rapaz que vence na vida": quasi sem querer, como acontece com todos os rapazes que vencem na vida. Milton (Richard Tucker) faz de milionario — bolo, um tanto profissão que, no Brasil, tem titulo e honras militares... Alvaro Bonjano (Donald Reed) é o latino esquentado, lombrosiano, cabelludo, de corsteletas (navalha, para essa gente, só presta para degollar amantes, ou praticar laparotomias em rivaes): tangomano, dá o tango-lo-mango nelle... Nita Dugan (Gwen Lee) é uma pequenina ajuitada; que dizer: não existe. Eppus e Kibbitzer (Hugh Roman e Bernard Randall) são os inevitaveis comicos classicos empresarios que estragam as mãos, torcem os bigodes, etc.. Afinal — os ultimos serão os primeiros — a estrella (Alice White): a mocidade do seculo, a alegria, a vida, o anjo do chiiren ou o demonio de saias: em summa, a gloria da familia, do casamento, dos empresarios, etc....

Ora, ponha-se essa gente torcida num bom "shaker" de cocktail, misture-se com um pouco de romance, bastante graça, todo o "syrup" ou toda a "angostura" da vida moderna (cabarets, jazz, danças, palcos, policias, jornaes, Broadway, vestidos, joias, apparta mentos...), bata-se bem e sirva-se com Alice White, isto é, com o summo e a casquinha de limão em cima ("esquese lemon peal on top" — como diz o recaltuario).

Eis ahi "Sonho Doirado" ("Show Girl"), que o "Alhambra" está servindo á sua lindo freguezia.

G.

Cartazes de hoje

ALHAMBRA — "Sonho doirado".

ASTURIAS — "O aventureiro" e "Romance de um condemnado".

AVENIDA — "O nivel do amor" e "Marido ideal".

BRAZ POLYTHEAMA — "O poder do silencio" e "O aventureiro".

CAMBUCY — "O destino de um milhão" e "O fanatico".

CAPITOLIO — "Entre 4 paredes" e "Romance de um condemnado".

CENTRAL — "A divina dama" e "Que rapaz esperto!".

COLOMBINHO — "Na vertigem do galope" e "Tarzan o poderoso".

COLOMBO — "O poder do silencio" e "Romance de um condemnado".

COLYSEU — "Sangrenta noite nupcial" e "Marido ideal".

GLORIA — "Camaradagem" e "Preço da ventura".

MAFALDA — "Entre 4 paredes" e "O heroe dos arranha-ceos".

MARCONI — "O fanatico" e "No desfiladeiro do occaso".

MODERNO — "A ultima ameaça" e "Amores de apache".

ODEON — "Mulher enigma" e "Paixão sem freio".

OLYMPIA — "Viagem de repouso" e "O romance de Lena".

PARAHSO — "A divina dama" e "Quando o homem ama".

CINE-PARAMOUNT — "A canção do lobo".

PAULISTANO — "Sonho de amor" e "A mulher fatidica".

PHENIX — "Os cossacos".

REPUBLICA — "O preço da belleza" e "Vivendo alto".

ROYAL — "O heroe dos arranha-ceu" e "Quando o amor renasce".

SANTA HELENA — "No dominio de satan" e "Marido ideal".

SANTO ANTONIO — "Sangue de bohemio" e "Cupido em bycicleta".

S. BENTO — "Quando os sonhos se realisam".

S. JOSÉ — "O charlatão" e "O vencedor de improviso".

S. PAULO — "Prisioneira de Shangai" e "Tarzan o poderoso".

S. PEDRO — "A hygiene do casamento".

TRIANGULO — "Astucia de mulher".

RADIOTELEPHONIA

SOCIEDADE RADIO-EDUCADORA PAULISTA P. R. A. B.

Onda, 360 mts. — Potencia, 1.000 watts

Irradiação de hoje:

11,30 — 12,30 horas — Programma de discos.

12 horas — Hora official — Noticias diversas — Preço de abertura da Bolsa de mercadorias, dos mercados de cambio e Café.

14,30 — 15 horas — Programma de discos "Pariophon" da Casa G. Ricordi & Cia.

17,30 — 17,40 horas — Preço do fechamento da Bolsa de Mercadorias, dos mercados de cambio e café, noticias diversas.

17,40 — 17,55 horas — "Quarto de hora da criança" (Conto da tia Brasilia).

19,30 — 20,30 horas — Programma de musica leve a cargo da orchestra.

Numeros de canto pela soprano senhorita Dorothy Ennor.

20,30 — 20,45 horas — Boletim de informações: repetição do preço de fechamento da Bolsa de Mercadorias, dos mercados de cambio e café, noticias de ultima hora, previsão do tempo (serviço Federal). Telegrammas do paiz e do exterior.

20,45 — 21,45 horas — Programma de musica final: Solos de violino pelo sr. Gino Alfonsi; solos de harpa pela professora Olga Costabile; solos de piano pela senhorita Irene Tocchio; sextoto da Radio Educadora, allegando achar-se illegalmente presos, os dois primeiros no Gabinete de Investigações e o ultimo na 2.a delegacia de policia.

21,45 horas em diante — Programma variado: — Jazz-band — Grupo Regional — Canções pela soprano senhorita Abigail Parecki; canções pelo sr. Jayme Redondo; duo de violões pelos srs. Pedro de Simoni e sra. Aurora Lemos; solos diversos.

P. R. A. B.

RADIO SOCIEDADE RECORD

Onda 290 mts. potencia 500 wts.

Programma de hoje:

Das 15 ás 16 1/2 e das 20 1/2 ás 21 horas — Programma de discos.

A's 21 horas — Cotações do cambio, algodão e café, ultimas noticias.

Das 21,10 em diante — Programma variado.

Solos de violão pelo sr. Lauzea Sobrinho.

Solos de violino pelo prof. João Lucchesi.

Emboladas ao violão pelo Bimbo.

Numeros da canto por diversas amadoras.

Programma pelo Trio Zanni, Bentivegna e Salmaso.

Dvorak — Danse Slave n. 6; Yashitomo — Suite Japonaise; Chopin-Sarrazate — Nocturno em mi bemol, pelo prof. Zanni; J. Padilla — Serenata; Dominique — Dive, vains lonis; Poderewski — Minueto; Moszkowski — Bolero.

Uma data lutuosa

Sob este titulo, li no "Estado" de hoje, com a maior emoção, que o dia 3 do mes corrente recordou um acontecimento doloroso para a Alcidalina. Foi um concerto de que todos sabiram satisfeitos: artistas e publico.

BERTA SINGERMAN

Para sua segunda audição em S. Paulo, a se realisar esta noite, no Theatro Municipal, a notavel declamadora argentina Berta Singerman escolheu um programma no qual figuram varias producções poeticas de lingua portugueza, quasi todas traduzidas para o hespanhol, mas uma delias conservada em portuguez, para que não perca seu sabor caracteristico, pois que se trata de "Pregões do Rio", de Alvaro Moreira.

Na integra a lista de numeros do recital de hoje está assim organisada:

I

Vicente de Carvalho — "La fuente y la flor" (traducção Roccuant).

Walt Whitman — "Una hora de alegria y de locura" (trad. Vasseur).

Leopoldo Lugones — "El canto de la angustia".

Camões — "Letrilla" (trad. Gil).

Alvaro Moreira — "Pregões do Rio".

Ruben Dario — "Los motivos del lobo".

II

J. Ramon Jimenez — "Platero yo" (elegia andaluza): Platero — La arruladora — Angelus — El loro — El niño tonto — Tormenta. — Alcbrichagos — El canario se muere — Primavera.

III

H. Heine — "Las ondinas".

Quintanilla — "Desesperación".

Luis Peixoto — "Felicidad" (traducção Quintanilla).

Martens — "Silencio" (trad. Novo).

"Bambo-bumbo", motivo popular do Brasil (anonymo — traducção E. S.).

Carlos Sabat Ercasty — "Alegria del mar".

A audição terá inicio ás 21 horas.

SIMÃO DA VEIGA

E' amanhan que se realisa a abertura da exposição de quadros do notavel pintor portuguez Simão da Veiga, considerado um dos maiores antiquiristas da peninsula iberica.

A atrahente collecção, que fez parte da galeria de arte do sr. visconde de Souza Prego, será exposta na Casa Assumpção, no largo do Patriarcha, ç. S. Paulo apreciará pela primeira vez os trabalhos do distincto artista, que se dedica exclusivamente á pintura do touros e cavallos.

NOVIDADE! Oleo de fígado de bacalhau em confeitos sem cheiro nem sabor - só nas PASTILHAS McCOY; - dão saude e augmento de 3 kilos em 30 dias - Peça Pastilhas McCoy. Pronuncia-se: MACOY.

Culto da Saudade

R. Quitanda, 20, 2.o andar, sala 3. Teleph. 2-4422.

Resfriados

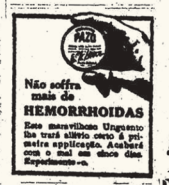
Uma cocoira ou gargante seguida de indisposição, emquanto num resfriado ou cousa ainda peor. Corte o mal pela raiz tomando nos primeiros symptomas o

LAXATIVO

BROMO-QUININA

PARA GRIPPE E CONSTIPAÇÕES

Procure ne cas-sinho com formula G. Watson



Não soffra mais de HEMORRHOIDAS

Este maravilhoso Unguento lhe trará alivio certo á primeira applicação. Acabará com o mal em cinco dias. Experimente-o.

GRIPPES BRONCHITES TOSSES! tome EURYTHMINE

Crosley Radio

Apparelhos electricos inesperaveis

CASA RECORD

Unica distribuidora

Rua S. Bento, 20 - S. Paulo

ARTES E ARTISTAS

SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

Poucas vezes terá sido tão bem inspirada a directoria da Sociedade de Cultura Artistica, como ao resolver a realisação do segundo recital de Madeleine Grey, no seu 212.o sarau.

Um programma primorosamente organisado, digno da admiravel cantora que o interpretou com superioridade notavel, fazendo de cada trecho uma criação inesquecivel. Que variedade e riqueza de recursos!

Felismente a illustre artista teve uma sala cheia a ouvil-a e a applaudil-a. O auditorio habitual dos socios da Cultura, esteve acrescido de varios medicos estrangeiros e de outros illustres, acompanhados de suas exmas. familias, aos quaes aquella sociedade proporcionou a assistencia de seu sarau.

Tambem assistiu todo o concerto, do seu camarote, o sr. prefeito municipal, que tem acompanhado com interesse a acção da Cultura Artistica.

No concerto de hontem é preciso destacar, com inteira justiça, a collaboração do fino pianista professor Souza Lima, cuja parte era de grande responsabilidade e teve a melhor execução.

O publico manifestou calorosamente o seu contentamento, applaudindo com enthusiasmo a pianista. Foi um concerto de que todos sahiram satisfeitos: artistas e publico.

Prefeitura do S. Paulo

Despezas realisadas no triennio de 1926, 1927 e 1928

DESPEZAS ORDINARIAS		
Pessoal:		
Do quadro	19.853:367$856	
Contratado e substituto	3.633:586$385	
Operario	15.266:377$077	38.753:331$318
Juros e amortisação da Divida Passiva		46.438:619$069
SERVIÇOS DIVERSOS		
Material de expediente, publicação da Prefeitura e da Camara	5.187:500$671	
Auxilios e subvenções	3.516:862$000	
Custas e outras despezas judiciaes:		
Executivos fiscaes	483:764$565	
Defesa do Patrimonio	417:641$160	
Defesa do Padrão Municipal	305:281$922	
Desapropriações	63:123$128	
Diversas	211:661$000	
Despezas com a Fiscalisação de Vehiculos	1.778:904$300	
Despezas com as Sub-Prefeituras	713:074$611	
Impostos restituidos	316:246$093	12.994:059$150
OBRAS E FORNECIMENTOS		
Conservação e reposição de calçamentos	13.753:077$319	
Custeio da Limpeza Publica, Jardins, Mercados, Cemiterios, Garage	10.503:909$092	
Conservação e revestimento de estradas de rodagem	4.078:478$565	
Fornecimento de materiaes ás repartições da Directoria de Obras	3.883:468$100	
Calçamentos executados pela Prefeitura	2.759:363$777	
Serviços no Theatro Municipal, Viaducto, Matadouro, Fiscalisação de Rios, Deposito e Mercados	761:483$434	35.739:780$287
Total das despezas ordinarias		133.925:790$124
DESPEZAS EXTRAORDINARIAS		
Desapropriações	17.548:046$542	
Indemnisações Fowles e outros	2.532:880$775	
Serviço da Divida Fluctuante anterior á consolidação	1.214:832$982	
Grandes Hoteis (Garantia de juros)	540:000$591	21.835:760$890
Fornecimento de machinarios e material rodante		2.765:745$780
OBRAS		
Mercado do Parque D. Pedro II	4.300:881$029	
Ladeira do Carmo	1.682:710$978	
Pontes sobre o Tamanduatehy e Tieté	815:915$626	
Camaras de Fermentação de lixo	779:391$111	
Rio Tieté	676:385$730	
Serviços na Bibliotheca Publica Municipal	639:078$950	
Adaptação nas diversas repartições da Prefeitura	623:135$829	
Garage e Almoxarifado	569:537$304	
Obras nas zonas da Limpeza Publica	470:070$958	
Muros de arrimo e fecho na travessa do Mercado e outros	454:675$365	
Obras no Parque de Ibirapuéra	379:888$745	
Serviços em Villa Clementino	336:774$416	
Ajardinamento e outras pequenas obras	338:671$534	
Esculptura Ubirajara e columna da praça do Patriarcha	276:960$400	
Remodelação na Directoria Sanitaria Municipal	261:064$179	
Avenida Anhangabahu'	237:336$041	
Frigorifico de Pescados	227:240$000	
Ossuarios em diversos cemiterios	198:194$256	
Despesas da Agencia de Frutas	195:648$480	
Cabines sanitarias	155:048$934	
Despesas nos fornos e cocheiras do Araçá	154:580$300	
Boeiros em diversas ruas	114:007$954	
Installações na Directoria de Serviços Domesticos	114:868$167	
Asphaltamento do Parque Jabaquara	77:502$500	
Cemiterio de Lageado	59:305$900	
Total geral das obras		14.158:874$686
Pavimentação da cidade		37.519:174$275
Total das despezas extraordinarias	76.279:555$631	
Total geral das despezas		210.205:345$755
RECURSOS		
Arrecadação em 1926	42.845:478$455	
Arrecadação em 1927	52.585:885$842	
Arrecadação em 1928	55.208:469$889	150.639:834$186
Contribuição dos proprietarios para calçamento:		
Em 1927	1.846:959$489	
Em 1928	9.744:324$619	11.591:284$108
Por operações de credito		47.974:227$461
Total applicado		210.205:345$755
OPERAÇÕES DE CREDITO		
Producto liquido do emprestimo externo de 1927	47.305:906$992	
A deduzir: Resgate da Divida Fluctuante anterior a 1926	24.889:070$547	
Liquido applicado em obras, etc.	22.416.836$445	
Emprestimo interno de 1925: Producto liquido de 79.810 letras	7.397:617$500	
Emprestimo interno de 1926: Emissão de 47.167 letras	4.716:700$000	
Restituição de adiantamento de exercicios liquidados	42:000$000	
Juros bancarios	523:224$547	
Saldo de 1925	1.159:613$089	
Recursos de Fundos Especiaes	4.117:899$585	
Compromissos assumidos por promissorias a vencer	1.803:857$440	
Adiantamentos dos contratantes da pavimentação	9.781:611$331	
Somma	51.959:359$937	
A deduzir: Saldo que passou para 1929	3.985:132$476	
Somma applicada	47.974:227$461	

O contador, interino,
ANTONIO GOMES DE PAULA

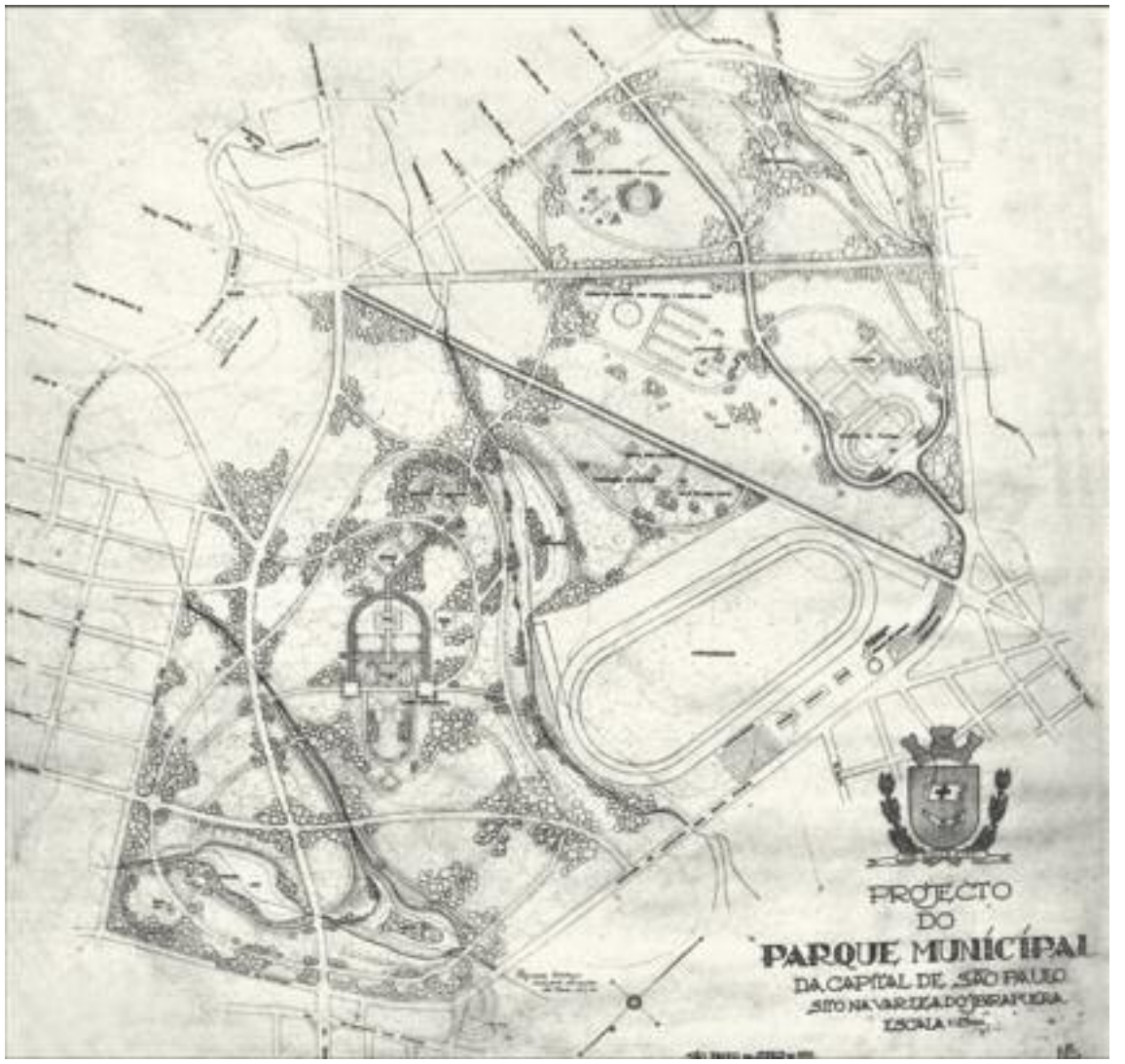
VISTO
O Inspector do Thesouro, interino
D. FERREIRA.

"Estadão", 11.JUL.1929, p. 4. Demonstração do balanço da Prefeitura também referente ao triênio 1926-28. Acervo OESP.

Também em 1929, Reynaldo Dierberger apresenta o primeiro projeto para o Parque Ibirapuera, publicado integralmente na revista “Architectura e Construcções”. Porém, em 1930, Pires do Rio é impedido de assumir o seu terceiro mandato de dois anos, pelo golpe de Getúlio Vargas, criando assim outra "ironia histórica" ligada ao parque: se Pires do Rio tivesse assumido seu terceiro mandato, o Ibirapuera seria construído como um jardim clássico europeu.

Com o golpe, começa então um período de quatro anos em que 12 prefeitos interinos se revezam na Prefeitura de São Paulo, alguns ocupando o cargo por apenas 20 dias! Nessa fase, a única ação digna de nota no Parque Ibirapuera é a aprovação, em 1932, pelo prefeito Silva Telles, que ficou 132 dias no cargo, do segundo projeto de Dierberger (abaixo), agora um gigantesco parque, agora com um desenho orgânico, que previa atividades esportivas, diversão, cultura, bosques, caminhos, ruas, avenidas e dois lagos, deixando reservada uma área para o Hipódromo que viria da Mooca.

Segundo projeto de Dierberger, julho de 1932. Com um desenho orgânico, previa a incorporação de todo o Jd. Luzitânia, da Invernada dos Bombeiros e de outros terrenos próximos. Fonte: AHM



Mas, em 1933, os engenheiros da 7ª Seção Técnica da Divisão de Obras e Viação do Município recusaram esse segundo projeto de Dierberger, por **"desconsiderar os estudos de escoamento das águas pluviais e do esgoto"**. Apresentam então um novo estudo para o parque (p. 57), assinado pelo engenheiro Marcial Fleury de Oliveira, respeitando as exigências da Repartição de Água e Esgotos (RAE, atual SABESP).

O novo projeto é aprovado em 1934, pelo Ato 459, **"respeitando as obras já em andamento do parque, considerando as propriedades da Prefeitura destinadas ao parque e propondo um conjunto principal com piscina, cassino, praça circular e jardim de rosas"** (dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br).

Além da reforma dos dois lagos de Dierberger, na bacia do Caaguaçu, prevê a continuação da Avenida Brasil. Vale lembrar que a formação de um lago e o prolongamento da Avenida Brasil, dividindo o parque em dois, já faziam parte do Plano de Avenidas de Prestes Maia e Ulhôa Cintra, apresentado em 1930.

Porém, esse novo projeto ainda prevê a expulsão do Viveiro Municipal do Parque Ibirapuera! Mas, numa solicitação encaminhada ao prefeito Fábio Prado, o novo diretor da recém-criada Divisão de Parques, Jardins e Cemitérios, Manequinho Lopes, pede o terreno em que o Viveiro Municipal está, desde 1928, e relata sua indignação pela nova transferência em função da construção do parque. Essa carta faz com que a Divisão de Obras publique e aprove, em 1935, a chamada "Revisão do Projeto" (p. 58), prevendo o Viveiro Municipal nesse setor, antes destinado ao Jóquei.

→**O projeto feito pela Divisão de Obras, 1933.** O **“Terreno Reservado ao Hipódromo Paulistano”** revela a insegurança que sempre acompanhou a operação do Viveiro Municipal. Fonte: AHM.

PARQUE MUNICIPAL
IBIRAPUERA
PREFEITURA MUNICIPAL
DA CAPITAL

↑**Fábio da Silva Prado (1887-1963), sem data.** O prefeito que primeiro transformou a paisagem do Parque Ibirapuera. Foto sem autoria, na sua casa na Av. Faria Lima, atual Museu da Casa Brasileira. *In* saopauloinfoco.com.br

→**"Revisão do Projeto", 1935.** Agora com a implantação do Viveiro Municipal e outros equipamentos na área antes reservada ao Jóquei. Fonte: AHM.

MANEQUINHO E O NOVO VIVEIRO MUNICIPAL

O destino do parque muda de verdade, em 1934, com a posse do prefeito Fábio da Silva Prado, sobrinho do primeiro prefeito de São Paulo da era republicana, Antônio Prado. Oriundo da "nobreza cafeeira paulista", Fábio Prado estudou engenharia industrial na Bélgica e, mesmo sendo nomeado, cumpriu seu mandato de quatro anos, acabando com um ciclo de inatividade dos prefeitos de São Paulo, referente ao Vazio do Ibirapuera.

Fábio Prado executa o projeto da Divisão de Obras e urbaniza toda a parte ao sul do Sapateiro, configurando ali o Novo Viveiro Municipal, sob o comando da recém-criada "Divisão de Parques, Jardins e Cemitérios", dirigida por Manequinho Lopes. Nessa fase, o parque ainda não tem um contorno definido, principalmente na Invernada dos Bombeiros, pertencente ao Governo do Estado, parcialmente ocupada pelo Instituto Biológico (IB).

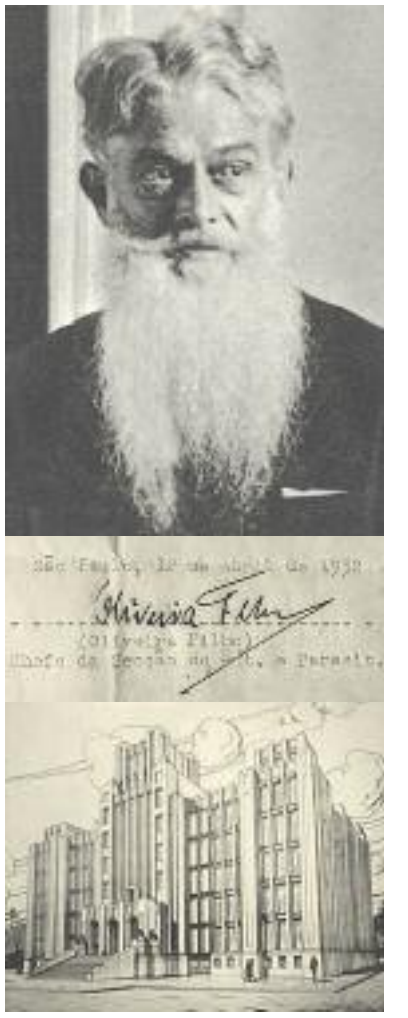
Importante dizer que Arthur Etzel, que era diretor da antiga Administração dos Jardins Públicos e Arborização desde 1930, perde seu cargo e assume a direção da “Subdivisão de Parques, Jardins e Cemitérios”, que no fundo significa um rebaixamento, com um agravante: o seu superior, Maneco Lopes, nem funcionário de carreira da Prefeitura era!

Manuel Lopes de Oliveira Filho, gostava de ser chamado de Oliveira Filho (O.F.), como assinava no seus protocolos do Instituto Biológico e na sua coluna no “Estadão”. As biografias de Manequinho, como ele não gostava de ser chamado, falam do seu pai, industrial em Sorocaba, que o manda estudar na Europa com onze anos, aos cuidados de um tutor. Ele retorna em 1893, com 21 anos e uma formação técnica em entomologia, na Alemanha, o que significava, naquela época, um estudioso dos insetos e conhecedor das formas de matá-los. Casa-se com sua prima portuguesa de 16 anos e vai morar na fazenda da família em Botucatu. Mas, com a falência do pai, muda-se para São Paulo, passando a morar na Rua Barão de Campinas, nos Campos Elíseos.

Segundo a excelente monografia disciplinar da arquiteta e artista plástica Silvia Valentini, "Manequinho Lopes, o Entomologista do Verde", 2006, Maneco morou nos Campos Elíseos até o ano de 1934, mesmo trabalhando na Vila Mariana, desde 1924, primeiramente na "Comissão Permanente de Estudo e Debelação da Praga Cafeeira" e depois, definitivamente, no Instituto Biológico, que foi criado em 1927, com instalações no canto oriental-sul da Invernada.

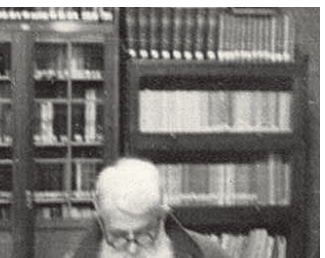
Considero o IB como um irmão gêmeo do Parque Ibirapuera, pois ambos nasceram no mesmo período, dividindo o mesmo Vazio do Ibirapuera.

Os anos entre a sua volta ao Brasil e a sua contratação pela "Comissão da Praga Cafeeira", em 1924, são desprovidos de documentação ou notícias. O “Estadão” diz que ele começou a escrever a sua coluna agrícola em 1918 mas, no acervo do jornal, não há referência ao seu nome de pluma, Oliveira Filho, antes de 1925, data da primeira publicação da sua coluna assinada de meia página "Assumptos Agricolas".



Manuel Lopes de Oliveira Filho (1872-1938), sem data. No “Estadão” e no Biológico assinava Oliveira Filho (O.F.) e não gostava de Manequinho. Foto: sem autoria e sem data.

Sede do Instituto Biológico, 1927. Projeto de Mario Whately, demorou 17 anos para ser terminado. Fonte: Álbum Histórico do IB, 2013.



Manuel Lopes de Oliveira Filho, sem data. Trabalhando na Vila Mariana, onde tinha três casas: o escritório, a casa da família e a dele (VALENTINI, 2007). Foto sem autoria.

“O Arrasamento das Mattas”, 01.SET.1927. Um texto conservacionista na seção “Assumptos Agricolas”, assinado por Oliveira Filho, com quase meia página. Lembro que nessa época o jornal tinha 16 páginas. Fonte: acervo OESP.

NOTAS E INFORMAÇÕES

O sr. presidente do Estado despachará hoje com o sr. secretario do Interior.

*

Hoje, ás 12 horas, será installado officialmente o Convenio dos Estados productores do café, com a presença de todos os delegados dos Estados cafeeiros, que são: São Paulo, Pernambuco, Bahia, Espirito Santo, Minas Geraes, Rio de Janeiro e Paraná.

*

De accôrdo com as providencias do presidente do Instituto do Café, foi assignado com a Estrada de Ferro Central do Brasil o contrato de regulamentação de transportes de café para Santos e para o Rio de Janeiro, obrigando-se aquella Estrada a ceder na estação do Norte um armazem para regular esse transporte.

*

A situação do café no presente anno, sob o ponto de vista da exportação, é muito animadora. porquanto se verifica pelo quadro abaixo que as safras deste anno foram muito superiores ás do anno passado.

Exportação do café em saccas de 60 kilos:

1926 — Maio: Santos, 659.347; Rio de Janeiro, 154.465. — Junho: Santos, 719.462; Rio de Janeiro, 160.778. — Julho: Santos, 788.033; Rio de Janeiro, 230.421. — Agosto: Santos, 796.327; Rio de Janeiro, 277.464. — Setembro: Santos, 720.855; Rio de Janeiro, 301.329.

1927 — Maio: Santos, 711.333; Rio de Janeiro, 169.413. — Junho: Santos, 851.113; Rio de Janeiro, 254.936. — Julho: Santos, 876.878.

*

O capitão Tenorio de Brito, ajudante de ordens, apresentou cumprimentos, em nome do sr. presidente do Estado, ao dr. Rudolf Graebner, consul da Hollanda, nesta capital, pela passagem do anniversario natalicio da rainha daquelle paiz.

*

Estiveram, hontem, em Palacio, em visita de cumprimentos ao sr. presidente do Estado, os drs. Rudolf Wesf Vinal, dr. Wilhelm Booker, dr. Freiherr von Bibra, dr. Rudolf Hilleding, dr. Ernst Leuenroth Jung, dr. Heinrich Brunning, sr. Oscar Meyer, sr. Hans von Raumer, deputado Thomas Kilmann e sr. Karl Ernst, todos membros das delegações alleman e austriaca á Conferencia Interparlamentar de Commercio.

*

Esteve, hontem, em Palacio, o sr. dr. Leonardo P. da Silveira, representante do Paraná no convenio do café, que foi agradecer ao sr. presidente do Estado a visita que s. exa. lhe fez por intermedio de seu official de gabinete, dr. Aguiar Barbosa.

O representante do Goyaz, que foi recebido, em audiencia, pelo sr. dr. Julio Prestes, transmittiu-lhe s. exa. os cumprimentos seus e do governo daquelle Estado.

*

Em nome do sr. presidente do Estado, o capitão Tenorio de Brito visitou, hontem, o dr. José Maria Bello, deputado federal por Pernambuco, representante daquelle Estado no convenio do café.

*

Em agradecimento a essa visita, esteve, hoje, em Palacio, o dr. Bello recebido pelo sr. dr. Julio Prestes.

*

O sr. presidente do Estado conferenciou hontem com os srs. secretario do Interior e director geral do Serviço Sanitario.

*

Em carro reservado ligado ao nocturno de luxo-bis, embarcou hontem no Ito, com destino a esta capital, a delegação britannica, que visitou, por intermedio do sr. dr. Waldomiro de Oliveira, director do Serviço Sanitario, a séde da Companhia Ingleza Internacional de Saneamento.

*

Hoje, ás 12 horas, será installado officialmente o Convenio dos Estados productores do café, com a presença de todos os delegados dos Estados cafeeiros, que são: São Paulo, Pernambuco, Bahia, Espirito Santo, Minas Geraes, Rio de Janeiro e Paraná.

*

De accôrdo com as providencias do presidente do Instituto do Café, foi assignado com a Estrada de Ferro Central do Brasil o contrato de regulamentação de transportes de café para Santos e para o Rio de Janeiro, obrigando-se aquella Estrada a ceder na estação do Norte um armazem para regular esse transporte.

*

A situação do café no presente anno, sob o ponto de vista da exportação, é muito animadora. porquanto se verifica pelo quadro abaixo que as safras deste anno foram muito superiores ás do anno passado.

Exportação do café em saccas de 60 kilos:

1926 — Maio: Santos, 659.347; Rio de Janeiro, 154.465. — Junho: Santos, 719.462; Rio de Janeiro, 160.778. — Julho: Santos, 788.033; Rio de Janeiro, 230.421. — Agosto: Santos, 796.327; Rio de Janeiro, 277.464. — Setembro: Santos, 720.855; Rio de Janeiro, 301.329.

1927 — Maio: Santos, 711.333; Rio de Janeiro, 169.413. — Junho: Santos, 851.113; Rio de Janeiro, 254.936. — Julho: Santos, 876.878.

*

O capitão Tenorio de Brito, ajudante de ordens, apresentou cumprimentos, em nome do sr. presidente do Estado, ao dr. Rudolf Graebner, consul da Hollanda, nesta capital, pela passagem do anniversario natalicio da rainha daquelle paiz.

*

Estiveram, hontem, em Palacio, em visita de cumprimentos ao sr. presidente do Estado, os drs. Rudolf Wesf Vinal, dr. Wilhelm Booker, dr. Freiherr von Bibra, dr. Rudolf Hilleding, dr. Ernst Leuenroth Jung, dr. Heinrich Brunning, sr. Oscar Meyer, sr. Hans von Raumer, deputado Thomas Kilmann e sr. Karl Ernst, todos membros das delegações alleman e austriaca á Conferencia Interparlamentar de Commercio.

*

Esteve, hontem, em Palacio, o sr. dr. Leonardo P. da Silveira, representante do Paraná no convenio do café, que foi agradecer ao sr. presidente do Estado a visita que s. exa. lhe fez por intermedio de seu official de gabinete, dr. Aguiar Barbosa.

O representante do Goyaz, que foi recebido, em audiencia, pelo sr. dr. Julio Prestes, transmittiu-lhe s. exa. os cumprimentos seus e do governo daquelle Estado.

*

Em nome do sr. presidente do Estado, o capitão Tenorio de Brito visitou, hontem, o dr. José Maria Bello, deputado federal por Pernambuco, representante daquelle Estado no convenio do café.

*

Em agradecimento a essa visita, esteve, hoje, em Palacio, o dr. Bello recebido pelo sr. dr. Julio Prestes.

*

O sr. presidente do Estado conferenciou hontem com os srs. secretario do Interior e director geral do Serviço Sanitario.

*

Em carro reservado ligado ao nocturno de luxo-bis, embarcou hontem no Ito, com destino a esta capital, a delegação britannica, que visitou, por intermedio do sr. dr. Waldomiro de Oliveira, director do Serviço Sanitario, a séde da Companhia Ingleza Internacional de Saneamento.

*

O sr. dr. Julio Prestes visitou, hontem, por intermedio de seu ajudante de ordens, capitão Tenorio de Brito, o sr. dr. Guilherme Piron, secretario da Finanças de Minas Geraes e representante do governo daquelle Estado no convenio do café.

*

A' tarde estiveram, em Palacio, apresentando os srs. presidente do Estado e governo de Minas Geraes, os srs.

*

Em nome do sr. dr. Julio Prestes, o dr. Angelo Lazary Guedes, secretario particular de s. exa., visitou, hontem, o deputado Oliveira Botelho, relator da bancada fluminense na Camara Federal, e representante do Estado do Rio de Janeiro no convenio do café.

*

A' tarde, s. exa. esteve em Palacio, em visita de agradecimentos ao sr. presidente do Estado.

*

Termina hoje o prazo para entrega de declarações e pagamento, sem multa, do imposto de renda.

*

As declarações entregues posteriormente ficarão sujeitas á multa de 10 %.

*

Continuando a série de conferencias que vem realisando sem-pre aos sabbados, sobre assumptos de mais alto interesse scientifico e social, o prof. E. Marchoux realisará hoje, ás 12 1/2 horas, no Instituto de Hygiene, á rua Theodoro Tobine, 45, a 7.a conferencia do seu curso, a qual versará sobre “Etiologia e Prophylaxia da febre typhoide”.

O assumpto da palestra de hoje é, como se vê, de mais alta importancia e de grande interesse para nós, pelo que chamamos, muito especialmente, para essa conferencia a attenção da classe medica em geral e das demais pessoas ás quaes interessam questões de saude publica.

E' franca a entrada para estas conferencias.

*

O sr. secretario da Agricultura expediu ordens no sentido de serem feitos os estudos de uma estrada, de rodagem ligando Ribeirão Preto, conforme a attenção da classe medica em geral e das demais pessoas ás quaes interessam questões de saude publica.

E' franca a entrada para estas conferencias.

*

O sr. secretario da Agricultura expediu ordens no sentido de serem feitos os estudos de uma estrada, de rodagem ligando Ribeirão Preto, Cravinhos, Serra Azul e Serrinha, ao ponto mais conveniente sobre o rio Pardo, na fronteira do Estado de Minas Geraes, via Igarapava, obedecendo esse traçado ao plano geral de viação.

*

O sr. secretario da Agricultura communicou ao sr. prefeito municipal de Capital que a installação do Posto Meteorologico Augusto Freire da Silva vae ser feita pela Repartição de Aguas e Esgotos.

*

A Camara Municipal da Granja (foi autorisada a applicar a verba de 2:000$ com os melhoramentos e estado em que se encontrada de rodagem naquelle municipio.

*

A Secretaria da Agricultura vae fazer a acquisição de um apparelho Gasogeno de Herbet.

*

Foram dispensados da commissão em que se achavam os srs.: Thiago Vieira Monteiro, chefe da 2.a secção da Directoria de Viação e Carlos Alberto Vanzolini, ajudante de laboratorio da Policia de Obras Publicas.

*

Foram concedidos tres mezes de licença ao sr. Eugenio Gabus, 3.o escripturario da Repartição de Aguas e Esgotos nos termos do artigo 7.o, paragrapho 2.o, lettra “a” da lei n. 1.621, de 25 de Dezembro de 1916 e tres mezes ao sr. Tito de Lemos Junior, encarregado da estação experimental de café, do Instituto Agronomico, nos termos da lettra “a” paragrapho 1.o, art. 7.o da lei n. 1.621, de 25 de Dezembro de 1916.

*

Foram orgadas em 1:400$ as obras de que necessita o predio em que funccionou a escola isolada da cidade de Piratinia.

*

As obras de reforma do predio em que funcciona a escola de Barra Bonita importam em ..... 9:965$000.

*

Foi autorisado, pelo sr. secretario da Agricultura a applicação das seguintes verbas: — 3:000$, pela Prefeitura de Monte-Mór, com os melhoramentos e conservação das estradas daquelle municipio; 700$, pela prefeitura de Ituverava, com as obras de melhoramentos e conservação das estradas do referido municipio.

*

A Repartição de Aguas vae fornecer 150 metros de cano de 8”, á prefeitura de Itarará, mediante o pagamento de 3:750$000.

*

A Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio designou os seguintes funccionarios: 1:350$, a Lucido Di Fiore (avn. n. 8.596); 405$, a Olympio Torquato de Oliveira (Credito pelo pagamento de despesas a seu cargo, em Barretos (Aviso n. 8.602); 3:043$850, a Carlos Butori & Cia. (Av. n. 8.606); 1:323$2, a Humberto Cerri (Av. n. 8.607); 2:578$000, a Romano Guelfi (Av. n. 8.608); 705, a Francisco Nalão (Av. n. 8.609); 938$700, a Manuel Cardoso (Av. n. 8.610); 1:438$40, a José Romão Junqueira (Av. n. 8.611); 2305, ao Gabinete Technico (Av. n. 8.614); 3:282$000, a Pedro Ferreira Lopes (Av. n. 8.615); 808, a J. Costa & Cia. Ltd. (Av. n. 8.616); 1:140$900, ao dr. Christiano das Neves (Restituição de despesas a seu cargo) (Av. n. 8.619); ....., a Ernesto Pinto (Av. n. 8.620); 2:284$80, ao dr. Christiano das Neves (Aviso n. 8.619); 2:188$500, a Donato Melione (Av. n. 8.620); 2:968$100, a E. Lemmo & Cia. (Av. n. 8.621); 214$, a Vicente de Laurentis (Av. n. 8.622); ....., 12:758$000, a Francisco Ribeiro (Av. n. 8.623); 1:845$, a Theophilo Alves Leitão (Av. n. 8.624); 8:235$, a Santino Piconda & Irmão (Av. n. 8.625); 182:961$900, a The San Paulo Gas Company Ltd. (Av. n. 8.626); 9:000$, a José Borges & Irmão (Av. n. 8.629), 15:160$700, a Folha do Povo das Galerias de A. Augusto Freire da Silva vae ser feita pela Repartição de Aguas e Esgotos.

*

O sr. secretario da Agricultura autorisou a Repartição de Aguas a organisar uma estudo definitivo sobre o prolongamento da canalisação de agua até o largo Central, da freguesia do Ó”.

*

Foram concedidos os titulos de habilitação de engenheiro architecto ao sr. Gualdrão Campos e ao agrimensor ao sr. Nacip Jorge.

*

A Camara Municipal da Granja (foi autorisada a applicar a verba de 2:000$ com os melhoramentos e estado em que se encontrada de rodagem naquelle municipio.

*

A Secretaria da Agricultura vae fazer a acquisição de um apparelho Gasogeno de Herbet.

*

Foram dispensados da commissão em que se achavam os srs.: Thiago Vieira Monteiro, chefe da 2.a secção da Directoria de Viação e Carlos Alberto Vanzolini, ajudante de laboratorio da Policia de Obras Publicas.

*

Foram concedidos tres mezes de licença ao sr. Eugenio Gabus, 3.o escripturario da Repartição de Aguas e Esgotos nos termos do artigo 7.o, paragrapho 2.o, lettra “a” da lei n. 1.621, de 25 de Dezembro de 1916 e tres mezes ao sr. Tito de Lemos Junior, encarregado da estação experimental de café, do Instituto Agronomico, nos termos da lettra “a” paragrapho 1.o, art. 7.o da lei n. 1.621, de 25 de Dezembro de 1916.

*

Foram orgadas em 1:400$ as obras de que necessita o predio em que funcciona a escola isolada da cidade de Piratinia.

*

As obras de reforma do predio em que funcciona a escola de Barra Bonita importam em ..... 9:965$000.

*

Foi autorisado, pelo sr. secretario da Agricultura a applicação das seguintes verbas: — 3:000$, pela Prefeitura de Monte-Mór, com os melhoramentos e conservação das estradas daquelle municipio; 700$, pela prefeitura de Itu

Mais conhecido, na época, como jornalista, Manequinho escrevia sobre temas agrícolas e rurais, com uma linguagem acessível aos agricultores, bem-humorada e recheada de ensinamentos. Tratava de criação de animais, o preço do algodão, despolpamento do café, o cultivo de espécies exóticas, como os eucaliptos australianos e outras, sem nunca mencionar a palavra Ibirapuera ou se referir ao parque em nenhum de seus textos.

Em setembro de 1927, sob o título "O Arrasamento das Matas" (ao lado), ele profetiza: **"A cidade de S. Paulo está vendo desaparecerem as suas últimas florestas mais próximas que poderiam estar transformadas em parques. As florestas protetoras dos mananciais são mal zeladas e estão sujeitas a depredações e aos incêndios levados pelos malfadados balões e postos por criminosos que contam com a impunidade. Nos municípios novos, onde pela expansão da pequena lavoura se antevê que grandes cidades virão a existir, é tempo de serem desapropriadas matas e pontos de panorama para conservar atrativos para os vindouros. Não sejamos egoístas para que não suceda conosco, em maior escala, o que vai sucedendo com as gerações passadas que as tachamos de ignorantes e imprevidentes. Se mais não é destruído é porque não há utilidade ou não há meios fáceis de o fazer. Somos dignos herdeiros dessa ignorância e dessa imprevidência que cresce em proporção geométrica em relação à fome pelo dinheiro!"**

Paralelamente ao jornalista, havia o entomologista, que chefiou o "Laboratório de Entomologia" da "Comissão da Praga Cafeeira", formada para combater a *Stephanoderes hampei* ou "broca do café", que causava enorme prejuízo às safras. Em 1927, a Comissão evoluiu e foi criado o Instituto Biológico, que operava em várias casas espalhadas pela Vila Mariana, até a conclusão do seu icônico edifício-sede, com projeto do engenheiro-arquiteto Mario Whately, que começou a ser construído em 1928 e só terminou em 1945.

Da torre mais alta desse edifício, ao longo dos anos em obras, foram feitas as importantes fotos panorâmicas, exibidas adiante, que mostram a evolução da paisagem do Vazio do Ibirapuera.

No IB, Manequinho foi chefe da "Seção de Entomologia e Parasitologia Agrícolas". Importante repetir que o Instituto ocupava o canto leste da Invernada dos Bombeiros e utilizava as terras ao norte do córrego do Sapateiro, com plantações experimentais e criação de animais. Portanto, Manequinho circulava e era "habitué" do Vazio do Ibirapuera desde 1927.

Pela biografia feita pelo Instituto Biológico (OBEIDI *et al*. 2014), Manequinho tinha uma agenda cheia à época da gestão Pires do Rio. Em 1927, foi comissionado na Prefeitura do Distrito Federal para chefiar a "Diretoria de Matas e Jardins e o Serviço de Extinção à Formiga Saúva", na Ilha de Paquetá. Na década de 1930, publicou, no “Boletim da Agricultura”, o resultado de suas longas observações no Rio de Janeiro, associadas aos estudos em laboratório, realizados no IB. Além do trabalho intensivo no combate da “broca do café”, em São Paulo, também dedicou-se ao combate das lagartas, nos algodoais do Paraná. Consagrou-se publicamente não só como jornalista, mas também como um dos mais conhecidos especialistas em pragas do País.

Pôster do filme “A Broca do Café”, 1927. Documentário educativo, pioneiro, que ensinava a controlar a disseminação da praga. Manequinho trabalhou na produção, fazendo até “toalete das larvas”. Fonte: Álbum Histórico do IB, 2013.

→**Vista do alto do Biológico, déc.1940.** Ao fundo, a Avenida Brasil prolongada e os eucaliptos, ladeando o córrego do Sapateiro.

↓**Mesmo local, déc.1940.** A Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, no encontro com a Brasil, ambas ladeadas por eucaliptos ainda jovens.

←**O lago do Caaguaçu, final da década de 1940.** Já tomado pela vegetação, aparentemente de Campo Cerrado, com o IB ao fundo.

↓**Início da década de 1950.** Com o lago cheio, ao fundo, e os eucaliptos já bem crescidos, ladeando as avenidas. Fotos: Álbum Histórico do IB, 2013.

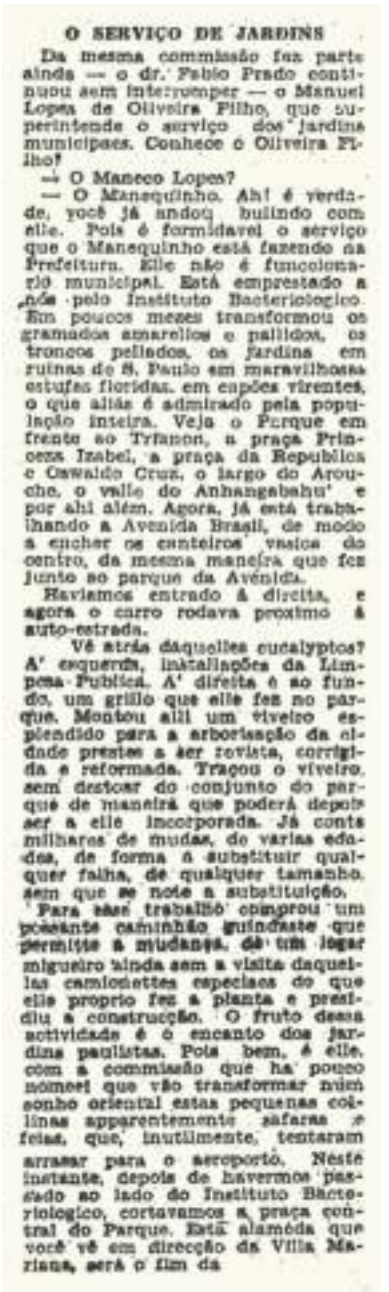
Obras no Parque Ibirapuera, 1935. Do prolongamento da Av. Brasil (atual Monumento às Bandeiras), vê-se o IB ao fundo e a escavação dos dois lagos do Caaguaçu. Fotos sem autoria, da Divisão de Obras da PMSP. Acervo AHM.

Numa excelente matéria de página inteira, publicada no "Estadão", em 1936, o prefeito Fábio Prado, a bordo do seu carro oficial, passeia com o jornalista pela cidade, falando dos temas da sua administração. O assunto Ibirapuera começa com a celebrada mudança do Jóquei Clube, antigo Hipódromo da Moóca, para um terreno da Cia. City, na Cidade Jardim. Vale dizer que havia a Lei 3.256, de 1929, que destinava uma área no parque de 300.000 m^2 para o novo Jóquei.

Essa transferência, mediada pelo prefeito, só aconteceu porque a Cia. City doou o terreno para o novo Jóquey, liberando a Prefeitura da sua antiga obrigação. Isso mostra a importância de um grande parque urbano nos planos da City, que tinha muitos interesses e havia adquirido enormes quantidades de terras na várzea do Pinheiros, especialmente depois da retificação do rio, feita pela São Paulo Tramway, Light and Power Company.

Na referida matéria, o prefeito pergunta: **"Vamos ao Ibirapuera?".** A seguir o jornalista descreve um precioso roteiro da paisagem do parque, naquele março de 1936: **"[...] o automóvel vinha de entrar por uma porteira e deslizava pela alameda, prolongamento da avenida Brasil. Todo o grande parque em obras. A sinuosidade das alamedas raspadas sobre o terreno nu, fazia que se pudesse ver o conjunto do arruamento já aberto como se fora uma planta em escalada, uma por um [...] As colinas suaves do parque pareciam atravessadas pela passadeira clara dos caminhos largos contrastando a cor da terra ocre, com o verde escuro da vegetação rasteira. Uma bacia grande e sinuosa mostrava a profundidade de um futuro lago. Ao fundo, um cenário verde, bastidores de eucaliptos forrando a ala direita do parque [...] Já o prefeito principiava a contar a história daquela enorme área arruada e onde cerca de 200 caçambas em movimento aterravam e desaterravam a bacia ampla, onde deveria localizar-se o lago [...] e erguer o parque em ondulações".**

Os bastidores de eucaliptos, junho de 1935. Ainda a partir da Av. Brasil, vê-se a linha de eucaliptos, já crescidos, ou "cerca viva" do Novo Viveiro. Interessantes também são as traves solitárias do simbólico campo de futebol de várzea. Acervo AHM.



O SERVIÇO DE JARDINS

Da mesma commissão fez parte ainda — o dr. Pablo Prado continuou sem interromper — o Manuel Lopes de Oliveira Filho, que superintende o serviço dos jardins municipaes. Conhece o Oliveira Filho?

— O Maneco Lopes?

— O Manequinho. Ah! é verdade, você já andou bulindo com elle. Pois é formidavel o serviço que o Manequinho está fazendo na Prefeitura. Elle não é funccionario municipal. Está emprestado a nós pelo Instituto Bacteriologico. Em poucos mezes transformou os gramados amarellos e pallidos, os troncos pellados, os jardins em ruinas de S. Paulo em maravilhosas estufas floridas, em capões virentes, o que aliás é admirado pela população inteira. Veja o Parque em frente ao Trianon, a praça Princeza Izabel, a praça da Republica e Oswaldo Cruz, o largo do Arouche, o valle do Anhangabahu' e por ahi além. Agora, já está trabalhando a Avenida Brasil, de modo a encher os canteiros vasios do centro, da mesma maneira que fez junto ao parque da Avenida.

Haviamos entrado á direita, e agora o carro rodava proximo á auto-estrada.

Vê atraz daquelles eucalyptos? A' esquerda, installações da Limpeza Publica. A' direita é ao fundo, um grillo que elle fez no parque. Montou alli um viveiro esplendido para a arborisação da cidade prestes a ser revista, corrigida e reformada. Traçou o viveiro, sem destoar do conjunto do parque de maneira que poderá depois ser a elle incorporada. Já conta milhares de mudas, de varias edades, de forma a substituir qualquer falha, de qualquer tamanho, sem que se note a substituição.

Para esse trabalho comprou um possante caminhão guindaste que permitte a mudança, de um logar migueiro ainda sem a visita daquellas camionettes especiaes do que elle proprio fez a planta e presidiu a construcção. O fruto dessa actividade é o encanto dos jardins paulistas. Pois bem, é elle, com a commissão que ha pouco nomeei que vão transformar num sonho oriental estas pequenas collinas apparentemente safaras e feias, que, inutilmente, tentaram arrasar para o aeroporto. Neste instante, depois de havermos passado ao lado do Instituto Bacteriologico, cortavamos a praça central do Parque. Está alameda que você vê em direcção da Villa Mariana, será o fim da

"Estadão", 07.MAR.1936. Fábio Prado elogia o trabalho de Manequinho frente à Divisão de Parques. Acervo OESP.

Visualizando esse roteiro, com ajuda da análise da aerofoto de 1940 (ao lado), o carro entra no parque por onde hoje se situa o Monumento às Bandeiras, e percorre o prolongamento da Avenida Brasil (futura Pedro Álvares Cabral), onde se vê os dois lagos do Caaguaçu já escavados (lago grande, à direita, e o lago menor, à esquerda), seguindo até a rotatória com a Rua Conselheiro Rodrigues Alves (atual Obelisco) e avistando o prédio do IB. Depois, descreve o maciço de eucaliptos já crescidos que formam a cerca viva do Viveiro, para depois entrarem na área em obras, do novo e impressionantemente grande Viveiro Municipal.

Importante notar a total ausência de eucaliptos ou qualquer outro indivíduo arbóreo ao norte do Sapateiro e Invernada, que parece abrigar somente vegetação rasteira e arbustiva.

A foto também mostra que só existiam duas pontes sobre o Sapateiro, na região do parque. Uma sobre a auto-estrada de Santo Amaro (Avenida República do Líbano) e outra, que existe até hoje, na atual Ladeira da Preguiça. Isso dá uma ideia do isolamento do Novo Viveiro Municipal e reforça a ideia dos "dois parques", à qual frequentemente voltarei a me referir.

A rua dessa ponte, percorrida na matéria, foi parcialmente suprimida em 1954, junto com seus eucaliptos, para a construção do Palácio das Indústrias, atual Bienal.

Concluo também que as obras de escavação dos lagos, formação dos aterros e ampliação da área do Viveiro começaram a ser feitas nos primeiros anos da administração Fábio Prado, seguindo o projeto aprovado pelos engenheiros da Divisão de Obras.

A grande estrela dessa incrível aerofoto é a área ao sul do Sapateiro toda arruada e totalmente ocupada pelo Novo Viveiro Municipal, repleto de canteiros de mudas. A grandeza desse viveiro foi registrada pelo fotógrafo Benedito Junqueira Duarte, em 1938 e 1941, onde fotografou minuciosamente as instalações, inclusive com fotos "aéreas", feitas do alto da caixa dágua (pp. 68-69). Certamente, as mudas que vemos nessas fotos foram usadas por Arthur Etzel e depois por Teixeira Mendes, à época dos festejos do IV Centenário.

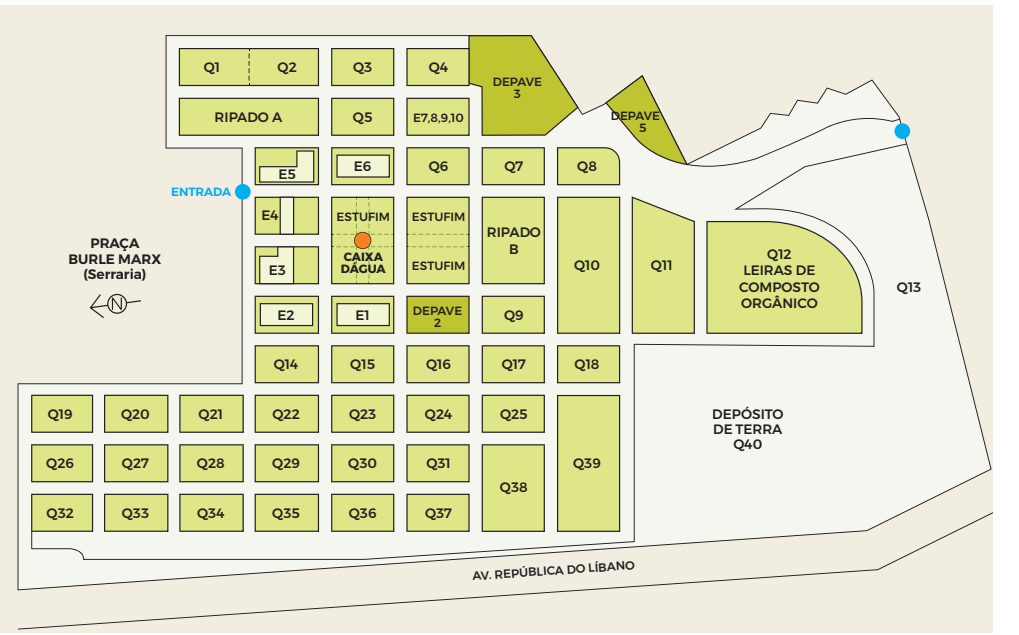
Finalizando a matéria do "Estadão" de 1936, o prefeito Fábio Prado "rasga" elogios ao trabalho de Manequinho, **"funcionário emprestado do Instituto Bacteriológico"** (Biológico), **"que está fazendo um formidável serviço, transformando as paisagens paulistanas"**. Cita como exemplos o parque em frente ao Trianon, a Praça Princesa Isabel, a Praça da República, a Oswaldo Cruz, o Largo do Arouche, o Vale do Anhangabaú e os canteiros da Avenida Brasil. Fala também, em tom de gozação, do **"grilo que ele fez"** nos fundos do parque: **"Montou ali um viveiro esplêndido para a arborização da cidade [...] Traçou o viveiro, sem destoar do conjunto do parque de maneira que poderá depois ser a ele incorporado. Já conta milhares de mudas, de várias idades [...] ele, com a comissão que há pouco nomeei que vão transformar num sonho oriental essas pequenas colinas aparentemente sáfaras e feias..."**

→ **Aerofoto de 1940.** Com os lagos do Caaguaçu escavados e o Novo Viveiro Municipal ocupando todo o lado sul, e limitado pela cerca viva, ao norte. Curioso notar a ausência de árvores no lado da Invernada, com exceção das que ladeiam a Avenida Brasil. Fonte: Geosampa.

Novo Viveiro Municipal, em ensaio de Benedito Junqueira Duarte, 1938. Coleção de 40 fotos do recém-batizado Viveiro Manequinho Lopes. Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.

↓**Caixa dágua do Novo Viveiro Municipal, 1938.** Existente ainda hoje, foi usada por Benedito Junqueira Duarte para fazer as fotos “aéreas”.

Arthur Etzel (1889-1971), 1941. Funcionário público por 62 anos, substituiu Manequinho em 1938. Filho e ajudante de Antônio Etzel, o jardineiro-chefe de Antônio Prado, que atuou em grandes projetos como o Jardim da Luz, a Praça João Mendes e a Nova República. Fotos: B.J. Duarte.



↑ **Estufa do Novo Viveiro, 1938.** Foto B.J. Duarte. Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.

→ **A estufa quente (E6), Viveiro do Ibirapuera, 2020.** Antiga estufa da Luz, trazida para o Ibirapuera em 1928, pelos Etzel. Foto sem autoria. Fonte parqueibirapuera.org.

↗ **Planta do Viveiro do Ibirapuera, 2021.** O Viveiro hoje só produz herbáceas e arbustivas, assim como o Viveiro do Carmo (Arthur Etzel). Apenas o de Cotia (Harry Blossfeld) produz árvores (vide Anexo 4).

E o jornal continua: **“Uma comissão chefiada por Navarro de Andrade, estuda presentemente os tipos botânicos que deverão ser plantados nesse parque.... [...] Cinquenta alqueires que, em breve tempo, se transformarão num enorme horto florestal. Todo esse espaço... [...] ocupado por árvores nossas, formando assim o pequeno ‘Bois de Boulogne’ da capital paulista”.**

Essa comissão da qual fala o prefeito é o Conselho Florestal, chefiado pelo agrônomo Navarro de Andrade, diretor dos Hortos Florestais da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e composto de várias agências públicas, entre elas a Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura, representada por Manequinho, o Jardim Botânico do Parque da Água Funda, dirigido por Frederico Carlos Hohene; o Horto Florestal da Cantareira, dirigido por Camargo Cabral, além do "Coronel" Antônio Estanislau do Amaral, apresentado apenas como silvicultor.

Na prestação de contas da administração Fábio Prado, publicada no “Estadão” em 6 de setembro de 1936, um **"minucioso e completo relatório"**, ocupando sete páginas inteiras, informa: **"Os dois últimos anos foram de grande atividade para o Parque Ibirapuera, onde todo o movimento de terra está quase todo concluído"**, e repete, **"uma commissão chefiada pelo dr. Navarro de Andrade estuda presentemente os typos botânicos que ahi deverão ser plantados"**.

Interrompo a narrativa para melhor apresentar esse personagem, pouco referido na literatura do parque, mas de importância fundamental na formação da paisagem do Ibirapuera. O engenheiro agrônomo e silvicultor Edmundo Navarro de Andrade, que fora também um dos diretores da antiga "Comissão da Praga Cafeeira", era funcionário da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, desde 1904, responsável pela implantação e gerenciamento de 18 Hortos Florestais espalhados pelo interior do Estado, com sede em Rio Claro.

Segundo a dissertação de mestrado de Augusto Martini, descrita nas Referências, a missão de Navarro na Cia. Paulista era **"encontrar a espécie florestal que melhor se prestaria ao fornecimento de carvão para as locomotivas e madeira para os dormentes e postes das ferrovias. [...] e para o reflorestamento das porções de floresta nativa que haviam desaparecido"** (entenda-se aqui, desmatadas pela fome insaciável das caldeiras das locomotivas a vapor). **“Navarro importou e reproduziu no Brasil 75 espécies de eucaliptos, nos 37 anos em que trabalhou para a Cia. Paulista. Em 1928, lançou o livro ‘O Eucalypto e Suas Applicações’."**

Especulo, ainda sem comprovação documental, que a Cia. Paulista, através de Navarro de Andrade, muito provavelmente, tenha fornecido as milhares de mudas de eucaliptos para o primeiro plantio no Ibirapuera – a partir de 1926-28 e, certamente, a partir de 1934 –, não só pelo pioneirismo da empresa em cultivar a espécie, como pela escala industrial da sua produção florestal, que chegou a ter 9 milhões de pés de eucaliptos.

Vale dizer que, nas minhas pedaladas pela região dos quatro jardins da Cia. City, encontro eucaliptos antigos em todas as praças e "squares". A praça Cidade de Milão, ao lado do Parque Ibirapuera, na esquina da República do Líbano com a IV Centenário, é povoada, quase exclusivamente, por eucaliptos.

Outra conclusão, ainda não comprovada, é a de que o Conselho Florestal, composto de notáveis, na sua maioria cientistas doutores, era quem dava as ordens na implantação do Novo Viveiro e, muito provavelmente, em toda a política de arborização pública paulistana da época. Este fato demonstraria a seriedade e a complexidade dos projetos de Fábio Prado para a cidade e, principalmente, para o Parque Ibirapuera.

Dr. Edmundo Navarro de Andrade (1881-1941), déc. 10. Viajou à Austrália, em 1913, e recebeu do diretor do Jd. Botânico de Sydney, Joseph Maiden, sumidade em eucaliptos, sementes de 150 espécies (MARTINI, 2004). Foto: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

A arborisação do novo Parque Municipal de Ibirapuera

A Divisão de Matas, Parques e Jardins da Prefeitura sem as solennidades do estilo que em geral costumam ser dadas a taes acontecimentos, fez hontem plantar uma longa avenida no Parque Municipal de Ibirapuera, iniciando assim o florestamento da grande area de um milhão e oitocentos mil metros quadrados, destinada a esse futuro logradouro publico.

A arborisação hontem iniciada, commemorando a Festa das Arvores, consta de centenares de arvores — predominando o Ipê amarello.

Infelizmente, grande parte dos terrenos desse Parque é de pessima qualidade e, ainda por cima, em varios grandes trechos foram feitos desaterros que até deixaram á mostra a camada impermeavel formada de saibro e de pedregulho, trabalhos esses mal calculados, executados em administrações anteriores. Outro erro foi terem procurado eliminar as ondulações do terreno, que iriam concorrer para maior belleza de uma calculada distribuição de arvoredo.

Já no anno passado, na mesma [illegible] foi feita a plantação de um dos recantos desse futuro Parque, com centenas de arvores, que ora se acham em plena vegetação. Essa plantação continua a ser feita com plantas de todas as especies, portes e procedencias aproveitadas seguindo o rifão arabe: "Salvar uma planta, é elevar uma oração a Allah".

Do Novo Viveiro da Prefeitura, na Auto-Estrada, vão ser transplantadas milhares de mudas para povoar as areas do Parque, algumas das quaes foi preciso tornar a aterrar para formar pequena camada de terra vegetal: dahi a difficuldade na escolha das especies segundo a natureza da terra.

Essas mudas do viveiro, nascidas de sementes, não poucas já em porte de transplantação, formam verdadeiras florestas em miniatura.

Em varios pontos do futuro Parque, serão formadas florestas "amas-seccas", isto é, florestas de protecção que futuramente deverão ser cortadas, deixando então apparecer as essencias que só se desenvolvem protegidas na sua primeira edade.

Da continuidade de orientação dependerá que o Parque Ibirapuéra possa vir a ter um aspecto que, em conjunto, limite o mais possivel o que se encontra na Natureza, considerada a ingratidão do terreno.

Convidado pelo prefeito sr. Fabio Prado, organisou e está na direcção do Departamento de Matas, Parques e Jardins o sr. Oliveira Filho que, já na administração do sr. Antonio Prado Junior, tanto fez pela defesa vegetal, pelo florestamento e pela arborisação no Districto Federal.

"Estadão", 22.SET.1937. Fábio Prado fala da importância do "florestamento" do parque.

A FESTA DAS ARVORES

Significativa commemoração junto á velha figueira das lagrimas — A arborisação do novo Parque Municipal de Ibirapuera

O dia de hontem marcava, pelo calendario, a entrada da primavera.

Festejava-se, ao mesmo tempo, o Dia das Arvores, dedicado pelo governo estadual á celebração da natureza nas escolas publicas de todo o Estado.

Com esse fim realisou-se, ás 8 horas, na antiga estrada de rodagem para Santos, o velho caminho de Santos e hoje avenida das Lagrimas, junto á celebrada figueira brava que cresceu e ainda vica, ha muitos annos, não se sabe quantos, á beira dessa róta vicinal, uma pequena festa commemorativa do Dia das Arvores e em recordação de uma época passada, quando alli era o ponto terminal das despedidas que as familias de São Paulo levavam aos entes queridos que partiam da então pequena cidade, para destinos varios.

Teve essa idéa feliz a directoria do grupo escolar do Saccoman, arrabalde onde está o local a que nos referimos e que dá nome a essa escola de ensino primario.

Alli se reuniram os alumnos desse grupo escolar, professores, inspectores escolares, moradores locaes e dezenas de crianças das redondezas.

A manhan, embora opáca pela neblina que ainda não se desfizera, estava relativamente clara. A temperatura agradavel e a paizagem matinal leva-nos insensivelmente a pensar no destino desa velha e umbrosa e verdejante figueira brava, conhecida por "arvore das lagrimas e da saudade".

Quando, em 1909, ha 28 annos, alguem a pretendera derrubar por terra e arrancar suas profundas e centenarias raizes, este jornal, que já então, como sempre, se batia pela conservação de tradições populares, o melhor vehiculo de ligação de uma geração á outra, levantou o seu protesto contra esse vandalismo que se intentava praticar.

Muita gente paulistana ainda se recordará da campanha que promovemos nesse tempo.

Felizmente surtiu effeito. O governo municipal de então recebeu em doação o pequeno trecho de terra onde a velha arvore das lagrimas enterrava suas fortes raizes, conseguindo obstar a pratica de um acto revoltante. Não obstante muitos galhos viçosos e grande parte da folhagem tivessem sido arrancados.

Mas chegara em tempo.

Hoje ella lá permanece, dando sombra aos que passam sob seus galhos de basta folhagem nos dias de grande soalheira e offerecendo, entre sua frondo, lar aos passaros que alli vivem.

A placa que se collocou junto ao seu grosso e annoso tronco, cuja dedicatoria se deve á penna do sr. Fabio Prado, organisador e director do Departamento de Matas, Parques e Jardins, diz:

"Arvore das lagrimas e da saudade. Plantada em 1809 pelo governador Antonio José da Franca e Horta, ao tempo em que era capitão-mór Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, para assignalar o ponto terminal das despedidas que as familias de São Paulo levavam aos entes queridos que partiam para destinos varios. Commemorando o Dia das Arvores, 21 de setembro de 1937".

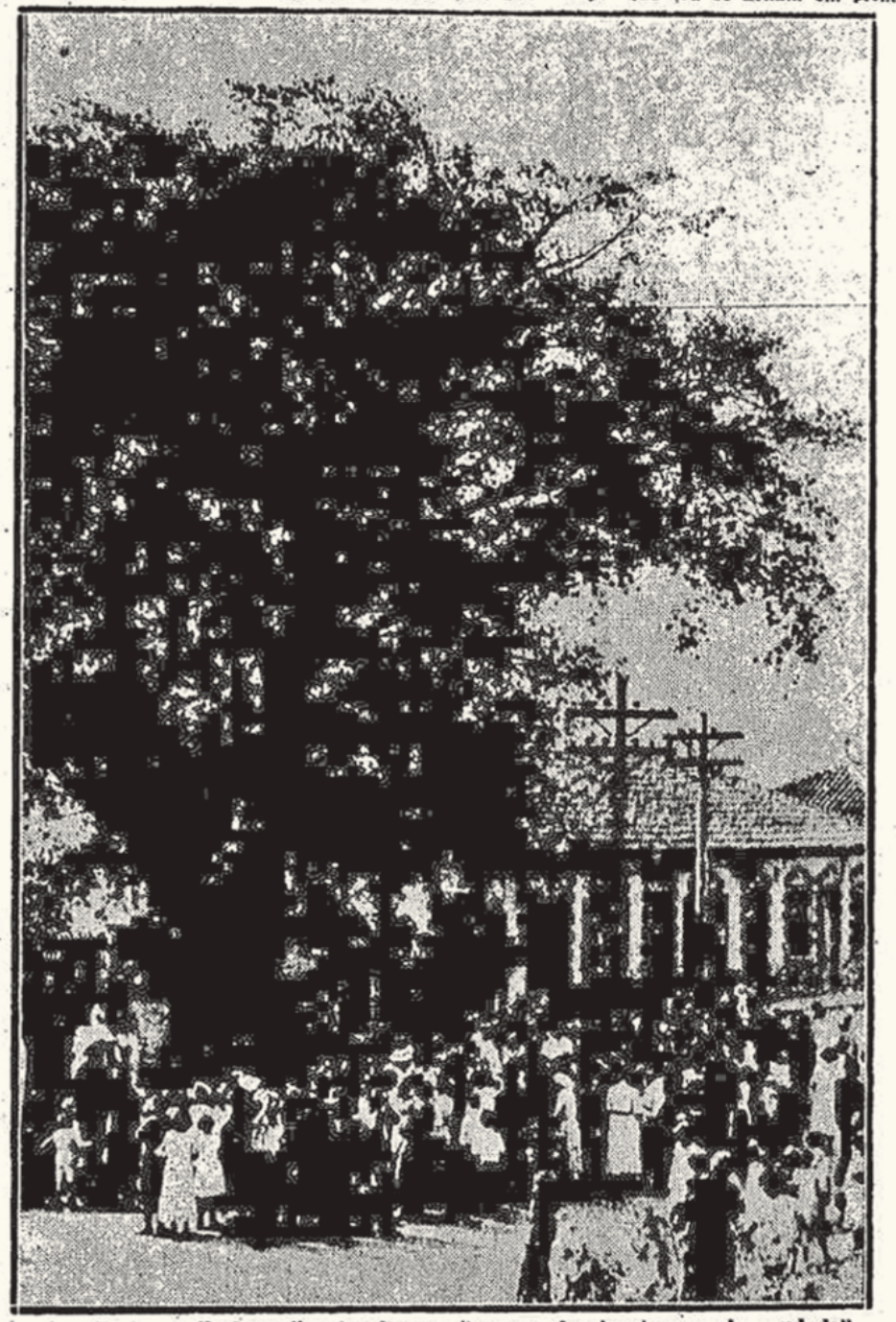
Gárrulas crianças. Adultos com as feições demonstrando alegria e disposição. Mulheres do povo, simples no seu trajar modesto, tendo ao collo, algumas, seus filhinhos. A banda de musica da Guarda Civil em uniforme de gala, com os instrumentos musicaes faiscando ao sól que se erguia. Primeira manhan da primavera.

Recitaram as meninas: Maria Euclydes Bonaparte, Lydia Bartalino, Carmelita Peggoraro e os meninos: Carmino Agostini, Vicente Gobis, etc., entre alguns outros.

A Banda Musical, presente, entremeava as diversas phases dos festejos com peças musicaes.

Falaram outros professores, todos referindo-se á data e á arvore a cujos pés, sob cuja sombra, recordavam um São Paulo já perdido nas névoas do tempo mas não esquecido na memoria das gerações actuaes.

— Antes de terminar estas notas, queremos fazer uma pequena referencia aos discursos pronunciados. Pensamos que, como a maior parte da assistencia era composta de escolares primarios, aquelles deixaram de ter sido em linguagem mais singela e accessivel á mente desses pequenos.



A velha e acolhedora figueira brava: "arvore das lagrimas e da saudade"

Em outra matéria do “Estadão”, de setembro de 1936, comemorando o Dia das Árvores, o referido Conselho Florestal faz uma solenidade no parque, onde **"foram plantadas 250 árvores das espécies: pau-ferro** *(Caesalpinia ferrea)*, **eritrina** *(Erythrina sp.)*, **canafístula** *(Peltophorum dubium)*, **tipuana** *(Tipuana tipu)*, **alecrim** *(Holocalyx balansae)*, **quaresmeira** *(Tibouchina granulosa)*, **cesalpinia** *(Caesalpinia sp.)*, **além de uma centena de ipês-amarelos** *(Handroanthus ochraceae)* **e ipês-roxos** *(Handroanthus sp.)*”. Afirma que todas essas mudas são dos viveiros da Prefeitura, onde **“já existem cerca de trinta mil mudas de várias essências e milhares de plantas ornamentais”.** Outra curiosidade é a informação de que serão plantadas **"árvores de crescimento rápido – para proteger e sombrear as espécies que prosperam lentamente”** – que depois serão **“eliminadas”**.

Por último, fala do procedimento da Prefeitura de transplantar árvores e palmeiras adultas, doadas por particulares, quando retiradas de terrenos a serem edificados (prática usada desde os tempos de Antônio Etzel). A matéria cita o caso de uma palmeira-real, com o torrão de terra de cinco toneladas, **“removida do terreno onde foi o Observatório Astronômico, na avenida Paulista, ao lado do Trianon”**, e transplantada para a Avenida Brasil, onde **“já está pondo a sua primeira palma"**.

Em mais uma matéria do “Estadão”, de setembro de 1937, de novo na comemoração da Festa das Árvores, a Divisão de Parques e Jardins informa que plantará **“centenas de árvores, predominando o ipê-amarelo”** (*Handroanthus ochraceae*). Interessante nessa matéria é a informação de que, devido à má qualidade do solo (fato descrito por Alfred Usteri), são obrigados a acrescentar terra vegetal. E de novo, falam das mudas criadas no **“Novo Viveiro Municipal”**, que vão **“povoar as áreas do parque”**. A matéria começa com uma linda homenagem à **“velha figueira-brava”** *(Ficus sp.)*, da Avenida das Lágrimas, possivelmente a atual República do Líbano, ou próxima a ela.

Essa matéria fala também de outra ação da Divisão de Parques e Jardins muito significativa para a minha narrativa: **"[...] fez ontem plantar uma longa avenida no Parque Ibirapuera, iniciando o florestamento da grande área."**

Manequinho morre precocemente, em fevereiro de 1938, aos 66 anos, **"devido à intoxicação por pesticidas"** (OBEIDI *et al*. 2014). Morreu envenenado pelos mesmos agrotóxicos que usou a vida toda para matar os insetos que tanto estudava. Deixou uma legião de admiradores, assíduos leitores da sua coluna no “Estadão”. Lutou pela ampliação do Viveiro Municipal no parque e lutou mais ainda para que não fosse despejado de lá. Ajudou a construir a infraestrutura que até hoje produz espécies herbáceas e arbustivas que povoam a cidade de São Paulo. Deixou um legado paisagístico anônimo nas ruas, praças e parques paulistanos, além de ajudar a formar um dos mais importantes parques urbanos do Brasil.

Nos quatro anos em que atuou na Prefeitura, Manuel Lopes de Oliveira Filho, com a ajuda de Navarro de Andrade e do Conselho Florestal, construiu a paisagem do Ibirapuera, dando ao parque suas características florestais únicas que permanecem até os dias de hoje.

FALLECIMENTOS

MANUEL LOPES DE OLIVEIRA FILHO — Falleceu, segunda-feira ultima, nesta capital, o nosso confrade, sr. Manuel Lopes de Oliveira Filho.

Manuel Lopes de Oliveira Filho nasceu a 14 de março de 1872, na cidade de Bananal, sendo seus paes Manuel Lopes de Oliveira e sra. d. Francisca de Assis Vieira Bueno de Oliveira Lopes. Fez os primeiros estudos no Collegio Morton e depois na Escola Mechanicidade, do professor João Kopke. Entregue sua educação a um professor estrangeiro, este o levou, em companhia de diversos collegas, a Europa. Lá, entretanto, os abandonou. E Manuel Lopes passou a cicerear o grupo, até que o Imperador, que fazia uma estação em Baden-Baden, providenciasse sua volta ao Brasil.

As suas vocações de Manuel Lopes de Oliveira Filho patente e longos estudos. E seus conhecimentos nesse sentido, tiveram applicação no Districto Federal, durante a administração Prado Junior.

Exerceu o cathedro os seguintes cargos: entomologica da commissão de Estudo e Debellação da Praga Cafeeira; assistente-chefe da secção de entomologia e parasitologia agricolas do Instituto Biologico de São Paulo; director da Inspectoria Agricola e Florestal do Districto Federal; organisador do primeiro serviço methodico de combate ás formigas cortadeiras; chefe do serviço scientifico do Instituto Biologico de São Paulo; chefe da Divisão de Mattas, Parques e Jardins da Prefeitura de São Paulo e membro do conselho florestal do Estado.

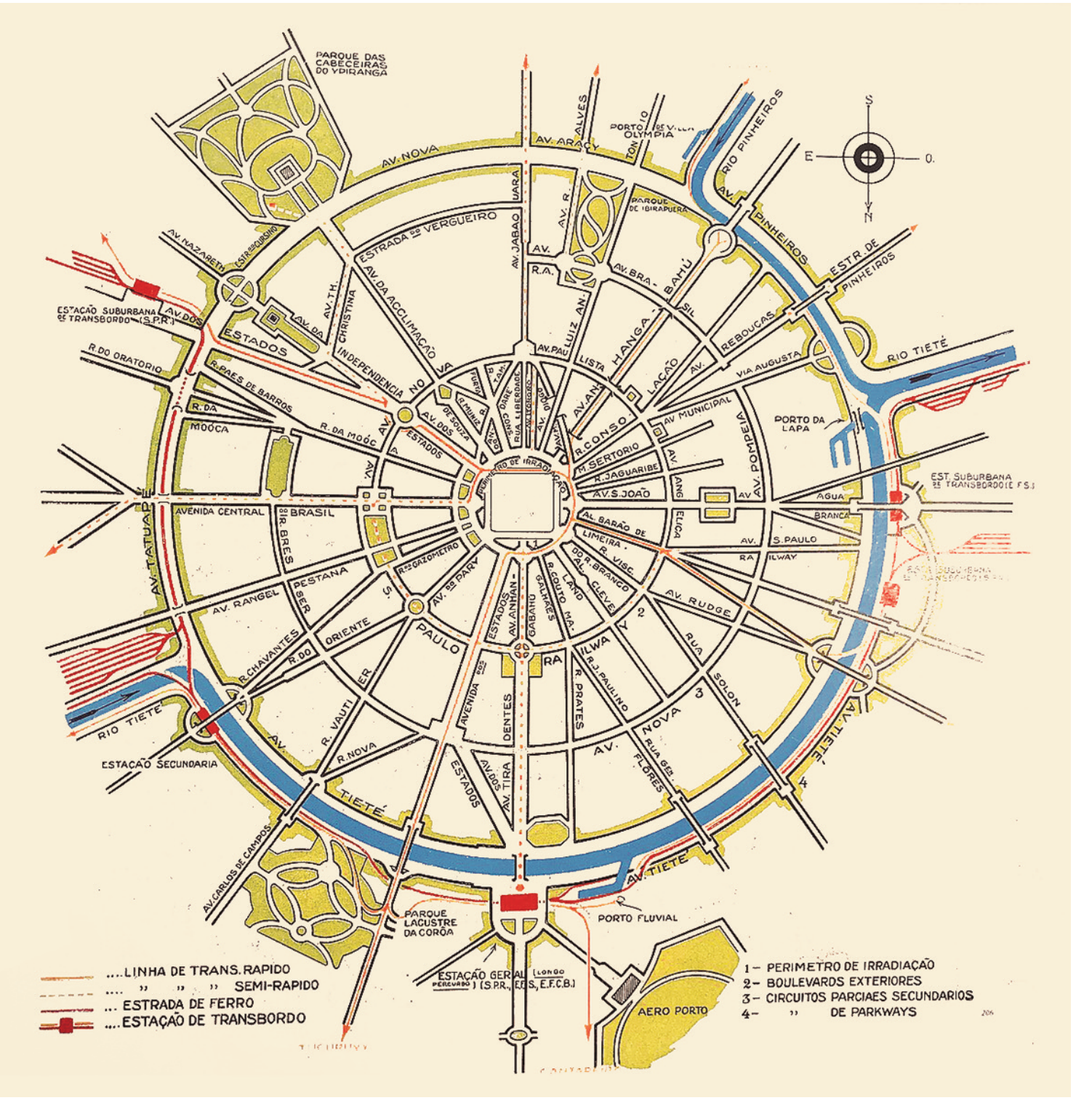
O sr. Manuel Lopes de Oliveira Filho deixou viuva a sra. d. Candida Teixeira Lopes de Oliveira e os seguintes filhos: Manuel Lopes de Oliveira Neto, Marco Antonio Lopes de Oliveira, casado com a sra. d. Nair Lopes de Oliveira; Candida Lopes de Oliveira, Anaita Lopes de Oliveira e sra. d. Francisca Lopes de Oliveira Martines, casada com o sr. Ethevaldo Martines. Deixa ainda quatro netos de menor edade.

O seu sepultamento realisou-se, anteheontem, ás 9 horas, saindo o feretro, com grande acompanhamento, da rua Mergado Mathens n. 148, para o cemiterio da Consolação.

“Correio Paulistano”, 04.MAR.1938. Obituário de Manuel Lopes de Oliveira Filho. Foto acima, sem autoria e sem data.

←**“Estadão”, 22.SET.1937.** Na Festa das Árvores, a matéria cita: **“a Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura [...] fez hontem plantar uma longa avenida no Paque Ibirapuera, iniciando assim o florestamento da grande área [...] centenas de árvores – predominando o ipê-amarelo”.** E de novo fazem referência à **“péssima qualidade dos terrenos.”**

Francisco Prestes Maia (1896-1965), sem data. Secretário de Pires do Rio e duas vezes prefeito de São Paulo. Foto sem autoria.



Esquema do Plano de Avenidas, 1930. Criado por Prestes Maia e Ulhôa Cintra, e publicado pela primeira vez em 1924 (Ibirapuera no alto). Foto: Fernando Oda.

CICCILLO E O “ARRAIÁ” DO IV CENTENÁRIO

Em 1939 assume o novo prefeito, indicado pelo governador Ademar de Barros, o engenheiro Francisco Prestes Maia, que já havia sido Secretário de Viação e Obras Públicas na gestão Pires do Rio, e seria prefeito uma segunda vez, de 1961 a 1965.

No seu primeiro mandato, de sete anos, Prestes Maia pouco fez pelo Parque Ibirapuera. Toda sua atuação foi centrada no "Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo", criado por ele e Ulhôa Cintra, em 1930, que priorizava a questão da mobilidade, principalmente das grandes avenidas ligando o centro aos bairros. Uma das diretrizes previa a separação do Parque Ibirapuera, cortado pelo prolongamento da Avenida Brasil, já pré-executado por Fábio Prado e, depois, pela abertura da Avenida Itororó, atual 23 de Maio, que só ficou pronta em 1967.

O Plano de Prestes Maia dividiu a Invernada em duas partes, o que acabou segregando um pedaço importante do Parque Ibirapuera, que seria "retalhado" por sucessivos governadores paulistas. Perderam-se as áreas ocupadas pelo: Exército (1934); praça do Obelisco (1947); praça do Monumento às Bandeiras (1953); Complexo Desportivo do Ibirapuera (1957); Assembleia Legislativa (1968); sem falar da gigantesca gleba do Instituto Biológico (1927), desmembrada para abrigar o Palácio da Agricultura ou MAC (1953) e o Instituto Dante Pazzanese (1958).

Nesse período, até o início dos anos 1950, que passarei a chamar de “primeiro período de abandono”, o parque só recebia eventos esportivos esporádicos, muitos deles nos lagos, segundo o “Estadão”. Novamente presumo que Arthur Etzel tenha operado livremente, sem pressões e sem projetos, reportando-se apenas ao prefeito.

Mas, ao nalisar as aerofotos de 1940 e 1954 (pp. 67 e 85), constatei que nesse ínterim foram plantadas centenas de eucaliptos na Invernada. Pela simples comparação, vê-se que em 1940 não havia, literalmente, nenhuma árvore na Invernada, mas em 1954, os cinco maciços ao norte do Sapateiro estavam já crescidos, prontos pra receber o “arraiá” do IV Centenário.

Posso inferir que, com o fim da gestão Fábio Prado e a morte de Maneco, em 1938, Arthur Etzel, o novo diretor da Divisão de Parques, tenha convencido seu amigo Prestes Maia a replicar os conceitos das “bombas australianas”, aprendido com Navarro de Andrade, que morrera em 1941.

Não seria a primeira intervenção da Prefeitura ao norte do Sapateiro, mas seria a maior, desde os drenos. Presumo que Etzel fez esse plantio, mas pode haver evidências documentais que creditem ao governo do Estado essa primeira intervenção na Invernada.

Aliás, o “imbróglio” da posse da Invernada, que acompanha o parque desde a sua gênese, teve um novo capítulo em 2019, com a publicação, pelo governador João Doria, do decreto 64.121 que concede ao município, por 50 anos, o **"terreno situado no Parque do Ibirapuera [...] parte de área maior denominada Invernada dos Bombeiros".** Esse decreto garantiu a concessão privada do parque, concluída no ano seguinte. Ou seja, o parque da Invernada só foi concedido à Prefeitura depois de 2019.

No último ano de mandato, Prestes Maia demonstra sua insatisfação com a não construção do Parque Ibirapuera e lança o projeto "Melhoramentos do Parque", com resquícios das propostas anteriores, respeitando **"a área do viveiro, as ruas já abertas e as terras da Prefeitura"**, mas sem assumir a paternidade dos eucaliptos. De fato, nem ele, nem os seis prefeitos seguintes, que se revezaram em curtas administrações, até 1951, produziram benefícios visíveis ou documentados para a paisagem do Parque Ibirapuera. Até a chegada de Ciccillo...

Francisco Matarazzo Sobrinho (1898-1977), c. 1953. Diretor da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Foto: Dulce Carneiro. Acervo Fundação Bienal.

Símbolo do IV Centenário, de Niemeyer, 1954. Ao fundo, a ‘Voluta Ascendente’, cuja escultura de 17 m de altura desabou antes da abertura do parque. Fonte: saopauloinfoco.com.br.

Projeto paisagístico de Burle Marx para o Ibirapuera, 1953. O famoso anteprojeto em guache, hoje no acervo do MoMA. Copywright Escritório de Paisagismo Burle Marx.

Mas, em 1951, tudo muda com a Lei 4.166, que cria a Comissão dos Festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo, que faria os preparativos para as festividades dos 400 anos da cidade. Dentre as várias responsabilidades da Comissão, a primeira era determinar o local da festividade: Interlagos, Cidade Universitária, Marginal Pinheiros ou Parque Ibirapuera. Algumas fontes citam que os preparativos começaram antes de 51, mas que nada relevante foi produzido.

Depois de um início tumultuado, Francisco Matarazzo Sobrinho é nomeado diretor da Comissão e, de pronto, escolhe o Parque Ibirapuera como sede dos festejos, por acreditar que a cidade se desenvolveria para aqueles lados. Ciccillo Matarazzo, como era conhecido, havia conquistado o respeito das autoridades públicas com a participação na fundação do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), em 1948, e a realização da I Bienal Internacional de Arte de São Paulo, em 1951.

Neste trabalho atenho-me às questões da paisagem apenas. E quando falo em paisagem, refiro-me, quase sempre, ao cenário vegetal, antrópico ou natural, como protagonista, dando menor destaque à paisagem criada com elementos construtivos, pois meu interesse maior está na função biótica do parque urbano, como mostrarei na Terceira Parte.

Portanto, não vou tratar das questões políticas que resultaram nos festejos do IV Centenário, nem da monumental arquitetura produzida no parque, muito menos dos processos e cronogramas envolvidos. Isso quer dizer que pouco falarei de Burle Marx, que, nas suas três tentativas de desenhar a paisagem do Ibirapuera (1953, 1974 e 1992), só obteve sucesso na última, na gestão Luiza Erundina, quando projetou o Jardim das Esculturas, as pistas de Cooper e de Ciclismo, o Playground e a Praça da Marcenaria, na entrada do Viveiro. Aliás, no seu primeiro projeto, de 1953 (ao lado), previa a retirada do Viveiro Municipal do parque.

Segundo Fernanda Curi, no artigo para os anais do Museu Paulista, "Burle Marx e o Parque Ibirapuera: Quatro Décadas de Descompasso (1953-1993)", **"O argumento de que o custo elevado teria sido um fator que justificaria a recusa do projeto de Burle Marx não encontra eco na documentação consultada, reforçando mais uma vez a hipótese de que Niemeyer possa ter agido nos bastidores contra sua escolha [...]".**

Em contrapartida, também cita uma carta do engenheiro-arquiteto Zenon Lotufo, em nome dos arquitetos da Comissão, em que apresenta o valor do trabalho de Burle Marx, orçado em 20 milhões de cruzeiros, contra os 5 milhões do projeto de Teixeira Mendes, e acrescenta uma importante informação, **"a própria Prefeitura poderá fornecer 95% das plantas vivas, adubo animal e mão de obra para o plantio"**. Portanto, esses itens fornecidos, muito provavelmente, pelo Viveiro Municipal e pela Divisão de Parques, comandada por Arthur Etzel, arcariam com 74% do custo total do projeto de Burle Marx. Se aplicarmos esse mesmo fator ao projeto de Teixeira Mendes, e somarmos o fato de que Jânio Quadros acabara de assumir como primeiro prefeito eleito depois da Era Vargas, com uma plataforma anticorrupção e redução de despesas, entende-se por que Burle Marx foi preterido.

Só nesse momento o Estado começa a agir no Parque Ibirapuera, passando a atuar com interesse e celeridade, pois toda a parte edificada para os festejos está em terras da Invernada. A parte ao sul do Sapateiro continuará exclusivamente como um parque, abrigando os pavilhões provisórios e o parque de diversões, que depois seriam desmontados.

Roberto Burle Marx (1909-1994), 1952. O homem que tentou, por três vezes, dar uma intenção à paisagem do Ibirapuera. Foto: Chico Albuquerque. Acervo IMS.

TEIXEIRA MENDES E O PAISAGISMO SEM PROJETO

O estudante Otavio Augusto Teixeira Mendes (1907-1988), sem data. "A paisagem é pra ser vivida". Foto passaporte. Fonte: MARIANO, 2005.

Em 1952 é formada a equipe técnica da Comissão do IV Centenário, chamada de "Serviços de Engenharia". **"Foram definidos** (o engenheiro) **Ernesto de Farias Alves como diretor,** (o arquiteto) **Milton Carlos Ghiraldini, responsável pelo urbanismo, e** (o agrônomo) **Otavio Augusto Teixeira Mendes, arquitetura paisagística, parques e jardins"** (MTM, 1977).

Acredito que os mais importantes e longevos trabalhos feitos pelos "Serviços de Engenharia" foram o redesenho dos lagos, adequando-os aos córregos existentes, e a enorme malha viária que irrigou as festas do IV Centenário e até hoje orienta o uso do parque, mesmo com a proibição do tráfego local de automóveis e a consequente redução da superfície de absorção, um conceito desconsiderado em 1954.

Em todos os trabalhos por mim estudados nunca são consideradas as ações deste trio interdisciplinar, formado por um engenheiro, um arquiteto e um agrônomo, como uma equipe de trabalho. Afinal, ela atuou na definição final da aparência do parque e na criação dos elementos mais importantes para os festejos, afora a arquitetura de Niemeyer.

Mas, infelizmente, não localizei fotos, projetos, nem desenhos dessa atuação. E nada sobrou do projeto de Teixeira Mendes, a não ser um estudo preliminar de paisagismo (ao lado), simples e sem informações técnicas, que não especificava absolutamente nada. Ouso dizer que esse projeto, uma planta heliográfica pintada com guache, simulava a técnica gráfica do projeto de Burle Marx (p. 76), apresentado à mesma época.

Por outro lado, o projeto de Roberto Burle Marx, que hoje faz parte do acervo do MoMA (The Museum of Modern Art), de Nova York, é mais detalhado e bem apresentado, definindo os temas de alguns jardins, especificando e colorizando os pisos e incluindo elementos auxiliares para a experimentação desses espaços, como as passarelas suspensas.

Teixeira Mendes era engenheiro agrônomo, formado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), atualmente da USP, com pós-graduação em Arquitetura da Paisagem na Universidade de Nova York. Ele queria ser pianista, como a mãe, mas seu pai, um dos fundadores da ESALQ, obrigou-o, assim como a seus irmãos, a se formarem agrônomos. Fez carreira no Serviço Florestal e foi responsável por vários projetos importantes enquanto diretor geral, como o Parque Turístico da Cantareira; a Via Anchieta; e a Escola Agrícola de Pirassununga.

Em 1948, executa seu mais importante projeto paisagístico, o parque da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, no bairro do Morumbi, onde, segundo o site "fundacaooscaramericano.org.br", ele receberia **"por árvore de qualidade, plantada e vingada"**. Além de projetar e implantar o jardim, Teixeira Mendes foi também responsável por sua manutenção pelo **"período de 10 e 20 anos"** (MARIANO, 2005).

Teixeira Mendes afasta-se do Serviço Florestal oficialmente em 1952, passando a dedicar-se exclusivamente ao Parque Ibirapuera. Segundo Cássia Mariano, **"a proposta de Teixeira Mendes foi desenvolvida em 1953 e a execução foi por ele supervisionada até 1956"**. Ela descreve, de forma apaixonada, as intenções do projeto do engenheiro agrônomo.

Concordo com ela quando diz que **"ele era o profissional melhor gabaritado [...] Nas parcerias que se estabeleceram entre Estado e Município, Teixeira Mendes tinha o perfil correto."** No seu excelente livro "Preservação e Paisagismo em São Paulo: Otavio Augusto Teixeira Mendes", (2005), Cássia Mariano apresenta o conceito maior dos trabalhos do agrônomo: **"O princípio da paisagem como arte para ser vivida era o partido norteador"**.

Mas o que fica explícito da intervenção paisagística de Teixeira Mendes, observando-se o parque hoje, especialmente o lado da Invernada, é seu aspecto limpo e moderno, com enorme respeito pelas esculturas arquitetônicas de Niemeyer. Marcante também foi a implantação de um extenso sistema viário orgânico, como se fosse um parque a ser apreciado de dentro do automóvel.

A primeira informação fundamental foi saber da ausência do Serviço Florestal **"sobre a constituição do Parque Ibirapuera"**. Além de ter sido dirigido por Teixeira Mendes, o futuro Instituto Florestal (IF) seria o órgão público indicado para executar as obras no parque, considerando que foi no IF que ele executou os seus importantes e monumentais trabalhos, já citados.

Certamente a área de atuação mais importante no paisagismo de Teixeira Mendes foi no entorno dos edifícios de Niemeyer. **"Teixeira Mendes se debruçou, primeiramente, sobre o espaço para acolher o conjunto arquitetônico, e na acomodação de construções, pavilhões provisórios (Feira Internacional e Verde)."**

Projeto paisagístico de Teixeira Mendes para o Parque Ibirapuera, 1953. Único desenho que restou de todo o trabalho no Ibirapuera. Acervo AHM.

“Caderno do IV Centenário”, 1954. Foto colorizada que mostra que os grandes elementos paisagísticos do parque eram os eucaliptos e a grama, emoldurando os edifícios de Niemeyer. Fonte: Revista “Manchete”.

Parque Ibirapuera, 1954.
Em obras, mas já recebendo uma multidão. Pode-se ver a linha de árvores ao longo das ruas em frente à marquise.
Foto: Oswaldo Luiz Palermo, www.resumofotografico.com.

O jardim de Teixeira Mendes no vão da marquise. Exemplo da arquitetura protagonizando a paisagem, onde a vegetação tem um papel secundário. Acima (1954), foto: Werner Haberkorn, Fotolabor (Museu Paulista da USP). Ao lado (1961), foto: Joe Heydecker (Österreichische Nationalbibliothek).

Palácio do Estados, 1954. Atual Pavilhão das Culturas Brasileiras, com suas palmáceas e o gramado recém-plantados. Foto: Chico Albuquerque. Fonte: IMS.

Na área frontal à marquise, um gigantesco gramado com poucas árvores. **"Palmáceas nativas e exóticas pontuavam intersecções de vias e os caminhos internos ou compunham triangulações balizando as construções. Agrupamentos de jerivás, seafórtias, tamareiras, latânias, cariotas e açaís pontuavam posições e balizavam os edifícios"**. No vão da marquise, um espelho dágua ambientava um delicado jardim com palmeiras e herbáceas (pp. 82-83).

Pelas fotos do período dos festejos e dos anos seguintes, destaca-se a enorme área gramada, desprovida de árvores. Segundo o "Histórico da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo", no tema **"ajardinamento"** consta: **"Espalham-se por todo o Parque Ibirapuera os canteiros ajardinados, numa área gramada de 430 mil metros quadrados"** (MTM, 1977).

A ideia de que o projeto "escandaloso" de Burle Marx iria eclipsar os edifícios fica comprovada pelo tratamento paisagístico final. A grande marquise sempre foi cercada por gramados e vagas de estacionamento. As edificações eram as estrelas da paisagem. Isso é confirmado por Cássia Mariano, que cita o tratamento discreto no entorno das edificações, do projeto de Teixeira Mendes. O paisagismo não competia com a obra de Niemeyer.

Também importante foi a manutenção dos maciços de eucaliptos, mesmo considerando que não havia outra opção, pois era a única vegetação arbórea crescida, ao norte do Sapateiro. Os talhões de eucaliptos serviram como fechamentos laterais, **"estabelecendo balizamentos e contrapontos verticais, contrastando com a arquitetura horizontal"**.

Muitos eucaliptos foram derrubados para receber as ruas, os edifícios e os lagos. Certamente, na área do Palácio das Indústrias (Bienal), onde havia uma rua arborizada, e no entorno do Planetário eucaliptos foram eliminados. Também ao norte do Novo Viveiro, os eucaliptos da cerca viva de Pires do Rio, vistos na aerofoto de 1940 (p. 67), os mais antigos do parque, foram quase todos sacrificados.

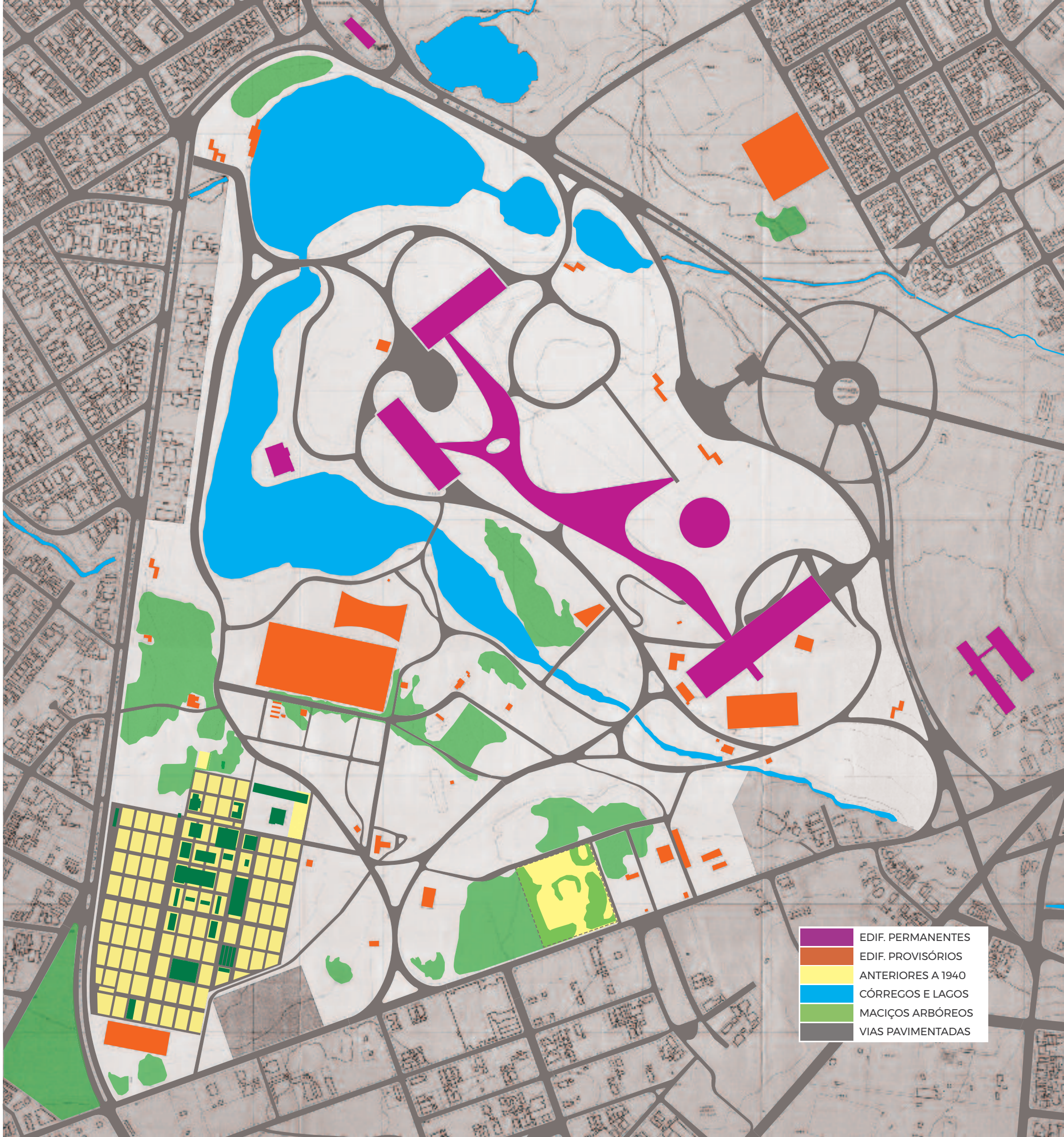
Muitos desses eucaliptos caíram para acomodar os enormes pavilhões provisórios, onde hoje fica a Praça da Paz. Outros foram transplantados, num acordo com o DERSA (Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo), no entorno da pista sul da Via Anchieta, entre os quilômetros 14 e 40, que estava em fase final de execução (MTM, 1977).

Teixeira Mendes plantou espécies nativas da Mata Atlântica, das quais era um profundo admirador e conhecedor. Acrescentou árvores como o carvalho-brasileiro, pau-brasil, guatambu, jatobá e cedro-rosa nos maciços de eucaliptos, atrás do lago e acompanhando o córrego do Sapateiro (técnica também usada por Navarro e Manequinho). No entorno do Palácio das Indústrias plantou ipês-rosas e amarelos. **"As vias foram sombreadas por árvores [...] como alecrins-de-campinas, sibipirunas, angicos e outras como quaresmeiras e manacás"** (MARIANO, 2005).

Maria Teixeira Mendes também cita outros trabalhos efetivamente feitos por Otavio Augusto Teixeira Mendes, como o levantamento altimétrico e planimétrico da área, incluindo toda a arborização existente no parque e no entorno. Segundo a historiadora, queriam manter a vegetação existente, que na sua maioria eram bosques de eucaliptos.

"O 'paisagista' estudou cerca de duzentas perspectivas entre longitudinais mestras e transversais secundárias, levando sempre em consideração a vegetação existente [...] Todavia, houve necessidade de remoção de árvores, para que não se reduzisse demais o número de perspectivas essenciais. [...] as vias de acesso, as entradas, as vias internas, os estacionamentos, os lagos, o espaço para os pavilhões, restaurantes, playgrounds e depósitos, tudo isso dificultava enormemente a abertura de ruas."

→ **Planta Varig/Cruzeiro, 1954.** Projeto do parque do IV Centenário, mas ainda sem os estandes (vide p. 88), colorizada por mim. Fonte: Geosampa.


EDIF. PERMANENTES
EDIF. PROVISÓRIOS
ANTERIORES A 1940
CÓRREGOS E LAGOS
MACIÇOS ARBÓREOS
VIAS PAVIMENTADAS

Remodelação do lago, Parque Ibirapuera, 1952. Uma das raras imagens de obras realizadas pelos "Serviços de Engenharia" da Comissão do IV Centenário. Foto: Sebastião Assis Ferreira. Acervo Museu da Cidade de São Paulo.

Com a negociação da construção do Palácio da Agricultura, atual Museu de Arte Moderna (MAM), a cargo da Comissão, ficou também a cargo de Teixeira Mendes a implantação do paisagismo do terreno do Biológico. Fato desconhecido até pelo próprio Instituto, na figura da dra. Márcia Rebouças, coautora da biografia do IB, usada nesta monografia.

Teixeira Mendes foi quem optou pela redução da área do Viveiro ao tamanho em que se encontra hoje. Posso concluir que o propósito original do Novo Viveiro Municipal havia sido alcançado. O Parque Ibirapuera nasceu e foi povoado pelas essências plantadas pelos Etzel e Manequinho Lopes.

Assim como no projeto de Burle Marx, Teixeira Mendes prezava pelas espécies nativas e o regionalismo como uma forma de conscientizar a coletividade. Mas nenhum dos dois paisagistas reconhecia a área do parque como sendo originalmente de Campo Cerrado. Burle Marx pensou em terraços temáticos rupestres, talvez por pura intuição. Por outro lado, Teixeira Mendes, um profundo conhecedor das madeiras da Mata Atlântica e dos seus potenciais de associação, priorizou a arborização ombrófila.

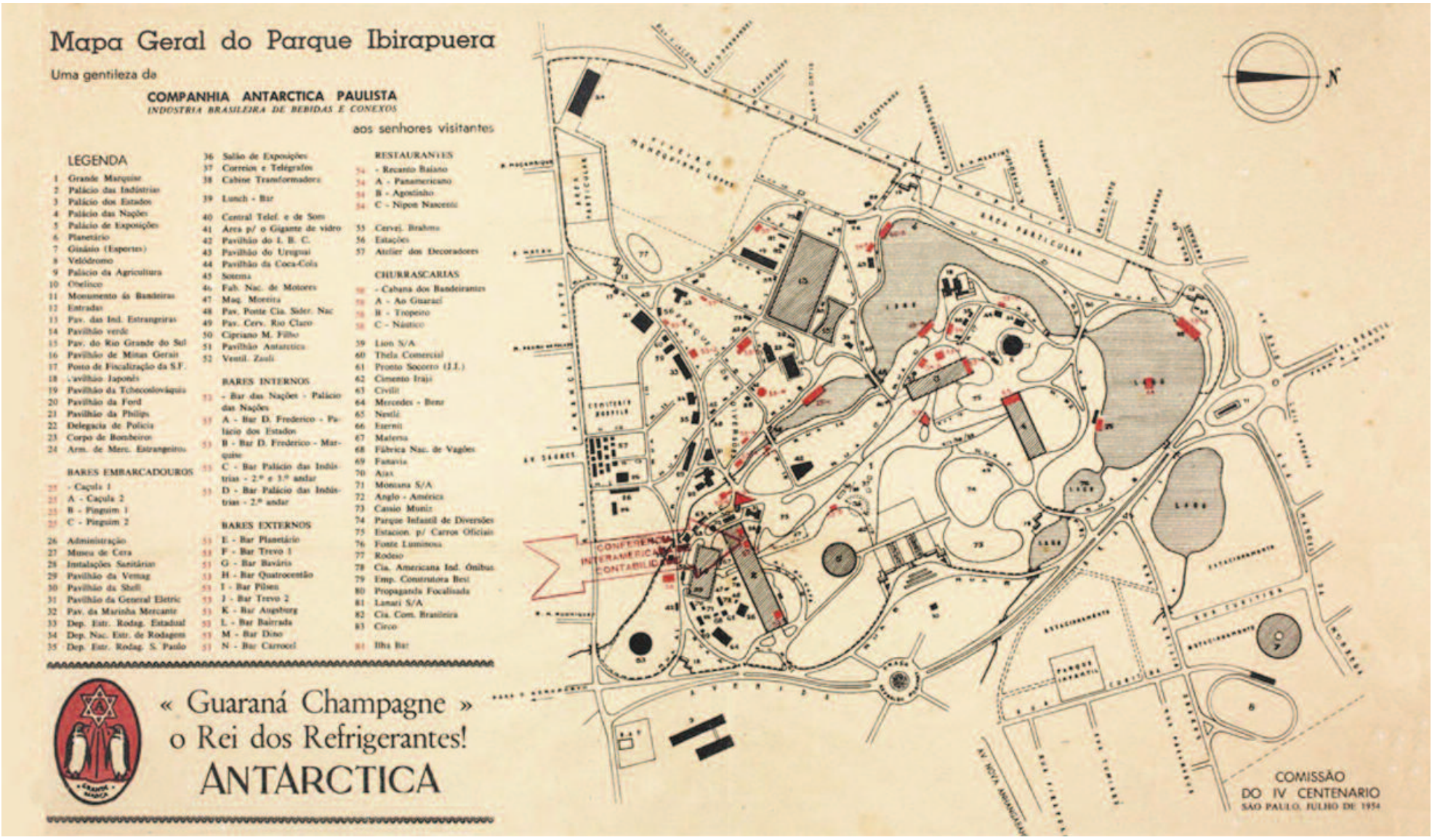
É inconcebível pensar que todos os desenhos, as tais 200 perspectivas, todas as cópias, tudo sumiu. Nada foi preservado! Nem uma foto de Teixeira Mendes acompanhando os trabalhos de movimentação de terra ou o plantio, no chão de obra... nada! A única explicação que me ocorre é que talvez esses desenhos fossem esquemáticos e pessoais, e que todo o trabalho foi feito na sua presença. Mariano cita: **"Seu prazer maior estava em acompanhar e implantar parques, chegando mesmo a dar pouco crédito aos papéis"**.

Vale dizer que os festejos do IV Centenário foram um estrondoso sucesso de público, levando multidões ao parque. A estreia, na verdade, foi em dezembro de 1953, com a inauguração da II Bienal Internacional de São Paulo, no Palácio dos Estados e no Pavilhão das Culturas (atual Museu Afro Brasil), com o parque ainda em obras.

Minha proposição neste trabalho é de difícil comprovação e a impressão que fica é que o paisagismo foi realizado sem projeto, pois era a menor das preocupações da Comissão. Replantaram-se as espécies disponíveis no Viveiro, dependendo da Prefeitura para realizar as custosas movimentações de terra e emprestar a força de trabalho para que fossem criados os espaços de sensação. E Teixeira Mendes tinha tudo isso, uma equipe de engenharia para traçar e construir um grande sistema viário, em pouquíssimo tempo; muitos homens e máquinas para movimentar um enorme volume de terra; um viveiro construído 26 anos antes para povoar o parque; e o poder para operar os vários atores envolvidos neste processo, que tinha data para ser inaugurado!

E mesmo assim, a aguardada inauguração do Parque Ibirapuera não aconteceu no dia 25 de janeiro... Só ocorreu sete meses depois, no dia 21 de agosto de 1954!

→**Aerofoto de 1954.** O parque no ano da inauguração, ainda como um gigantesco canteiro de obras: os lagos do Sapateiro ainda não concluídos; as ruas ainda não pavimentadas; a grama ainda não visível; mas com o Viveiro já reduzido e toda a cerva viva já derrubada. Fonte: Geosampa.



Mapa da Comissão do IV Centenário, julho de 1954.
Publicado no programa oficial, localiza os quinze bares e oito restaurantes, além do parque de diversões, circo, rodeio e o "ilha bar"
Fonte: bienal.org.br.

Como pôde Teixeira Mendes ter produzido um resultado paisagístico em tão pouco tempo? Nas fotos aéreas da época da inauguração e na panorâmica de 1957 (pp. 90-91), só eram visíveis os eucaliptos na Invernada dos Bombeiros. O solo mexido pelas obras foi coberto com grama, a grande estrela do paisagismo de Niemeyer. Nos anos seguintes às festividades, que chamo de “segundo período de abandono”, as fotos mostram poucas mudanças na paisagem. E, nas décadas seguintes, a refação do paisagismo e a despoluição dos lagos eram assuntos recorrentes que envolviam a opinião pública, sempre com a apresentação da mesma solução... “recontratar” Burle Marx!

A única interação entre Teixeira Mendes e Etzel que encontrei documentada foi em um dos "Manuscritos do Fundo do IV Centenário" (caixa 197) que relata: **"O grupo Serviço de Engenharia, série Obras Públicas [...] Apresenta o Dr. Otavio Augusto Teixeira Mendes sugestões referentes a arquitetura paisagística do Parque Ibirapuera e solicita seja convidada a colaboração do Sr. Arthur Etzel com a preliminar de uma reunião"**. (BARONE, 2007). Em outras palavras, era a Comissão "sugerindo" a Teixeira Mendes o paisagismo ideal do parque e "solicitando" que a execução fosse combinada com Arthur Etzel.

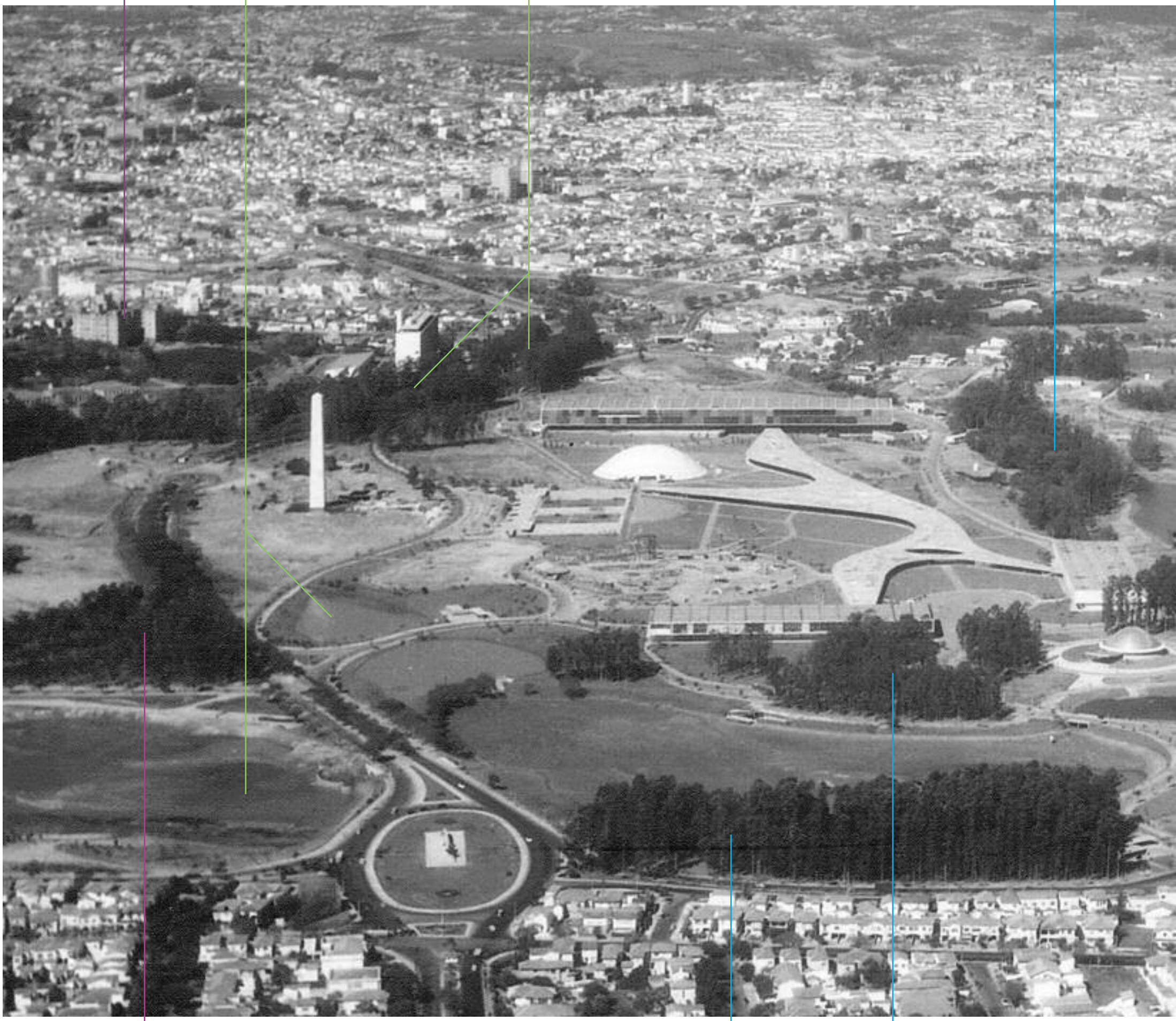
Portanto, concluo que Teixeira Mendes, com sua sensibilidade de músico, influiu no traçado das ruas e na escavação dos lagos. Derrubou dúzias, quiçá centenas de eucaliptos, para fazer o paisagismo possível, em meio ao caos. Ele enriqueceu os bosques de eucaliptos com espécies nativas fornecidas pelo Viveiro e, muito provavelmente, instruiu Arthur Etzel, que continuou o seu conceito de paisagem.

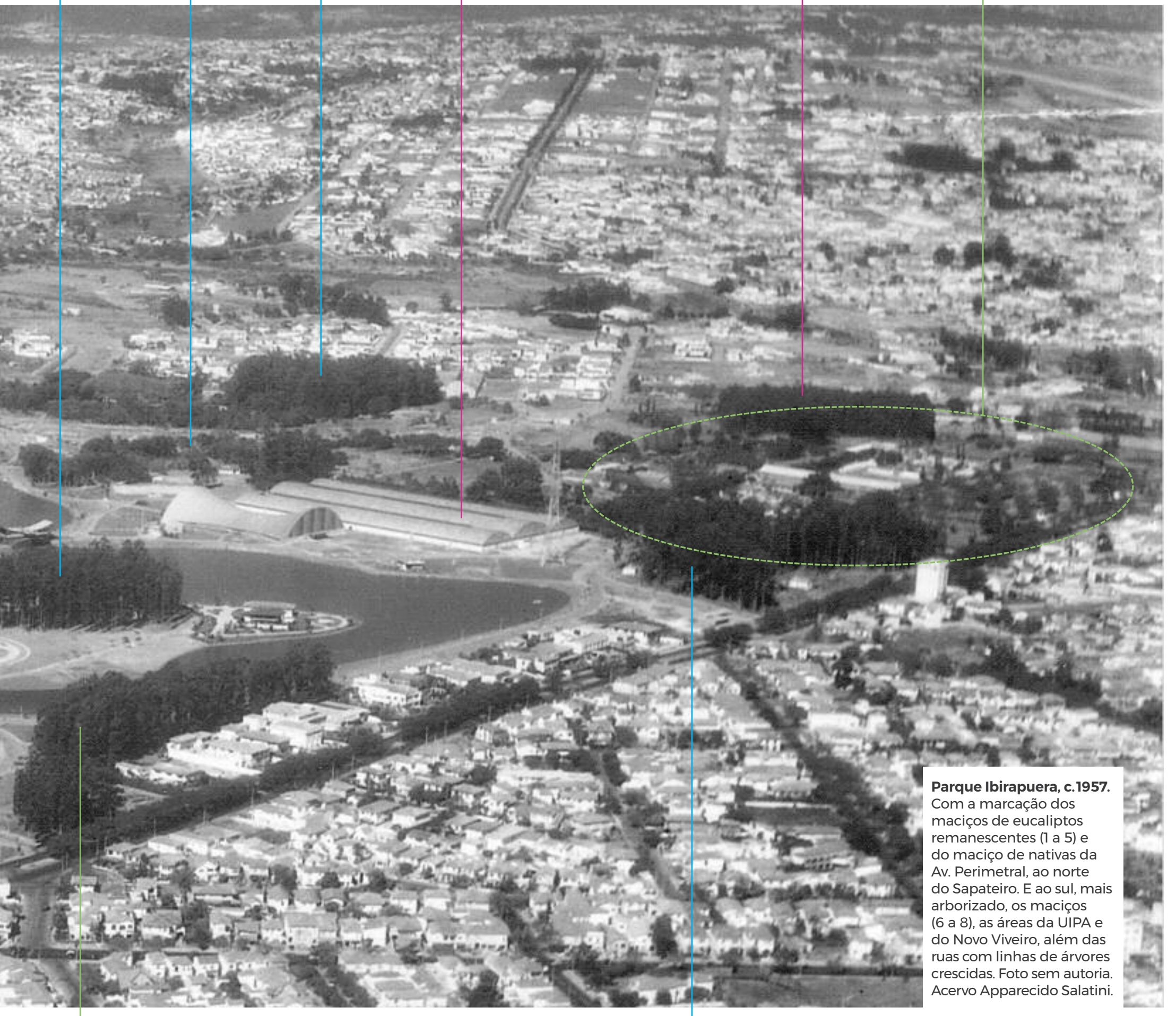
O parque é o que é hoje por causa do trabalho miúdo e diário dos jardineiros que o vivenciam, substituindo as árvores caídas e modificando as micropaisagens. Certamente Arthur Etzel e seus jardineiros, com suas pequenas intervenções, podas, manutenções, adubações e limpeza, reconstruíram a paisagem do parque.

Paralelamente a isso, reafirmo pela “enésima” vez que o fato de haver dois Parques Ibirapuera sempre atrapalhou a construção dessa paisagem! Ao sul do Sapateiro, o parque municipal, recreacional, fartamente arborizado, fruto do trabalho de Manequinho, Navarro, os Etzel, a UIPA e outros atores, sempre foi um parque de “segunda classe”. Ao norte, o parque funcional, expositivo, cheio de equipamentos e vagas de estacionamento, pensado para um uso artístico, cultural, o parque estadual, do Ciccillo, Niemeyer e do IV Centenário, sempre foi a “vedete” das fotos e dos cartões-postais.

Com o fim dos festejos, em 25 de janeiro de 1955, o caos se instala no Parque Ibirapuera. A Comissão teria seis meses para fechar as contas e pagar todas as dívidas contraídas. Esperava-se o acerto de contas entre o Estado e o Município, na divisão dos equipamentos. Os debates tornaram-se públicos e a ideia que predominava era a da criação de um centro de exposições permanentes, dividindo o parque em três setores: o centro cultural e artístico, na área dos edifícios permanentes (Invernada); a feira de São Paulo, que tornaria permanentes os pavilhões provisórios e seria o grande centro de exposições e comércio da cidade, ao sul do Sapateiro; e o parque de diversões, que finalmente expulsaria o Viveiro do parque, para criar um setor de lazer terceirizado permanente.

Os Setores do Parque Ibirapuera, PD 2019.
Ainda hoje persistem os dois parques: o ambiental, da Prefeitura, e o cultural, do Estado. Fonte: Plano Diretor do Parque Ibirapuera, Consulta Pública, 2019.


INSTITUTO BIOLÓGICO
LAGOS SUPRIMIDOS
EUCALIPTOS RETIRADOS
MACIÇO EUCALIPTOS 1
ATUAL MODELISMO
MACIÇO EUCALIPTOS 5
MACIÇO EUCALIPTOS 3 E 4



Parque Ibirapuera, c.1957. Com a marcação dos maciços de eucaliptos remanescentes (1 a 5) e do maciço de nativas da Av. Perimetral, ao norte do Sapateiro. E ao sul, mais arborizado, os maciços (6 a 8), as áreas da UIPA e do Novo Viveiro, além das ruas com linhas de árvores crescidas. Foto sem autoria. Acervo Apparecido Salatini.

O Parque Ibirapuera, 1970. Observe-se as linhas de árvores plantadas nos festejos de 1954, os bosques de eucaliptos junto ao Planetário e a “mata ciliar” acompanhando o Sapateiro. Abaixo do córrego, a “fúria arborizadora” em curso. Foto sem autoria. Acervo AHM.

Ciccillo Matarazzo, que já havia sido demitido pelo prefeito Jânio Quadros, assistia agora à demissão de todos os membros da Comissão pelo novo prefeito, Juvenal Lino de Matos. Em janeiro de 1956 as coisas pioram e a Prefeitura se instala, inclusive com o Gabinete do Prefeito, nos Palácios de Niemeyer. Essa ocupação pela iniciativa pública não impediu a degeneração do parque. Uma série de reportagens denunciava o desleixo provocado pelas desavenças entre o Estado e o Município: **"Cinco anos passados da inauguração e praticamente só restam ruínas, numa visão melancólica de desprezo e da falta de senso público dos nossos homens de governo"** (CURI, 2018). Os jornais paulistanos abusavam das manchetes trágicas, falando da desolação e mostrando os pavilhões já como ruínas. Ironicamente, Fernanda Curi, na sua importante tese de doutorado "Ibirapuera, Metáfora Urbana, O Público/Privado em São Paulo”, 2018, que narra esse período esquecido do Parque Ibirapuera, lembra a frase de Lévi-Strauss, no livro "Tristes Trópicos", de 1950, em que se refere a São Paulo como o lugar onde tudo parecia estar **"a meio caminho entre a construção e a ruína"**.

Teixeira Mendes construiu as bases e vislumbrou o paisagismo do parque, mas não executou esse projeto de um futuro parque. Ele executou o projeto possível. O paisagismo do “arraiá” do IV Centenário.

Rosa Kliass talvez tenha dito a frase mais emblemática sobre o Ibirapuera, **"a intenção paisagística não está claramente expressa na implantação do parque".** Neste contexto, minha concepção de que o paisagismo do Ibirapuera sempre foi uma construção coletiva explica melhor essa falta de "intenção paisagística". O paisagismo sempre foi operado às margens do processo de construção do parque. Seus “serviços ecossistêmicos” que são hoje os quesitos mais importantes do Parque Ibirapuera, nunca foram a preocupação principal do poder público e, muito menos, da Comissão do IV Centenário.

E é aqui, em 1956, que termina a ‘era’ Teixeira Mendes, que deixou para trás muito trabalho para os jardineiros do parque. Com o fim dos festejos, veio o ‘segundo abandono’. Os jardineiros-paisagistas do Viveiro Municipal e da Divisão de Parques puderam fazer seu trabalho invisível, criando também a paisagem possível. Arthur Etzel estava, de novo, livre para “embelezar” o parque.

→ **Aerofoto de 1958.** Já com seu traçado urbano consolidado, mas com os edifícios provisórios ainda montados. Vê-se que o parque ainda não estava “furiosamente” arborizado, quando comparamos com a Ortofoto 2017 (p. 7). Fonte: Geoportal Memória Paulista.

PARTE 3

PODA E LIMPEZA

INTRODUÇÃO

A princípio, meu recorte temporal iria terminar em 1956, ao final dos trabalhos de Teixeira Mendes. Mas, ao analisar esse mesmos trabalhos, constatei que o seu projeto de paisagismo era na verdade um “projeto de resultado”, pois ele teve pouquíssimo tempo para criar uma paisagem possível, dentro do corre-corre da preparação dos festejos, além de fazer isso sem um projeto executivo de paisagismo, ao melhor estilo dos jardineiros municipais paulistanos.

Otavio Augusto Teixeira Mendes tinha que operar inúmeras variáveis, como a extensa malha viária, as construções provisórias, os estandes, os serviços de atendimento ao grande público, bares, restaurantes, guaritas..., enfim, ambientar e inaugurar o "arraiá" do IV Centenário, que ainda foi entregue com sete meses de atraso. Por mais habilidoso que fosse, o engenheiro agrônomo não tinha experiência em produção de eventos, ainda mais naquela escala, equivalente hoje a um Rock in Rio ou a uma Festa do Peão de Barretos.

Analisando o trabalho paisagístico de Teixeira Mendes, atendo-me exclusivamente à vegetação, constato que suas principais ações – com exceção da derrubada de dúzias, quiçá centenas, de eucaliptos da cerca viva – ocorreram na Invernada: os "gramados de Niemeyer"; as linhas de árvores em frente à marquise; a permanência dos eucaliptos, “reforçados” com espécies nativas, na Avenida Perimetral e margeando o Sapateiro; a derrubada de eucaliptos nas imediações do Palácio das Indústrias e do Planetário... Todo o paisagismo dos festejos acontecia na Invernada!

←**Figueiras *(Ficus sp.)* na serraria, 2021.**
Foto do autor.

Mas, no fundo, ele e os “Serviços de Engenharia” operaram um milagre! Entregaram um parque funcional, para os cinco meses de festa, que funciona até hoje.

Esta monografia percorreu o longo Caminho do Virapoeira e chegou a este ponto, onde sintetizo as respostas que obtive para algumas das perguntas que me guiaram pela reconstrução da paisagem desse parque, mesmo sabendo que, ainda precisam de mais pesquisa e melhor comprovação... O sítio do Ibirapuera era, na verdade, povoado por uma vegetação de Campo Cerrado, como registrou Usteri. Os primeiros eucaliptos foram plantados durante a gestão Pires do Rio, pelos Etzel, que também transferiram e operacionalizaram o Viveiro Municipal. O Hospital Zoófilo foi um importante arborizador da área. Manequinho Lopes só operou no parque, entre 1934 e 1938, sob a supervisão de Navarro de Andrade e do Conselho Florestal. Arthur Etzel, que foi redondamente esquecido em quase toda a literatura do parque, plantou todos os eucaliptos da Invernada, depois de 1940. Teixeira Mendes aceitou fazer o paisagismo da Comissão, onde os edifícios seriam os grandes protagonistas da paisagem. E Arthur Etzel foi o maior responsável pela “fúria arborizadora” (de Rosa Kliass)!

Pois bem, agora é hora da poda e da limpeza... Tenho que "embelezar" esta monografia e prepará-la para a apresentação das minhas "essências". E farei exatamente isto nesta Terceira Parte e no Anexo 1, tirando da obscuridade personagens vitais na construção coletiva dessa paisagem, além de “rascunhar” propostas alternativas para um parque urbano da importância do Ibirapuera.

Antônio Etzel no Jd. da Luz, junto ao manacá, 1922.
Dedico esta Terceira Parte a Antônio Etzel, um tirolês sizudo e trabalhador, que embelezou São Paulo por trinta anos. Foto “A Casa do Administrador”, PMSP, 2008.

AS MÃOS QUE EMBELEZAM A PAISAGEM

Para entender melhor o mundo de informações coletadas, criei uma "Linhatempo do Parque Ibirapuera", onde inseri todos os fatos relevantes que culminaram na formação do parque e, principalmente, na construção da sua paisagem, inclusive as instâncias de poder municipal que administram e "embelezam" os parques e jardins municipais, ou, usando um termo mais contemporâneo, nossas áreas verdes.

No final desta monografia apresento o resultado desse processo de "acumulação de dados" – começando na doação dos Terrenos Devolutos e indo até o final dos anos 1970 –, que resultou numa explicação gráfica para muitas das lacunas que eu tinha na pesquisa. Ficou claro que a figura dos administradores municipais dos parques paulistanos é historicamente uma atuação importante, porém invisível. A maioria das nossas antigas praças e jardins foi criada sem projeto e executada sem discussão. Eram atividades solitárias dos nossos jardineiros. E São Paulo, durante 71 anos, teve apenas dois: Antônio Etzel e Arthur Etzel, que "embelezaram" a paisagem urbana, reportando-se apenas aos prefeitos. E foram 43 deles, nesse período.

Faço aqui uma referência ao termo "embelezar", tão usado nos textos sobre a paisagem urbana, desde sempre. Como se as antigas "matas e capoeiras" das Atas da Câmara fossem finalmente substituídas pelas belas essências exóticas. O homem conseguira domesticar a paisagem bruta e deixá-la bela! Embelezar é uma das funções do paisagismo, sem dúvida. Talvez a mais importante e, historicamente, o mais desejável de todos os subprodutos da paisagem artificial. Na sua infinita mesquinhez, o homem antropiza e embeleza... domina, escraviza, abusa, explora e encarcera os seres vegetais, para extrair deles os tão maravilhosos "serviços ecossistêmicos".

No caso do Parque Ibirapuera, temos a figura discreta e quase não citada de Arthur Etzel, que gerenciou as áreas verdes paulistanas, incluindo as ruas e cemitérios, durante 66 anos, considerando os quatro anos iniciais como operário; os nove anos como ajudante do seu pai; e os seis anos finais como administrador pró-honore do Parque Ibirapuera, depois de aposentado. Nesse "tiro" de 66 anos, poderíamos descontar os quatro anos em que Manequinho Lopes foi seu chefe, na década de 1930, sem sabermos como funcionou essa hierarquia.

No obtuário de Arthur Etzel, no "Estadão", ele é descrito como um funcionário municipal ideal. Trabalhava de sol a sol, sem nunca faltar e nunca tirar férias. Conhecia as praças da cidade como ninguém, **"se lembrando dos plantios de cada árvore [...] foi amigo íntimo de Fábio Prado e de outros, em especial Prestes Maia e Faria Lima".** Arthur Etzel foi o todo-poderoso jardineiro-chefe-do-município ou, resumidamente, o "jardineiro-mor". Ele não tinha que prestar contas a ninguém, além dos prefeitos em si. Ele não tinha que seguir planos diretores, nem planos de manejo, nem laudos técnicos e, muito menos, ouvir argumentos de biólogos, arquitetos e engenheiros florestais. Ele não tinha que receber comissões de amigos do parque ou representantes de ONGs. Ele decidia e ele realizava. Ele era um homem de outra era.

Segundo Eduardo Etzel, na matéria já citada, **"o fim da hegemonia dos Etzel"** se dá em 1964, com as reformas fiscais que deram ao município mais recursos, o que significou a descentralização e a terceirização dos serviços municipais.

Em 1966, o prefeito Faria Lima edita a Lei 6.882 que cria as Administrações Regionais, que teriam então a competência exclusiva de conservar as áreas verdes paulistanas.

Último retrato de Arthur Etzel, sem data. Segundo Eduardo Etzel, seu pai e seu irmão eram muito diferentes: para Antônio a **"resposta era sempre um não"**, já Arthur agradava a todos, sendo conhecido como **"Doutor Promessa"**. Foto "A Casa do Administrador", PMSP, 2008.

←**Figueiras *(Ficus sp.)* na serraria, 2021.**
Foto do autor.

Trabalho de replantio no Parque Ibirapuera, 2021. Jardineiros terceirizados fazem o plantio de novas herbáceas. Foto do autor.

Portanto, o poder de Arthur Etzel “envelhece” junto com ele, mas só termina, de fato, em 1971, com a sua morte. Apesar de morrer no hospital, seu irmão considera que o momento exato foi, dias antes, **"aos 81 anos de idade, em pleno Parque Ibirapuera, quando teve um enfarte do miocárdio [...] Pode-se dizer que morreu de pé, em plena atividade"**.

A vida e a carreira de Arthur Etzel sempre foram uma só. E a história dele e a do Parque Ibirapuera também se confundem. Começou em 1928, quando ele e seu pai transferiram parte dos equipamentos dos viveiros da Luz e da Água Branca para o Ibirapuera, incluindo a estufa quente. Com seu pai doente, coube a ele a reconstrução dos equipamentos e serviços do viveiro como a carpintaria, ferraria, escrituração e almoxarifado. Em 1930, com a morte de Antônio Etzel, Arthur assume a direção da Administração dos Jardins Públicos e Arborização do Município.

Mas tudo muda com a chegada do prefeito Fábio Prado. Em 1935, ocorre a reestruturação do organograma municipal, com a criação da Divisão de Parques, Jardins e Cemitérios, agora sob o comando de Manequinho Lopes. Para Arthur Etzel sobrou a Subdivisão, que na verdade significava um rebaixamento. Mas, segundo Eduardo, **"Arthur continuou trabalhando e colaborando sem nada reclamar e naturalmente arcando com todo o trabalho".** Ele participa da criação do Novo Viveiro, de Navarro e Manequinho, e da revolução que os dois operam no parque.

Com o final da gestão Fábio Prado e a morte de Manequinho, em 1938, Etzel é finalmente empossado como diretor da Divisão de Parques, Jardins e Cemitérios. Chamei essa fase do Ibirapuera de “primeiro período de abandono” em que Etzel e seus jardineiros podiam operar livremente, sem a tutela da Conselho Florestal e de Navarro, que morre em 1941.

É durante a longa gestão Prestes Maia (1938-45), um dos amigos de Arthur Etzel, que ele planta os milhares de eucaliptos da Invernada (os atuais maciços 1 a 5). Essa afirmação inédita pode ser visualmente provada, ao se comparar as aerofotos de 1940 (p. 67), 1954 (p. 85) e 1958 (p. 93). Como nos fotogramas de um filme, podemos ver que os eucaliptos não existiam ao norte do Sapateiro, em 1940, mas já estavam crescidos, à época dos festejos do IV Centenário. A comprovação documental desse megaplantio ainda precisa ser investigada, mas esta é a explicação mais plausível para esse fato histórico.

Com a chegada da Comissão do IV Centenário, Etzel passa a estar subordinado a Teixeira Mendes e aos “Serviços de Engenharia”, que fariam outra revolução no parque. O que falta ser compreendido é o quanto Arthur Etzel seguiu da visão, ou dos desenhos perdidos, de Teixeira Mendes. Como foi e, sequer se houve, essa interação. Certamente Teixeira Mendes contou com a participação do sempre solícito Arthur Etzel e da sua tropa de operários.

Depois de 1956, começa o que chamo de “segundo período de abandono” do Parque Ibirapuera. Arthur Etzel estava novamente livre para construir a sua paisagem ideal, prestando contas aos prefeitos, que agora também habitavam o Ibirapuera. Etzel e seu exército de jardineiros, podadores, cortadores de grama e a turma da limpeza estavam novamente livres para plantar, podar e "embelezar" o parque.

Mesmo jubilado, em 1959, por exceder a idade máxima do funcionalismo municipal, Etzel continua à frente da Divisão de Parques e Jardins. Em 1964 é designado administrador pró-honore do Parque Ibirapuera e, em 1965, se desliga da Divisão. Muito provavelmente, nesse período – até a sua morte, em 71 –, ele continua plantando e transformando a paisagem do parque, com o apoio dos seus amigos Faria Lima e Paulo Maluf. E o obituário do "Estadão" confirma a "invisibilidade" do "Doutor Promessa": **"sua maior tristeza era não poder recuperar o Parque Ibirpuera"**.

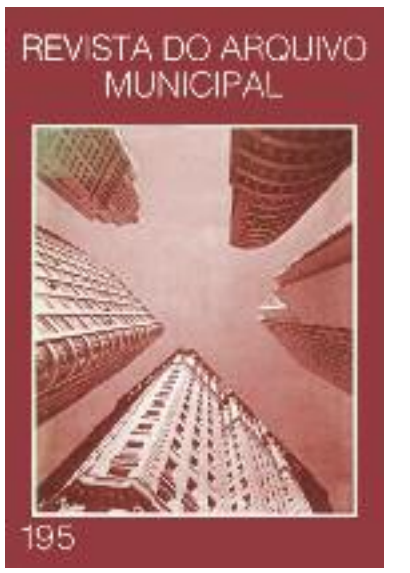
No Plano Diretor do Ibirapuera, de 2019, há uma proposição para o manejo da vegetação do parque: **"[...] o Manejo Teixeira Mendes que, à maneira do trabalho de seu autor, deve ser conduzido a partir dos elementos encontrados no sítio (na ocasião de sua implantação) e utilizados como criadores de ambiências, estrutura de visuais, intenção e valorização de elementos diversos".** Só consigo entender essa instrução, traduzida para a linguagem acadêmica, como um conselho que o jardineiro-mor daria a outro jardineiro: "Vai lá e embeleza!".

Hoje, certamente, o administrador do parque e os agrônomos do DEPAVE têm muito menos poder para interferir na paisagem. Também de acordo com o último Plano Diretor, todo o manejo das árvores é controlado e sistematizado. Até as novas mudas, de brotação natural, estão sujeitas às regras de "convívio" no parque, e podem ser transplantadas ou até eliminadas. Árvores só podem ser derrubadas se atenderem a uma das seis premissas previstas no Plano de Manejo Arbóreo, acompanhadas dos devidos laudos técnicos.

O trabalho dos administradores do parque na "era" Etzel era mais simples, desprovido de projetos, planos e leis. Era um trabalho pragmático, voltado para o embelezamento das paisagens, e foi redondamente desconsiderado em todos os estudos e biografias do Parque Ibirapuera. E é Eduardo Etzel quem afirma: **"[...] o trabalho na construção do verde de São Paulo [...] não foi devidamente reconhecido pelos historiadores que citam os que planejaram [...] mas omitem quem os fez e os cultivou até a sua completa formação".**

Essa harmonia que encontramos no Parque Ibirapuera hoje é resultado de um processo que, muito provavelmente, terminou com Arthur Etzel. O último "jardineiro-mor" da cidade de São Paulo morreu achando que não "recuperou" o parque. Mas, na verdade ele e seus jardineiros anônimos complementaram essa paisagem antrópica e agradável. O Vazio do Virapoeira, com seus solos pobres, úmidos e argilosos, tudo foi uma grande construção coletiva, embora desarticulada em todas as instâncias e dimensões possíveis.

Termino essa divagação com a descrição do trabalho braçal dos jardineiros, novamente narrado por Eduardo Etzel: **"[...] a terra era revolvida numa profundidade de 40 cm, misturada com esterco de cocheira. A grama era plantada em mudas, uma a uma, pedindo um tratamento cuidadoso com regas frequentes e a retirada do mato até que o gramado se formasse".** Em substituição à grama inglesa, **[...] "por volta da década de 50 implantou-se a grama chamada forquilha, São Sebastião ou Batatais, nativa e rústica. [...] suas raízes chegam a um metro de profundidade. Não exige preparo nem qualidade de terra, onde é colocada em placas juntas e niveladas, dando o verde instantâneo"** e conclui, **"afina-se com os novos tempos de inauguração de afogadilho e da carência de detalhes na conservação".**



Capa da "Revista do Arquivo Municipal", 1982. Em matéria de 30 páginas, Eduardo Etzel narra os 71 anos de atuação dos Etzel, sempre sob a ótica dos jardineiros. Fonte: AHM.

PRECISAMOS FALAR DOS EUCALIPTOS

A primeira citação aos eucaliptos no Brasil se dá em 1862, quando Frederico de Albuquerque introduz alguns gêneros em fazendas no Rio Grande do Sul. Segundo Edmundo Navarro de Andrade, no livro "O Eucalypto e suas Applicações", de 1928, espalham-se rapidamente e logo aparecem na Quinta da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro, e depois, em 1871, povoando as ruas e jardins públicos na cidade de Vassouras, também no Estado do Rio.

"Até fins do século passado (séc. 19) **nenhuma importância econômica tinha o eucalipto no Estado de São Paulo, excetuados pequenos bosques nas propriedades de dona Veridiana Prado, em Araras, do dr. Luiz Pereira Barreto, em Pirituba, e do dr. Domingos Jaguaribe, em Osasco."**

A Cia. Paulista criou seu primeiro horto em Jundiaí, em 1903. Essa poderosa companhia de estradas de ferro introduz e pesquisa mais de 150 espécies de eucaliptos australianos, desde o início sob o comando do engenheiro florestal Navarro de Almeida.

Nas décadas de 20 e 30, o eucalipto "estoura" e transforma-se, segundo o jornal "O Estado de S. Paulo", na **"Eucalyptomania"**. Só na década de 20, foram 75 referências ao táxon no "Estadão", e na década de 30, mais 69 referências; no início, muitos anúncios de produtos com a fragrância de eucalipto, além dos balanços da própria Cia. Paulista. Mas depois, o grande divulgador das **"bombas australianas"** ou **"o Zebu das árvores florestais"** foi Oliveira Filho (Manequinho Lopes), sempre na sua coluna "Assumptos Agricolas". Maneco não poupa elogios ao propagar as qualidades do eucalipto. Às vezes, é o tema principal da coluna, às vezes, é só uma menção ou uma dica para os pequenos agricultores. Às vezes ainda, fala das mil utilidades da planta, inclusive como matéria-prima para a fabricação do papel. Mas são sempre referências elogiosas às **"árvores de crescimento rápido"** que em **"seis a oito anos já dão corte"**. Também reclama das **"críticas indígenas"** que privilegiam as espécies nativas e atrasam a **"popularização do eucalipto no Estado"**.

No ano de 1928, o jornal listou os produtores de eucaliptos no Estado, divididos por município. A cidade de São Paulo tinha três propriedades com 303.000 pés. Em todo o Estado eram 23 milhões de pés, sendo 9,3 milhões da Cia. Paulista. Segundo o "Estadão", essa era uma subestimativa, pois muitos proprietários e órgãos públicos não forneciam seus números.

Pesquisando nas colunas "Assumptos Agricolas", constatei que Manequinho nunca mencionou o plantio de eucaliptos no Ibirapuera, nem a epopeia do Novo Viveiro Municipal. Mesmo nos anos em que dirigiu a Divisão de Parques e Jardins, cuja sede era no Parque Ibirapuera, Manequinho nunca tocou nesses assuntos.

Reafirmo que os primeiros eucaliptos foram plantados no parque durante a gestão Pires do Rio (1926-30), pela Prefeitura, sob o comando dos Etzel. E que o plantio de eucaliptos continuou em 1934, na gestão Fábio Prado, sob o comando de Maneco e Navarro; e terminou depois de 1940, presumivelmente, por Arthur Etzel.

Posso apenas presumir que foram plantados, naquela grande quantidade, pensando-se sempre na sua retirada futura. As duas matérias do "Dia das Árvores", já apresentadas, citam o plantio de **"árvores de crescimento rápido"**, que depois de protegerem as espécies nativas de crescimento lento, seriam retiradas. Afirmo que a presença de Navarro de Andrade, chefiando o Conselho Florestal do município, a partir de 1934, só reforça esse argumento.

O jovem Edmundo Navarro de Andrade (1881-1941), sem data. Agrônomo, formado em Coimbra, foi diretor da "Comissão da Broca"; dirigiu os Hortos da Cia. Paulista; é autor do livro "O Eucalypto e Suas Applicações", 1928.

Monograma da Cia. Paulista de Estradas de Ferro. Em um vagão de passageiros nas oficinas da ABPF, Jaguariúna, SP. Foto do autor.

←**Navarro de Andrade no Horto de Rio Claro, SP, déc. 30.** No relatório da Prefeitura paulistana, de 1936, Navarro é descrito como responsável pela escolha das espécies plantadas no Parque Ibirapuera. Foto: APHRC.

***Eucalyptus sp.* manejado na Praça Pires de Andrade, Jd. Paulistano, São Paulo, 2021.** As áreas verdes dos quatro bairros-jardins da Cia. City são repletas de eucaliptos antigos, e são hoje geridas pela "Associação Ame Jardins". Foto do autor.

AS VELHAS SENHORAS DO PARQUE IBIRAPUERA

Posso só imaginar que Navarro, um engenheiro agrônomo, especialista em silvicultura e reflorestamento, que conhecia como ninguém os usos industriais dos eucaliptos, apenas poderia concebê-los como provisórios, especialmente num parque urbano, e que dificilmente aprovasse a sacralidade e o protagonismo que assumiriam, um século depois, no Ibirapuera.

Analisarei, a seguir, quatro trabalhos do prof. Demóstenes Ferreira da Silva Filho e seu grupo da ESALQ, publicados entre 2007 e 2011, em que trata da população arbórea do Parque Ibirapuera e, especificamente, dos eucaliptos. Por se tratar de estudos técnicos qualificados, feitos por engenheiros agrônomos, posso pouco acrescentar, fazendo comentários pontuais, relacionando essas informações com as minhas conclusões e teorias estabelecidas anteriormente.

No primeiro artigo, "Histórico da Composição da Vegetação Arbórea do Parque Ibirapuera e sua Contribuição para a Conservação da Biodiversidade", de 2011, Silva Filho descreve as populações arbóreas, sempre distinguindo as nativas das exóticas, e apresentando suas boas e más contribuições para a conservação da biodiversidade da área. Também analisa os riscos de queda dessas árvores, um aspecto intimamente ligado à questão do manejo dessa floresta urbana.

Apesar de não especificar o seu conceito de exotismo, usarei o critério habitual, de que sejam as espécies de fora do país, introduzidas espontânea ou artificialmente.

O estudo usa o "Censo Georreferenciado das Árvores do Parque Ibirapuera", realizado pelo Departamento de Ciências Florestais da ESALQ, em 2008. Após a identificação das espécies arbóreas, cada indivíduo foi avaliado segundo a classificação do USDA (United States Department of Agriculture, 1992), que estabelece relações entre a altura da árvore, a altura da primeira ramificação, presença de ramificação em "V", o diâmetro da copa, o diâmetro na altura do peito (DAP) e o diâmetro na altura do colo (DAC), ângulo de inclinação, centro de gravidade da árvore e diagnósticos visuais dos danos aparentes (como protuberâncias, ocos, fendas, exsudação de seiva, injúrias mecânicas, presença de pragas, entre outros).

O Censo mapeou as 15.055 árvores do parque, descritas na tabela abaixo, onde se destaca a importante informação de que, mesmo tendo um maior número de indivíduos exóticos, há um maior número de espécies nativas no Ibirapuera.

Dessas espécies nativas brasileiras do parque, 97,1% ocorrem no Bioma Mata Atlântica e apenas 2,9% (170 indivíduos) pertencem a outros biomas brasileiros. Esses números exemplificam a insignificante representação das árvores do Bioma Cerrado no parque.

Os dados de georreferenciamento mostram que há árvores de espécies nativas e exóticas misturadas em toda a extensão do parque. E que em importantes blocos de árvores exóticas, nas bordas do parque, junto à Av. República do Líbano e IV Centenário, há sub-bosques com a presença de espécies nativas, formando um "muro visual" no seu perímetro.

Número e espécies de árvores encontradas no Parque Ibirapuera

CLASSIFICAÇÃO	N°INDIV.	%	N°ESPÉC.	%
Nativas Brasileiras	5.934	39,4	168	47,2
Exóticas do Brasil	8.668	57,6	161	45,2
Outras*	453	3,0	27	7,6
TOTAL	**15.055**	**100,0**	**356**	**100,0**

*ESPÉCIES NÃO DEFINIDAS, REFERIDAS APENAS PELO GÊNERO.

“O Eucalipto”, 1961. Livro de Navarro de Andrade, reeditado após sua morte.

É importante lembrar que as plantas exóticas invasoras são consideradas hoje como a segunda maior ameaça mundial à biodiversidade, perdendo apenas para a destruição dos hábitats (ZILLER, 2000).

As exóticas presentes no parque, citadas como invasoras, são: *Morus nigra* (amoreira), *Melia azedarach* (santa-bárbara), *Artocarpus heterophyllus* (jaqueira), *Mangifera indica* (mangueira), *Coffea arábica* (cafeeiro), *Eucalyptus sp.* (eucalipto), *Spathodea campanulata* (espatódea), e *Pinus ellioti* (pinus).

O Censo também confirmou que os maciços de eucaliptos são a vegetação arbórea de maior porte e a mais antiga do Parque Ibirapuera, provavelmente, plantados no final da década de 20 e início da década de 30. Sabe-se hoje que as propriedades sanitárias atribuídas ao eucalipto, na época, eram exageradas.

Por causa dos eucaliptos, as árvores exóticas são representadas por um maior número de indivíduos e apresentam os maiores portes, com maiores áreas basais e cobertura de copa. Essas informações são importantes para se determinar a real contribuição de cada espécie florestal na conservação da biodiversidade.

"Quanto maior a matéria da floresta, estimada pela área basal, maior também será sua contribuição para a manutenção dos processos ecológicos da comunidade, uma vez que, entre outros, há um maior volume de recursos para a fauna."

"Já a importância da área de cobertura de copa deve-se ao fato de que as copas das árvores abrigam a maior parte da vida das florestas tropicais. Isso porque é o local de abrigo de um grande número de plantas, como as lianas e epífitas, e de fauna, desde invertebrados como aranhas e insetos, mas principalmente a avifauna."

Portanto, quanto maior for a cobertura de copa, maior será a disponibilidade de alimentos para a fauna silvestre e, consequentemente, para a conservação da biodiversidade.

No Ibirapuera, apesar de 47,2 % das espécies serem nativas do Brasil, sua cobertura de copa e área basal são apenas de 28,7% e 17,9%, respectivamente, representando uma contribuição menor para a manutenção dos processos ecológicos.

Outro fator estudado pelo professor Demóstenes foi o **"risco de queda"** das árvores. Ele estabelece uma relação direta entre a adaptação dos indivíduos ao solo onde estão plantados – responsável pela sua integridade estrutural e condição sanitária – com o risco de queda por causa de tempestades e ventos fortes.

O grande número de indivíduos de mesma espécie, como *Eucaliptus sp.* e o *Ligustrum lucidum* (alfeneiro), também favorece o risco de queda, pois esses agrupamentos são mais vulneráveis às pragas e doenças.

Nas tabelas ao lado, as espécies arbóreas discriminadas pelo "risco de queda", tanto pela questão do exotismo *versus* nativismo, quanto pelo *ranking* do número de indivíduos decadentes.

Conclui-se que, na implantação de um parque urbano, como o Ibirapuera, há a necessidade de uma diversificação biológica de árvores e arbustos com espécies florestais nativas, que, além de contribuir para a minimização de pragas e doenças vegetais, ajudará na manutenção da diversidade e dos processos ecológicos dessa paisagem. Os conceitos de conservação e aumento da diversidade biológica devem ser estendidos às áreas urbanas, pois assim facilitam os fluxos biológicos e contribuem para a conservação genética da biodiversidade, desde que contenham espécies nativas.

Faço aqui um aparte, também citado nos Anexos, sobre o conceito de exotismo usado no Parque Ibirapuera e, mais amplamente, em todo o município de São Paulo. Enquanto considerarem a área do Parque Ibirapuera como estritamente pertencente ao Bioma Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa) e desconsiderarem seu "passado" de Campo Cerrado, estarerão excluindo centenas de espécies que outrora ocupavam esta área. Cabe aos técnicos e gestores ambientais rever este erro conceitual, para que a substituição das espécies exóticas decadentes seja feita também por indivíduos do Bioma Cerrado.

As 10 espécies com "alto risco de queda" mais abundantes no parque

ESPÉCIE	NOME COMUM	Nº	%	CLASSIF.
Eucalyptus sp.	eucalipto	2.413	16,0	exótica
Ligustrum lucidum	alfeneiro	1.099	7,3	exótica
Eugenia uniflora	pitangueira	453	3,0	nativa
Tipuana tipu	tipuana	388	2,6	exótica
Holocalyx balansae	alecrim-de-campinas	323	2,1	nativa
Aglaia odorata	aglaia (falsa-murta)	304	2,0	exótica
Ceiba speciosa	paineira	302	2,0	nativa
Tabebuia pentaphylla	ipê-de-el-salvador	287	1,9	exótica
*A. cunninghamiana**	seafórtia	279	1,8	exótica
*C. tomentosum***	arariba-rosa	265	1,8	nativa
TOTAL		**6.113**	**40,5**	

*ARCHONTOPHOENIX CUNNINGHAMIANA E **CENTROLOBIUM TOMENTOSUM

Indivíduos arbóreos com alto risco de queda

Nativas	215	13,2%
Exóticas	1.366	83,7%
Outras	51	3,1%
TOTAL	**1.632**	**100%**

VALORAÇÃO “VERSUS” MONETIZAÇÃO

Uma maneira de quantificar os serviços ambientais que um parque público proporciona é “alorando” seu patrimônio arbóreo, isto é, calculando o valor monetário de cada indivíduo arbóreo, considerando as dimensões, estado geral, localização, valor biométrico e a frequência da espécie no local inventariado.

A valoração de árvores auxilia os administradores na definição das prioridades de manejo e necessidades de conservação. Ela também aproxima os frequentadores do parque dessa realidade, informando e educando o público usuário sobre a importância dos custos de manutenção e gerenciamento dessas florestas urbanas, quantificando o retorno das despesas com a "infraestrutura verde".

Conceito surgido nos EUA, na década de 60, e retomado com o Projeto Climático da Floresta Urbana de Chicago, em 1994, que visava a apoiar as entidades responsáveis pelo planejamento e gestão do patrimônio arbóreo da cidade a aumentar as verbas destinadas àquela floresta urbana. Atualmente coexistem três modelos: CITYGREEN (Urban Landscape Solutions for Greener Cities), UFORE (Urban Forest Effects) e STRATUM (Street Tree Resource Analysis Tool for Urban Forest Managers), cada qual com sua especificidade própria.

As 10 espécies mais frequentes do parque

*Eucalyptus sp.**	9%
Ligustrum lucidum	7%
Eugenia uniflora	3%
*Eucalyptus saligna**	3%
Tipuana tipu	3%
Holocalix balansae	2%
Aglaia odorata	2%
Ceiba speciosa	2%
*Eucalyptus urophylla**	2%
Tabebuia pentaphylla	2%
TOTAL	**35%**

*OS *EUCALYPTUS* SOMAM 14% DAS ÁVORES DO PARQUE

Demóstenes da Silva Filho, no artigo "Valoração das Árvores no Parque Ibirapuera – Importância da Infraestrutura Verde Urbana", 2010, publicado na revista “LabVerde”, apresenta o seu modelo brasileiro de inventário qualitativo e quantitativo.

Primeiramente cria um banco de dados das árvores com a identificação do indivíduo, setorização, responsável técnico, altura geral, altura e tipo da primeira bifurcação, perímetro a altura do peito (PAP), tipo de canteiro, tipo de pavimento, perímetro do colo, diâmetro da copa, sentido da inclinação, ângulo da inclinação, estado geral, local de desequilíbrio, risco de queda, fenologia, afloramento da raiz, participação na paisagem, tipo e qualidade de ação realizada, recomendação de ação, cupim, interferência no tronco, presença ou ausência de líquens, ninhos, insetos, corpo de frutificação (fungos), epífitas e parasitas, além da foto do indivíduo.

Esses dados resultarão em quatro valores para cada árvore [valor biométrico (Vbm), da espécie (Ve), de localização (Vl), de condição (Vc)], que resultarão no valor final individual. Mas a aritmética continua com a aplicação de constantes “K” e outros custos variáveis, que resultarão no valor biométrico, por indivíduo, além de um segundo preço, decorrente da frequência de ocorrências de cada espécie.

Todas as árvores do Parque Ibirapuera contabilizaram um valor aproximado de 31 milhões de reais. Se considerarmos a frequência das espécies, o valor passa para 94 milhões. **"Essas ‘altas’ cifras demonstram a dificuldade enfrentada pelos administradores no momento da decisão sobre o manejo das árvores"**.

Mas, se compararmos com o valor imobiliário do Parque Ibirapuera, veremos que não são valores tão altos assim.

Na página seguinte, listo as árvores do Parque Ibirapuera ranqueadas pelo valor biométrico individual e valor relativo à frequência. Nota-se que nenhum indivíduo consta das duas listas, indicando a importância da diferenciação.

As espécies assinaladas com asterisco povoam a pista de cooper, ou o antigo Hospital Zoófilo. Nesse setor, existem 2.532 árvores, entre elas a mais valiosa do Parque Ibirapuera, o cedro-rosa (*Cedrela fissilis*), com 18 metros de altura. Isso reforça minha constatação de que a área habitada pelo Complexo da UIPA foi a primeira a ser arborizada, mesmo antes da transferência do Viveiro. E que, provavelmente, sempre continuou recebendo novos plantios.

Outra confirmação é a de que, em ambas as listagens, todos os indivíduos estão ao sul do córrego do Sapateiro ou próximos a ele.

"O inventário identificou 51 famílias e 336 espécies no Ibirapuera, com um total de 15.066 árvores", sendo que 77 delas têm apenas um representante!

A valoração é apenas um dos indicadores que podem ser utilizados na avaliação de prioridade de manejo. Índices de risco de queda, a relação histórica e cultural e a percepção dos usuários, como no caso do "ceboleiro do Manequinho", no Viveiro, também ajudam nessa priorização.

Hoje em dia vemos que o conceito de valoração é aplicado em vários setores, como uma forma de reparação ecológica e justificativa aos gastos de conservação.

O professor Demóstenes tem uma preocupação viva com a questão do entendimento que o usuário tem do processo de valoração dos serviços ecossistêmicos. Nesse caso, falando exclusivamente da interface com o frequentador do parque, sem levar em conta a discussão no âmbito administrativo, imagino que um sistema de pontos, não monetizado, funcionaria melhor. Pode-se aliar a isso um programa de personalização desses seres arbóreos, com a criação de nomes e apelidos, ou "aniversários", além da indicação da fauna codependente, que dariam às árvores uma condição mais "humana", comum hoje aos animais domésticos. Assim, as "velhas senhoras" receberiam do grande público o respeito e a atenção que as velhas senhoras merecem.

As 10 árvores mais valiosas do Parque Ibirapuera segundo o valor "biométrico"

1.	*Cedrela fissilis**	cedro-rosa
2.	*Eucalyptus ssp.**	eucalipto 1
3.	*Eucalyptus ssp.**	eucalipto 2
4.	*Cariniana legalis*	jequitibá-rosa
5.	*Tabebuia ochracea**	ipê-amarelo 1
6.	*Tabebuia ochracea**	ipê-amarelo 2
7.	*Aspidosperma ramiflorum*	guatambu-amarelo
8.	*Cedrela fissilis*	cedro-rosa
9.	*Tabebuia ochracea**	ipê-amarelo 3
10.	*Tabebuia ochracea**	ipê-amarelo 4

*ESPÉCIES ENCONTRADAS NA PISTA DE COOPER (COMPLEXO UIPA)

As 10 árvores mais valiosas do Parque Ibirapuera segundo o valor por "frequência da espécie"

1.	*Casuarina ssp.*	casuarina
2.	*S. leucanthum***	caroba-branca
3.	*Agathis robusta*	agatis
4.	*Eucalyptus torelliana**	eucalipto
5.	*Eucalyptus campanulata**	eucalipto
6.	*Tabebuia serratifolia*	ipê-amarelo-do-brejo
7.	*Dalbergia nigra**	jacarandá-da-bahia
8.	*Guarea macrophylla*	ataúba
9.	*Eucalyptus camaldulensis**	eucalipto
10.	*Erythrina ssp.*	eritrina

*ESPÉCIES ENCONTRADAS NA PISTA DE COOPER (COMPLEXO UIPA)
**SPARATTOSPERMA LEUCANTHUM

O EFEITO DE BORDA E A DECADÊNCIA INEXORÁVEL

No último "paper", o professor Demóstenes faz uma avaliação dos maciços de eucalipto do Parque Ibirapuera, por meio de imagens aerofotogramétricas, além do uso dos dados de georreferenciamento em Sistema de Informação Geográfica (SIG), para criar o inventário desses indivíduos.

Comprovadamente os eucaliptos do Ibirapuera estão em declínio e necessitam de manejo para reposição das árvores e adequação aos locais. Esse declínio está associado com o estresse causado por fatores ambientais e urbanos, como a poluição, o excesso de luminosidade noturna e o calor urbano, atingindo principalmente os indivíduos próximos às avenidas, que mais sofrem com o chamado “efeito de borda”.

É indicado que se amplie a diversidade de espécies desses maciços, como forma de melhorar a resistência aos efeitos nocivos e estressantes sobre a vegetação. Esse conhecimento pode nortear políticas públicas com o objetivo de criar desenhos de vegetação que sirvam como áreas de amortecimento, que melhor protejam o restante da biota do parque.

Áreas (m²) estruturais do Parque Ibirapuera

Maciço 1	57.450,91
Maciço 2	9.372,21
Maciço 3	9.314,18
Maciço 4	13.078,68
Maciço 5	22.386,53
Maciço 6	29.421,01
Maciço 7	8.489,77
Maciço 8	26.341,82
TOTAL EUCALIPTOS	**175.855,10**
Área arborizada	61.270,08
Área gramada	193.477,82
TOTAL VEGETAÇÃO	**430.602,99**
Área Viveiro	85.055,15
Área dos lagos	125.591,90
Área pavimentada	44.668,36
Área edificada	68.748,89
TOTAL PARQUE	**1.276.238,87**

As 7 espécies de eucaliptos do parque

Eucalyptus camaldulensis
Eucalyptus cinerea
Eucalyptus citriodora
Eucalyptus goniocalix
Eucalyptus resinifera
Eucalyptus robusta
Eucalyptus spp.

Os oito maciços de eucaliptos do Parque Ibirapuera, 2021. Os maciços 1 ao 5 ficam ao norte do Sapateiro, e do 6 ao 8, ao sul. Fonte: “Efeito de Borda no Inventário dos Maciços de Eucalipto do Parque Ibirapuera”, ESALQ, 2008. Foto Geosampa.

→***Eucaliptus sp.* no maciço 5 do Ibirapuera, 2021.** Indivíduo no limite do parque, junto ao Monumento às Bandeiras. Foto do autor.

ANISTIA AOS CAMPOS CERRADOS PAULISTANOS

Parque Ecológico de Campo Cerrado Dr. Alfred Usteri, Jaguaré, São Paulo, 2021. Junto com os fragmentos protegidos no Campus da USP, são o que restou dos Campos Cerrados da várzea do Pinheiros. Foto do autor.

As amplas extensões de vegetação de Cerrado, composta de arbustos, vegetação campestre e arborização esparsa, que São Paulo apresentava no passado, não existem mais. Mas, em 2009, no Jaguaré, perto da calha do rio Pinheiros, foram encontrados alguns poucos e preciosos indivíduos vegetais em um fragmento original de Campo Cerrado paulistano. Depois de um trabalho de prospecção e documentação, que só foi possível com a consulta ao livro do botânico suíço, esse sítio deu origem ao "Parque Ecológico de Campo Cerrado Dr. Alfred Usteri".

Esse Parque Municipal conta com um plano de manejo e manutenção da sua fitofisionomia e é habitado por espécies da flora como o aldrago (*Pterocarpus violaceus*), angico-gurucaia (*Parapiptadenia rigid*a), bico-de-pato (*Machaerium nyctitans*), cambará (*Gochnatia polymorpha*), capixingui (*Croton floribundus*), cipó-de-são-joão (*Pyrostegia venusta*) e gravatá (*Bromelia antiacantha*), que atraem uma exuberante avifauna.

Curiosamente, nenhuma dessas espécies foi descrita por Usteri na Vila Mariana, pois a diferença entre os dois locais é grande, sendo a área do Jaguaré um campo seco alto, muito diferente do Ibirapuera, que é uma área mais baixa, de transição de campo seco com brejo alto.

No final de março de 2021, em meio à pandemia, fiz uma expedição solo, de bicicleta, ao Parque Ecológico de Campo Cerrado Dr. Alfred Usteri, na Av. General MacArthur, 170, próximo à Av. Jaguaré e à Cidade Universitária. O pequeno parque estava fechado e tomado pelo capim, que eu não saberia dizer se era algum dos *Andropogon* descritos por Usteri (vide Anexo 1). Num terreno estreito, à beira de uma encosta, espremido entre um condomínio de alto padrão, com seis torres residenciais, e o hipermercado Extra, o "pocket-park" é realmente impressionante pelo número de espécies arbóreas formadoras da sua mata.

Afora a existência do livro de Alfred Usteri e do Parque Municipal que leva seu nome, existe também o exemplo do “campus” da USP, no Butantã. Em 2012, o "Boletim USP Destaques", n. 61, editado pela Reitoria, noticia a publicação da Portaria 5.648, em que a Universidade de São Paulo declara 11 milhões de metros quadrados de áreas verdes, localizadas nos “campi” de São Paulo, Pirassununga, São Carlos, Lorena, Ribeirão Preto e Piracicaba, como **"Reservas Ecológicas da USP"**, que seriam destinadas à conservação, restauração, pesquisa, extensão e ensino, e seriam geridas por um **"Conselho Gestor Multidisciplinar"** que elaboraria os diversos planos de manejo.

Dessas 23 áreas protegidas, duas estão na Cidade Universitária “Armando de Salles Oliveira”, totalizando dois hectares. Uma delas, situada entre o Instituto Butantan (IB) e o Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), possui fragmentos de Cerrado que **"ainda mantêm integridade estrutural e funcional e serão objeto de trabalhos de restauração"**.

Em 2014, outra área do mesmo “campus”, próxima à Faculdade de Medicina Veterinária, gerou protestos quando outro fragmento de vegetação de Cerrado, não protegido, foi destruído para a construção do Parque dos Museus e de um novo Centro de Convenções.

As evidências de que a região da Vila de Piratininga estava inserida num Bioma de Campo Cerrado são suficientemente fortes e embasadas pela literatura acadêmica, e precisam ser levadas em consideração.
A discussão não pode ficar no terreno do pertencimento ou não ao Bioma Cerrado.
A negociação tem que ser no âmbito de novos planos de manejo que contemplem a volta dessa paisagem original.

O Vazio do Ibirapuera era área de Campo Cerrado, como registrou Usteri em seu livro. Das 27 espécies arbóreas descritas por ele na Vila Mariana, só três habitam hoje o parque (vide Anexo 1). Há que se negociar uma reparação. Há que se instituir uma anistia também para as herbáceas gramíneas e aquáticas, e outros, que já habitaram a Várzea do Jeribatiba, vivendo nos seus solos pobres, argilosos e úmidos e que, hoje, estão de fora dessa paisagem.

Quando o Herbário do Parque Ibirapuera considera exóticas as espécies não encontradas no Município de São Paulo, e não considera como nativas as espécies de Campo Cerrado, está cometendo uma violência biótica.
A referência deveria ser o "Inventário da Biodiversidade do Município de São Paulo", que usa o livro do professor Usteri como fonte de referência.

Segundo o Plano Diretor de 2019, na análise do parque, **"o solo possui maior quantidade de areia, seguida por silte e argila, e pH ligeiramente ácido, com bastante matéria orgânica".** Uma descrição muito parecida com os relatos e desenhos esquemáticos de Usteri, apresentados na primeira parte desta monografia.

Talvez esses indivíduos do Cerrado estranhem a qualidade do solo hoje no parque. Estranhem a falta da umidade extrema e dos alagamentos anuais. Talvez eles achem que o clima de São Paulo já não é mais o mesmo e que o Vazio do Ibirapuera anda “metido a besta”...

O “pocket-park” Alfred Usteri, 2021. Este estreito Parque Municipal (note as cercas dos limites do terreno) abriga importantes indivíduos do Bioma Cerrado. Fonte: prefeitura.sp.gov.br.

UM IBIRAPUERA BIÓTICA E CULTURALMENTE POTENTE

Inauguração do Palácio das Indústrias, nos festejos do IV Centenário, 1954.
O Parque Ibirapuera sempre foi e sempre será um grande sucesso de público. Foto: Werner Haberkorn, Fotolabor. Museu Paulista da USP.

Os antigos jardins paulistanos, descendentes fiéis dos jardins ingleses, franceses e alemães modernos, eram lugares para visitação. Um evento social: para ver e ser visto. Antônio Prado, o primeiro prefeito de São Paulo, aparecia no jornal quando ia passear no Jardim da Luz com sua família. As plantas, confinadas em canteiros, intercalados com caminhos calçados, eram para ser vistas. Formavam um jardim cênico, o que poderia ser chamado, hoje, de um “serviço ecossistêmico”.

O conceito de parque, principalmente os urbanos, mudou e está mudando, a cada dia que passa. Dando um "fast foward" nesse conceito, aterrissamos em funções mais amplas, usos mais elaborados e fins mais abrangentes e inclusivos para o bom e velho parque urbano. Talvez como um bloco construtivo, um “Lego-vivo” da cidade, os novos parques têm uma missão mais sofisticada.

Hoje falamos em "Ecologia da Paisagem", uma área de conhecimento razoavelmente recente, dentro da ecologia, marcada pela existência de duas principais abordagens: uma geográfica, que privilegia o estudo da influência do homem sobre a paisagem e a gestão do território, e outra ecológica, que enfatiza a excelência do contexto espacial sobre os processos ecológicos, e a importância destas relações em termos de conservação biológica. A "Ecologia da Paisagem" promove uma mudança de paradigma nos estudos sobre fragmentação e conservação de espécies e ecossistemas, principalmente urbanos, pois permite a integração da heterogeneidade espacial e do conceito de escala na análise ecológica, tornando esses equipamentos ainda mais aplicados na resolução de problemas ambientais (METZGER, 2001).

Hoje temos que entender o Ibirapuera como um "trampolim ecológico” (“stepping stone”), que facilita os fluxos entre as manchas. Temos que calcular os "Limiares de Percolação e Fragmentação", conciliando o uso econômico e a conservação biológica. Temos que levar em conta o "Regime de Condomínio" (Single Large or Several Small – SLOSS) e contabilizar o valor biológico de toda a bacia do Sapateiro, até a calha do rio Pinheiros. Temos que pensar primordialmente na "conectividade" e sua capacidade de facilitar os fluxos biológicos, que ligam a Mata Atlântica da represa de Guarapiranga a do maciço do Parque Estadual da Cantareira, por exemplo.

Um parque não existe apenas para servir aos homens. Essa função higienista, hoje, é só um subproduto. O parque serve a todos, sem distinção alguma. O parque é dos primatas humanos mas também é das árvores e herbáceas que lá habitam; é da avifauna, dos fungos, insetos, das briófitas, dos peixes, bactérias, dos pequenos mamíferos, dos répteis... É também o lar dos roedores, dos cupins e das formigas (que não nos ouça Manequinho Lopes!). O parque serve à vida. Uma minúscula Biota e seu importante fluxo biótico, que é alimentado e alimenta o entorno estéril da cidade.

Para isso, o Parque ibirapuera deve ser tratado como um ambiente único. Mesmo que o norte cultural, fragmentado e cheio de asfalto, e o sul arborizado tenham usos tão diferentes, devem ser tratados como um só. Uma "stepping stone" só. Uma ilha de vida que pode se comunicar com outras ilhas...

Um processo gradual de nativização da vegetação deve ser implantado para reforçar esse fluxo biótico e atrair espécies historicamente da região. Os eucaliptos devem se despedir. As senhoras de crescimento rápido estão entre os indivíduos com maior risco de queda hoje no parque. É hora da dar-lhes o destino imaginado por Navarro de Andrade

e Manequinho e substituí-las por espécies autóctones. Assim como Teixeira Mendes transplantou alguns e derrubou muitos deles, os eucaliptos podem ser manejados com sabedoria e transformados num mobiliário novo para um parque que tem poucos bancos.

Nesse ambiente único deve também prevalecer o perfil cultural do Ibirapuera. Mas não no sentido museológico, porque este setor segue seu rumo, guiado pelos curadores e fundações, com suas verbas próprias. O aspecto cultural ao qual me refiro deve ser o pedagógico. Há que se educar e envolver o público usuário do parque especificamente e, genericamente, a população de São Paulo, para o fato de que o parque também tem uma função biótica – e ilustrar como ela funciona.

Assim como a indicação de uma faixa pintada no chão concentra o tráfego das bicicletas, os usuários devem saber por onde e como a vida trafega pelo parque. Como se dá esse fluxo biótico quase invisível, e o que poderiam fazer para conhecer, proteger e contemplá-lo. Mas, como meu objetivo nesta monografia foi analisar a transformação do parque, tendo sua paisagem como protagonista, não falarei de projetos educativos ou visões antroposóficas sobre a integração da Biota de um parque urbano com o seu criador, o *Homo sapiens*.

O Ibirapuera é um parque singular, que não segue o mesmo "script" dos demais parques urbanos paulistanos. É uma estrela do tempo do cinema mudo, com seus eucaliptos gigantes e sua envelhecida arquitetura moderna. Ele não se importa com o que dizem ou escrevem sobre si! Ele continuará com seu desenvolvimento antrópico e sem projetos. Continuará potente, manejado por muitas e muitas mãos... Vida longa ao “Ibira”, um parque para viver e ser vivido!

Jequitibá (*Cariniana sp.*), 2021.
Foto do autor.

OCA, 2021. FOTO DO AUTOR.

ANEXOS

FLORA BRASILIENSIS

ENUMERATIO PLANTARUM

IN

BRASILIA

HACTENUS DETECTARUM

CAROLUS FRIDERICUS PHILIPPUS DE MARTIUS

AUGUSTUS GUILELMUS EICHLER

IGNATIUS URBAN

PERDINANDI I. LUDOVICI I.

PETRI II.

"Flora Brasiliensis", 1840-1906. Catálogo publicado em latim, na Alemanha, com 22.767 espécies, a maioria de angiospermas do Brasil, reunidas em 15 volumes com 10.367 páginas e 3.811 litografias, algumas usadas nestes Anexos. Iniciado por Carl von Martius e editado por August Eichler e Ignatz Urban, contou com 65 especialistas de várias nacionalidades, ao longo dos 66 anos de sua produção.

A plataforma digital "Projeto Flora Brasiliensis" oferece todo o conteúdo dos livros, digitalizado pelo Jd. Botânico do Missouri, com taxonomia atualizada pelo Instituto de Biologia da Unicamp. Fonte: florabrasiliensis.cria.org.br.

Família *Myrtaceae*. Entre elas a *Psidium variabile* (nº 128, última à direita, na segunda linha), hoje com nome aceito de *Psidium cattleianum*.

ANEXOS

APRESENTAÇÃO

No Anexo 1, apresento as 247 espécies botânicas coletadas por Alfred Usteri na primeira década no século 20, na região da Vila Mariana e do Matadouro. Importante dizer que ficaram de fora do meu recorte as áreas próximas ao Vazio do Ibirapuera, como a várzea do rio Pinheiros e a Mata do Caaguaçu. Com isso, deixei de comparar mais de 550 espécies descritas no "Flora dos Arredores da Cidade de São Paulo, no Brasil".

Dessas 247 espécies selecionadas, dou especial atenção às 27 árvores e arvoretas (curiosamente, nenhuma palmeira), porém sem diferenciá-las, nem descrever seus Biomas de ocorrência, pois não caberia no escopo do meu trabalho.

Nos Anexos 2, 3 e 4, listo as espécies arbóreas do "Herbário do Parque Ibirapuera" (sem o Viveiro), do "Manual de Arborização Urbana da PMSP", e do "Viveiro Municipal de Cotia, Harry Blossfeld", respectivamente. Comparei assim, as "espécies de Usteri" com as centenas de árvores dessas publicações e constatei que apenas cinco delas existem ou são recomendadas no plantio urbano. Portanto, há 22 espécies que foram "degredadas" da paisagem paulistana.

Por último, comparei a lista de Usteri com o "Inventário da Biodiversidade do Município de São Paulo", feito pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, e com o Herbário Municipal, que lista a fauna e flora silvestres, destinado a auxiliar na conservação das áreas verdes. Para minha surpresa, das 27 árvores e arvoretas, 23 constam nessa lista. E essa proporção, grosso modo, vale também para as demais herbáceas.

Como não estou fazendo um trabalho rigorosamente botânico, não separei todas as espécies por Famílias, mas somente pelos nomes científicos aceitos hoje, em ordem alfabética. Para o restante da "flora de Usteri", criei uma separação própria, pelos hábitos: árvores e arvoretas; arbustos e subarbustos; herbáceas; gramíneas; aquáticas e outros.

Também abri mão de registrar as variedades, pois isso é motivo de controvérsia na taxonomia botânica. Muitas das espécies descritas pelo botânico suíço tinham nomes que não são mais usados. Fiz então um trabalho de investigação dos sinônimos para achar os nomes aceitos hoje.

Primeiramente, consultei a plataforma do governo federal "Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira", que integra dados sobre os ecossistemas. Depois adotei a plataforma "Plants of the World" do "Kew Royal Bothanical Gardens", que se mostrou mais rápida, melhor ilustrada e com mais informação. (Usteri recorreu ao "Kew Gardens" para classificar várias amostras.) Por fim, cruzei os dados no "International Plant Names Index".

Quanto aos táxons do Viveiro de Cotia, do Parque Ibirapuera e do "Manual de Arborização", senti falta de um critério único para indicar o exotismo. O Viveiro de Cotia não distingue a origem das suas mudas; o Herbário do Ibirapuera declara exóticas as espécies que não ocorrem no Município de São Paulo; e o "Manual de Arborização", mais criterioso, estabelece três graus de exotismo: espécies de fora do Município; de fora do Bioma Floresta Ombrófila Densa; ou de fora do território brasileiro.

Dessa maneira, 22 espécies arbóreas descritas por Usteri, entre 1905 e 1908, que já habitaram o Ibirapuera e arredores, são tidas hoje como exóticas e não povoam nossas áreas verdes. Mesmo que algumas não sejam próprias para a arborização de calçadas, são necessárias para o enriquecimento do fluxo biótico na cidade.

Talvez o maior êxito desta monografia seja a constatação de que a paisagem original do Ibirapuera era de um Campo Cerrado, com uma população adaptada aos solos pobres e úmidos. Quem sabe, um dia, algumas dessas espécies poderão obter seu reconhecimento e voltar a ter um chão no Parque Ibirapuera.

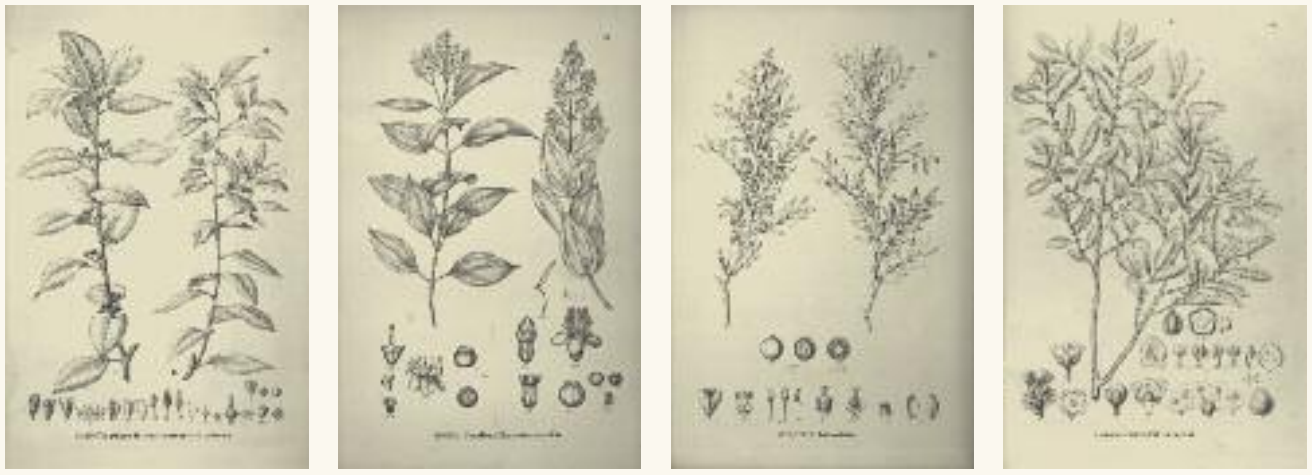
Alfred Usteri (1869-1948). Fixa residência no Brasil em 1905, como professor de botânica do curso de Engenharia Agrícola da Escola Politécnica. Volta para a Suíça definitivamente em 1920, onde conhece Rudolf Steiner e passa a escrever e ilustrar livros antroposóficos que falam da relação da botânica com o homem. Fonte plants.jstor.org. Foto www.kulturimpuls.org.

“Inventário da Biodiversidade do Município de São Paulo”, 2016.
Caracterização da fauna e flora da cidade, editado pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente e pelos DEPAVE-3 e DEPAVE-8. A lista da flora é o resultado da compilação das amostras herborizadas do Herbário Municipal; coletas feitas em 161 pontos do município; e levantamentos florísticos realizados desde 1911. São registradas 4.768 espécies, das quais 3.584 são nativas do município, tanto em áreas urbanas ou antrópicas, quanto naturais.

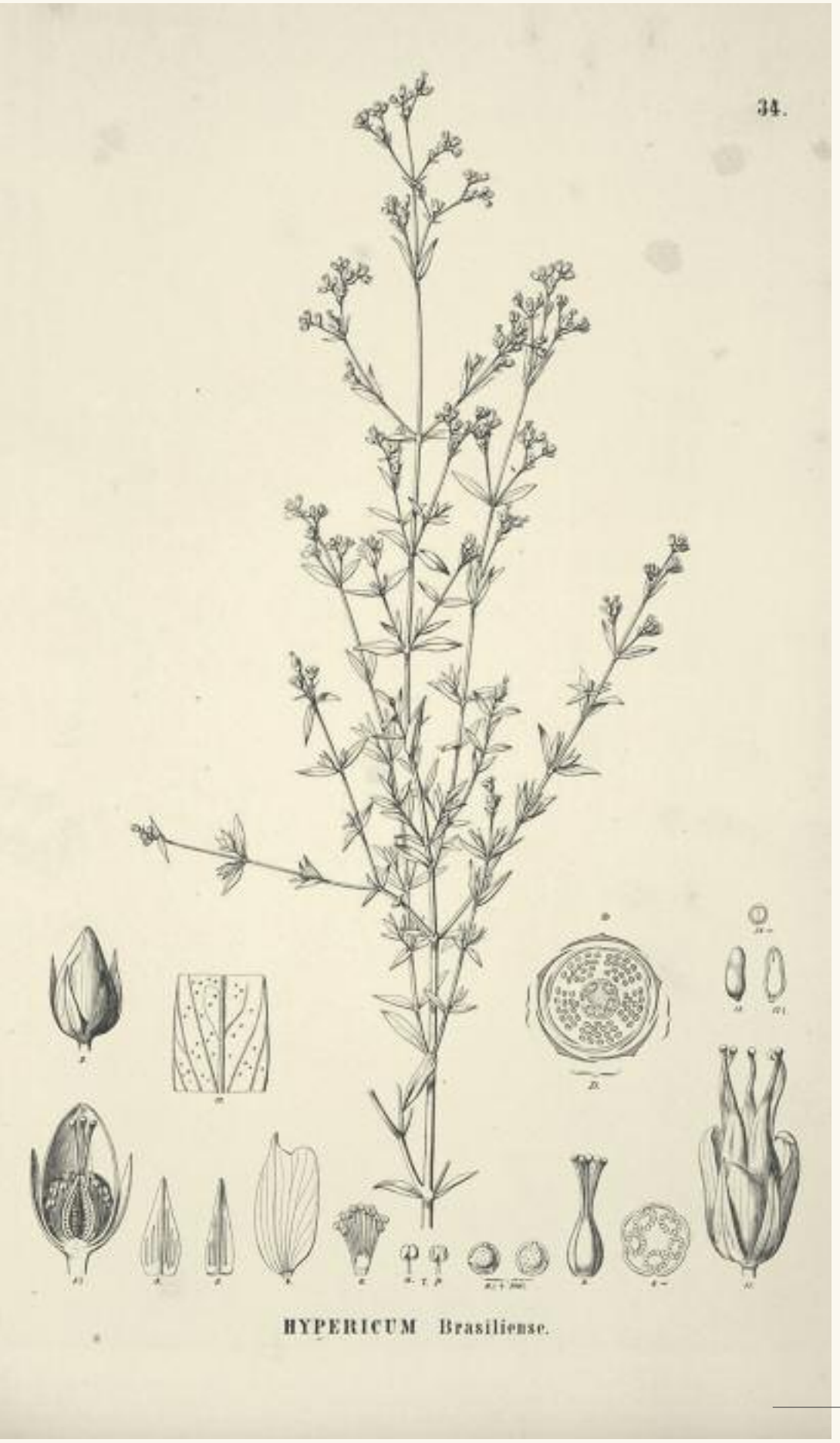
ANEXO 1

As 247 espécies descritas por Usteri na Vila Mariana, 1911

Árvores e Arvoretas | 27	SINÔNIMO USTERI	FAMÍLIA	NOMES POPULARES	OCORRÊNCIAS			
Aegiphila verticillata	*(Aegiphila tomentosa)*	*Lamiaceae*	fruta-do-papagaio				x
Andira humilis	*(Andira laurifolia)*	*Fabaceae*	manga-do-campo				x
Austrocritonia velutina	*(Eupatorium velutinum)*	*Asteraceae*	vassoura-cambará				x
Casearia sylvestris	*(Casearia silvestris)*	*Salicaceae*	guaçatonga, erva-de-lagarto	x	x	x	x
Chrysophyllum marginatum	*(Chrysophyllum ebenaceum)*	*Sapotaceae*	aguaí-vermelho				x
Cordia toqueve	*(Cordia heterophylla)*	*Boraginaceae*	gargaúba				
Cupania zanthoxyloides	—	*Sapindaceae*	camboatá, cupânia-veludo				x
Erythroxylum deciduum	—	*Erythroxylaceae*	cocão, fruta-de-pomba		x		x
Frangula polymorpha	—	*Rhamnaceae*	saruí				
Miconia ligustroides	—	*Melastomataceae*	jacatirão-do-brejo				x
Moquiniastrum polymorphum	*(Moquinia polymorpha)*	*Asteraceae*	cambará, candeia				x
Myrcia multiflora	*(Myrcia sphaerocarpa)*	*Myrtaceae*	cambuizinho				x
Myrcia venulosa	*(Myrcia laureola)*	*Myrtaceae*	marmelinho				x
Myrciaria delicatula	*(Myrciaria macrocarpa)* [U]	*Myrtaceae*	cambuí, araçá-do-mato				x
Myrsine guianensis	*(Myrsine floribunda)*	*Lauraceae*	capororoca-branca				x
Ocotea elegans	—	*Lauraceae*	sassafrás-do-campo				x
Ocotea lancifolia	*(Ocotea lanceolata)*	*Lauraceae*	canela	x			x
Ocotea pulchella	—	*Lauraceae*	inhumirim, canela-preta				x
Ocotea vaccinioides	—	*Primulaceae*	canela				x
Prunus myrtifolia	*(Prunus sphaerocarpa)*	*Rosaceae*	pessegueiro-bravo				x
Psidium cattleianum	*(Psidium variabile)*	*Myrtaceae*	araçá-amarelo	x	x	x	x
Schinus lentiscifolia	*(Schinus lentiscifolius)*	*Anacardiaceae*	carobá, aroeira-cinzenta				
Schinus weinmanniifolia	*(Schinus weinmanniaefolius)*	*Anacardiaceae*	aroeira-do-campo				
Solanum swartzianum	—	*Solanaceae*	jurubeba-branca, pratinha				x
Symplocos pubescens	—	*Symplocaceae*	camburiúva				x
Vitex megapotamica	*(Vitex montevidensis)*	*Lamiaceae*	tarumã, vitex				x
Weinmannia paulliniifolia	*(Weinmannia glabra)*	*Cunoniaceae*	gramimunha, gramoinha				x
				PARQUE IBIRAPUERA	MANUAL DE ARBORIZAÇÃO	VIVEIRO DE COTIA	INVENTÁRIO BIODIVERSIDADE

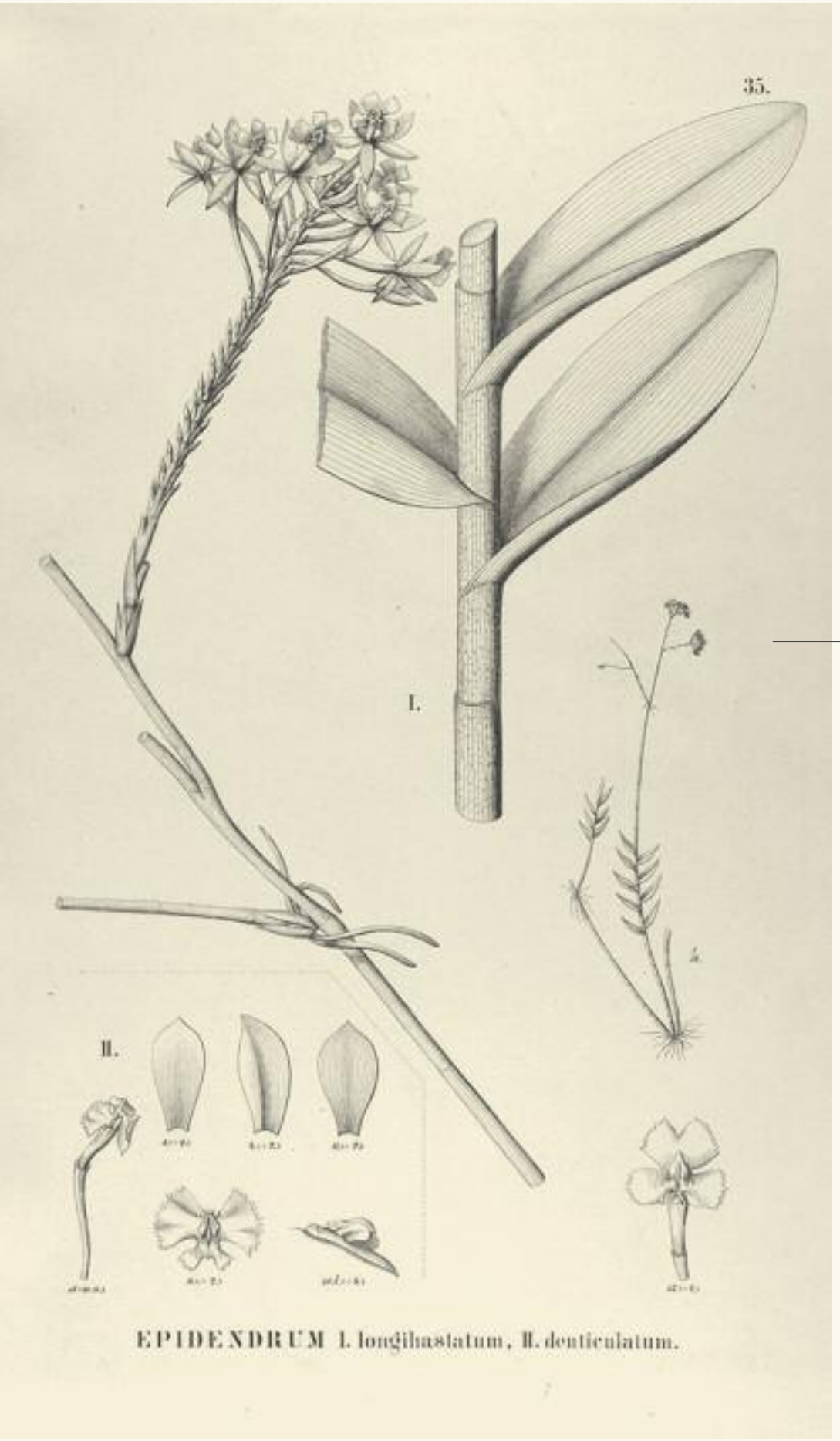


Esq. para dir.: *Frangula polymorpha, Miconia ligustroides, Schinus lentiscifolia e Chrysophyllum marginatum.*



Arbustos e Subarbustos | 88
Aeschynomene falcata
Ayapana amygdalina (Eupatorium amygdalinum)
Baccharis brevifolia
Baccharis breviseta (Conyza arguta)
Baccharis incisa
Baccharis retusa (Baccharis halimimorpha)
Baccharis pentodonta (Baccharis pluridentata) **[U]**
Baccharis retusa
Banisteriopsis campestris (Banisteria campestris)
Borreria palustris (Diodia gymnocephala)
Calea mediterranea (Calea platylepis)
Calea triantha (Calea hispida)
Camarea affinis
Cambessedesia espora (Cambessidesia ilicifolia)
Cantinoa plectranthoides (Hyptis communis)
Cestrum corymbosum
Chamaecrista repens (Cassia repens)
Chrysolaena cognata (Vernonia cognata)
Chrysolaena flexuosa (Vernonia flexuosa)
Chrysolaena obovata (Vernonia obovata)
Cissampelos ovalifolia
Clibadium armanii (Clibadium rotundifolium)
Collaea speciosa (Galactia speciosa)
Cordiera concolor (Alibertia concolor)/puruítãn
Croton gnaphaloides (Julocroton paulensis) **[U]**
Croton verbenifolius
Cuphea calophylla (Cuphea mesostemon)
Cuphea linarioides
Cuphea polymorpha (var. oxycoccos e var. vincoides)
Datura stramonium
Eriosema crinitum
Eriosema heterophyllum
Erythroxylum umbu (Erythroxylum amplifolium)
Erythroxylum microphyllum
Escallonia chlorophylla
Esterhazya macrodonta
Eugenia bimarginata
Eugenia punicifolia (Eugenia macroclada)
Glechon ciliata
Heterocondylus alatus (Eupatorium vauthierianum)
Heteropterys umbellata
Huberia semiserrata
Hypericum brasiliense
Hypericum cordatum (Hypericum cordiforme)

Ilex chamaedryfolia (Croton chamaedryfolia)
Jacaranda caroba
Leandra aurea
Leandra lindeniana
Ligustrum Perrottetii
Lippia procurrens (Lantana procurrens)
Lippia alba (Lantana geminata)
Mesosphaerum sidifolium (Hyptis umbrosa)
Miconia theizans (Miconia theaezans)
Mikania officinalis
Mimosa daleoides
Mimosa dolens (Mimosa acerba)
Mimosa millefoliata
Monnina richardiana
Oxypetalum foliosum
Palicourea croceoides (Palicourea cujabensis)
Pavonia sepium
Peltaea speciosa (Pavonia speciosa)
Peritassa campestris (Salacia campestris var.communis)
Pleroma molle (Tibouchina chamissoana)
Pleroma oleifolium (Microlepis oleaefolia)
Poiretia angustifolia
Rubus brasiliensis
Sambucus canadensis
Sinningia allagophylla (Corytholoma allagophyllum)
Spermacoce verticillata (Borreria verticillata)
Spermacoce tenella (Borreria tenella)
Solanum didymum
Solanum pseudocapsicum (Solanum capsicastrum)
Solanum sisymbriifolium
Solanum spissifolium
Solanum subumbellatum (Solanum spectabilis)
Stachytarpheta cayennensis (Stachytarpha cayennensis)
Stevia collina
Stevia crenulata
Stylosanthes viscosa
Symphyopappus cuneatus
Trembleya parviflora
Triumfetta semitriloba
Varronia polycephala (Cordia hermanniifolia)
Verbena hirta
Vernonia heeringii **[U]**
Zornia reticulata
Zornia cryptantha (Zornia latifolia)

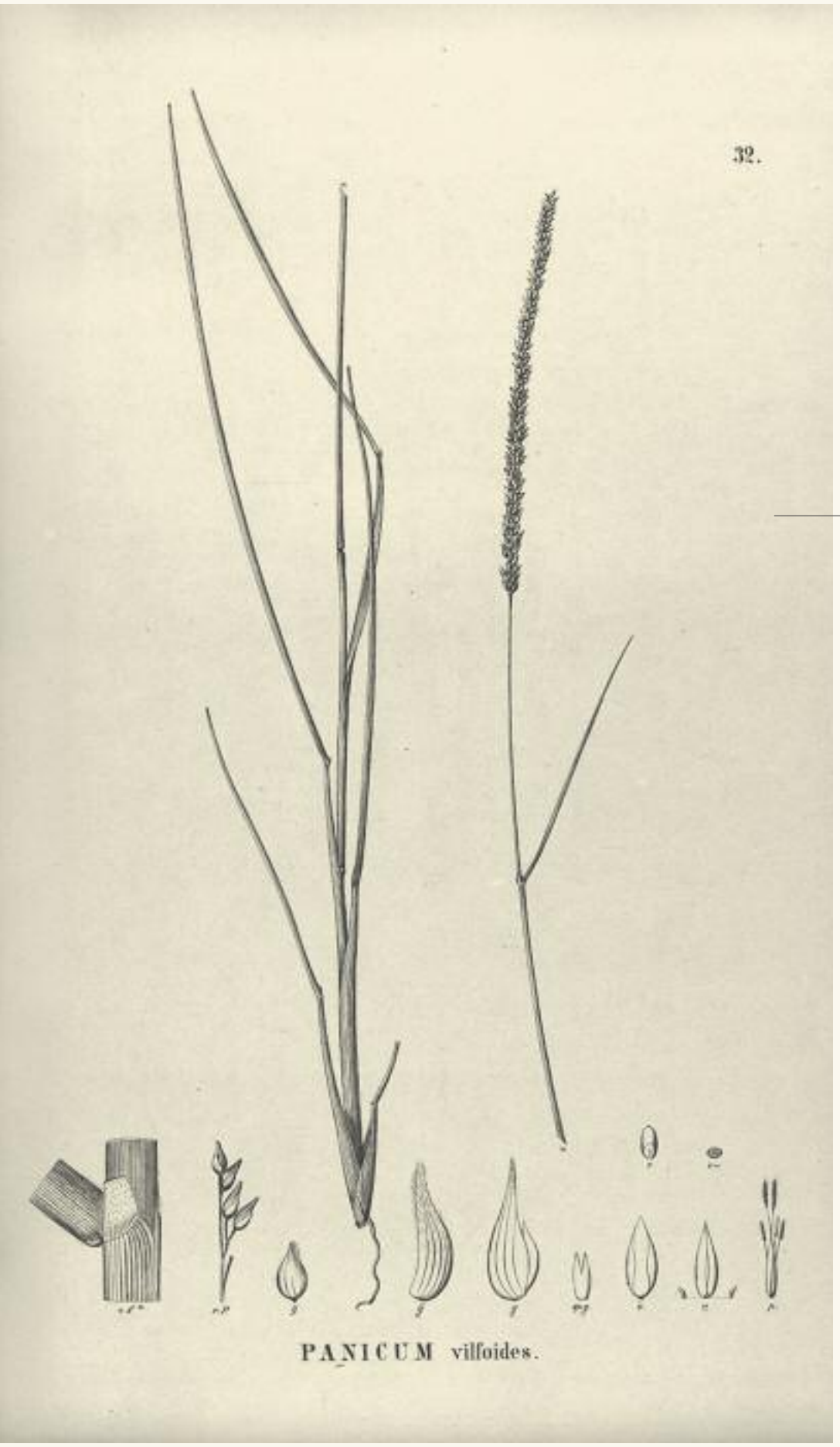


EPIDENDRUM I. longibastatum, II. denticulatum.

Herbáceas | 61
Acanthospermum australe (A. xanthioides)
Acisanthera variabilis
Acmella decumbens (Spilanthes macropoda)
Anthemis cotula (Eclipta prostrata)
Baccharis rufescens
Barrosoa betoniciformis (Eupatorium betonicaeforme)
Bulbostylis consanguinea
Bulbostylis sellowiana
Burmannia capitata
Burmannia alba
Chaptalia integerrima (Chaptalia integrifolia)
Chaptalia piloselloides
Chromolaena ascendens (Eupatorium ascendens)
Chrysolaena simplex (Vernonia simplex)
Drosera communis
Erigeron primulifolius (Conyza chilensis)
Declieuxia lysimachioides (Declieuxia divergentiflora)
Elephantopus micropappus
Epidendrum denticulatum
Eragrostis polytricha
Eryngium paniculatum
Euphorbia elodes
Evolvulus sericeus
Floscopa glabrata
Galactia marginalis
Galium noxium (Relbunium diffusum)
Genlisea repens
Gomphrena boliviana
Gyptis pinnatifida (Eupatorium erodifolium)
Habenaria parviflora
Helia brevifolia
Hippeastrum aulicum
Hypochaeris albiflora (Hypochoeris brasiliensis)
Hyptis nudicaulis
Inulopsis scaposa (Leucopsis scaposa)
Juncus microcephalus
Laurembergia tetrandra
Leptostelma maximum (Erigeron maximus)
Lobelia aquatica
Lobelia exaltata
Lyroglossa grisebachii (Spiranthes grisebachii)
Mayaca sellowiana (Mayacaceae sellowiana)
Orthopappus angustifolius (Elephantopus angustifolius)
Oxypetalum martii

Piper subcinereum **[U]**
Praxelis kleinioides (Eupatorium kleinioides)
Raphanus raphanistrum
Salvia nervosa (Salvia ridiga)
Schultesia gracilis
Scleria latifolia (Schizolepis arundinacea)
Siphocampylus verticillatus
Sisyrinchium restioides
Solidago chilensis (Solidago microglossa)
Stenachaenium campestre
Struthanthus concinnus
Trichocline incana
Trixis lessingii (Trixis brasiliensis)
Verbena strigosa
Lepidaploa araripensis (Vernonia araripensis)
Veyretia simplex (Spiranthes simplex)
Wedelia elliptica (Aspilia elliptica)

Gramíneas | 30	
Andropogon bicornis	capim-rabo-de-burro
Andropogon leucostachyus	capim-membeca
Andropogon selloanus	capim-pluma-branca
Andropogon macrothrix	capim-serrano
Axonopus aureus	capim-pé-de-galinha
Echinolaena inflexa (Panicum echinolaena)	capim-flexinha
Eleocharis emarginata	—
Elionurus muticus (Elionurus latiflorus)	capim-limão
Hyparrhenia rufa (Andropogon rufus)	jaraguá
Panicum cayennense	capim-caiana
Panicum cyanescens	capim-azul
Panicum minus	—
Panicum pilosum	capim-de-anta
Oedochloa procurrens (Panicum procurrens)	—
Paspalum humboldtianum (P. blepharophorum)	—
Paspalum paniculatum	capim-vassoura
Paspalum notatum	grama-batatais
Rhynchospora glauca	—
Rhynchospora globosa	—
Rhynchospora marisculus (Rhynchospora rigida)	—
Rhynchospora robusta (Psilocarya robusta)	—
Rhynchospora setigera	—
Rhynchospora tenuis	—
Saccharum asperum (Erianthus asper)	—
Schizachyrium tenerum	capim-mimoso
Syngonanthus nitens	capim-dourado



Gramíneas | continuação	
Syngonanthus helminthorrhizus	—
Syngonanthus caulescens	—
Trachypogon spicatus (Tr. polymorphus)	—
Xyris vacillans	—

Aquáticas | 14
Andropogon ternatus
Chascolytrum calotheca (Briza calotheca)
Eleocharis mutata (Heleocharis mutata)
Eleocharis interstincta
Eleocharis capillacea
Fuirena incompleta
Ludwigia leptocarpa (Jussiaea schottii)
Rhynchospora albiceps
***Sacciolepis vilvoides** (Panicum vilfoides)*
Sisyrinchium commutatum (Sisyrinchium secundiflorum)
Sisyrinchium micranthum
Sisyrinchium vaginatum (Sisyrinchium alatum)
Vigna lasiocarpa (Phaseolus lasiocarpa)
Xyris savanensis

Rasteiras | 7
Aeschynomene brasiliana (Cassia biflora)
Coccocypselum lanceolatum (Coccocypselum canescens)
Hyptis radicans (Peltodon radicans)
Oxalis confertissima
Rugoloa pilosa (Panicum monostachyum)
Utricularia praelonga (Utricularia lundii)
Utricularia nervosa

Orquídeas
Cleistes speciosa (Pogonia metallina)
Gomesa barbaceniae (Oncidium montanum)

Bromélias
Tillandsia stricta

Briófitas
Thelypteris opposita (Aspidium oppositum)

Musgos
Lycopodiella alopecuroides (Lycopodium alopecuroides)

Trepadeiras | 15

Blepharodon pictum (Blepharodon diffusum)
Centrosema brasilianum (Caulis brasilianum)
Cuscuta obtusiflora
Ditassa tomentosa (Metastelma tomentosum)
Galactia decumbens
Heteropterys intermedia (Heteropterys laurifolia)
Hiraea fagifolia
Lepidium didymum (Coronopus didymus)
Melothria campestris (Melancium campestre) TRE
Oxypetalum appendiculatum (Oxypetalum siliculae)
Paullinia carpopoda (Paullinia multiflora)
Periandra coccinea (Clitoria glycinoides) ILUS
***Sicyos edulis** (Sechium edule)*
Struthanthus martianus (Struthanthus vulgaris)
Urvillea ulmacea

[U] NOMES PUBLICADOS POR ALFRED USTERI

Divisão formal dos hábitos das plantas vasculares segundo Gonçalves & Lorenzi, 2007:

ae . . . .arbusto escandente
arb . . .arbusto
árv . . .árvore (altura ≥ 4 m)
avt . . .arvoreta (altura < 4 m)
b . . . . .bambu ou planta bambusoide
ca . . . .cactácea arborescente, colunar, articulada
cic . . . .planta cicadoide
dr . . . .planta dracenoide ou agavoide
ea . . . .erva aquática
eb . . . .erva com bulbos, cormos ou túberas
eces . . .erva cespitosa
ed . . . .erva decumbente
ee . . . .erva ereta
ep . . . .epífita
era . . .erva rastejante, reptante, sarmentosa ou estoloní fera
eriz . . .erva rizomatosa
eros . . .erva rosulada
esap . . .erva saprófita
esuc . . .erva suculenta
ex . . . .erva com xilopódio
fa . . . . .feto arborescente
he . . . .hemiepífita
hp . . . .hemiparasita
par . . .parasita
pa . . . .palmeira “acaule”
pc . . . .palmeira ou *Strelitziaceae* com estipe cespitoso
pu . . . .palmeira ou *Strelitziaceae* com estipe único
suba .subarbusto
sx . . . .subarbusto com xilopódio
tr . . . . .trepadeira ou liana
o . . . . .outros

ANEXO 2

As 327 árvores e palmeiras do Parque Ibirapuera (exceto Viveiro), em 2020

Árvores | 292	
*Acacia auriculiformis**	acácia-auriculada
*Acacia podalyriifolia**	acácia-mimosa
*Adenanthera pavonina**	carolina
*Albizia julibrissin**	acácia-de-constantinopla
Albizia lebbeck	ébano-oriental
*Albizia saman**	árvore-de-chuva
Alchornea sidifolia	tapiá-guaçu
Alchornea triplinervia	tapiá-mirim
*Aleurites moluccanus**	nogueira-de-iguape
Allophylus edulis	fruta-de-pombo, chal-chal
Anadenanthera colubrina	angico
Anadenanthera peregrina	angico-vermelho
*Anacardium occidentale**	cajueiro
Annona montana	araticum
*Annona mucosa**	fruta-do-conde, araticum
*Annona muricata**	graviola
*Annona reticulata**	fruta-da-condessa
Annona sp.	—
Araucaria angustifolia	pinheiro-do-paraná
*Araucaria bidwillii**	bunya-bunya
*Araucaria heterophylla**	pinheiro-de-norfolk
*Artocarpus heterophyllus**	jaqueira
*Aspidosperma cylindrocarpon**	peroba
Aspidosperma olivaceum	guatambu
*Aspidosperma ramiflorum**	guatambu
Aspidosperma sp.	—
*Averrhoa carambola**	carambola
Baccharis dracunculifolia	vassourinha
Balfourodendron riedelianum	pau-marfim, farinha-seca
*Basiloxylon brasiliensis**	pau-rei, farinha-seca
*Bauhinia cupulata**	unha-de-vaca
Bauhinia forficata	pata-de-vaca
Bauhinia longifolia	unha-de-vaca-do-campo
*Bauhinia purpurea**	pata-de-vaca
*Bauhinia variegata**	unha-de-vaca
*Bixa orellana**	urucum
*Brachychiton populneus**	perna-de-moça
*Brachychiton sp.**	—
Brunfelsia uniflora	manacá-de-cheiro
*Calliandra haematocephala**	caliandra
*Callistemon viminalis**	escova-de-garrafa
Calophyllum brasiliense	guanandi
*Calycophyllum spruceanum**	pau-mulato
Cariniana estrellensis	jequitibá
Cariniana legalis	jequitibá-rosa
*Cascabela thevetia**	chapéu-de-napoleão
Casearia sylvestris	guaçatonga
Cassia ferruginea	canafístula
*Cassia fistula**	cacho-de-ouro
*Cassia grandis**	canafístula
Cassia leptophylla	canafístula
*Casuarina cunninghamiana**	casuarina
Cecropia pachystachya	embaúba-branca
Cedrela fissilis	cedro
*Cedrus deodara**	cedro-do-himalaia
Ceiba speciosa	paineira
*Cenostigma pluviosum**	sibipiruna
*Centrolobium robustum**	araribá
Centrolobium tomentosum	araribá-rosa
*Cerasus lannesiana**	cerejeira-do-japão
*Ceratonia siliqua**	alfarrobeira
Cestrum axillare	coerana, canema, anilão
*Cestrum nocturnum**	dama-da-noite
*Chamaecyparis lawsoniana**	pinheiro-prateado
*Chamaecyparis obtusa**	pinheiro-dourado
*Chamaecyparis pisifera**	pinheiro-azul
*Chloroleucon tortum**	tataré
Chrysophyllum gonocarpum	aguaí-da-serra
*Cinnamomum camphora**	canforeira
Citharexylum myrianthum	tarumã-branco, pimenteira
*Citrus limon**	limoeiro
*Citrus reticulata**	mexeriqueira, poncã
*Citrus sp.**	—
Clusia criuva	criúva, mangue-bravo
*Clusia fluminensis**	manga-da-praia
Clusia sp.	clúsia
*Codiaeum variegatum**	cróton
*Coffea arabica**	cafeeiro

*Coffea liberica**	cafeeiro-da-libéria
*Cola acuminata**	noz-de-cola
Colubrina glandulosa	saraguaji, sobrasil
Copaifera langsdorffii	copaíba, pau-de-óleo
*Cordia myxa**	córdia-africana
*Corymbia citriodora**	eucalipto-limão
*Couroupita guianensis**	castanha-de-macaco
Croton urucurana	urucurana, sangra-dágua
*Cryptomeria japonica**	pinheiro-vermelho
*Cunninghamia lanceolata**	cuningâmia, pinh.-chinês
*Cupressus lusitanica**	cedro-de-bussaco
*Cupressus macnabiana**	cipreste-da-califórnia
*Cupressus sempervirens**	cipreste-italiano
Cybistax antisyphilitica	ipê-verde
*Cyclolobium brasiliense**	louveira
Dendropanax cuneatus	maria-mole
*Delonix regia**	flamboiã
*Dillenia indica**	flor-de-abril
*Diospyros kaki**	caqui
*Dombeya cayeuxii**	astrapeia
*Entada abyssinica**	entada
*Enterolobium contortisiliquum**	timboúva, tamboril
*Eriobotrya japonica**	nespereira
Erythrina crista-galli	corticeira, crista-de-galo
Erythrina falcata	mulungu
*Erythrina mulungu**	mulungu
Erythrina speciosa	suinã
*Erythrina verna**	mulungu
Erythroxylum sp.	—
*Esenbeckia leiocarpa**	guarantã
*Eucalyptus camaldulensis**	eucalipto
*Eucalyptus cinerea**	eucalipto-azul
*Eucalyptus goniocalyx**	eucalipto
*Eucalyptus robusta**	eucalipto-do-brejo
*Eucalyptus sideroxylon**	eucalipto
*Eucalyptus viminalis**	eucalipto-de-fita
*Eucalyptus sp.**	eucalipto
Eugenia brasiliensis	grumixama
Eugenia candolleana	murtinha, ameixa-da-mata
Eugenia cereja	cereja-do-paraná
Eugenia involucrata	cereja-do-mato
*Eugenia myrcianthes**	pessegueiro-do-mato, ivaí
Eugenia pyriformis	uvaia
*Eugenia sprengelli**	eugênia
Eugenia uniflora	pitangueira
*Euphorbia cotinifolia**	caracasana
Euplassa cantareirae	carvalho-brasileiro
*Ficus aspera**	figueira-da-polinésia
*Ficus auriculata**	figueira-da-índia
*Ficus benghalensis**	figueira-de-bengala
*Ficus benjamina**	figueira-benjamim
*Ficus elastica**	falsa-seringueira
Ficus guaranitica	figueira-branca
Ficus luschnathiana	figueira, figueira-mata-pau
*Ficus lyrata**	figueira-de-camarões
*Ficus microcarpa**	falsa-figueira-benjamim
*Ficus religiosa**	figueira-dos-pagodes
*Fraxinus americana**	freixo-americano
*Garcinia xanthochymus**	mangostão-amarelo
*Ginkgo biloba**	ginkgo
*Grevillea banksii**	grevílea-vermelha
*Grevillea robusta**	grevílea-gigante
Guarea guidonia	pau-marinheiro
Guarea macrophylla	marinheiro
Guazuma ulmifolia	mutambo
*Gustavia augusta**	jeniparana
*Gymnanthemum amygdalinum**	boldo-baiano, estomalina
Handroanthus albus	ipê-amarelo
Handroanthus chrysotrichus	ipê-amarelo
Handroanthus heptaphyllus	ipê-rosa, ipê-roxo
Handroanthus impetiginosus	ipê-roxo, ipê-rosa
Handroanthus ochraceus	ipê-amarelo
Handroanthus serratifolius	ipê-amarelo
*Hevea brasiliensis**	seringueira
*Holocalyx balansae**	alecrim-de-campinas
*Hovenia dulcis**	uva-japonesa
*Hydnocarpus sp.**	chalmogra
Hymenaea courbaril	jatobá
Inga laurina	ingá-branco, ingá-mirim
Inga vera	ingá-banana

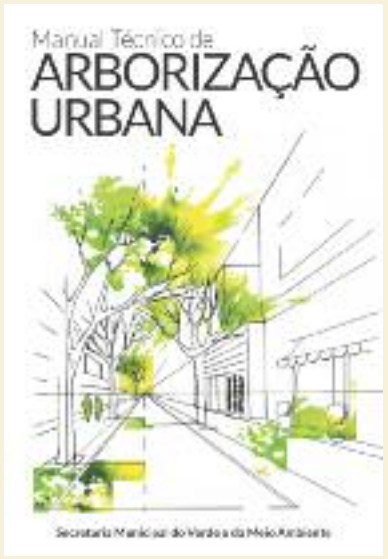
Inga vulpina	ingá-bugio, ingá-cabeludo
*Jacaranda cuspidifolia**	carobá
*Jacaranda mimosifolia**	jacarandá-mimoso
Jacaranda puberula	carobinha
Jacaratia spinosa	mamãozinho-do-mato
*Joannesia princeps**	andá-assu
*Koelreuteria elegans**	pinange
*Lafoensia glyptocarpa**	dedaleira, mirindiba-rosa
Lafoensia pacari	dedaleira
*Lagerstroemia indica**	resedá
*Lagerstroemia speciosa**	resedá-gigante
*Laurus nobilis**	loureiro
*Lecythis pisonis**	sapucaia
*Leucaena leucocephala**	leucena, lantoro
Leucochloron incuriale	chico-pires, angico-rajado
*Libidibia ferrea**	pau-ferro
*Licania tomentosa**	oiti
*Ligustrum japonicum**	ligustro
*Ligustrum lucidum**	alfeneiro
*Lophanthera lactescens**	lofântera-da-amazônia
Luehea divaricata	açoita-cavalo
Luehea grandiflora	açoita-cavalo
*Macaranga grandifolia**	macaranga
*Maclura tinctoria**	tatajuba, amoreira-espinho
*Magnolia champaca**	magnólia-amarela
*Magnolia grandiflora**	magnólia-branca
*Mangifera indica**	mangueira
Maytenus evonymoides	cafezinho
*Melaleuca leucadendra**	sete-capotes, melaleuca
*Melia azedarach**	cinamomo
Mimosa bimucronata	maricá
*Mimusops coriacea**	abricó-da-praia
Moquiniastrum polymorphum	cambará, candeia
*Morus australis**	amoreira
*Morus nigra**	amoreira, amoreira-preta
*Muntingia calabura**	calabura
*Murraya paniculata**	jasmim-laranja, falsa-murta
Myrcia splendens	cumaté, guamirim
Myrcia tomentosa	cabeludeira
*Myrcianthes pungens**	guabiju
Myrcianthes sp.	—
Myrciaria glazioviana	cabeludinha
*Myroxylon balsamum**	bálsamo-de-tolu
Myroxylon peruiferum	cabreúva
Myrsine umbellata	capororoca
*Myrtus communis**	murta
Nectandra barbellata	canela-amarela
Nectandra megapotamica	canelinha-cheirosa
Nectandra puberula	canela
*Nerium oleander**	espirradeira
Ocotea lancifolia	canela
Ocotea puberula	canela-guaicá
*Olea europaea**	oliveira
Pachira glabra	castanha-do-maranhão
*Pandanus utilis**	pândano
Parapiptadenia rigida	angico-guarucaia
*Paubrasilia echinata**	pau-brasil
*Paulownia kawakamii**	quiri
Peltophorum dubium	faveira, sobrasil
Pera glabrata	pau-de-tamanco, sapateiro
Pereskia grandifolia	cacto-rosa
*Persea americana**	abacateiro
Phytolacca dioica	cebolão, umbuzeiro
*Pinus elliottii**	pínus, pinheiro-americano
*Pinus oocarpa**	pinheiro-ovo
*Pinus thunbergii**	pinheiro-preto
Piptadenia gonoacantha	pau-jacaré
*Pittosporum tobira**	pau-incenso
*Pittosporum undulatum**	pau-incenso
*Platanus acerifolia**	plátano-de-londres
*Platycladus orientalis**	árvore-da-vida-chinesa
*Platycyamus regnellii**	pau-pereira
Platymiscium floribundum	sacambu
Platypodium elegans	jacarandá-do-campo
Pleroma fissinervium	quaresmeira
*Pleroma granulosum**	quaresmeira
Pleroma mutabile	manacá-da-serra
Plinia cauliflora	jaboticabeira-de-sabará
*Plinia edulis**	cambucá
*Plumeria rubra**	jasmim-manga
*Podocarpus lambertii**	pinheiro-bravo
*Poecilanthe parviflora**	canela-de-brejo
*Populus alba**	choupo-branco
*Populus nigra**	choupo-preto, álamo-preto
Pouteria caimito	abiu, caimito
*Prunus armeniaca**	damasco
*Prunus persica**	pessegueiro, nectarina
Pseudobombax grandiflorum	embiruçu
Psidium cattleianum	araçá-amarelo
*Psidium guajava**	goiabeira

Pterocarpus rohrii	aldrago, pau-sangue
Pterogyne nitens	amendoim
*Pyracantha coccinea**	piracanta
*Quercus robur**	carvalho-da-europa
Randia armata	jasmim-do-mato
*Salix babylonica**	chorão, salgueiro
*Sapindus saponaria**	saboeiro, sabão-de-soldado
Sapium glandulosum	leiteira
Sapium sellowianum	—
*Schefflera actinophylla**	árvore-polvo
*Schefflera elegantissima**	arália
*Schinus molle**	aroeira-salsa
Schinus terebinthifolia	aroeira-mansa
Schizolobium parahyba	guapuruvu
Senna macranthera	manduirana
Senna multijuga	aleluia
*Senna siamea**	cássia-do-sião
Sesbania punicea	acácia-de-folhas-vermelhas
Sesbania virgata	cambaí
Solanum cernuum	braço-de-preguiça, panaceia
Solanum granulosoleprosum	cuvitinga, fumo-bravo
*Spathodea campanulata**	espatódea
*Sterculia curiosa**	chichá
*Stifftia chrysantha**	diadema, esponja-de-ouro
Swartzia sp.	—
*Syzygium cumini**	jambolão
*Syzygium jambos**	jambeiro, jambo-amarelo
*Syzygium paniculatum**	jambinho
*Tabebuia rosea**	ipê-de-el-salvador
*Tabebuia roseoalba**	ipê-branco
Tabebuia sp.	—
*Taliparitі tiliaceum**	algodão-da-praia
*Tamarindus indica**	tamarindeiro
*Tecoma stans**	ipê-de-jardim
*Tetrapanax papyrifer**	árvore-do-papel-de-arroz
*Thuja occidentalis**	tuia-maçã, tuia-do-canadá
*Tipuana tipu**	tipuana
Tocoyena bullata	araçaranã, fruta-chocolate
Trema micrantha	crindiúva
*Trichilia havanensis**	trichilia
*Triplaris americana**	pau-formiga, tripláris
Vernonanthura polyanthes	assa-peixe
*Vitex negundo**	vítex
Vitex polygama	tarumã-do-cerrado

Palmeiras | 35

*Acrocomia aculeata**	macaúba
Aiphanes aculeata	cariota-de-espinho
*Archontophoenix cunninghamiana**	seafórtia
*Caryota mitis**	palmeira-rabo-de-peixe-anã
*Caryota urens**	palmeira-rabo-de-peixe
*Chamaedorea microspadix**	palmeirinha-de-touceira
*Cocos nucifera**	coqueiro, coco-da-bahia
*Dictyosperma album**	palmeira-princesa
*Dypsis decaryi**	palmeira-triângulo
*Dypsis lutescens**	areca-bambu
*Elaeis guineensis**	dendezeiro
Euterpe edulis	palmito-jussara
*Hyophorbe lagenicaulis**	palmeira-garrafa
*Livistona australis**	livistona
*Livistona chinensis**	palmeira-de-leque
*Phoenix canariensis**	tamareira-das-canárias
*Phoenix dactylifera**	tamareira
*Phoenix reclinata**	tamareira-do-senegal
*Phoenix roebelenii**	tamareira-anã
*Phoenix rupicola**	tamareira-do-rochedo
*Phoenix sylvestris**	tamareira-de-açúcar
*Pinanga coronata**	pinanga
*Ptychosperma macarthurii**	palmeira-piticosperma
*Rhapis excelsa**	rápis, palmeira-rápis
*Roystonea borinquena**	palmeira-coca-cola
*Roystonea oleracea**	palmeira-imperial
*Roystonea regia**	palmeira-real-de-cuba
*Sabal maritima**	sabal-de-cuba
*Sabal minor**	sabal-anão
*Sabal palmetto**	sabal-da-flórida
Syagrus oleracea	guariroba, palmito-amargo
Syagrus romanzoffiana	jerivá
*Trachycarpus fortunei**	palmeira-moinho-de-vento
*Washingtonia filifera**	washingtônia
*Washingtonia robusta**	washingtônia-do-sul

*EXÓTICAS CULTIVADAS OU SUBESPONTÂNEAS DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO



Manual Técnico de Arborização Urbana da PMSP, 2015. A terceira edição, editada pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, divide as árvores em duas categorias: as consagradas, amplamente difundidas na arborização das calçadas, e as potenciais que, apesar de não serem ainda usadas, apresentam atributos que as qualificam a ser testadas. Também separa as espécies pela indicação do uso: calçada, área interna e urbana, além dos tamanhos.

ANEXO 3

As 252 árvores e palmeiras do “Manual Técnico de Arborização Urbana”, PMSP

Árvores e Arvoretas | 231	
*Acacia podalyraefolia**	acácia-mimosa
*Acacia seyal**	árvore-de-goma-arábica
*Acer palmatum**	acer-japonês
*Agathis robusta**	pinheiro-kauri
Albizia niopoides	farinha-seca
Alchornea triplinervia	tapiguaçu
Allophilus edulis	chal-chal
Anadenanthera colubrina	angico-branco
Andira anthelmia	angelim-amargoso
Andira fraxinifolia	angelim-doce
Annona cacans	araticum-cagão
Annona coriacea	marolo
Annona crassiflora	araticum-cortiça
Annona glabra	araticum-do-brejo
Annona montana	araticum-açu
Araucaria angustifolia	pinheiro-do-paraná
*Araucaria columnaris**	araucária-excelsa
Aspidosperma cylindrocarpon	peroba-poca
Aspidosperma parvifolium	guatambu-oliva
Aspidosperma polyneuron	peroba-rosa
Aspidosperma ramiflorum	guatambu-amarelo
Aspidosperma riedelii	guatambuzinho
Astronium fraxinifolium	aroeira-vermelha
Astronium graveolens	guaritá
Balfourodendron riedelianum	pau-marfim
*Bauhinia blakeana**	pata-de-vaca
Bauhinia forficata	pata-de-vaca
Bauhinia longifolia	unha-de-vaca
*Bauhinia purpurea**	pata-de-vaca
*Bauhinia variegata**	pata-de-vaca
Bombacopsis glabra	castanha-do-maranhão
*Bombax malabaricum**	paineira-vermelha
Bowdichia virgilioides	sucupira-preta
*Brownea macrophylla**	rosa-da-mata
Cabralea canjerana	canjarana
Caesalpinia echinata	pau-brasil
Caesalpinia ferrea	pau-ferro
Caesalpinia peltophoroiddes	pata-de-vaca
Caesalpinia pulcherrima	flamboiã-de-jardim
*Callistemon viminalis**	escova-de-garrafa
Calophyllum brasiliensis	guanandi
Calycophyllum spruceanum	pau-mulato
Campomanesia eugenioides	guabiroba
Campomanesia guazumifolia	sete-capotes
Campomanesia phaea	cambuci
Campomanesia xanthocarpa	guabiroba
Cariniana estrellensis	jequitibá-branco
Cariniana legalis	jequitibá-rosa
Casearia sylvestris	guaçatonga
Cassia ferruginea	chuva-de-ouro
*Cassia fistula**	chuva-de-ouro
Cassia grandis	cássia-gigante
Cassia leptophylla	falso-barbatimão
*Cassia nodosa**	cássia-nodosa
*Castanea sativa**	castanha-portuguesa
Cecropia glaziovi	embaúba-vermelha
Cecropia hololeuca	embaúba-prateada
Cecropia pachystachya	embaúba
Cedrela fissilis	cedro
Ceiba speciosa	paineira
Centrolobium tomentosum	araribá
*Cinnamomum camphora**	canela-canforeira
*Cinnamomum zeylanicum**	canela-da-índia*
Citharexylum myrianthum	pau-viola
Copaifera langsdorffii	óleo-de-copaíba
Cordia americana	guajuvira
Cordia ecalyculata	café-de-bugre
Cordia sellowiana	louro-mole
Cordia superba	babosa-branca
Cordia trichotoma	louro-pardo
Croton urucurana	sangra-dágua
Cryptocarya aschersoniana	canela-batalha
Cupania vernalis	camboatã
*Cupressus sempervirens**	cipreste-italiano
Cybistax antisyphilitica	ipê-verde
Dalbergia nigra	jacarandá-da-bahia
*Delonix regia**	flamboiã
Diatenopteryx sorbifolia	correieira

Dictyoloma vandellianum	tingui-preto
Dipteryx alata	baru
Enterolobium contortisiliquum	tamboril
Eriotheca candolleana	catuaba
*Erythrina abyssinica**	eritrina-da-abissínia
Erythrina crista-galli	crista-de-galo
Erythrina falcata	eritrina-falcata
*Erythrina indica (var. picta)**	eritrina-variegada
Erythrina speciosa	eritrina-candelabro
Erythrina verna	suinã
Erythroxylum deciduum	cocão
Esenbeckia leiocarpa	guarantã
*Eucalyptus cinerea**	eucalipto-cinzento
*Eucalyptus citriodora**	eucalipto-limão
*Eucalyptus deglupta**	eucalipto-da-nova-guiné
Eugenia brasiliensis	grumixama
Eugenia dysenterica	cagaita
Eugenia involucrata	cereja-do-rio-grande
Eugenia pyriformis	uvaia
Eugenia uniflora	pitangueira
Euplassa cantareirae	carvalho-da-serra
*Ficus aspera**	figueira-palhaço
*Ficus auriculata**	figueira-vermelha
Ficus insipida	figueira-do-brejo
*Ficus microcarpa**	figueira-lacerdinha
*Fraxinus americana**	freixo
Garcinia gardneriana	bacupari
Genipa americana	jenipapo
*Grevillea banksii**	grevilha-anã
*Grevillea robusta**	grevilha
Gochnatia polymorpha	cambará
Guarea guidonia	marinheiro
Guazuma ulmifolia	mutambo
Handroanthus albus	ipê-amarelo-da-serra
Handroanthus chrysotrichus	ipê-amarelo
Handroanthus heptaphyllus	ipê-rosa-anão, piúva
Handroanthus impetiginosus	ipê-roxo-de-bola
Handroanthus ochraceus	ipê-do-cerrado
Handroanthus umbellatus	ipê-amarelo-do-brejo
Handroanthus vellosoi	ipê-cascudo
Heliocarpus popayanensis	algodoeiro
Hirtella hebeclada	macucurana
Holocalyx balansae	alecrim-de-campinas
Hymenaea courbaril	jatobá
Ilex paraguariensis	erva-mate

Inga marginata	ingá-feijão
Inga sessilis	ingá-ferradura
Inga vera	ingá-do-brejo
Jacaranda cuspidifolia	carobá
*Jacaranda mimosifolia**	jacarandá-mimoso
Jacaranda puberula	carobinha
Jacaratia spinosa	jaracatiá
Joannesia princeps	andá-assu
*Koelreuteria bipinnata**	árvore-da-china
Lafoensia glyptocarpa	mirindiba
Lafoensia pacari	magnólia-amarela
*Lagerstroemia indica**	resedá
*Lagerstroemia speciosa**	resedá-flor-de-rainha
Lamanonia ternata	cangalha
*Laurus nobilis**	loureiro
Leucochloron incuriale	chico-pires
Licania tomentosa	oiti
Lonchocarpus cultratus	ingá-bravo
Lonchocarpus muehlbergianus	embira-de-sapo
Lophantera lactescens	lofântera-da-amazônia
Luehea candicans	açoita-cavalo
Luehea divaricata	açoita-cavalo
Luehea grandiflora	açoita-cavalo-graúdo
Machaerium nyctitans	bico-de-pato
Machaerium stipitatum	sapuva
Machaerium villosum	jacarandá-paulista
*Magnolia grandiflora**	magnólia-branca
Magnolia ovata	pinha-do-brejo
*Melaleuca leucadendron**	melaleuca
*Melaleuca linariifolia**	floco-de-neve
*Michelia champaca**	magnólia-amarela
Miconia cabussu	pixiricão
Miconia cinnamomifolia	jacatirão
Mimosa scabrella	bracatinga
*Montezuma speciosissima**	hibisco-montezuma
*Morus nigra**	amoreira
Myrcia rostrata	guamirim-da-folha-fina
Myrcia tomentosa	goiaba-brava
Myrciaria floribunda	cambuí
Myrcianthes pungens	guabiju
Myrocarpus frondosus	óleo-pardo
Myroxylum peruiferum	cabreúva
Nectandra megapotamica	monguba, canelinha
Nectandra nitidula	canela-amarela
Nectandra oppositifolia	canela-ferrugem

Ocotea odorifera	canela-sassafrás
Ormosia arborea	olho-de-cabra
Pachira aquatica	monguba
Peltophorum dubium	aldragom, canafístula
Pera glabrata	tobocuva
Physocalymma scaberrimum	pau-de-rosas
Phytolacca dioica	ceboleiro
*Pimenta dioica**	pimenta-da-jamaica
*Platanus acerifolia**	plátano
Platycyamus regnellii	pau-pereira
Platymiscium floribundum	sacambu
Platypodium elegans	jacarandá-do-campo
Plinia edulis	cambucá
*Plumeria rubra**	jasmim-manga
Poecilanthe parviflora	coração-de-negro
Poincianella pluviosa	sibipiruna
Posoqueria acutifolia	baga-de-macaco
Pouteria caimito	abiu
Pouteria torta	abiu
Protium heptaphyllum	almecegueira
*Prunus campanulata**	cerejeira-de-okinawa
*Prunus serrulata**	cerejeira-do-japão
Pseudobombax grandiflorum	embiruçu
Psidium cattleianum	araçá-amarelo
Psidium guajava	goiabeira
Pterocarpus violaceus	aldrago
Pterodon emarginatus	sucupira
Rapanea ferruginea	capororoca
Rollinia mucosa	biribá
Rollinia sericea	araticum-alvadio
Roupala brasiliensis	carvalho-brasileiro
Samanea tubulosa	sete-cascas
Sapindus saponaria	sabão-de-soldado
Schinus molle	aroeira-salsa
Schinus terebinthifolius	aroeira-pimenteira
Schizolobium parahyba	guapuruvu
Senna macranthera	manduirana
Senna multijuga	pau-cigarra
*Spathodea nilotica**	espatódea
*Spondias cytherea**	cajá-manga
Spondias mombin	cajá
*Stenocarpus sinuatus**	roda-de-fogo
*Sterculia foetida**	chichá-fedorento
Swartzia langsdorffii	pacová-de-macaco
*Tabebuia pentaphylla**	ipê-de-el-salvador
Tabebuia roseo-alba	ipê-branco
Tabebuia vellosoi	sabão-de-soldado
Tachigali denudata	passuaré
*Tamarindus indica**	tamarindo
Tapirira guianensis	peito-de-pombo
*Taxodium mucronatum**	cipreste-montezuma
Terminalia kuhlmannii	araçá-dágua
Tibouchina granulosa	quaresmeira
Tibouchina mutabilis	manacá-da-serra
*Tipuana tipu**	tipuana, ipê-branco
Trema micrantha	crindiúva
Vitex polygama	tarumã-do-cerrado
Vochysia magnifica	pau-de-tucano
Vochysia tucanorum	pau-de-tucano
Xylopia brasiliensis	pindaíba
Zanthoxylum rhoifolium	mamica-de-cadela
Zeyheria tuberculosa	ipê-tabaco

Palmeiras | 22	
Acrocomia aculeata	macaúba
Aiphanes aculeata	cariota-de-espinho
Attalea dubia	indaiá
Butia eriospatha	butiá
*Bysmarckia nobilis**	palmeira-de-bismarck
Cocos nucifera	coqueiro, coco-da-bahia
*Dypsis decaryi**	palmeira-triângulo
*Dypsis lutescens**	areca-bambu
Euterpe edulis	palmito-jussara
Euterpe oleraceae	açaí
*Phoenix canariensis**	tamareira-das-canárias
*Phoenix dactylifera**	tamareira
*Phoenix roebelenii**	tamareira-anã
*Roystonea borinquena**	palmeira-coca-cola
*Roystonea oleracea**	palmeira-imperial
*Roystonea regia**	palmeira-real-de-cuba
*Sabal maritima**	sabal-de-cuba
*Sabal minor**	sabal-anão
Syagrus oleraceae	guariroba, palmito-amargo
Syagrus romanzoffiana	jerivá
*Trachycarpus fortunei**	palmeira-moinho-de-vento
*Washingtonia robusta**	washingtônia-do-sul

*EXÓTICAS AO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, AO BIOMA MATA ATLÂNTICA OU AO PAÍS.

ANEXO 4

As 193 árvores e palmeiras do inventário do Viveiro Harry Blossfeld (Cotia), 2020

Árvores | 181			
Acnistus arborescens	fruto-de-sabiá	*Citharexylum myrianthum*	pau-viola
Aegiphila integrifolia	tamanqueiro	*Citharexylum solanaceum*	tarumã-grande
Albizia niopoides	farinha-seca	*Citrus sp.*	limão
Alchoernea sidifolia	tapiá	*Clethra scabra*	guaperê
Allophylus edulis	chal-chal	*Cojoba arborea*	siraricito
Allophylus petiolulatus	vacum-da-serra	*Colubrina glandulosa*	saguaraji-vermelho
Aloysia virgata	lixeira	*Copaifera langsdorffii*	óleo-de-copaíba
Amburana cearense	amburana-de-cheiro	*Cordia ecalyculata*	café-de-bugre
Anadenanthera colubrina	angico-branco	*Cordia superba*	babosa-branca
Anadenanthera macrocarpa	angico-vermelho	*Cordia trichotoma*	louro-pardo
Anadenanthera peregrina	angico-preto	*Croton floribundus*	capixingui
Anadenanthera sp.	angico-do-cerrado	*Croton urucurana*	sangra-dágua
Annona cacans	araticum-cagão	*Cryptocarya aschersoniana*	canela-batalha
Annona mucosa	biribá	*Cupania vernalis*	camboatã
Annona sylvatica	araticum-do-mato	*Cybistax antisyphilitica*	ipê-verde
Anonna muricata	graviola	*Cyclolobium brasiliense*	louveira
Apeiba tibourbou	pau-jangada	*Dalbergia nigra*	jacarandá-da-bahia
Araucaria angustifolia	araucária	*Dalbergia sp.*	dalbergia
Aristolochia labiata	jarrinha-de-babado	*Dictyoloma vandellianum*	tingui-preto
Aspidosperma cylindrocarpon	peroba-poca	*Diospyros inconstans*	caqui-do-mato
Aspidosperma polyneuron	peroba-rosa	*Enterolobium contortisiliquum*	tamboril
Aspidosperma ramiflorum	guatambu	*Erythrina falcata*	falcata
Balfourodendron riedelianum	pau-marfim	*Erythrina speciosa*	eritrina-candelabro
Bauhinia longifolia	unha-de-vaca	*Esenbeckia leiocarpa*	guarantã
Bauhinia sp.	pata-de-vaca	*Eugenia acutata*	pitanga-peluda
Bixa orellana	urucum	*Eugenia astringens*	baguaçu
Cabralea canjerana	canjerana	*Eugenia brasiliensis*	grumixama-amarela
Calophyllum brasiliense	guanandi	*Eugenia candolleana*	ameixa-da-mata
Campomanesia guazumifolia	gabiroba-do-campo	*Eugenia involucrata*	cereja-do-rio-grande
Campomanesia phaea	cambuci	*Eugenia luschnathiana*	pitomba-da-bahía
Campomanesia xanthocarpa	gabiroba-amarela	*Eugenia mattosii*	cambuí-de-mattos
Cariniana estrellensis	jequitibá-branco	*Eugenia myrcianthes*	pêssego-do-mato
Cariniana legalis	jequitibá-rosa	*Eugenia pyriformis*	uvaia
Casearia sylvestris	guaçatonga	*Eugenia speciosa*	eugênia speciosa
Cassia ferruginea	chuva-de-ouro	*Eugenia supraaxillaris*	laranjinha-do-mato
Cassia leptophylla	falso-barbatimão	*Eugenia uniflora*	pitanga, pitanga-preta
Cedrela fissilis	cedro	*Ficus adhatodifolia*	figueira
Ceiba speciosa	paineira	*Ficus insipida*	figueira-do-brejo
Centrolobium tomentosum	araribá	*Ficus luschnathiana*	figueira-mata-pau
Cereus jamacaru	mandacaru	*Fraxinus americana*	freixo

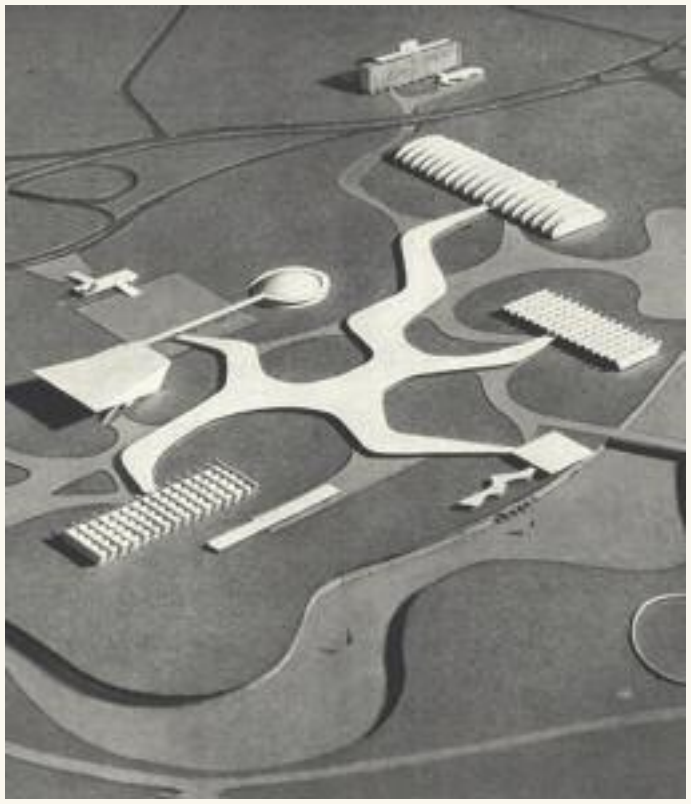
Gallesia integrifolia	pau-dálho
Garcinia gardneriana	bacupari
Garcinia mangostana	mangostão
Genipa americana	jenipapo
Geonoma schottiana	geonoma
Guarea macrophylla	catiguá-morcego
Guazuma ulmifolia	mutambo
Handroanthus chrysotrichus	ipê-amarelo-cascudo
Handroanthus heptaphyllus	ipê-roxo-de-sete-folhas
Handroanthus impetiginosus	ipê-roxo-de-bola
Helietta apiculata	osso-de-burro
Holocalyx balansae	alecrim-de-campinas
Hymenaea courbaril	jatobá
Inga laurina	ingá-branco
Inga vera	ingá-do-brejo
Jacaranda sp.	jacarandá
Joannesia princeps	andá-açu
Koelreuteria bipinnata	pinange
Lafoensia glyptocarpa	mirindiba
Lafoensia pacari	dedaleiro
Lecythis pisonis	sapucaia
Libidibia ferrea	pau-ferro
Lonchocarpus cultratus	embira-de-sapo
Lonchocarpus sp.	lonchocarpus
Luehea divaricata	açoita-cavalo-miúdo
Mabea fistulifera	mamoninha-do-mato
Machaerium cantarellianum	cipó-bico-de-pato
Machaerium paraguariense	jacarandá-branco
Maclura tinctoria	taiúva
Malpighia emarginata	acerola
Manetia luteo	manetia-rubra
Maytenus gonoclada	cafezinho-do-mato
Miconia cabucu	pixiricão
Myracrodruon urundeuva	aroeira-preta
Myrcia oblongata	guamirim
Myrcia splendens	guamirim-da-folha-fina
Myrcianthes pungens	guabiju
Myrciaria floribunda	cambuí-vermelho
Myrocarpus frondosus	óleo-pardo
Myroxylon peruiferum	cabreúva
Myrsine coriacea	capororoca
Myrsine gardneriana	capororoca-branca
Nectandra oppositifolia	canela-ferrugem
Ocotea porosa	canela-imbuia
Ormosia arborea	olho-de-cabra
Ouratea castaneifolia	folha-de-castanha
Pachira glabra	castanha-do-maranhão
Parapiptadenia rigida	guarucaia
Paubrasilia echinata	pau-Brasil
Paullinia sp.	falso-guaraná
Peltophorum dubium	canafístula
Pereskia aculeata	ora-pro-nobis
Phytolacca dioica	ceboleiro
Pinanga coronata	pinanga
Piptadenia gonoacantha	pau-jacaré
Pleroma mutabile	manacá-da-serra
Plinia cauliflora	jabuticaba-paulista
Plinia edulis	cambucá
Plinia grandifolia	jabuticaba-gigante
Plumeria rubra	jasmim-manga
Poecilanthe parviflora	coração-de-negro
Poincianela pluviosa	sibipiruna
Posoqueria latifolia	baga-de-macaco
Pouteria torta	abiu
Psidium arboreum	araçá-gigante
Psidium cattleianum	araçá-amarelo
Psidium firmum	araçá-do-cerrado
Psidium guajava	goiabeira
Psidium guineense	araçá-do-campo
Psidium myrtoides	araçá-roxo
Psidium rufum	araçá-cagão
Psychotria carthagenensis	juruparana
Psychotria suterella	cafezinho-roxo-da-mata
Pterocarpus rohrii	aldrago
Pterogyne nitens	pau-amendoim
Rollinia sericea	pinha-da-mata
Samanea tubulosa	sete-cascas
Sapium glandulosum	leiteiro
Schinus molle	aroeira-salsa
Schinus terebinthifolia	aroeira-pimenteira
Seguieria langsdorffii	agulheiro
Senegalia polyphylla	monjoleiro

Senna macranthera	manduirana
Senna multijuga	pau-cigarra
Senna pendula	canudo-de-pito
Solanum granulosoleprosum	fumo-bravo
Solanum paniculatum	jurubeba
Solanum pseudoquina	quina-de-são-paulo
Sterculia curiosa	chichá
Strychnos brasiliensis	salta-martim
Tabebuia aurea	ipê-amarelo-do-cerrado
Tabebuia roseoalba	ipê-branco
Tamarindus indica	tamarindo
Tapirira guianensis	peito-de-pombo
Terminalia argentea	capitão-do-mato
Terminalia kuhlmannii	araçá-da-água
Tovomitopsis sp.	tovomitopsis
Trema micrantha	crindiúva
Trichilia claussenii	catiguá-vermelho
Zanthoxylum rhoifolium	mamica-de-porca
Zeyheria tuberculosa	ipê-tabaco

Palmeiras | 12	
Areca triandra	palmeira-trianda
Chamaedorea microspadix	palmeirinha-bambu
Dictyosperma album	palmeira-princesa
Euterpe edulis	palmito-juçara
Phoenix canariensis	tamareira-das-canárias
Phoenix roebelenii	tamareira-anã
Ptychosperma macarthurii	palmeira-macarturi
Raphis excelsa	palmeira-raphis
Roystonea oleracea	palmeira-imperial
Roystonea regia	palmeira-real
Syagrus romanzoffiana	jerivá
Trachycarpus fortunei	palmeira-moinho-vento

*O VIVEIRO HARRY BLOSSFELD (COTIA) NÃO INDICA AS ESPÉCIES EXÓTICAS.

REFERÊNCIAS



Maquete do primeiro projeto de Niemeyer *et al*, 1951.
Fonte: vitruvius.com.br.

> BARBOSA, L .M. *et al*. **Lista de espécies indicadas para restauração ecológica para diversas regiões do Estado de São Paulo.** São Paulo: IBt – Instituto de Botânica de São Paulo, 2017. 344 p.

> BARONE, A. C. C. Antes do Parque Ibirapuera: a história do vazio (1890-1954). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, vol. 25, n. 3, p. 167-194, set./dez. 2017.

> BARONE, A. C. C. **Ibirapuera: parque metropolitano (1926-1954).** 2007. 225 p. Tese (Doutorado) – FAUUSP, São Paulo, 2007.

> BARTALINI, V. A municipalização do verde público na cidade de São Paulo: da Administração dos Jardins Públicos e Arborização (1900) à Subdivisão de Parques, Jardins e Cemitérios (1935). **Pós FAUUSP**, São Paulo, v. 10, p. 62-75, 2001.

> BARTALINI, V. A alma úmida de São Paulo. *In:* ALCÂNTARA, A (org.). **Atas do colóquio cidades & alma: perspectivas.** São Paulo: FAUUSP, 2018. p. 19-35.

> CAMPOS FILHO, E. M.; SARTORELLI, P. A. R. **Guia de árvores com valor econômico.** São Paulo: Agroicone, INPUT, 2015. 141 p.

> CURI, F. A. **Ibirapuera, metáfora urbana:** o público/privado em São Paulo (1954-2017). 2018. 345 p. Tese (Doutorado) – FAUUSP, São Paulo, 2018.

> CURI, F. A. Burle Marx e o Parque Ibirapuera: quatro décadas de descompasso (1953-1993). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, vol. 25, n. 3, p. 103-138, set./dez. 2017.

> CYTRYNOWICZ, R. *et al*. **Álbum histórico do Instituto Biológico:** 86 anos de ciência em sanidade animal e vegetal. São Paulo: Narrativa Um, 2013. 160 p.

> ETZEL, E. O verde na cidade de São Paulo. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, n. 195, p. 49-76, jan./dez. 1982.

> GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. **Morfologia vegetal:** organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2007. 446 p.

> KLIASS, R. G. **Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade.** São Paulo: Pini, 1993. 212 p.

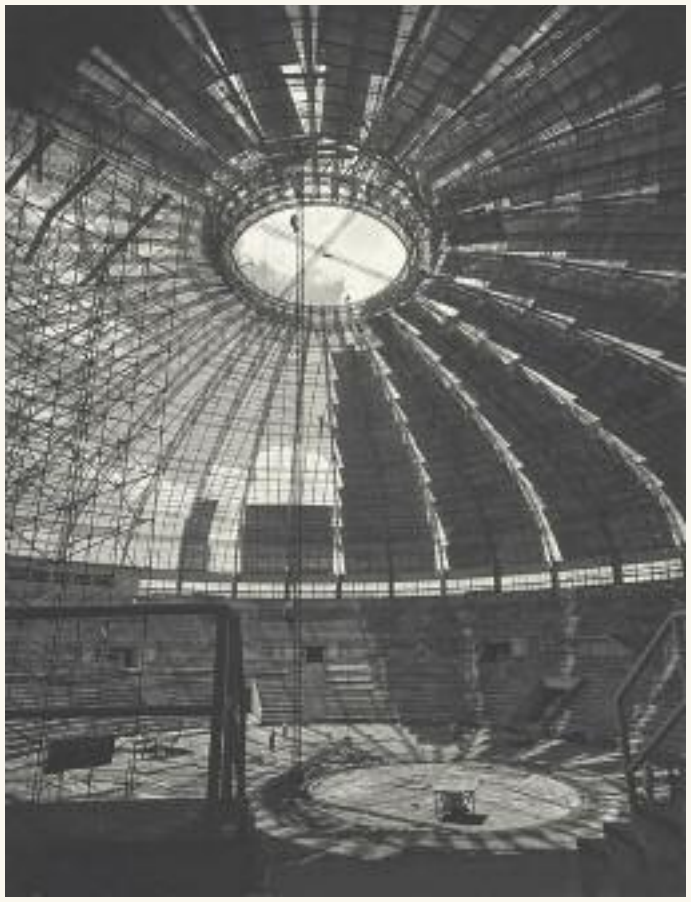
> LORENZI, H. **Árvores brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1992. 385 p.

> LORENZI, H. **Árvores brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. v. 2. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1998. 384 p.

> LORENZI, H. **Árvores brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. v. 3. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2009. 385 p.

> MARCILIO, M. L. **A cidade de São Paulo, povoamento e população, 1750-1850.** São Paulo: Edusp, 1973. 264 p.

> MARIANO, C. **Preservação e paisagismo em São Paulo:** Otavio Augusto Teixeira Mendes. São Paulo: Annablumme, Fapesp, Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 2005. 196 p.



Ginásio do Ibirapuera, 1956. Projeto Ícaro de Castro Mello. Foto: Hans Günter Flieg. Acervo IMS.

> MARTINI, J. M. **O plantador de eucaliptos:** a questão da preservação florestal no Brasil e o resgate documental do legado de Edmundo Navarro de Andrade. 2004. 332 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História da FFLCH-USP, São Paulo, 2004.

> MASSAROLO, P. D. **O bairro da Vila Mariana:** história dos bairros de São Paulo. São Paulo: PMSP, Secretaria Municipal de Edução e Cultura, Divisão do Arquivo Histórico, 1971. 215 p.

> METZGER J. P. O que é ecologia de paisagens? **Biota neotrop.,** São Paulo, v. 1. p. 1-9, Nov. 2001. Disponível em: http://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/abstract?thematic-review+BN00701122001. Acesso em: 13 jul. 2020.

> MIGLIONICO, R. I. **Parque do Ibirapuera: um ícone da paisagem paulistana.** 2007. 288 p. Tese (Doutorado) – FAUUSP, São Paulo, 2007.

> OBEIDI, B.M. *et al*. Manoel Lopes de Oliveira Filho, jornalista científico do começo do séc. XX. **Páginas do Instituto Biológico**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 6-13, jul./dez., 2014.

> PANZINI, F. **Projetar a natureza:** arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea. Tradução: Letícia Andrade. São Paulo: Editora Senac, 2013. 720 p.

> PMSP; SVMA; DEPAVE-1. **A casa do administrador:** Parque Jardim da Luz. São Paulo: PMSP, 2008. 52 p.

> PMSP; *et al*. **Inventário da biodiversidade do Município de São Paulo.** São Paulo: PMSP, 2016. 57 p.

> PMSP; SVMA – Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente**. Manual técnico de arborização urbana.** São Paulo: PMSP, 2005. 124 p.

> PMSP. **Parque Ibirapuera (com Campo Experimental, sem Viveiro Manequinho Lopes).** Flora: última atualização do Herbário Municipal. São Paulo: PMSP, 2020. 38 p.

> PMSP; SP PARCERIAS. **Parque Ibirapuera, plano diretor:** cosulta pública, mai. 2019. São Paulo: PMSP, 2019. 161 p.

> PMSP; DEPAVE-2 – Divisão Técnica de Produção e Arborização. **Inventário do Viveiro Municipal Harry Blossfeld (antigo Cotia).** São Paulo: PMSP, 2020. 8 p.

> SILVA FILHO, C. A. **Proteção e fomento da vegetação no Município de São Paulo:** possibilidades, alcance e conflitos. 2005. 227 p. Tese (Doutorado) – FAUUSP, São Paulo, 2005.

> SILVA FILHO, D. F. *et al*. Efeito de borda no inventário dos maciços de eucalipto do Parque Ibirapuera por meio de uso de sensoriamento remoto e geoprocessamento. **Revista SBAU**, Piracicaba, v. 2, n. 1, p. 81-100, 2007.

> SILVA FILHO, D. F. *et al*. Histórico da composição da vegetação arbórea do Parque Ibirapuera e sua contribuição para a conservação da biodiversidade. **Revista SBAU**, Piracicaba, v. 6, n. 4, p. 125-144, 2011.

Palácio das Exposições, 1954 (atual Oca). Projeto de Oscar Niemeyer. Foto: Chico Albuquerque. Acervo IMS.

> SILVA FILHO, D. F.; TOSETTI, L. L. Valoração das árvores no Parque Ibirapuera, importância da infraestrutura verde urbana. **Revista LabVerde-USP**, São Paulo, n. 1, p. 11-25, 2010.

> TORRES, M. C. T. M. **Ibirapuera: história dos bairros de São Paulo.** São Paulo: PMSP, Secretaria Municipal de Cultura, Divisão do Arquivo Histórico, 1977. 215 p.

> USTERI, A. Contribuição para o conhecimento da flora dos arredores da cidade de São Paulo. **Anuário Escola Politécnica**, São Paulo, p. 85-102, 1906.

> USTERI, A. **Flora der umgebung der stadt Sao Paulo in Brasilien.** Weimar, Deutschland: Jena Verlag von Gustav Fischer, 1911. 271 p.

> VALENTINI, S. Manequinho Lopes: o entomologista do verde. **Paisagens em Debate**, FAUUSP. São Paulo, n. 5, p. 1-18, dez. 2007.

SITES

> www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/
> www.acervo.estadao.com.br/
> www.agencia.cnptia.embrapa.br/
> www.archive.org/
> www.arquiamigos.org.br/info/
> www.arquivohistorico.sp.gov.br/
> www.bienal.org.br/
> www.cncflora.jbrj.gov.br/ (Centro Nacional de Conservação da Flora)
> www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/logradouro/parque-do-ibirapuera/
> www.florabrasiliensis.cria.org.br/
> www.geosampa.prefeitura.sp.gov.br/
> www.glam/museu_paulista/acervo/pt.wikipedia.org/
> www.ipni.org/ (International Plant Name Index)
> www.pedacodavila.com.br/
> www.plantsoftheworldonline.org/taxon/ (Kew Royal Botanic Garden)
> www.prefeitura.sp.gov.br/
> www.researchgate.net/
> www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/
> www.sibbr.gov.br/ (Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira)
> www.sites.icb.ufmg.br/plantasaquaticasbrasil/

As referências aos livros, trabalhos acadêmicos e artigos de periódicos estão listadas segundo as normas ABNT NBR 6023. Os sites, documentos iconográficos e artigos de jornais, referidos acima e na monografia, não seguem essas normas.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio físico ou digital, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

LINHATEMPO PARQUE IBIRAPUERA

↑PLANETÁRIO ARISTÓTELES ORSINI, 2021. FOTO DO AUTOR.

LINHATEMPO PARQUE IBIRAPUERA

ADMINISTRADORES

1° PERÍODO ARTHUR ETZEL

PERÍODO ANTÔNIO ETZEL

PERÍODO ANTÔNIO ETZEL E ARTHUR ETZEL (AJUDANTE)

INSPETORIA DOS PARQUES PÚBLICOS — Joaquim M. Galvão Bueno

ADMINISTRAÇÃO DOS JARDINS PÚBLICOS E ARBORIZAÇÃO — Antônio Etzel — Arthur Etzel

PAISAGEM DO PARQUE

- Instituída a Inspetoria dos Jardins Públicos
- Criada a Administração dos Jardins Públicos
- Reforma da Praça da República
- Arthur Etzel torna-se operário municipal
- Alfred Usteri inicia pesquisa em São Paulo
- Arthur Etzel é admitido no serviço municipal
- Alfred Usteri publica 'Flora Der Umgebung'
- Prefeitura compra o Parque Trianon
- Cia. City lança o Jardim América
- Permuta Viveiro da Água Branca e fechamento do Matadouro
- Construção dos drenos e plantio dos primeiros eucaliptos no parque (a cerca viva)
- A Câmara aprova o viveiro de plantas no Ibirapuera
- Reynaldo Dierberger publica 1° projeto do parque na revista "Architectura e Construcções"
- Divisão de Obras recusa 2° projeto de Dierberger
- Prestes Maia apresenta seu Plano de Avenidas
- Morre Antônio Etzel

1890 91 92 93 94 95 96 97 98 99 1900 01 02 03 04 05 06 07 08 09 1910 11 12 13 14 15 16 17 18 19 1920 21 22 23 24 25 26 27 28 29 1930 31 32 33 34

TEMAS URBANOS

- União doa Terrenos Devolutos ao Município de São Paulo
- Inauguração do Tramway Vila Mariana-Santo Amaro
- O Estado compra a Invernada dos Bombeiros do Banco de Crédito Real
- Lei 1.038 reafirma posse da Prefeitura de 150 ha na várzea de Santo Amaro
- Decreto 2.669 incorpora a várzea do Ibirapuera ao patrimônio municipal
- O prefeito Washington Luís vende em concorrência pública glebas dos Terrenos Devolutos
- Gripe Espanhola assola S. Paulo e cancela segunda concorrência pública
- Câmara edita Resolução 407 que autoriza o pref. Pires do Rio a fazer as primeiras obras no parque
- Criação do Instituto Biológico na Invernada dos Bombeiros
- Criação do Complexo Zoófilo da UIPA
- Construída a Estação Elevatória da RAE
- Inaugurada a Autoestrada São Paulo Santo Amaro, atual Rep. do Líbano
- Câmara autoriza mudança do Jóquei para o Ibirapuera
- Decreto 6.518 cria o Distrito de Ibirapuera
- Quartel do CPOR ocupa a Invernada

GOVERNANTES

| | | |

PERÍODO MANEQUINHO LOPES

2° PERÍODO ARTHUR ETZEL

PERÍODO TEIXEIRA MENDES

ARTHUR ETZEL ADMINISTRADOR DO PARQUE

DIVISÃO DE PARQUES, JARDINS E CEMITÉRIOS

DEPAVE

Maneco Lopes | Arthur Etzel | Rubens M. Fachini | Diderot Correa | Nilson Gouveia

Parque Ibirapuera sem administrador (?) | Arthur Etzel (pro-honore) | Homero Setti Chistol | Anísio Ribeiro Lima | Sílvio Ramos Marcondes

Manequinho Lopes é indicado diretor da Divisão de Parques e Jardins

Divisão de Obras aprova o projeto com o viveiro na área do Jóquei

Obras de prolongamento Av. Brasil, os lagos do Caaguaçu e o Novo Viveiro

Criado o Conselho Florestal que planta 250 árvores no parque no Dia das Árvores

Morre Manequinho Lopes

Teixeira Mendes se licencia do Serviço Florestal e assume o paisagismo da Comissão

Projeto de Burle Marx é recusado

Teixeira Mendes aprova seu projeto e começa a executar o paisagismo

Teixeira Mendes se desliga da Comissão

Arthur Etzel é jubilado

Início da terceirização dos serviços municipais

Lei 6882 cria Administrações Regionais, responsáveis pelas áreas verdes paulistanas

Criação do Viveiro Harry Blossfeld (Cotia)

Morre Arthur Etzel

Apresentação do segundo projeto de Burle Marx

Criação da Escola Municipal de Jardinagem

34 35 36 37 38 39 1940 41 42 43 44 45 46 47 48 49 1950 51 52 53 54 55 56 57 58 59 1960 61 62 63 64 65 66 67 68 69 1970 71 72 73 74 75 76 77 78 79

Cia. City leva o Jóquei para a Cidade Jardim

Prefeitura vence disputa jurídica final pelo Jd. Luzitânia

Lotes na Invernada são reservados à ALESP e ao Ginásio do Ibirapuera

Início da obra do Obelisco

Lei 4166 cria a Comissão do IV Centenário

Ciccillo Matarazzo assume a Comissão e escolhe o Ibirapuera

Propostas de Rino Levi e Cristiano Stockler das Neves

Inaugurado o Parque Ibirapuera em 21/ago

Inaugurado o Monumento às Bandeiras

Abertura da II Bienal Internacional de São Paulo no parque ainda em obras

Escolhida a proposta de Oscar Niemeyer

Criada a Escola de Astrofísica

O MAM é transferido para a Oca

Inaugurado o Planetário e o Ginásio do Ibirapuera

Inaugurado o Palácio 9 de Julho sede da ALESP

O novo MAM, com projeto de Lina Bo Bardi, ocupa a marquise

Inauguração da Avenida 23 de Maio

Inaugurado o Obelisco e o Mausoléu aos Heróis de 32

Desocupação do Hospital, Asilo e Cemitério da UIPA

| | | |